

ANDRÉ APARECIDO GARCIA

**ORLANDO FURIOSO DE LOBATO: UMA OBRA
INCONCLUSA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do Título de mestre em Educação. Área de Concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

**Campinas
2010**

iii

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

G165o	Garcia, André Aparecido. Orlando Furioso de Lobato: uma obra inconclusa / André Aparecido Garcia. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010. Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 2. Adaptação. 3. Livros. 4. Leitura. I. Ferreira, Norma Sandra de Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.	10-200/BFE
-------	---	------------

Título em inglês: Orlando Furioso de Lobato: an inconclusive work

Keywords: Lobato, Monteiro, 1882-1948; Adaptation; Books; Reading

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Norma Sandra de Almeida Ferreira (Orientadora)

Profª. Drª. Lillian Lopes Martin da Silva

Profª. Drª. Lázara Nanci De Barros Amâncio

Data da defesa: 09/06/2010

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : garcia-andre@hotmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: Orlando Furioso de Lobato: uma obra inconclusa

Autor: André Aparecido Garcia

Orientadora: Norma Sandra de Almeida Ferreira

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida
por André Aparecido Garcia e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 09 de junho de 2010

Assinatura:.....



Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

COMISSÃO JULGADORA:

Assinatura:.....



Profa. Dr. Lilian Lopes Martin da Silva

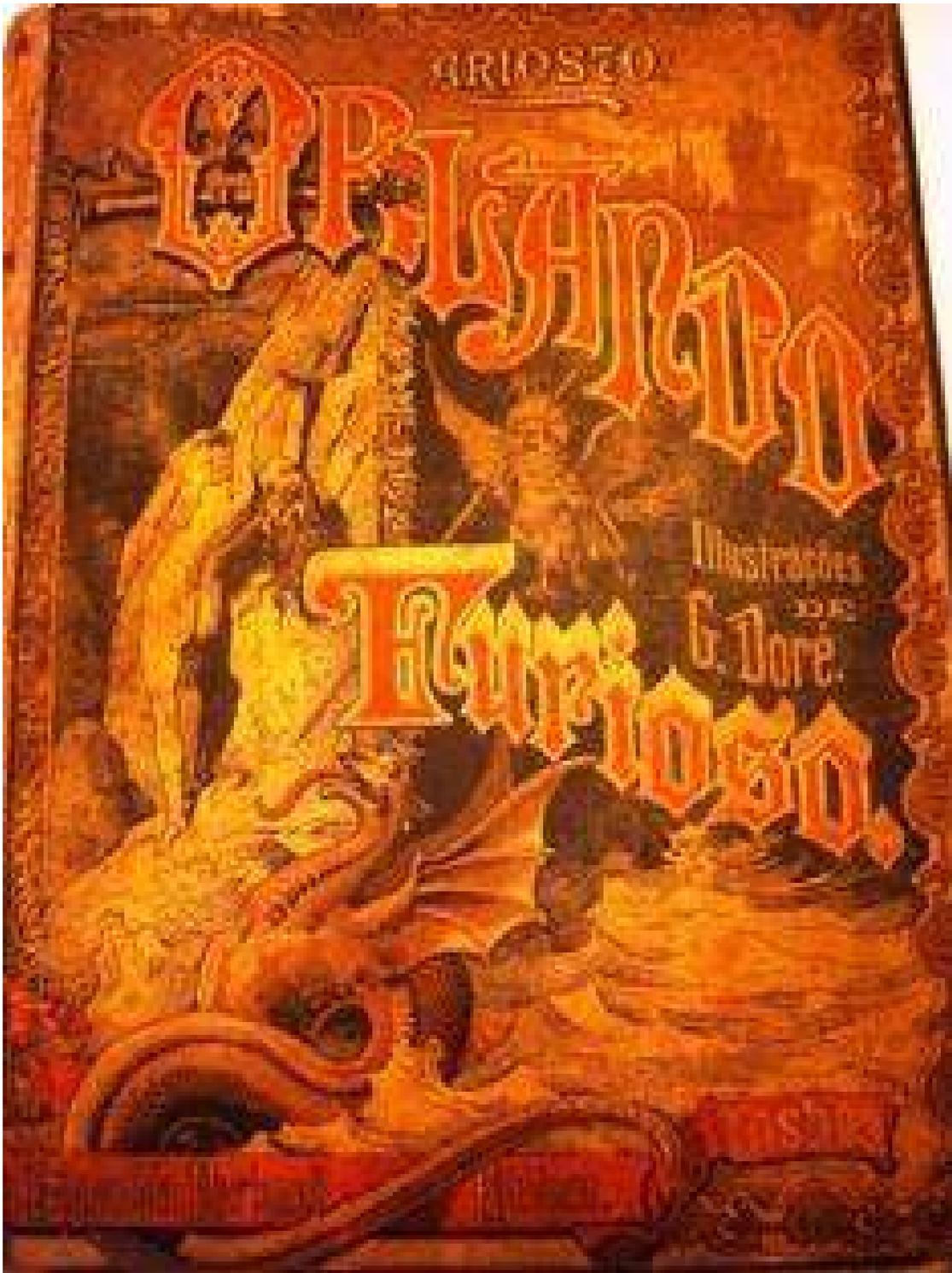
Assinatura:.....



Profa. Dr. Lázara Nanci De Barros Amâncio

2010

v



Capa do Orlando Furioso 1895

À minha mãe Maria Garcia; à minha esposa Luciana de Paula e aos meus filhos Octávio e Maria Fernanda, pela nossa história de amor e cumplicidade, pelos meus erros e acertos em nossa trajetória.

“São mínimas coisas entrançando a vida: o passo no corredor, a mão que acalma, o corpo que arde e apazigua. O sono. O sonho. Silêncios. Solidões.”

(LUFT; LYA. **Um brinde à vida**. 1997)

À minha orientadora, Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira, por toda a sua dedicação e pelo tanto que me ensina.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da História.

(FREIRE, PAULO. 2008, p. 136)

AGRADECIMENTOS

Neste espaço tenho a oportunidade de agradecer a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho, fazendo-me acreditar sempre que “[...] Sonhar é possível, transformar é preciso.” (SERRÃO; BALLEIRO, 1999, p. 55)

À minha mãe, Maria Garcia, por estar sempre ao meu lado, apoiando-me e cuidando de mim. Você é exemplo de caráter e dignidade. Sinto-me extremamente feliz por tê-la em minha vida. Obrigada por tudo; sempre...

À minha querida esposa Luciana, pelos sonhos compartilhados, por sempre acreditar em mim... Sua coragem, determinação, bondade e humildade são admiráveis.

Aos meus queridos filhos Octávio e Maria Fernanda, por tornarem meus dias mais alegres, pelo carinho dedicado sempre e por toda colaboração para a realização deste estudo.

À minha orientadora Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira, por toda sua competência, cumplicidade, respeito, profissionalismo e determinação; por sempre me atender prontamente. Acima de tudo, por acreditar na concretização deste trabalho.

Aos meus familiares queridos que brilhem por intermédio das estrelas, em especial, Maria Garcia Vilalva, minha tia amada, que tornou minha infância mais feliz e iluminada;

À amiga Doraci Rodrigues por sempre me ouvir e apoiar, pela amizade presente e sincera.

Aos meus amigos e minhas amigas da Faculdade de Educação da Unip – Limeira e do Colégio Objetivo de Cosmópolis, pela convivência, pelo aprendizado, pelos momentos de descontração e pelas trocas de experiências.

Aos meus alunos e minhas alunas dos cursos de graduação em Pedagogia, do colégio Objetivo de Cosmópolis, pela convivência agradável e pelos conhecimentos compartilhados.

Aos professores e professoras com quem tive a oportunidade de conviver ao longo de minha trajetória escolar, por compartilharem comigo seus conhecimentos e valores.

Aos professores e colegas do curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/Unicamp. Aos integrantes do grupo de Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE), especialmente, Maria das Dores Soares Maziero e Maria Lygia Cardoso Kopke Santos pela leitura da dissertação e pelo incentivo.

À Profa. Dra. Lilian Lopes Martin da Silva, à Profa. Maria Rosa Rodrigues Martins Camargo, à Profa. Lázara Nanci de Barros Amâncio e à Profa Rosalia de Ângelo Scorsi, pelas valiosas contribuições apresentadas na ocasião do Exame de Qualificação.

Aos funcionários da Unicamp, sobretudo, da Faculdade de Educação, pelas orientações e pelos atendimentos prestados.

Enfim, obrigada a todos, de coração, por fazerem parte da minha história!

Em especial, a Deus, pela vida...

[...] Você verá que é mesmo assim

Que a história não tem fim

Continua sempre que você

Responde "sim" [...]

(ARANTES. **Brincar de viver**. 2008.)

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta tem como objetivo principal ou intenção primeira apresentar a obra *Orlando Furioso* de Xavier da Cunha, editada pela Companhia Editora Nacional de Lisboa no ano de 1895, arquivada no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE)/Unicamp, buscando compreender não só a trajetória desta edição, como também os aspectos tipográficos e textuais que a configuram. Ainda tem como objetivo investigar os vestígios deixados por Monteiro Lobato, de forma manuscrita, nesta edição de *Orlando Furioso*, colocando como questões: quais são as intervenções editoriais e textuais que Lobato lança mão com um possível desejo de publicá-la com um livro clássico infantil? Que representação de leitor infantil parece orientar tais intervenções? Que representação do gosto de leitor infantil parece orientar a visão de Lobato como editor nessas intervenções. Essa pesquisa se enquadra no conjunto de trabalhos do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE) no que diz respeito à investigação dos procedimentos postos e praticados pelo polo da produção, tendo em vista a representação que autores e editores constroem a respeito do público, a qual se destina as obras publicadas, na perspectiva metodológica fornecida pela História Cultural.

Palavras-Chave: Adaptação. *Orlando Furioso*. Monteiro Lobato. Leitura. Livro.

ABSTRACT

The main aim of this material or its first intention is to present the work of Orlando Furioso de Xavier da Cunha, printed by Companhia Editora Nacional de Lisboa, in the year of 1895, filed in Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE)/Unicamp, trying to understand not only the several steps of this printing, but also the textual and typographic aspects which set it up. It still has as aim to investigate remains left by Monteiro Lobato in a manuscript way in this publishing of Orlando Furioso, asking the following questions: what are the publishing and textual interventions used by Lobato as a possible wish to publish it as a childish classic book? What sort of direction is taken by Monteiro Lobato, concerning the expectation of his readers? This research is fitted in the set of works from “grupo de pesquisa, Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE) about the investigation of the proceedings taken and practiced by the production pole_, considering the representation that authors and publishers build about the public, to which the work is directed in the methodological perspective supplied by the Cultural History.

Keywords: Adaptation. Orlando Furioso. Monteiro Lobato. Reading. Book.

SUMÁRIO

1- Considerações Iniciais	12
PARTE I: Apresentação de Ariosto	18
2 – A Itália na Renascença	19
2.1 - Ferrara: corte de Boiardo e de Ariosto	24
2.2 - Ariosto: vida e obra	27
2.3 - A criação do Orlando Furioso	31
2.5.4 - Orlando Furioso: edições realizadas após a morte de Ariosto	36
2.5 - Difusão do Orlando Furioso	39
2.5.1- França	40
2.5.2 - Inglaterra	41
2.5.3 – Espanha	42
2.5.4 – Portugal	50
2.5.5 – Brasil	57
PARTE II: A obra <i>Orlando Furioso</i> de Xavier da Cunha encontrada no CEDAE	
3- A trajetória do Orlando Furioso	62
3.1- Das gavetas e dos armários para as mãos do arquivista	63
3.2- O encontro com o Orlando Furioso: eu e o livro	66
4 - A Capa da obra Orlando Furioso	74
4.1- A tipologia das letras	81
5- A editoração da página de rosto do Orlando Furioso	83
5.1- A casa editorial Corazzi e Justino Guedes	86
5.2- O ilustrador: Gustave Doré	89
5.3- O tradutor: Xavier da Cunha	91
5.4- gênero: Romance Cavaleiresco	92
Parte III: Orlando Furioso: seu processo adaptativo	
6 - Monteiro Lobato: as adaptações para crianças	96
6.1- Uma proposta de criação de Lobato na obra Orlando Furioso	99
6.2- A organização do trabalho	101
6.3- A transcrição da página de cinco do Orlando Furioso	104
6.4- Procedimento textual: encurtamento	107

6.4.1- Supressão de parágrafos	108
6.4.2- Supressão de orações, expressões e palavras	111
6.5 - Procedimento textual: remodelação	113
6.5.1- Substituição e atualização da linguagem	113
6.5.2- Acréscimos: operação de reescrita com coerência	118
6.5.3- Invenção e Conservação	120
6.6- Procedimentos tipográficos	122
6.7- Ilustração: escolha e encurtamento	124
7- Considerações finais	133
Referências Bibliográficas	136
Anexo I	142
Anexo II	

1 Considerações Iniciais

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.
(SABINO, 1999, p.145)

A obra *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto pertence à tradição literária italiana, tendo sido composta dentro das características do gênero épico¹, semelhante à obra *Os Lusíadas* de Luis Vaz de Camões, poeta da Renascença Portuguesa.

As histórias do imperador Carlos Magno, de Orlando e de seus paladinos, de Rugiero e Bradamante foram descobertas por mim de forma fragmentada: - ora pelas aulas de história no período escolar, ora pelas citações de escritores da literatura brasileira.

Na minha infância e adolescência, lia muitas histórias de cavalaria, de imperadores e aquelas que misturavam religiosidade e guerreiros. Entre elas, Os Cavaleiros do Graal, Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, Camelot, a cidade ideal, e as obras de Monteiro Lobato.

Gostei muito das viagens de Gulliver, das aventuras de Crusoé, das peripécias de Emília, Narizinho e Pedrinho. Inesquecíveis foram as “desaventuras” de Dom Quixote, narradas pela voz de Dona Benta. Deliciava-me com as aventuras, os desencontros, as batalhas entre heróis e vilões, vividos através do estilo de Lobato.

Na juventude, afastei-me completamente das histórias de cavalaria e de Monteiro Lobato. As minhas experiências de leitura adentraram o universo religioso cristão, católico, através da teologia da libertação de Leonardo Boff, Dom Pedro Casaldaglia e outros. As minhas preocupações no campo da leitura eram mais filosóficas e teológicas.

Parafraseando Machado de Assis na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*²: unamos agora os pés e saltemos por cima do período do seminário - o qual frequentei por três anos - para esquecermos a morte de minha querida avó, o adoecimento de minha mãe, os problemas econômicos. Aproveitemos para saltar o período da graduação e cheguemos, enfim, em 1995, ano em que iniciei o meu professorado.

¹Um poema épico, ou epopéia é um poema heroico narrativo extenso, uma coleção de feitos, de fatos históricos, de um ou de vários indivíduos, reais, lendários ou mitológicos. A epopéia eterniza lendas seculares e tradições ancestrais, preservadas ao longo dos tempos pela tradição oral ou escrita. Os primeiros grandes modelos ocidentais de epopéia são os poemas homéricos a *Iliada* e a *Odisseia*, os quais têm a sua origem nas lendas sobre a guerra de Tróia. A epopéia pertence ao gênero épico, mas embora tenha fundamentos históricos, não representa os acontecimentos com fidelidade, geralmente reveste os acontecimentos relatados com conceitos morais e atos exemplares que funcionam como modelos de comportamento.

² *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma obra publicada por Machado de Assis em folhetim no ano de 1880 e em forma de livro em 1881. Nela o narrador-personagem Brás Cubas, no mundo dos mortos, resolve contar a história de sua vida.

Como professor de Literatura no ensino médio, reencontrei-me com alguns vultos do passado, entre eles Monteiro Lobato. Foi um reencontro um pouco superficial: o material comercialmente chamado de *Objetivo e Anglo* apresentava Lobato restrito ao Jeca Tatu, personagem presente em *Urupês*.

A personagem era apresentada primeiramente como a culpada pelo atraso econômico do Brasil, depois vítima do subdesenvolvimento brasileiro e, finalmente, transformada em Zé Brasil, homem consciente de sua injusta realidade social e econômica.

Em 2003, ao decidir retomar minha caminhada acadêmica tentando o mestrado, desejava pesquisar autores como Monteiro Lobato, Piaget, Vigotsky, Antônio Candido, Camões, Álvares Azevedo; livros como *Dom Quixote, Abelardo e Heloísa* ou temas ligados ao cinema, à filosofia, ao teatro, à teologia - entre outros.

Nesse mesmo ano, conheci o professor Alexandre Carneiro, do Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, que me recomendou uma visita ao CEDAE (Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio). Conheci a biblioteca lobatiana e o arquivo Monteiro Lobato. Lá, encontrei cartas inéditas de Lobato, mas também suas pinturas, primeiras edições de suas obras e, entre tantas novidades, o *Orlando Furioso* traduzido por Xavier da Cunha, em 1895, pela editora Companhia Editora Nacional de Lisboa.

Segundo informações de Flávia Carneiro Leão, supervisora do CEDAE, tudo levava a crer que Lobato havia iniciado uma adaptação do *Orlando Furioso* para as crianças brasileiras. *Dom Quixote das crianças, Orlando Furioso, Ludovico Ariosto* eram nomes que faziam parte do meu imaginário infantil. Parecia que a voz de Dona Benta conduzia-me novamente às aventuras dos cavaleiros andantes.

Diante de vários documentos históricos, senti vontade de dedicar atenção e estudar manuscritos literários. Assim, me vi diante de algumas paixões: adaptação, histórias de cavalaria e Monteiro Lobato. Eu tinha em mãos uma obra - *Orlando Furioso* - com marcas feitas a lápis, realizadas pelo próprio punho de Lobato.

No ano de 2004, com o projeto de mestrado “Adaptação do Orlando Furioso: análise crítica de Lobato”, iniciei os estudos de História e Teoria literária como aluno regular da pós graduação do IEL/Unicamp, sob orientação da professora Marisa Lajolo.

No período de 2004 a 2006 fiz várias disciplinas: Tópicos especiais em História I, Crítica I, Seminário de orientação em historiografia literária, Tópicos em história

VIII, Seminários de orientação em literatura e outras produções culturais I, Grande Autor em Língua Portuguesa, Seminários de orientação em historiografia literária I, A mensagem cinematográfica: problematização e realização, Roteirização: teoria e prática, A visão sincrética no processo de filmagem. Por motivos de natureza diversa, não concluí o mestrado em 2006, prazo limite para o encerramento.

Em 2007, elaborei outro projeto intitulado “Pesquisa e análise do livro Orlando Furioso, de Ludovico Ariosto, ed. Lisboa, que se encontra no arquivo Monteiro Lobato, CEDAE, a fim de compreender as interferências de Monteiro Lobato no processo de reescritura e reelaboração da obra, bem como averiguar a possibilidade de realização de uma adaptação”, me submetendo ao processo seletivo para o mestrado na Faculdade de Educação/Unicamp - no grupo Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE). O novo projeto foi elaborado na perspectiva da História Cultural, adotada pelo grupo ALLE - tendo como referencial teórico Roger Chartier, Peter Burke, Michael Certeau.

Aprovado na seleção, em 2008, iniciei minha pesquisa com o desejo de entender como uma história tão antiga (século XVI) poderia interessar às crianças e jovens do século XX, assim como investigar as estratégias editoriais e textuais de que Lobato, como escritor e editor, lançou mão para criar e manter este interesse do público.

A minha pesquisa se enquadra no conjunto de trabalhos e estudos do ALLE, já concluídos ou em processo, cujas preocupações temáticas se situam no âmbito da leitura e da literatura infantil e juvenil, no que diz respeito à investigação dos procedimentos postos em prática pelo polo da produção, tendo em vista a representação que autores e editores constroem a respeito do público ao qual destinam as obras produzidas.

Os estudos de Melo (2004) Ferreira (2006) e outros colaboraram para a compreensão do processo que envolve a produção, circulação e recepção de impressos destinados à escola, especialmente ao leitor infantil.

Dentro desses estudos, pode-se citar de Maziero (2006) e o de Magro (2002), a adaptação de obras inicialmente escritas para um público adulto e que, por razões diversas, são transformadas, adequadas e conformadas a uma nova configuração que as torne acessíveis a crianças e jovens.

Em busca de possíveis respostas e entendimentos, elaborei alguns caminhos investigativos: a) conhecer e apresentar os leitores deste trabalho, o “ambiente histórico e

social” em que aparece a primeira edição de *Orlando Furioso*, bem como a criação e circulação das edições do *Orlando Furioso* pelos países da Europa (França, Inglaterra, Espanha e Portugal) e no Brasil;

b) focar na edição encontrada no CEDAE, percorrendo pistas sobre sua trajetória até chegar ao centro de Documentação, descrever sua materialidade (capa, página de rosto, número de páginas, etc.);

c) investigar os vestígios deixados de forma manuscrita na obra *Orlando Furioso* - traduzida por Xavier da Cunha para a editora portuguesa Companhia Nacional Editora de Lisboa – de modo a levantar as concepções de leitor infantil e de obra clássica que orientaram Lobato nessas marcações.

O trabalho que aqui se apresenta encontra-se dividido em três partes: Na primeira, busco fazer uma contextualização histórico-literária da obra *Orlando Furioso*, traçando um pouco de seu itinerário pelo mercado literário europeu e brasileiro. Também trago a obra de Matteo Maria Boiardo, *Orlando Enamorado*, e a de Luigi Pulci, *O Morgante*, obras que possivelmente inspiraram Ariosto na escrita de seu poema épico *Orlando Furioso*.

Na segunda parte, há uma descrição da capa e da página de rosto da edição de *Orlando Furioso* existente no CEDAE. Imagino a história da editoração da obra *Orlando Furioso*, traduzida por Xavier da Cunha, a partir dos nomes encontrados nela (capa e página de rosto): editor, ilustrador, tradutor, impressor, mas também dedico-me, um pouco, ao gênero literário ao qual ela pertence, analisando-a quanto ao aspecto tipográfico e outros dados relevantes.

A confecção do *Orlando Furioso* por pessoas encarregadas de produzir, dentro de determinados padrões literários e gráfico-estéticos, uma obra destinada à divulgação comercial, ajuda-nos a entender o projeto editorial e o tipo de leitor do *Orlando Furioso* - almejado pela Companhia editora Nacional de Lisboa no final do século XIX e início do XX.

Nessa viagem com Orlando, Rugiero, Bradamante e Angélica, personagens presentes no enredo do *Orlando Furioso*, também fiquei “louco”. Assim como eles, enfrentei os perigos da floresta, abandonei batalhas e persegui sombras as quais representavam achados e conclusões que não eram o que pareciam ser.

Desenvolvi um breve estudo sobre a literatura adaptativa de Lobato. Acredito que, mesmo sendo uma breve reflexão, as produções literárias feitas por ele ajudam-me a entender o Lobato escritor e editor, mas também me aproximam do *Orlando Furioso*, adaptação almejada por ele.

Quanto à terceira parte, ela pode ser considerada o foco central de minha pesquisa. Nela fiz um levantamento das intervenções presentes no texto e na ilustração da edição em estudo, indagando: por que essas e não outras? Que intervenções são essas? Que concepção de leitor e de obra literária orientam ou podem ter orientado tais intervenções, em diálogo com o que estaria circulando naquele momento?

Como Orlando, que perdeu o siso por amor a Angélica, também, às vezes, deixei que a razão fosse enganada pela emoção e corri atrás de imagens que mostravam a minha paixão por Lobato.

Sem ponto final, finalizo parafraseando Fernando Pessoa (ele mesmo), ao brincar com o poeta, cujo coração sofre nas calhas da roda:

O poeta é um fingidor
finge tão completamente
Que chega a fingir que é do
Aquilão que deveras sente
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve
Mas só a que eles não têm
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração³.

³ Fernando (António Nogueira) Pessoa nasceu em 1888, em Lisboa. Em 1912, publicou seu primeiro artigo, "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada", na revista *A Águia*. Em 1914, escreveu os primeiros poemas dos heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, aos quais daria personalidades complexas. Sob o nome de Bernardo Soares, Fernando Pessoa escreveu os fragmentos mais tarde reunidos em *O livro do desassossego*. No ano seguinte, com escritores como Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro, lançou a revista de poesia de vanguarda *Orpheu*, marco do modernismo em Portugal e que daria grande projeção ao poeta. O único livro de poesia em português que publicou em vida foi *Mensagem* (1934), marcado pela visão mística e simbólica da história lusa. Fernando Pessoa morreu em 1935, em Lisboa.

PARTE I:

APRESENTAÇÃO DE ARIOSTO

Em suma, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo. Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda; mas da mesma maneira é verdade que cada onda é igual a outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva; enfim, são formas e seqüências que se repetem, ainda que distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo.

(CALVINO, 2002, p. 450)

2-A Itália na Renascença

A primeira parte dessa pesquisa não só busca discorrer sobre o ambiente histórico e social em que aparece a primeira edição do *Orlando Furioso*, mas também a criação e a circulação desta (*Orlando Furioso*) pelos países da Europa (Itália, França, Inglaterra, Espanha e Portugal) e no Brasil.

De acordo com Peter Burke na obra *O Renascimento Italiano: cultura e sociedade na Itália*, os séculos XV e XVI, na Itália, caracterizaram-se pelo crescimento de regimes monárquicos que se desenvolvem em quase toda a península. Os novos príncipes constroem Estados regionais em Milão, Roma, Florença, Veneza e Nápoles:

No começo do século XV, a Itália não era uma unidade social, nem cultural, embora o conceito de Itália existisse, e alguns homens educados de outras regiões entendessem a língua toscana. Era simplesmente uma expressão geográfica. (BURKE, 1999, p. 11)

Essa nova organização política e social indica que a civilização italiana do *Renascimento* buscava uma expressão original que lhe fosse própria.



O mapa italiano presente ilustra a posição geográfica de cada um dos Estados Regionais (Milão, Florença, Roma, Nápoles e Veneza) nas fronteiras:

maps.google.com.br 28/01/09

Milão, Roma, Veneza, Florença e Nápoles são cidades cujas experiências históricas e geográficas permitiram a formulação de uma política, ora aventureira, ora baseada em recuos, ora inspirada em grandes exemplos da Antiguidade.

Em Milão, de 1401 a 1508, Francesco Sforza e depois Ludovico, o Mouro, reinam sobre um vasto território, com mais de um milhão de habitantes. Nesse principado, desenvolvem a economia; os humanistas e literatos são protegidos, permitindo, assim, o florescimento da literatura; a agricultura se moderniza e ainda se inicia a organização de uma indústria têxtil, além de manufatura de armas.

Já em Nápoles, Afonso V, que assume o poder em 1442, revela-se um monarca autoritário. Fernando I, filho bastardo de Afonso V, seu sucessor, enfrenta e sufoca uma revolta dos senhores feudais e, além disso, tenta limitar os privilégios do clero. Mesmo diante de tantas dificuldades e adversidades, ainda consegue fomentar um desenvolvimento econômico em seu território.

Enquanto isso, em Roma, com o Papado já ali instalado em 1443, há uma reorganização administrativa e a imposição da autoridade religiosa sobre as grandes famílias locais. Os papas, durante os séculos XV e XVI, reativam também a política cultural e atraem eruditos, arqueólogos e humanistas em torno dos monumentos históricos. São estabelecidos grupos de debates sobre as artes, notadamente as do período denominado clássico (império romano e grego). Neste período, o surgimento do Estado monárquico, em Veneza, possibilitou o florescimento do comércio, da indústria manufatureira, e a circulação de artistas pela corte.

Florença, seguindo as iniciativas da família de Lourenço de Médici, Il Magnífico, não apenas se esforça em controlar o Estado, mas em manter a tradição familiar, orientando a vida cultural florentina, por exemplo, amparando artistas e escritores, ampliando a biblioteca e sustentando expedições que vão à procura de textos antigos.

Lourenço de Médici, como patrono das artes em Florença, mantinha em torno de si um grande número de artistas e escritores, entre eles, os mais célebres foram Marsílio Ficino, Landino, Poliziano, Pico della Mirandola e os irmãos Luca e Luigi Pulci.

Em todas essas cidades, o desenvolvimento de uma nova economia fortalecida pelo comércio, por uma agricultura mais moderna e pela indústria manufatureira propicia um ambiente cultural e artístico. Artistas de diferentes áreas (música, pintura e literatura) são

patrocinados e valorizados.

As reflexões de Burke sobre o fazer poético na Itália apontam que:

Havia, porém, poetas de tempo integral que ganhavam a vida com sua ocupação,... esses cantores de histórias ou cantastore, improvisadores de poesia épica que vagam de corte em corte na Itália do Renascimento, eram sobreviventes de uma cultura que tendemos a associar com as eras heróicas, como a Grécia de Homero. Em outras palavras, a produção de literatura ainda não era uma indústria na Itália do século XV, embora já estivesse chegando a isso em meados do século XVI. (Op. cit., p. 87)

E nas relações com o mecenato as reflexões indicam que:

Primeiramente havia o sistema doméstico: o homem rico recebe um artista ou escritor em sua casa durante alguns anos, dá-lhe alojamento, alimentação e presentes, e espera com isso ter atendidas suas necessidades artísticas e literárias. Segundo, o sistema sob medida: também uma relação pessoal entre o artista ou escritor e seu patrono (“cliente” pode ser um melhor termo), mas uma relação temporária, que dura apenas até a pintura ou o poema ser entregue. Terceiro, o sistema de mercado, no qual o artista ou escritor apresenta algo “já pronto” e tenta vender, seja diretamente ao público seja através de um comerciante. Esse terceiro sistema estava emergindo na Itália do período, embora os dois primeiros tipos fossem dominantes. O quarto e o quinto não existiam ainda: o sistema da academia (controle governamental por meio de uma organização formada por artistas e escritores confiáveis) e o sistema de subvenção (no qual uma fundação mantém os indivíduos criativos, sem se apossar do que produzem. (Op. cit., p.109)

Os artistas valorizam, em suas obras, as lendas heróicas germânicas, as narrativas de Artur e os seus cavaleiros. Luigi Pulci (1432-1484), por exemplo, publicou o *Morgante*, em italiano *Maggiore*, poema de cavalaria, a pedido de Lucrecia, mãe de seu mecena.



Página de rosto retirada do *Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Projeto Boscon*

(<http://www.ub.edu/boscon> - 28/01/2009)

4-Na página de rosto acima da obra *Morgante*, temos na ilustração dois cavaleiros: Orlando à frente e logo atrás Rinaldo, personagens que compuseram o imaginário do mundo medieval.

A obra *Morgante*⁵, de Pulci, é um poema épico composto em 23 cantos, em oitava, e versa em torno de Carlos Magno e seus paladinos – Orlando, Rinaldo, Uliviero (cunhado de Orlando), Arnolfo, (irmão de Rinaldo), Uggiero, traidor, que pactua com os pagãos. *Morgante* é um gigante que Orlando irá converter para a fé cristã e cujas aventuras compõem grande parte do enredo.

Peter Burke analisa a obra de Pulci como uma literatura de persuasão política:

A literatura tinha uma papel potencial de persuasão política, os épicos em latim ou italiano, eram poemas em louvor de governantes por intermédio de seus ancestrais, reais ou imaginários, e de justificativas ao seu governo....Obras históricas, equivalentes em prosa dos poemas épicos, segundo a teoria literária renascentista, eram muitas vezes usadas para propósitos semelhantes... O famoso épico de Luigi Pulci, *Morgante* (1478), parece ser, entre outras coisas, um apelo por uma cruzada contra os turcos, atividade que o poeta sabidamente apoiava. (Op. cit.,163)

A reflexão apresentada revela que as cortes louvam feitos heroicos de grupos que, ao lado do papa, proclamavam guerra para recuperação de uma propriedade cristã ou em defesa da Cristandade contra inimigos externos ou internos.

5-Na página de rosto da obra *Morgante*, pode-se perceber o aparecimento de Orlando e Rinaldo, personagens importantes das canções de gesta e no *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, objeto de estudo deste capítulo. As canções de gesta eram poesias épicas que surgiram no raio da literatura francesa e datam de fins do século XI e início do XII.

2.1 Ferrara: corte de Boiardo e de Ariosto

Em Ferrara, comuna italiana, localizada próxima de Bolonha, o governador Ercole d'Este, considerado patrono das artes pelo seu incentivo à literatura, arquitetura e pintura, transformou o poeta Matteo Maria Boiardo em seu ministro e, também, trouxe o jovem Ludovico Ariosto para o seu agregado familiar. Sob sua administração, Ferrara tornara-se uma das principais cidades da Europa, devido ao seu planejamento urbanístico e ao estímulo à produção cultural.

No campo literário, o governador, Ercole d'Este, dá suporte financeiro para traduções dos clássicos gregos e romanos, permitindo que se desenvolva uma poesia de caráter petrarquizante⁶. Ao mesmo tempo, são incentivados espetáculos na Corte, fazendo renascer o teatro.

Pedro Ghirardi (2004, p. 11), em sua análise do *Orlando Furioso*, faz uma reflexão sobre a época histórico-cultural em que viveu Matteo Maria Boiardo (1441-1494), apresentando-o como descendente de família nobre, portador do estilo humanista e autor da obra-prima *Orlando Innamorato* (*Orlando Enamorado*), na cidade de Veneza, no ano de 1486, em três livros, dando prolongamento à obra de Pulci e, ao mesmo tempo, reconstruindo-a.

A obra *Orlando Enamorado*⁷ é dividida em três partes: a primeira versa sobre as aventuras e a causa do enamoramento de Orlando; a segunda começa retratando a ação da empresa africana contra Carlos Magno, mas também ocorre a invenção de Rugiero, terceiro paladino e primogênito da casa D'Este; e o terceiro livro conta as proezas de Mandricardo e

6-Poesia petrarquizante está associada a Francesco Petrarca, poeta italiano da renascença italiana. A poesia de Petrarca consiste numa profunda sistematização formal, denominada *Soneto* (poesia com catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos; seu versos são decassílabos e a rima do primeiro quarteto é semelhante a do segundo); no plano temático traz como tema principal o amor platônico.

7-A página de rosto do *Orlando Enamorado* apresentada foi vertida para o castelhano por Francisco Garrido de Vilhena em 1581 na cidade de Toledo e impressa pelo comerciante de livros Iuan Rodriguez. A versão circulada na Península Ibérica foi intitulada de *Los tres libros de Matheo Maria Boyardo Conde de Scandiano*. de outros cavaleiros, a libertação de Orlando e de outros paladinos e a genealogia de Rugiero.



Página de rosto da *Obra Orlando Enamorado* de Boiardo retirada do *Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Projeto Boscon* (<http://www.ub.edu/boscon> - 28/01/2009)

Pedro Ghirardi, (Op. cit., p. 15) tece vários comentários sobre a obra *Orlando Enamorado*, e dentre estes, a apresenta como uma obra que seguia as convenções do patronato italiano, ou seja, a busca de um antepassado ilustre.

No *Enamorado*, Boiardo busca um antepassado para o seu conde e governador Ercole d' Este, por meio da figura de Ruggiero, filho de um cavaleiro cristão e de uma dama sarracena.

A descendência do conde estará também ligada à de Heitor, personagem da “*Iliada*” de Homero, como se pode perceber no movimento narrativo do livro III da obra referida, a qual fora apenas iniciada, uma vez que o falecimento de Boiardo a deixará ininterrupta.

Segundo reflexões de Burke (Op. cit., p. 45), na Renascença italiana as obras buscavam para seus personagens históricos uma genealogia ilustre que fizesse os governantes descenderem de um grande herói mitológico ou histórico.

Pedro Ghirardi (Op. cit., p. 11), apresenta a obra *Enamorado*, como uma reconstrução da obra *Morgante* de Pulci, pois a obra de Boiardo reúne aos temas guerreiros os paladinos carolíngios e a temática arturiana de aventuras amorosas (assunto presente no *Morgante*) um número bem maior de personagens e acrescenta duas novas figuras: Margutte (o gigante pícaro) e Astarotte (diabo, herege, cortês e sábio), refazendo assim as gestas de Carlos Magno.

O *Orlando Enamorado* tempera uma intensa aventura com um ideal cortês, em meio a um mundo sobrenatural e mágico, numa mistura de sonho e realidade (GHIRARDI, Op. cit., p.12).

O final do século XV, além de marcar a morte de Boiardo, também é tomado como ponto de virada na história da Itália, na verdade de toda a Europa, ocorrendo a dispersão de artistas e escritores (BURKE, Op. cit., p. 250). Por volta de 1494, o exército francês, sob o comando de Carlos VIII, invade a Península: é o momento em que a França e a Espanha disputam o território italiano, que se torna um grande palco de conflitos. São inúmeros os transtornos políticos e as mudanças de poder, vindo a acarretar problemas econômicos causados igualmente por saques e destruições.

Nesse quadro, os artistas sofrem os efeitos da ruptura em relação ao momento de efervescência cultural, até porque, para fazerem frente às invasões, as monarquias se fortalecem belicamente, deixando a arte em segundo plano. Além disso, os salários são baixos e os príncipes já não prestigiam os artistas, que se tornam marginalizados. É nesse contexto de invasões e transformações que Ludovico Ariosto escreve a sua obra *Orlando Furioso*, resgatando o ambiente cultural que Ferrara já experimentara.

As reflexões realizadas por Burke sugerem que as cortes italianas passaram a se organizar de forma diferente, alterando, assim, o papel do artista dentro dessa nova composição social

As cortes eram compostas por centenas de pessoas... essa população cortesã era heterogênea e abrangia desde grandes nobres ocupando postos como condestável, camareiro, mordomo ou mestre de cavalos, até cortesãos menores como valetes, secretários e pajens, até servos como corneteiros, falcoeiros, cozinheiros, barbeiros e jovens cavaleiros... Mais difíceis de situar na hierarquia (na verdade eram profissionais de fora), mas geralmente à disposição para entreter o príncipe, estavam seus bobos e anões. A posição dos poetas não deve ter sido muito diferente daqueles que tinham a função de entreter o príncipe. (Op. cit., 251)

As cortes italianas formadas dessa população heterogênea eram também compostas por parentes, amigos, vassalos do senhor, que iam até lá por períodos mais ou menos

longos para honrá-lo, aproveitar seus favores e participar de suas diversões. Esses novos participantes davam à corte uma nova configuração.

2.2 Ariosto: vida e obra

Ludovico Ariosto nasceu na província Reggio nell' Emilia, em oito de setembro do ano 1474, filho primogênito de um militar. Após os estudos de Direito e de Letras, como convinha para sua futura carreira, ingressou na corte de Ercole d' Este, cidade de Ferrara, em 1497.

Quando morreu seu pai, em 1500, ficou sem recursos e, tomando as ordens menores, tornou-se capitão da fortaleza de Canossa. Em 1504, ficou a serviço do cardeal Hipólito d'Este, o qual o encarregaria de diversas embaixadas, sendo algumas delas arriscadas.

As relações entre Ludovico Ariosto e o conde Hipólito d'Este sempre foram conturbadas e, um ano após a publicação do *Orlando Furioso*, Hipólito d'Este foi nomeado para uma sede episcopal em Budapeste, onde sua família tinha feudos. O conde exige que Ariosto o acompanhe, mas o escritor se recusa, pois planejava casar-se com Alessandra Benucci⁸. A recusa obriga Ariosto a deixar a função de artista, tornando-o "*gentiluomo di camera*" (camarista), permanecendo nessa função entre os anos de 1503 a 1517.

8- Segundo Margarida Periquito (2007), no capítulo introdutório do *Orlando Furioso*, Alessandra Benucci era mulher de Tito Strozzi, importante mercador da família dos banqueiros Strozzi, de Florença, mas que moravam em Ferrara, cuja corte freqüentavam, participando dos jantares, bailes e outros divertimentos em que Alessandra era admirada como a mais bela entre as belas. Ariosto conheceu-a, pois, nesse ambiente, e a admiração que ela lhe suscitava transformou-se em enamoramento. Em Junho de 1513, no dia de São João, Ariosto estava em Florença para assistir aos festejos do cardeal Hipólito. Alessandra chegou com o marido para as festas, ambos foram hóspedes da mesma casa. Nesse dia, Ludovico declarou o seu amor à mulher, que exercia sobre ele o fascínio de uma revelação. Inicia-se então, entre eles uma relação secreta, mas que havia de perdurar para sempre. Tito Strozzi morreu repentinamente em 1515, mas, se Alessandra, se casasse outra vez perderia o usufruto dos bens do marido e a tutela dos filhos, que eram seis. Quanto a Ludovico, este não podia renunciar de ânimo leve aos benefícios que adquirira em 1503, ao tomar as ordens menores. Sendo assim, vivia cada um em sua casa, em Ferrara. Só mais tarde, numa data imprecisa entre 1528 e 1530, eles celebraram, secretamente, matrimônio. Nem os cônjuges e nem os poucos amigos que estiveram presentes à cerimônia secreta revelaram tal fato, e Ludovico e Alessandra continuaram a viver separadamente (Apud Periquito, ano 2007, pp. 5- 7).

Pedro Ghirardi, ao comentar a aridez do novo emprego, evidencia que Ariosto não renunciou à poesia e à criação artística

São desse período duas comédias que o tornaram um dos maiores nomes do teatro renascentista italiano: *Cassaria e I Suppositi*. Outras viriam depois, entre as quais *Il Negromante*. Foi ainda nesse período que o poeta criou sua obra-prima, o *Orlando Furioso*, cuja primeira edição, com 40 cantos, é de 1516. (Op. cit., 11)

Ariosto publicou poemas épicos, comédia, autos. Foi o poema épico *Orlando Furioso* que deu fama e glória ao escritor de Ferrara. De acordo com Ghirardi (Op. cit., 13), a preparação do poema levou mais de 10 anos. Em 1507, o poema já estava parcialmente escrito e, em um gesto cortês, Ariosto lê alguns episódios à marquesa de Mântua.

Em 1515, Ariosto decide enviar o seu poema *Orlando Furioso* para impressão. Entregou o manuscrito a Giovanni Mazzoco, de Bondeno (cidade próxima de Ferrara), de cuja tipografia saiu a primeira edição, em abril de 1516. Os gastos do autor, com exceção do papel, foram providos pelo Cardeal Hipólito d'Este, seu mecena. Hipólito d' Este não deu o devido apreço à obra. Em vez de louvores, Ariosto recebeu, dias depois, a seguinte pergunta: “*Messer Ludovico, dove mai avete trovato tante corbellerie?*” (“Senhor Ludovico, onde é que foi buscar tantos disparates?”) (CASA DEI, 1993, p. 32).

Embora o cardeal desse pouco valor à obra, a mesma caiu no gosto de outros públicos leitores. Pedro Ghirardi (Op. cit., p. 14) aponta que a obra conheceu um sucesso imediato em todas as cortes italianas, tendo em poucos anos saído da esfera aristocrática e conquistado o público de todos os estratos sociais.

Carlos Cordié, na introdução da obra *O Cortesão* de Baldassare Castiglione (1997, p. nº XXXI), apresenta Ariosto como um perfeito cortesão, que sabia amar com pureza de espírito e ser leal, pois mesmo após ter sido despedido e desalojado pelo conde, ainda mantém a dedicatória a ele nas edições posteriores de *Orlando Furioso*, a começar pela de 1521, publicada um ano após a morte de seu antigo mecena.

Depois de cinco anos, é organizada a segunda edição do *Orlando Furioso*, feita em fevereiro de 1521 e impressa por Giovan Battista de La Pigna, não apresenta nenhuma

alteração em relação ao conteúdo e a quantidade de cantos. Para Margarida Periquito, em sua obra *Orlando Furioso* (2007, p. 8), essa edição apresenta, porém, enormes melhorias em relação às construções lingüísticas presentes na primeira edição, carregada de marcas renascentistas (proposição, dedicatória, invocação, narração e epílogo) com uma linguagem cheia de regionalismos, fora dos padrões legitimados renascentistas.

Em finais de 1521, a cidade de Ferrara era alvo de novas ameaças de guerra por parte do Papa romano. Afonso d'Este, duque de Ferrara, substituto de Hipólito d'Este, tomou as seguintes providências: recrutou exércitos, reforçou fortificações e deixou de auxiliar os cortesãos, entre eles Ariosto.

Já que o Duque não podia prover-lhe o sustento de suas necessidades, Ariosto pede-lhe o cargo de governador de Garfagnana que, diante das circunstâncias políticas, econômicas e sociais causadas pela guerra contra o papa romano, o duque não tem como negar.

A província de Garfagnana era um território nos confins do ducado, perdido no meio das gargantas dos Apeninos, onde os conflitos e o banditismo difundiam-se entre os habitantes. Era uma região que requeria um governador com mão de ferro e apresentava a necessidade de soldados para a composição das forças militares. Burke (Op. cit., p.257), ao refletir sobre as condições sociais e políticas dessa época, afirma: “*Muitos dos conflitos políticos da época eram conflitos entre facções rivais, em outras palavras, entre grupos de patronos e dependentes.*”.

Margarida Periquito, na obra *Orlando Furioso*, analisa as dificuldades financeiras de Ariosto e revela que os desafios de governar Garfagnana seriam imensos; no entanto, as dificuldades financeiras que Ariosto enfrentava o obrigavam a aceitar, pois os honorários eram generosos:

Ariosto sabia que o cargo era difícil e que não se coadunava com o seu temperamento, e pesava-lhe muito afastar-se de casa e de Alessandra, sua esposa, mas os tempos eram maus e os honorários generosos. Assumiu-o, pois, tendo demonstrado dignidade e firmeza no seu desempenho. Depois de uma viagem de vários dias, chega a Castelnuovo di Garfagnana, onde permaneceu até junho de 1525, fazendo visitas a Ferrara mais ou menos de seis em seis meses, e voltando a partir sempre amargurado pelo afastamento e por não poder levar consigo Alessandra. (Op. Cit.; p.8)

Em 1525, Ariosto voltou para Ferrara já em condições de se afastar definitivamente das empresas militares e das missões diplomáticas. Torna-se superintendente dos espetáculos da corte de Afonso d' Este e a tranquilidade financeira conquistada lhe permite voltar a escrever comédias, peças teatrais e a dar continuidade ao processo de revisão do *Orlando Furioso* para uma nova edição.

Naquela época, um governante que prestigiasse as artes na forma de patronato era valorizado politicamente e demonstrava força. Por isso, mostrar-se na companhia de um grande poeta dava valor político ao governante. Deste modo, Ariosto era frequentemente chamado à corte para conversar com Afonso d'Este ou para acompanhá-lo publicamente em algum deslocamento.

No ano de 1532, onze depois da segunda edição, Ariosto organiza a terceira, enviando-a para a tipografia de Francesco Rosso da Valenza, em Ferrara. Essa nova edição havia sido ampliada em seis cantos, pois a segunda manteve os 40 cantos presentes na primeira. Compreendendo, então, 4842 oitavas, estrofes com 8 versos cada uma, chegando a aproximadamente 40.000 versos e acrescida com novos episódios como os de Olímpia, os do Castelo de Tristão, os de Margonor, os de Leone e, ainda, a menção às personagens ilustres contemporâneas (PERIQUITO, Op. cit., p. 14).

A publicação de outras edições além da primeira, a preocupação em ampliar os cantos e torná-los mais atuais com novos personagens no enredo, podem explicar o sucesso que o *Orlando Furioso* alcançou junto ao público leitor. Pedro Ghirardi (Op. cit., p. 14) revela que essa edição revisada e com novos acréscimos foi a que passou para a posterioridade como uma obra emblemática da cultura do Renascimento.

Em 1533, Ariosto morre com 58 anos, vítima de uma inflamação do intestino delgado causada por uma infecção viral ou bacteriana. No dia seguinte ao de sua morte, ao entardecer, o seu corpo foi transportado para o mosteiro de San Benedetto, onde foi sepultado com a maior simplicidade.

2.3 - A criação do *Orlando Furioso*

Pedro Ghirardi (Op. cit., p. 13), em sua análise sobre a temática do *Orlando Furioso*, sugere que ela pode ser dividida em três núcleos. O primeiro retrata como protagonista o guerreiro cristão e sobrinho de Carlos Magno, Orlando, que chega à crise da loucura por amor à bela Angélica, princesa oriental. Apresenta também o paladino Astolfo, primo e companheiro de Orlando, que será transformado em arbusto pela sedutora feiticeira Alcina, mas que consegue voltar a ser o que era e salvar Orlando da loucura, voando à Lua para buscar-lhe juízo.

O segundo núcleo tem como protagonista Rogério, jovem guerreiro muçulmano, criado pelo velho mago Atlante em um palácio posto no cume de montanhas altíssimas. É namorado da jovem guerreira cristã Bradamante, mas também é seduzido pela perigosa Alcina.

No terceiro e último núcleo, Ariosto se concentra nas batalhas entre cristãos e muçulmanos nos tempos de Carlos Magno, século VIII e IX. Sobressaem aqui figuras como a do feroz capitão Rodomonte, que se voltará contra Rogério, e a dos amigos Cloridano e Medoro.

A partir da descrição temática feita anteriormente, pode-se perceber que estes núcleos não estão estagnados, mas se relacionam continuamente, de tal modo que a circulação das personagens faz com que todos eles, interpenetrando-se, formem a trama narrativa.

Margarida Periquito (Op. cit., p. 14) aponta que, na obra *Orlando Furioso*, há também episódios picantes e de grande erotismo, que contribuíram para que ela sofresse acusações de licenciosa e imoral até finais do século XVIII.

O movimento narrativo do poema *Orlando Furioso* apresenta como pano de fundo as guerras entre os Mouros que invadiram Paris e Carlos Magno. No enredo, movimentam-se personagens ligadas ao ciclo carolíngio e ao ciclo bretão, todos pertencentes à tradição literária dos romances de cavalaria e das canções de gesta: assuntos que já não faziam mais parte do gosto do período do Renascimento (GHIRARDI, 2004, p. 12).

Há, também, dentro do movimento narrativo um diálogo entre loucura e razão que pode ser percebido do começo ao fim do poema, já que o enlouquecimento de Orlando se inicia porque ele só quer ver as razões que tem para ser amado por Angélica.

Pedro Ghirardi lembra que a loucura mora sempre conosco, mesmo com aqueles que são considerados sensatos, como se pode ver em Orlando que, por amor à Angélica, retorna aos arraiais de França e de Alemanha:

De Angélica formosa enamorado. Ficara Orlando, e por amores seus .Em Tartária, Índia e Média havia deixado inumeráveis e imortais troféus. Ei-lo agora com ela retornando. Ao Ocidente, ao pé dos Pirineus . Aos arraiais de França e de Alemanha. Convocados de Carlos à campanha. (Op. cit., p. 17 e 52)

Essa loucura de Orlando, derivada de sua paixão por Angélica, como ponto central da história, estabelece com a busca de sensatez e equilíbrio, promovida pelas personagens secundárias, uma espécie de jogo de forças, próprio do mundo renascentista (GHIRARDI, p. 15, 17).

Michel Pastoureau, em sua obra *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*, capítulo dois (1989, p. 42), informa que, no momento em que Ariosto começa a escrever o *Orlando Furioso*, o mundo cavaleiresco servia apenas como cenário de fundo para que as figuras exprimissem livremente toda a diversidade e contrastes de sentimentos e comportamentos próprios da natureza humana, sem excluir a nota dissonante da loucura.

Essa nova experiência vivida pelas personagens do *Orlando Furioso*, segundo Ghirardi (Op. cit., p. 20), revela uma mudança de significados, pois Orlando e seus companheiros deixam de ser figuras fechadas, somente interpretáveis pela sensatez do sistema de pensamento medieval, e passam a ser figuras abertas ao diálogo, apresentando, assim, a loucura como possibilidade inerente à condição humana.

Giuseppe Petrônio, em sua obra *Historia de La Literatura Italiana* (1993, p. 273), aponta que a conturbada história da Itália, em especial a do tempo de Ariosto – englobando de modo particular as empresas e os reveses dos governantes de Ferrara – é tema constantemente abordado no poema *Orlando Furioso*, podendo-se determinar dois planos

temporais na narração: o tempo da fábula cavaleiresca e o tempo da história político-militar italiana.

O *Orlando Furioso* exprime uma certa nostalgia por esse mundo perdido (tempo da fábula cavaleiresca), quando, por exemplo, condena as armas de fogo (PERIQUITO, p. 23), ou quando, no final do Canto IX (PERIQUITO, p. 23), Orlando destrói e atira em alto-mar o arcabuz e respectivas munições, revelando-nos que um disparo de espingarda não vale nada se comparado aos belos golpes de espada e à lança de um cavaleiro que luta pelo seu senhor, pela sua dama, pela sua religião, pelos oprimidos, ou apenas para obter a glória.

Michel Pastoureau (Op. cit., 42) apresenta a cavalaria como instituição que se implantou no sistema feudal por volta do ano 1000 e uma definição de cavaleiro como todo homem de armas que se submete aos ritos de iniciação específica: a sagração do cavaleiro. Contudo, para ser cavaleiro não basta ter sido ordenado, deve-se também obedecer a certas regras e, sobretudo, seguir um modo de vida particular. E evidencia que os cavaleiros não formam uma classe jurídica, mas uma categoria social que reúne especialistas em combate de cavalaria - o único eficaz até o final do século XIII - e que dispõe dos meios de levar essa existência à parte, que é a vida do cavaleiro.

Para os estudiosos sobre a cultura Renascentista: Burke (1999) e Pastoureau (1989), as obras desta época procuravam contar as aventuras dos cavaleiros, criando uma visão aristocrática do mundo e da sociedade para os demais grupos. Tais obras, além de servirem de modelo para os leitores da época, impondo uma certa “maneira de viver”, também proporcionavam uma visão sutil da sociedade em que viviam.

A cavalaria não perde a significação em Ariosto, pois, de acordo com Ghirardi (Op. cit., p. 21), ela deixa de ter um sentido restrito, passando a ter um sentido universal: uma fonte criadora de um mundo mítico, que se torna chave para o conhecimento humano. Sendo assim, Ariosto consegue escapar da tentação de reduzir a poesia à celebração de acontecimentos ou valores exaltados pelos padrões de seu momento histórico.

As reflexões de Ghirardi (2004) e Periquito (2007), tradutores e estudiosos do *Orlando Furioso*, afirmam que Ariosto retoma as personagens e as aventuras no momento exato em que Boiardo as deixara; no entanto, dando-lhes um novo movimento que revelou muito mais fluidez e elegância.

Já para José da Costa Miranda (2001, p. 15), no artigo *Camões de visita aos poetas épico-cavaleirescos italianos renascentistas*, a crença de que a história de *Orlando Furioso* se assentava na continuação do *Orlando Enamorado* de Boiardo, como romance de cavalaria, deve ser repensada, pois, mesmo que a escrita do *Orlando Furioso* inicie com a derrota do Duque Namo na guerra de Charlemagne, assunto interrompido no capítulo IX do livro III de *Orlando Enamorado* de Boiardo, não garante que haja seguido, em realidade, o pensamento inicial. De acordo com José Miranda, Ariosto desenvolve, com o *Furioso*, um sentido que talvez não estivesse previsto no *Enamorado*. A denúncia de certas manifestações de loucura coletiva, às quais a corte não deixaria de ser sensível, de se sentir, talvez, beliscada.

Os estudos comparativos entre os dois *Orlandos* (*Enamorado* e *Furioso*) realizado por Miranda (Op.cit., p. 5), apontam diferença, que não se pode negar, no problema de denúncia crucial da loucura como elemento central dos poemas.

Em o *Enamorado*, a novidade reside no fato de a paixão amorosa, com todas as suas consequências nocivas se apoderar de Orlando que, impotente perante as artimanhas da voluptuosa e sedutora Angélica, deixa-se envolver nas teias de um invencível amor que lhe rouba toda a serenidade e o deixa incapaz de continuar à frente dos exércitos cristãos como seu chefe modelar e paladino. O Amor era mais poderoso que a constância de ânimo e, no caso, que o juramento de fidelidade feito à fé cristã.

Já em o *Furioso* (sem qualquer esquema de desenvolvimento a ser seguido), Ariosto encaminhou-se, num primeiro tempo, para se alcandorar a uma situação de agreste aproveitamento da desequilibrada mente de Orlando.

Nos primeiros versos da terceira edição do *Orlando Furioso*, percebe-se que Ariosto se propõe a revelar o que ainda ninguém revelou, isto é, mostrar alguém que sempre foi tido por sensato, mas que agora fora dominado pela loucura: “*Direi de Orlando*”, *simultaneamente, O que nunca foi dito em prosa ou rima: por amor ficou furioso e demente...*” (PERIQUITO, p. 40)

A demência, de acordo com Ghirardi (Op. cit., 21), como tema central, está presente desde o título da obra até o quadragésimo sexto canto; todavia, é no vigésimo terceiro canto que Ariosto apresenta ao leitor o enlouquecimento de Orlando. No artigo publicado na

revista *Estudos Italianos em Portugal*, Margarida Periquito faz uma descrição poetizada do canto XXIII:

Orlando vagueia dois dias ao acaso por bosques cerrados em busca de Mandricardo, a fim de terminar um duelo interrompido. A busca é vã, e, nas suas deambulações, Orlando subitamente encontra-se num lugar aprazível, em que a erva tenra cresce junto a um riacho de águas cristalinas, onde há pastores e rebanhos e, sob um monte, uma gruta. Decide deter-se e repousar. Porém, passeando o olhar em volta, apercebe-se de que nas árvores há palavras, nomes e monogramas gravados. Um olhar mais apurado revela-lhe a caligrafia de Angélica, que bem conhece. Mas logo procura explicações aleatórias para aquilo que tem diante dos olhos, e que se recusa a aceitar. Tenta por todos os modos alterar a realidade e enganar-se a si próprio. Chega por fim perto da gruta e desmonta. Era aquele o lugar onde Angélica e Medoro se abrigavam e se amavam nas horas mais quentes do dia, encontrando-se coberto de inscrições, tanto no interior quanto no exterior. (PERIQUITO, 2008, P. 15)

Para Margarida Periquito (2007, p. 13), as novidades, que *Orlando Furioso* trazia em relação ao *Enamorado*, não estariam somente co-relacionadas com as personagens, mas também com uma preocupação em burilar a linguagem, pois seu antecessor (Boiardo) apresentava uma linguagem áspera, rude e pouco maleável.

O aspecto formal do poema apresenta um modelo de estrofe chamado oitava rima, o qual possibilita fluidez, musicalidade e um ritmo propulsor, dando à narrativa um movimento incessante. Pedro Ghirardi, ao comentar sobre a estruturação do *Orlando Furioso*, sugere que:

A estrutura formal do poema traduz o equilíbrio alcançado pelo artesão que tem domínio matemático dos recursos métricos e que os sabe tornar inteiramente dóceis à expressão das exuberantes imagens da fantasia. É na construção primorosa do verso e da estrofe que começa o diálogo entre razão e loucura. (Op. cit., p. 25)

Para Ghirardi (2004) e Periquito (2007), a versificação do poema é estruturada em torno dos decassílabos (hendecassílabos para os italianos), entre os quais se costumam distinguir os de acentuação dupla ou heróicos, e os de acentuação tripla ou sáficos; porém, pode-se encontrar um verso de acentuação tripla, chamado de anapésico, que apresenta

acentos na sétima sílaba, diferenciando-se do sáfico, que apresenta na oitava.

A utilização do decassílabo anapésico em *Orlando Furioso* confere aos versos uma surpreendente irregularidade, permitindo assim, no plano métrico, a permanência do tema central, ou seja, a do constante diálogo entre razão e loucura.

As edições do *Orlando Furioso* são apresentadas como se fossem uma continuidade ou intertextualidade das edições do *Orlando Enamorado*. Essa criação, recriação, ampliação de uma obra em relação à outra podem ser mais amplamente estudadas; no entanto, o que interessa aqui é que a obra se mantém em diferentes edições e projetos editoriais através dos autores distintos durante os séculos, o que sugere a intertextualidade entre eles.

2.4 Orlando Furioso: edições realizadas a após a morte de Ariosto

No período de dez anos, após a morte de Ariosto, na Itália, são feitas quatro edições do *Orlando Furioso*. De acordo com o catálogo informativo da Biblioteca Nazionale Centrale di Roma (<http://www.bncrm.librari.beniculturali.it> – 07/01/2009), em 1535 ocorreu uma edição póstuma do *Orlando Furioso* na casa editorial de Luigi Torti em Veneza, no dia 21 de março, tendo como impressor Aluise Torti. Essa edição fora feita em moldura retangular, apresentando informações biográficas e notas explicativas de Agnelli – Ravegnani.

No início do mês de janeiro do ano de 1536, contendo 246 páginas, ocorre uma nova edição com o acréscimo do retrato de Ariosto, na mesma cidade de Veneza, por Nicolo d' Aristotile, na casa de Niccolo Zoppino. Após três anos, mudando somente a casa editorial, agora de Augustino de Bindoni, 1539, ocorre a reedição do *Orlando Furioso*. A editora de Pedro Nicolini de Sabbio, em 1540, reimprime em Veneza, mantendo as informações e notas de Agnelli -Ravegnani, o *Orlando Furioso*.

Em 1542, a casa editorial de Gabriele Giolito, uma das principais tipografias de Veneza, edita o *Orlando Furioso*, com intervenções (acrécimo e supressão) no movimento textual da edição de 1532. Dolce, autor, editor e tradutor veneziano, inclui, além do retrato

de Ariosto, acrescido na edição de 1536, informações e comentários sobre a vida do autor e de sua obra.

As edições do *Orlando Furioso*, ocorridas após o falecimento de seu respectivo autor, revelam intervenções de seus editores e tradutores não só na organização física (materialidade) da obra, mas também no próprio movimento textual ao acrescentar comentários e notas.



Página de rosto retirada do *Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Proyecto Boscon* (<http://www.ub.edu/boscon> - 28/01/2009)

A edição do *Orlando Furioso* de Gabriele Giolito de 1542, cuja página de rosto foi apresentada anteriormente, segundo María de las Nieves Muñiz⁹, informação obtida na página da internet - projeto Bóscon (<http://www.ub.edu/boscon> - 28/01/2009), será aquela que servirá como ponto de partida para as traduções inglesas, francesas e espanholas.

2.5 - Difusão do *Orlando Furioso*

A obra *Orlando Furioso* inspirou inúmeras outras obras do período quinhentista, segundo Pedro Ghirardi (Op. cit., p. 23), como *La Hermosura de Angélica*, de Lopes de Vega, e *Farie Queene*, de Spenser, com também inúmeros autores como Camões, Cervantes, escritor de novelas de cavalaria, e outros.

No período artístico-literário denominado Barroco, século XVII, o poema de Ariosto serviu de inspiração para muitas óperas, entre as quais *Orlando Furioso* de Antonio Vivaldi; e *Alcina*, *Ariodante* e *Orlando* de Handel.

As traduções do *Orlando Furioso* para o Inglês, Francês, Espanhol e Português, que serão apresentadas, são aquelas que, no decorrer do tempo, tiveram na sua organização editorial intervenções significativas tanto no aspecto físico (materialidade) quanto na temática ou, ainda, se foram consideradas como úteis para um escritor no processo de tradução de um idioma para o outro.

9- María de las Nieves Muñiz é professora da Universidade de Barcelona e idealizadora do projeto Bóscon que tem como objetivo a catalogação e sistematização das obras italianas que circularam pela Espanha na Renascença.

2.5.1 França

Pedro Ghirardi (Op. cit., p. 27), ao comentar a difusão do *Orlando Furioso* pelo território europeu, afirma que em 1543, dez anos depois da morte de Ariosto, aparecia uma tradução francesa anônima.

Em relação à tradução francesa anônima, a informação mais próxima até agora, que temos, conforme pesquisa no catálogo da Bibliothèque Nationale de France (<http://www.bnf.fr> – 07/01/2009), é de uma versão realizada pela editora Lyon, em 1582, em verso, tendo como tradutor Estienne Michel.

Durante o século XIX, houve várias traduções importantes para a língua francesa, conforme catálogo da Bibliothèque Nationale de France (07/01/2009). Por volta de 1815, em Avignone – Paris, ocorre a versão do impressor Fr. Seguin Ainé; Em 1822, também em Paris, a versão da editora Nepveu. Essa edição, traduzida pelo conde de Tressan, apresentava notas, resumos e uma mesa decorada com gravuras, após os desenhos do deputado Colin.

Na cidade parisiense, no ano de 1834, ocorre a tradução do Barão Frenilly, pela casa impressora de Michaud. Essa foi acompanhada de uma visão geral da poesia italiana e um trecho do *Orlando Enamorado* de Boiardo.

No ano de 1839, em Paris, o escritor e tradutor Mazuy verte o *Orlando Furioso* para o francês, acrescentando a biografia de Ariosto. Em 1844, na mesma cidade, Madelaine verte o *Orlando* para o idioma francês a partir do original italiano, impresso pela editora de Giolito no ano de 1542.

Em 1849, cinco anos depois, a editora Charpentier, na cidade parisiense, publica o poema de Ariosto com tradução de Pankouche. A tradução de Desseteaux, pela editora M. Lévy Frères, na mesma cidade, ocorre no ano de 1865. Depois de aproximadamente dez anos, 1876, a editora Garnier verterá o *Orlando* de Ariosto para o Francês com introdução e notas de Hippeau. Essa edição francesa é a mais próxima da edição do *Orlando Furioso* existente no CEDAE, a qual foi editada em 1895 em Portugal pela Companhia Editora Nacional de Lisboa e traduzida por Xavier da Cunha.

2.5.2 Inglaterra

No final do século XVI, conforme Ghirardi (Op. cit., p. 27), era publicada a tradução inglesa de John Harington, impressa por Richard Field para John Norton Simon Waterson em 1591.

A página de rosto, que pertence à edição inglesa de 1607, apresenta, ao lado do título *Orlando Furioso*, os seguintes dizeres: versão heróica de John Haryngton, político e escritor da corte britânica e, logo abaixo, o retrato de Haryngton feito por W. Rogers.

A partir dessa tradução de John Haryngton, outros tradutores, ingleses, até mesmo na contemporaneidade, reeditaram o *Orlando Furioso*.



Title-page of "Orlando Furioso," with portrait of Haryngton, by W. Rogers

Página de rosto retirada do *Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Projeto Boscon* (<http://www.ub.edu/boscan> - 28/01/2009)

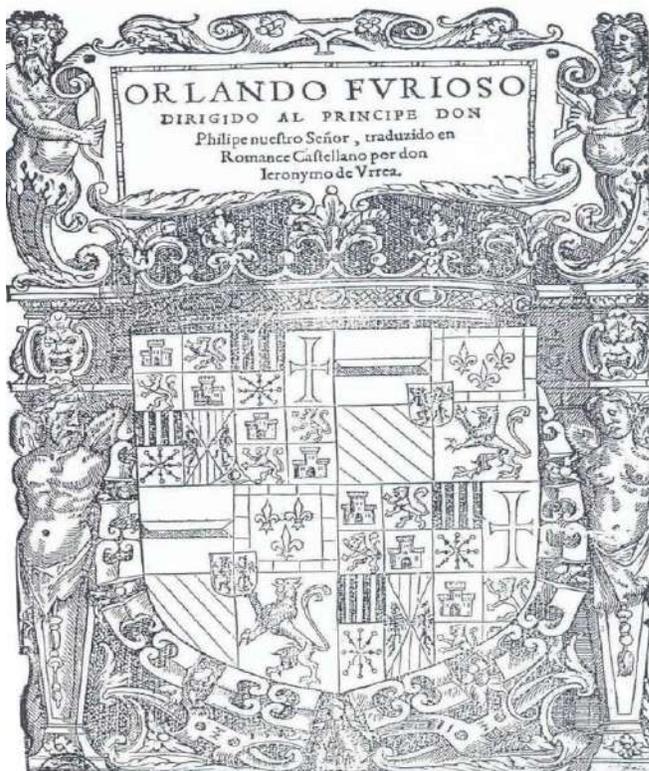
2.5.3 Península Ibérica – Espanha

O escritor, poeta e tradutor espanhol Jerónimo de Urrea, ao verter o *Orlando Furioso* para o castelhano, semelhante a Ludovico Dolce, na edição de Giolito, apresenta intervenções no campo semântico e estrutural, de acordo com informação obtida no projeto Bóscon (<http://www.ub.edu/boscan> - 28/01/2009).

Pedro Ghirardi (Op. cit., p. 27) comenta que essa tradução de Jerónimo de Urrea, além de contribuir para consagrar na Península Ibérica as oitavas de Ariosto, como metro épico, tornou muito conhecidos diversos episódios do *Orlando Furioso*.

A história editorial do *Orlando Furioso* de Urrea será apresentada, pelas páginas de rosto, como resultado das múltiplas impressões realizadas no decorrer do século XVI.

Segundo Muñiz (op. cit., p. 9), a primeira impressão do *Orlando Furioso* saiu em 25 de agosto de 1549, na cidade de Amberes, pelo impressor Martin Nucio, um editor atento às traduções de obras italianas.



Página de rosto retirada do *Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Proyecto Boscon* (<http://www.ub.edu/boscan> - 28/01/2009)

As edições castelhanas apresentadas a seguir foram impressas por diferentes casas editoriais, de acordo com o projeto Bóscon (<http://www.ub.edu/boscan> - 28/01/2009), no entanto, tiveram como texto para impressão a tradução de Jerónimo de Urrea de 1549, ora na sua íntegra, ora com algumas modificações. E todas as edições foram dedicadas ao príncipe Dom Philippe, rei da Espanha.

A composição das páginas de rosto do *Orlando Furioso*, em língua castelhana, no século XVI, apresenta, respectivamente, o título da obra, depois a quem ela foi dedicada e por último quem a editou. Na sua feitura, podem-se ver ilustrações que, necessariamente, não estão relacionadas com o enredo.

De acordo com Roger Chartier (1994 p. 55), em sua obra *A ordem dos livros: leitores, autores, e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, capítulo três, as diversas e diferentes edições de uma obra, durante o século XVI, trazem semelhanças no formato editorial.

Em 1550, na cidade de Lyon, a casa editorial de Mathias Bonhomme, Guillaume Roville imprime novamente o *Orlando Furioso* com algumas modificações destinadas a atrair o público: novas xilogravuras, inspiradas livremente na edição de Giolito, serão feitas para ilustrar o texto. Os cantos II e III se dividem para terem uma equivalência com os 46 do original. As interpretações morais de Lodovico Dolce, tradutor italiano, apresentadas na introdução da edição italiana de 1549 foram antepostas a cada canto.



Página de rosto retirada do *Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Proyecto Boscon* (<http://www.ub.edu/boscan> - 28/01/2009)

Em 1553, o impressor Giolito, com a ajuda do editor espanhol Afonso de Ulloa, apresenta ao público italiano, que mora na Espanha, uma reedição do *Orlando Furioso*, de Jerónimo de Urrea, de 1549, com os argumentos de moralidade, incluindo um vocabulário bilíngue de 32 páginas e uma regra de fonética castelhana para o leitor interessado em aprender o espanhol.

ORLANDO FVRIOSO DE M
LVDOVICO ARIOSTO, DIRIGIDO
A L PRINCFPE DON PHILIPPHE N. S.
TRADVZIDO EN ROMANCE CASTELLANO
por el S. Don Hieronimo de Vvrea, y nueuamente impresso y con di-
ligentia corregido, e adornaado de uarias figuras e comentarios
argumentos y alegorias en cada uno de los cantos muy
utilidad, e con las mismas cosas, que está
en el Thoscano ydioma.
ASSIMISMO SE HA AÑADIDO VNA BREVE INTRODVCIÓN PARA
faber e pronunciar la lengua Castellana, con vna exposicion en la Thoscana de
todos los vocablos difficultosos contenidos en el presente libro: con
la tabla general de las cosas mas notables de que trata la obra.
Hecho todo por el S. Alonzo de Vvlea.

CON GRATIA Y PRIVILEGIO.

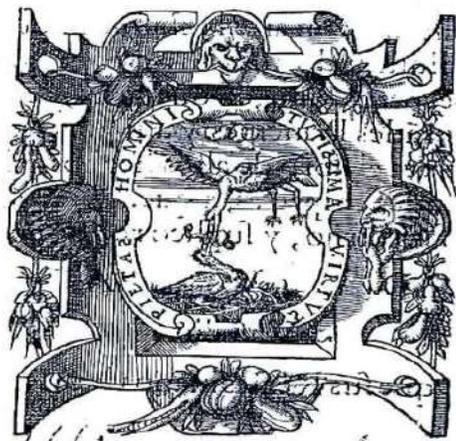


Página de rosto retirada do *Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Projeto Boscon* (<http://www.ub.edu/boscon> - 28/01/2009)

A edição de Lyon de 1550, não só ignorou as erratas declaradas na de 1549, como acrescentou outras. Esses mesmos descuidos, sucessivamente, ocorreram na de Amberes, 1554, e na de Salamanca, 1578.

Orlando Furioso dirigido
AL PRINCIPE DON PHILIPPE nuestro Señor, traducido en
Romance Castellano por don
Ieronimo de Vrrea.

*Corregido segunda vez
por el mismo.*



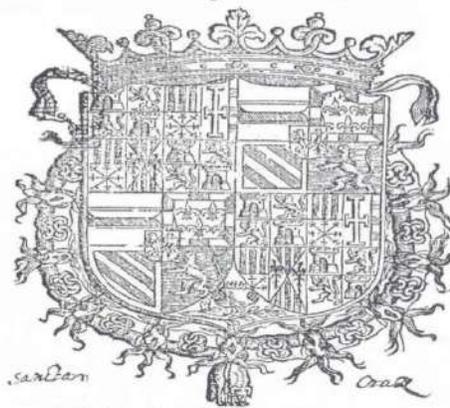
EN ANVERS. *La broff*
En casa de Martín Nucio. Año de
M. D. LIIII.

Página de rosto, edição de Amberes de 1554, retirada do Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Projeto Boscon (<http://www.ub.edu/boscan> - 28/01/2009)

ORLANDO
FURIOSO DE
M. L. VDOVICO
ARIOSTO,

*Traduzido de lengua Italiana, en romance Castellano, por
Don Hieronymo de Vrrea:*

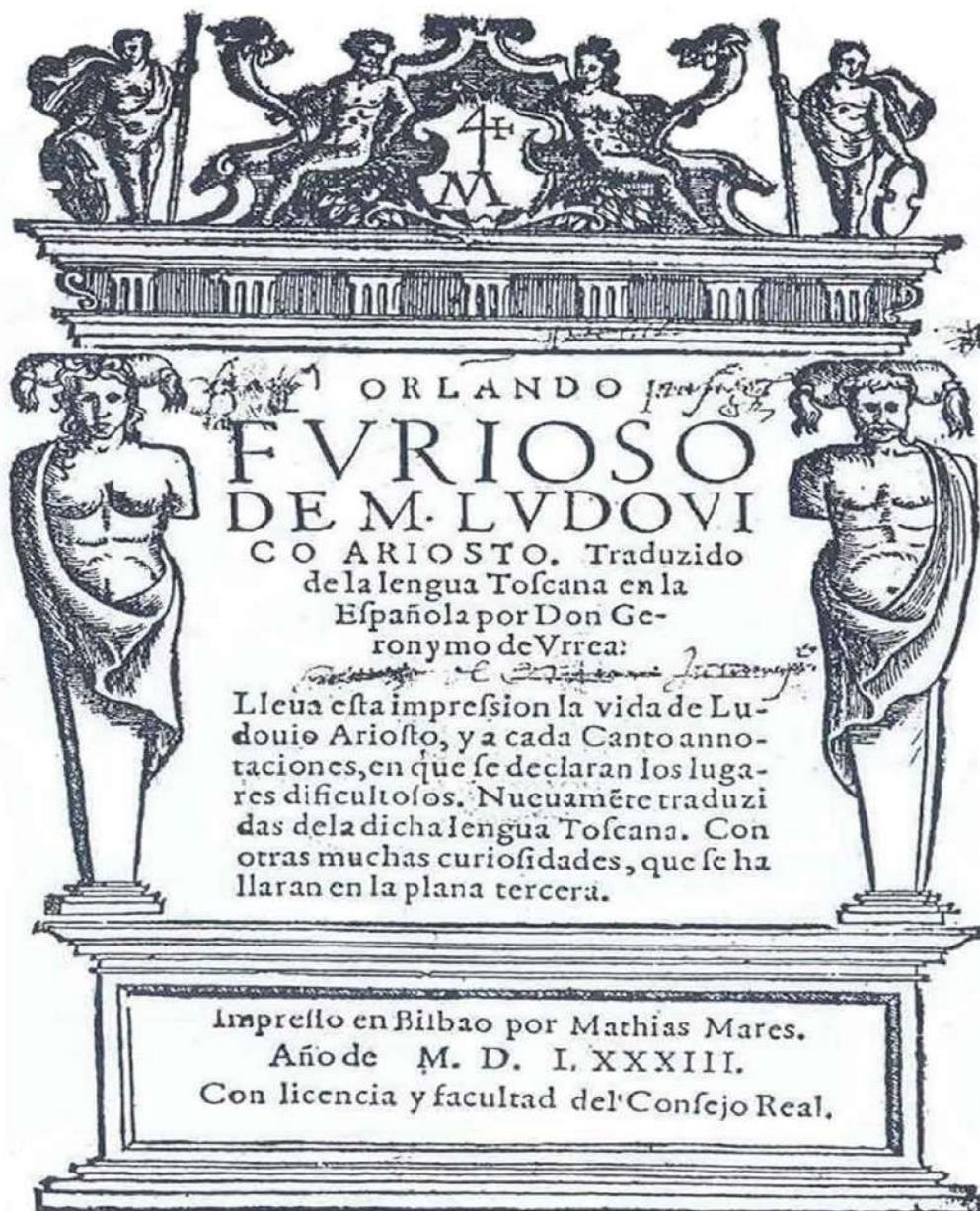
Enmendado de muchos errores y cotejado
con el original Toscano.



EN SALAMANCA.
En casa de Alonso de Terranova, y Neyla.
M. D. LXXVIII.

Página de rosto, edição de Salamanca de 1578, retirada do Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939): Projeto Boscon (<http://www.ub.edu/boscan> - 28/01/2009)

Em 1583, Guillerme Milis edita, na cidade de Bilbao, uma tradução espanhola do *Orlando Furioso*, a partir de uma versão em língua toscana. Nessa tradução, o editor também apresenta as intervenções de diferentes autores, entre eles: Lodovico Dolce, Pigna e Fausto da Longiano.



Página de rosto retirada do *Catálogo de las traducciones españolas de obras italianas (hasta 1939)*: Projeto Boscon (<http://www.ub.edu/boscon> - 28/01/2009)

Conforme informação presente no projeto Bóscon

La versión de Urrea no fue sólo la indiscutible vía de acceso al poema de Ariosto en España, sino un producto naturalizado en su cultura durante buena parte del Siglo de Oro. De su rápida conversión en “vulgata” da idea el saqueo a que fue sometida por los autores de romances y de glosas, que le hurtaron estancias enteras, las resumieron y parafrasearon, o mezclaron el plagio y la invención con traducciones de (prueba ulterior de la subordinación del original a la copia incluso entre lectores que tenían a su alcance la fuente primaria). (<http://www.ub.edu/boscan> - 28/01/2009)

No ano de 1878, houve uma edição importante do *Orlando Furioso* pela editora Ilustracion. Essa edição, traduzida pelo poeta espanhol, Dom Francisco J. Orellana, teve como ilustrador o famoso pintor Gustave Doré. Essas ilustrações (pinturas) são importantes, pois elas estarão presentes no Orlando traduzido pelo Xavier da Cunha em 1895.

A tradução do Orlando Furioso feita por Dom Francisco J. Orellana é a primeira a receber ilustrações (pintura). As traduções do Orlando Furioso, antes, eram compostas pelo processo técnico denominado xilogravuras¹⁰.

Abaixo, reprodução da capa de rosto do *Orlando Furioso* de Francisco J. Orellana, primeira obra a conter as ilustrações de Doré dentro e fora do texto.

10- A xilogravura é um processo de gravação em relevo, iniciado no século XVI, que utiliza a madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado.

L. ARIOSTO

ORLANDO FURIOSO

POEMA HEROICO

TRADUZIU POR

DON FRANCISCO J. ORELLANA

E ILUSTRADO POR

GUSTAVO DORE



Página de rosto da obra Orlando Furioso editora Ilustracion 1883 Barcelona presente na Biblioteca Miguel Cervantes

2.5.4 Portugal

Pedro Ghirardi (Op. cit., p.36) revela que os portugueses do século XVI e até meados do XIX leram o *Orlando Furioso*, não somente por meio da tradução de Jerónimo de Urrea (1549), mas também por outras castelhanas, como a de Augusto de Burgos (Barcelona, 1846), em silvas, e a de Vicente de Medina y Hernández, em oitavas¹¹ (Barcelona, 1878). Ou no italiano e, até mesmo, por intermédio da tradução francesa.

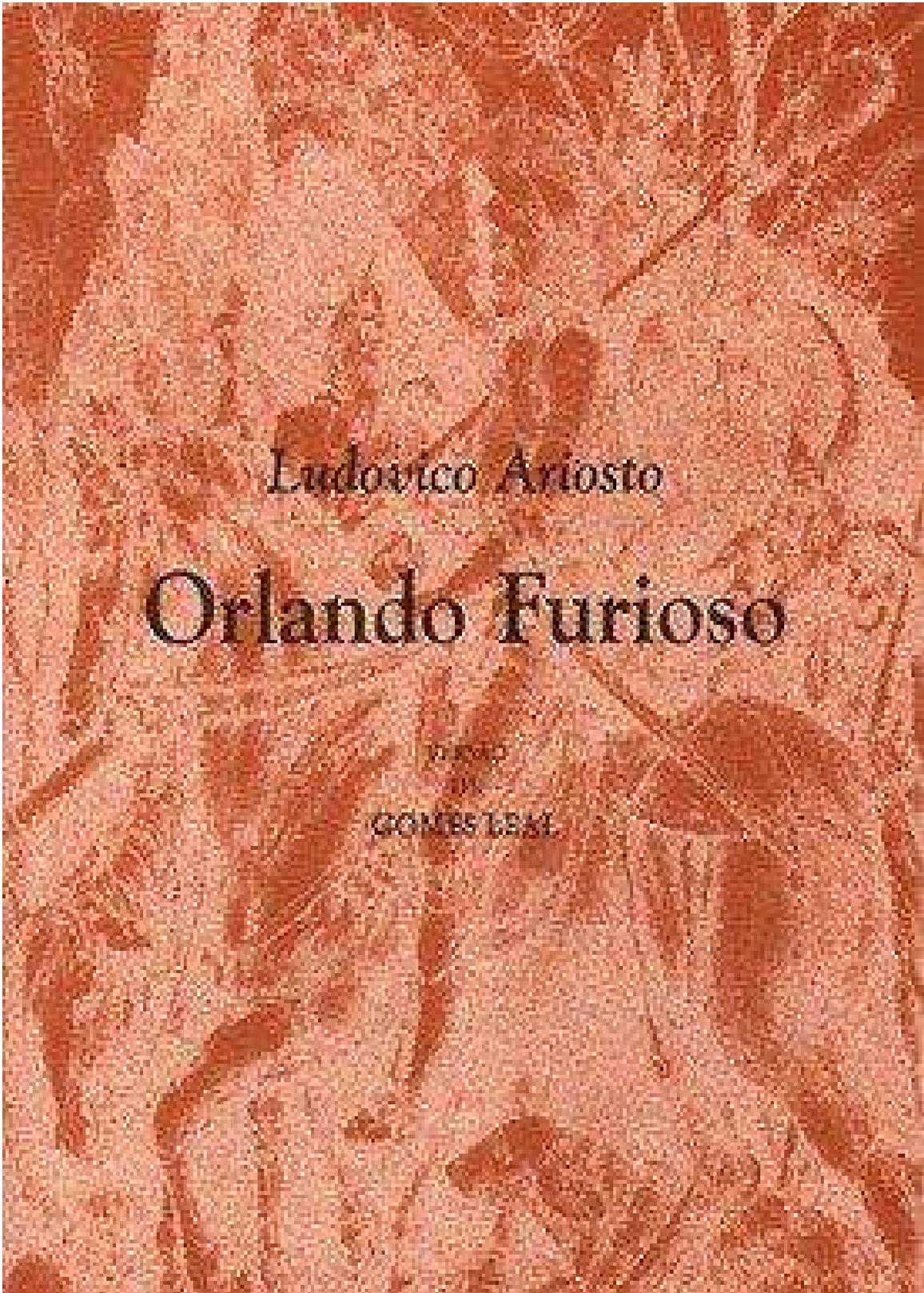
Todas as traduções portuguesas do *Orlando Furioso* são do século XIX, algumas das quais hoje perdidas. Em 1844, João Vieira Caldas verte o *Orlando* de Ariosto para a Língua Portuguesa, produzindo uma versão em versos livres¹² (GHIRARDI, 2004, p. 41).

Margarida Periquito (op. cit., p. 26) aponta que, em 1889, Gomes Leal, poeta, jornalista e escritor da obra *Claridade do Sul*, publica pela editora Bertrand uma versão em língua portuguesa do Canto I do *Orlando Furioso*, a partir de uma versão francesa da época¹³.

11-Como o nome já sugere, a oitava é composta de oito versos, ou oito linhas ou duas quadras. Em relação ao *Orlando Furioso* de Vicente de Medina y Hernández temos um modelo de oitavas que seguem o padrão clássico (estrofes com oito versos cada uma. E os versos são decassílabos.

12- versos livres não possuem restrição métrica nem em rima ou nas estrofes. São versos introduzidos pelo modernismo e não se baseiam em critérios predefinidos, mas em decisões que o poeta toma intuitivamente ou em normas por ele criadas.

13- As edições francesas, realizadas durante o século XIX, apresentadas anteriormente, sugerem uma possibilidade do *Orlando Furioso* de Gomes de Leal ter sido traduzido a partir de uma delas.



catálogo da editora Frenesi (07/01/2009)

Somente em 1895 (PERIQUITO, Op. cit., p. 26) é que o *Orlando Furioso* foi publicado no espaço lusitano na íntegra, tendo como tradutor Xavier da Cunha, importante escritor de obras clássicas, como por exemplo, a de Júlio Verne (1828-1905).

Xavier da Cunha, ao verter o poema épico *Orlando Furioso* para o idioma português, foi o primeiro a transformar a composição poética de Ariosto em um texto narrativo. Os outros tradutores também produziram intervenções; no entanto, mantiveram-no no estilo estrutural poético (oitavas, versos livres e silvas).

De acordo com Ghiardi (Op. cit., 43) a tradução em prosa do *Orlando* retira o diálogo entre a razão (a estrutura formal - poema composto em oitavas -) e a loucura vivida pelas personagens (temática do poema).

Com o propósito de exemplificar as afirmações de Ghiardi será transcrita uma cena do *Orlando Furioso* que retrata o episódio da batalha de Paris, do canto XIV. É a cena em que os mouros erguem escadas, tentando tomar de assalto a cidade, onde se concentram as tropas de Carlos Magno. No esforço de escalar as muralhas, os guerreiros se amontoam a cada degrau, incitados pelo rei de Argel, o feroz Rodomante, que nem ao poder divino se curva.

Em italiano:

*Sono appoggiate a un tempo Mille scale,
Che non han men di dua per ogni grado.
Spinge il second quell ch' innanzisale;
Che 'l terzo lui ontar fa suo mal grado.
Chi per virtù, chi per paura vale;
Convien ch' ognun per forza entri nel guado;
Che qualunque s' adagi, Il re d' Algieri,
Rodomonte crudele, uccide o fere.
Ognun dunque si sforza di salire
Tra Il fuoco e Le ruine in su Le mura.
Ma tutti gli altri guardano, se aprire
Veggiano passo ove sai poça cura:
Sol Rodomonte sprezza di venire,*

*Se non dove La via meno è sicura.
Dove nel caso disperato e rio
Gli altri fan voti, egli bestemmia Dio*¹⁴

Em Xavier da Cunha:
*Num dado momento encostam os Mouros às muralhas não menos de mil escadas,
em cada degrau das quais há simultaneamente lugar para dois homens.*

*Os que marcham na dianteira vão sendo empurrados pelos que seguem na
retaguarda. Ali não há que hesitar: quer seja a coragem que os anima, quer seja o medo
que os obriga, forçoso lhes é afrontarem o perigo, sob pena de ali mesmo os ferir ou matar
a própria mão do rei de Argel, a mão do feroz Rodomante.*

*Trepar ao alto das muralhas, passando incólume por entre o fogo e os destroços, é
a mira dos assaltantes.*

*Com essa mira, sorri-lhes a idéia de verem se por algum ponto mais acessível ou
menos defendido poderão realizar o assalto naquela perigosa ascensão.*

*Rodomante é o único a estabelecer exceção neste sentimento geral. Empresa que
não seja arriscadíssima, só lhe inspira desdém. Em casos de aperto e desespero, quando
todos os outros imploram a proteção divina, Rodomonte blasfema o nome de Deus!*

A análise de Pedro Ghirardi (Op. cit., p.43) permite observar que Ariosto não diz que nos degraus da escada “há simultaneamente lugar para dois homens”. O que diz, isto sim, é que em cada degrau estão dois homens, ou até mais “*Che non há men di dua per ogni grado*”. Assim, a tradução cria outra imagem diferente da original, apresentando degraus amplos onde Ariosto nos faz ver aglomeração. Xavier cria nesse trecho, uma outra possibilidade de leitura.

14- O exemplo apresentado em italiano foi retirado da edição de *Orlando Furioso* publicada em Milão no ano de 1954.

O descuido da métrica original, de acordo com Ghirardi (Op. cit., p. 45), acaba sempre por prejudicar o próprio conteúdo de informações. No trecho citado, o esquema de rimas traduz o diálogo entre razão e loucura ao alternar rimas pobres e ricas.

José Paulo Paes (2005, p.13) em seu artigo *O tradutor e a formação do leitor de poesia* orienta que a tradução deve deixar transparecer, sem prejuízo de sua vernaculidade, um certo grau de estranheza que dê a perceber a condição estrangeira do original. Nesse sentido é sempre recomendável que as traduções sejam publicadas em edições bilíngues.

Se o poema *Orlando Furioso* apresenta um conteúdo de informações que devem ser preservadas, é preciso lembrar que também se devem preservar as informações relacionadas ao trabalho artístico.

A tradução de Xavier da Cunha de 1895 circulou durante todo o século XX ao lado das espanholas e francesas. As versões italianas desde o século XVI também circularam em Portugal.

Somente no ano de 2007, ocorre uma tradução, seguindo uma estruturação formal que diferenciase da de Xavier da Cunha, em verso do *Orlando Furioso* de Ariosto com introdução, notas e resumo de Margarida Periquito, professora, intérprete e tradutora. A obra foi editada pela editora portuguesa Cavalo de Ferro.

Na capa não há nenhuma referência ao nome da tradutora, e do ilustrador Gustave Doré¹⁵. Apresenta, somente, o nome da obra *Orlando Furioso* e de seu escritor Ludovico Ariosto. A primeira edição saiu em novembro de 2007, tendo 752 páginas e aproximadamente 450 ilustrações de Doré.

A cena que ilustra a capa é a passagem do canto XXXIV, isto é, a viagem de Astolfo indo à Lua com São João Evangelista. Margarida Periquito (2007), em sua análise, comenta que essa viagem interplanetária tem como objetivo recuperar o juízo de Orlando, pois na Lua encontram-se tudo quanto os homens perdem na Terra.

15-A capa do *Orlando Furioso* de Margarida Periquito, diferencia-se da capa de Xavier da Cunha, publicada no ano de 1895, pois a de Cunha traz em evidência o nome do Ilustrador Gustave Doré, a do tradutor e indica o gênero literário ao qual a obra pertence.

Entre uma imensa parafernália de coisas perdidas pelos homens ao longo dos séculos, Astolfo encontra a ampola que contém o siso do paladino; e, de passagem, cai-lhe sob o olhar uma ampola com o seu nome, que contém uma parte do seu juízo que ele nunca se apercebera de ter perdido.

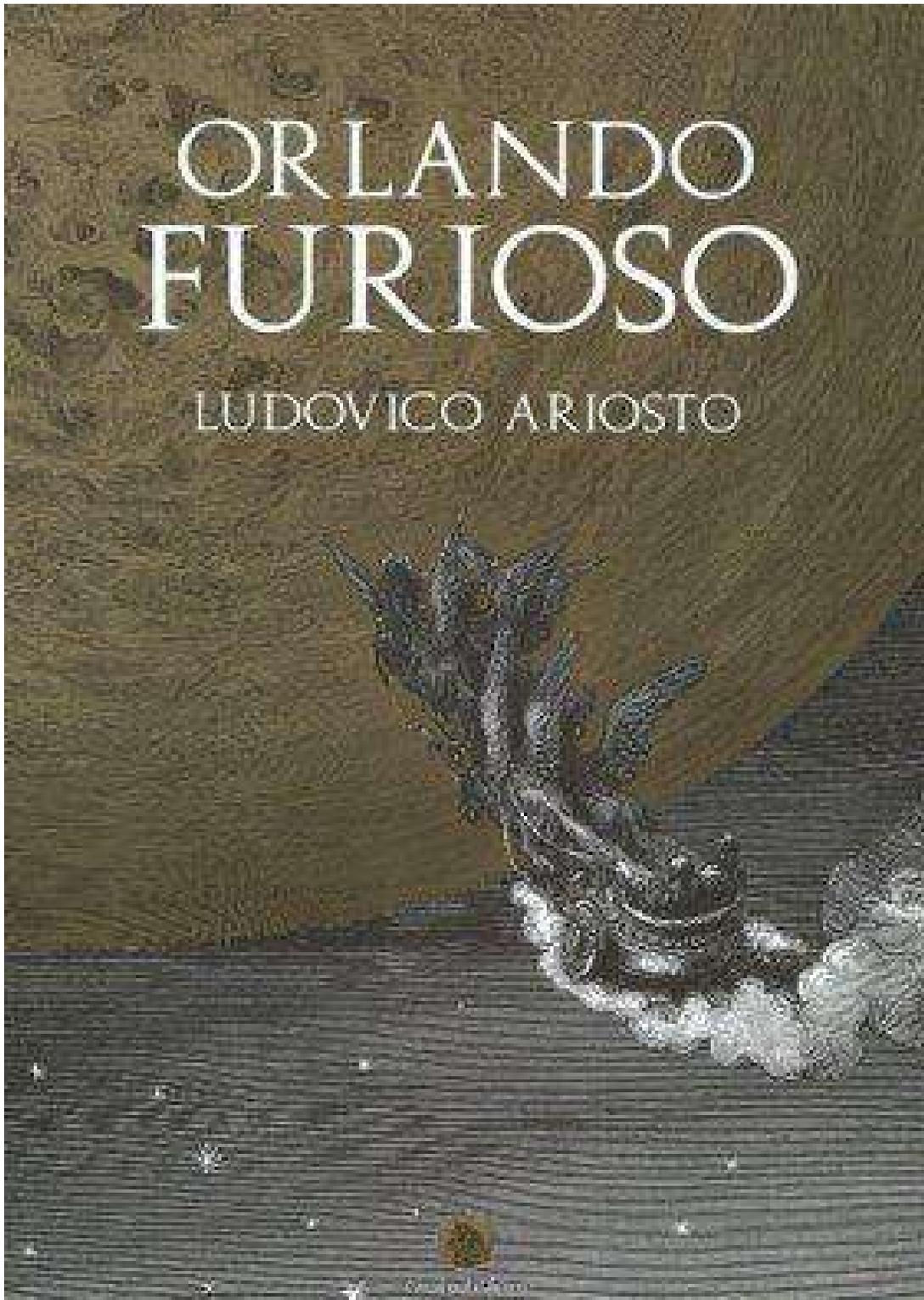
Isabel de Almeida, em seu artigo publicado pela revista *Estudos Italianos em Portugal*, ao referir-se à tradução de Margarida Periquito, comenta que nenhum leitor luso poderá alegar que não domina o italiano para fugir à leitura do romance ferrarês (Ludovico Ariosto):

Gostaria que a edição fosse bilíngüe, facilitando a comparação imediata do italiano e da versão portuguesa, que, com todo o seu esmero, não o substitui... Margarida Periquito que nos oferece, em moldes formais análogos aos que Ariosto abraçou, uma transposição e, com ela, uma interpretação de *Orlando Furioso*; e assim chegaremos ao canto de Ariosto, rei de um xadrez que a edição portuguesa de 2007 nos incita a jogar. (ALMEIDA, 2008, p. 34)

Cada tradução traz consigo a marca do tempo e da História, ou seja, mudanças (temáticas, formais e de suporte de apresentação da obra) provocadas pelo tradutor, editor, ilustrador na intenção de atualizá-la aos olhos de um outro leitor.

ORLANDO FURIOSO

LUDOVICO ARIOSTO



(www.cavalodeferro.com.br – 07/01/2009)

2.5.5 - Brasil

Não teria essa obra (*Orlando Furioso*) circulado no Brasil pelos caminhos oficiais? Em português? A obra *Os Caminhos dos livros*, de Márcia Abreu (2003), que procura estudar a circulação dos livros no Brasil - colônia entre 1769 e 1826, como atividade regulada pelos censores, aos quais competiam conceder licença para o envio de livros de Portugal para a colônia, não faz nenhuma menção ao *Orlando*, de Ariosto.

Pedro Ghirardi (2004) em suas reflexões sobre a presença do *Orlando Furioso* no Brasil informa que, durante o período colonial, o escritor Ariosto foi recebido pelos leitores como autor de sátiras e de poema épico.

A obra *Orlando Furioso* é citada na literatura brasileira como uma inspiradora de outras. Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, em seu livro *Capítulos de literatura Colonial* (1991, p. 109) aponta a personagem Olímpia do *Orlando Furioso* como uma das inspiradoras da Moema de Santa Rita Durão¹⁶.

De acordo com Pedro Ghirardi (2004), a obra *Orlando Furioso*, durante o período colonial, circulou em língua francesa e italiana.

Artur Motta, em sua obra *História da literatura brasileira* (1930), revela que, durante o século XVIII, houve uma tradução de Ariosto feita por Miguel Eugênio da Silva Mascarenhas, poeta mineiro, participante da inconfidência mineira, porém não esclarece se a tradução seria do *Orlando*, ou das sátiras e nem se foi feita em verso.

Silvestre Pinheiro Ferreira, em sua obra *Preleções Filosóficas* (1970), apresenta Ariosto na lista dos poetas do século XIX, cuja leitura é indispensável a todo homem do século XIX, que quer formar o gosto sobre os diferentes gêneros da poesia.

16- Frei Santa Rita Durão é escritor brasileiro do século XVIII. Um dos seguidores do estilo clássico camoniano. Escreveu em 1781 o poema épico Caramuru. O poema relata o amor da índia Moema e do branco conquistador Diogo Álvares Correia.

As indagações de Margarida Periquito (Op. cit., p. 22) sobre a circulação do *Orlando* durante o século XIX, no Brasil, indicam que as primeiras traduções do *Orlando Furioso* foram a de Salustiano da Silva Alves de Araujo Susano, em prosa, publicada no Rio de Janeiro em 1833; e uma, em oitavas, de alguns episódios soltos, em 1843, feita por Luiz Vicente De – Simoni, incluída numa antologia de poetas italianos.

Pedro Ghirardi (Op. cit., p 38) sugere a possibilidade de haver traços da leitura de Ariosto em alguns romances do século XIX na história da literatura brasileira. Para dar exemplo, aponta a obra *A Luneta Mágica*, de Joaquim Manuel de Macedo, ao comparar a luneta com o anel mágico, utilizado pela personagem Bradamante com o propósito de desmascarar a feiticeira Alcina, que impede a todo custo que as personagens parem para pensar se estão felizes ou não.

O crítico literário Araripe Junior (1848-1911) em seu livro *Obra crítica*, escrita nas últimas décadas do século XIX, faz uma menção ao *Orlando Furioso* ao tentar estabelecer uma relação entre a razão equilibrada do escritor e a loucura poetizada em sua obra:

[...] o gênio do autor do Orlando Furioso uniu e sistematizou tudo isto, realizando um poema sem igual, em que as enargueias, em perfeita continuidade, dilataram-se ao infinito, transformaram-se em todos os sentidos, e como um caleidoscópio, ou como pensamento em toda liberdade cerebral, produziam os mais surpreendentes efeitos, acomodando-se a todas as exigências de uma alma irrequieta. (1958, vol.II, pp. 30-31)

Pedro Ghirardi (Op. cit., p. 39), ao analisar os comentários de Araripe Junior, indica que a maioria das referências de Araripe ao *Orlando Furioso* remonta ao final da década de 1880, ou seja, há alguns anos anteriores à publicação de Xavier da Cunha.

A obra *Dom Casmurro* (1899, p. 49), de Machado de Assis, apresenta uma indicação ao poeta Ariosto na passagem em que descreve a imaginária chegada do imperador à casa de D. Glória, onde salva Bentinho de separar-se da amada Capitu. A suposta visita é criação do próprio Bentinho, cuja fantasia chega a vencer a do poeta: “*Não, a imaginação de Ariosto não é mais fértil que as das crianças e dos namorados, nem a visão do impossível precisa mais que de um recanto de ônibus.*”.

Ao comentar a presença do nome de Ariosto na obra *Dom Casmurro*, Pedro Ghirardi (Op. cit., 39) chega a sugerir a possibilidade de Machado de Assis ter lido o *Orlando Furioso* traduzido por Xavier da Cunha, devido à proximidade das duas obras.

Segundo Pedro Ghirardi (Op. cit., p.42), nas primeiras décadas do século XX, houve uma tradução dos seguintes episódios do *Orlando Furioso* “*Angélica e Sacripante*” e “*Cloridano e Medoro*”, feita pelo poeta De-Simoni. Os episódios vêm precedidos de ligeira notícia biográfica do poeta. Essa tradução faz parte de uma coletânea intitulada *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, obra composta por vinte e quatro volumes, publicada pela sociedade Internacional (Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Paris).

E, em 1944, em São Paulo, as Edições Cultura editam o *Orlando* de Xavier da Cunha em dois volumes, num formato de 10 cm por 17 cm, contendo 662 páginas, com notas e apresentação; no entanto, sem as ilustrações de Doré. Essa edição pertence à série *Clássica Universal* – “Os Mestres do Pensamento”.

O escritor e crítico literário, Otto Maria Carpeaux, em 1947, em sua obra *História da Literatura Ocidental*, faz um breve comentário sobre o *Orlando Furioso*, tentando estabelecer uma relação entre a forma como foi escrito e aquilo que ele se propõe a dizer.

No ano de 1980, a editora Tecnoprint publica uma coletânea intitulada *Clássicos Jackson* e nela inclui o episódio do *Orlando Furioso* “*Encontro de Angélica com Sacripante*”, traduzido pelo poeta De-Simoni.

Periquito (Op. cit., p. 23) informa que, em 2002, pela Ateliê Editorial foi publicada no Brasil uma tradução parcial, em rima, do *Orlando*, respeitando a métrica original das oitavas de Ariosto. A tradução de Pedro Garcez Ghirardi, professor de Literatura italiana na Universidade de São Paulo, foi composta pelos oito primeiros cantos e mais alguns episódios soltos (Canto XXXIV (As harpias na Itália – Astolfo na lua), Canto XXXV (Quem roubou o juízo de Ariosto – O outro lado da História), Canto XLIII (A taça dos maridos traídos), Canto XLVI (O navio de Ariosto)). Ghirardi também elaborou as notas e a introdução.

Ludovico Ariosto

ORLANDO FURIOSO



PEDRO GARCIA GILBERTO
Introdução, Tradução e Notas

Letras Ilustradas

Quadrado
Gráfica Editora

Æ

Ateliê Editorial

2º Parte: A obra orlando furioso encontrada no CEDAE

*É neste aspecto que o abraço e a leitura
mais se assemelham: o fato de que
abrem em seu interior tempos e espaços
diferentes do tempo e do espaço mensuráveis.
(CALVINO, 1979, p. 45)*

3 - A trajetória do *Orlando Furioso* de Lobato

Antes de apresentar os aspectos que compõem a materialidade tipográfica (capa, tipo de papel, página de rosto, número de páginas, entre outros) e os vestígios deixados por Monteiro Lobato de forma manuscrita na edição de 1895 de *Orlando Furioso*, traduzida por Xavier da Cunha, realizada pela Companhia Editora Nacional de Lisboa, é relevante debruçar sobre algumas indagações: Qual o caminho percorrido pela obra (*Orlando Furioso*) até ser catalogada como manuscrito literário¹⁷ pelo CEDAE (Centro de Documentação Alexandre Eulálio), ou seja, como ela chegou ao CEDAE?

Carlo Ginzburg, na obra *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, orienta que “*esses detalhes aparentemente marginais e irrelevantes são formas essenciais de acesso a uma determinada realidade e que esses detalhes é que podem dar a chave para redes de significados sociais e psicológicos mais profundos e inacessíveis.*” (2004, p.17).

17-Antônio Cândido em sua obra *Noções de análise histórico-literário* (2005, p. 23) aponta dois tipos de manuscritos: Autógrafo: aquele que é feito de letra de mão pelo próprio escritor e o Apógrafo: aquele que é traslado, isto é, cópia de um escrito original. Em relação ao *Orlando Furioso* de Lobato temos um manuscrito autógrafo, pois Lobato, a lápis, impingiu marcas de modificações (acréscimos, alterações, deslocamentos...)

3.1- Das gavetas e dos armários para as mãos do arquivista

De acordo com nota informativa, presente especificamente no arquivo Monteiro Lobato e na biblioteca Lobatiana, localizada no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE, em maio de 1999, a Dra. Marisa P. Lajolo dirigiu-se ao referido Centro de Documentação para propor a realização de um evento em torno das comemorações dos cinquenta anos da morte do escritor José Bento Monteiro Lobato. Na ocasião, sua orientanda, Cilza Carla Bignotto, aluna de pós-graduação em Teoria Literária do IEL, havia localizado, em Santos, uma coleção de livros, folhetos e periódicos de e sobre Monteiro Lobato, que foi adquirida pelo CEDAE com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP e da Unicamp. Por ocasião da incorporação de tal acervo à Universidade, a presença dos herdeiros de Monteiro Lobato (Sra. Joyce Lobato Campos e Sr. Jorge Kornbluh) à cerimônia permitiu a negociação acerca da transferência também da documentação do escritor, que se encontrava em posse dos seus herdeiros.

Esta negociação chegou a bom termo no final de 2001 (05/12/2001), com a documentação sendo oficialmente incorporada ao CEDAE, órgão vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem, IEL.

O processo de negociação entre Unicamp e os familiares de Monteiro Lobato em relação ao acervo particular do autor de “Urupês” durou quase dois anos. Segundo Flávia Carneiro Leão, supervisora do CEDAE, é um acordo de comodato, com promessa de doação. Uma cláusula do contrato determina que, se em cinco anos os documentos não estiverem organizados, os familiares terão autorização para retomá-los. (Edição nº 33 10/04/2002 – jornal da Unicamp - online 03 de janeiro de 2009); no entanto, há uma promessa de que, se o acordo for cumprido, o restante da herança será doado à Unicamp.

De acordo com Joyce Campos Kornbluh, neta de Monteiro Lobato, a documentação e os pertencentes de Lobato que ficaram ainda em suas mãos são: algumas fotos, a mobília da fazenda Buquira, herdada por Lobato em 1911, algumas aquarelas e alguns livros

Fiquei com seis aquarelas, que me lembram coisas. A de uma torre da igreja de Campos do Jordão, outra que mostra um urubu secando as asas em cima de um telhado. Esta ficou comigo porque houve um episódio em São José dos Campos com meu avô, que me marcou. Fomos ao mercado e ele me comprou uma feira de lambaris – aquela armação de bambu, redonda, onde os peixes ficam espetados. Ele amarrou uma cordinha e eu vim puxando pela terra, como se fosse um carrinho. Nisso fui atacada por um bando de urubus, que queriam meus peixinhos. Meu avô morria de rir, foi realmente uma cena muito engraçada. Os urubus tentavam voar, puxavam de um lado e eu do outro. E não é que eles ganharam? Foi o maior escândalo. Chorei, chorei e ganhei um pedaço de rapadura para chupar. Fiquei também com alguns álbuns e espero que, até a minha morte, um dos herdeiros se interesse em ficar com eles. Até agora, ninguém foi ver. (Edição nº 33 10/04/2002 – jornal da Unicamp - online 03 de janeiro de 2009)

A neta de Monteiro Lobato, em entrevista ao jornal da Unicamp em abril de 2002, conta que toda a documentação transferida para o CEDAE estava em São Paulo, na casa de Maria Pureza Lobato, esposa de Monteiro Lobato. Com a morte da esposa, em 1958, todos os documentos ficaram com a filha mais nova, Ruth Monteiro Lobato, que faleceu em 1972, passando então para Martha Lobato Campos, mãe de Joyce Campos Kornbluh:

“Meu pai chamou o Jorge, meu marido, para dar uma mão, porque ele já estava aposentado. Aí quando acabou a família, porque a família foi acabando, o Jorge, quando tinha um tempinho, ia ajudando. Ele orientava, ele é ótimo em contratos, e eu fui ajudando na parte artística”. (Edição nº 40 - 25/3/2004 – sinpro SP online 06 de outubro de 2008)

Com a morte de Jurandyr Ubirajara Campos, pai de Joyce Campos Kornbluh, toda a documentação que estava em posse dele, da tia e da mãe passaram para ela: *“Era muita coisa. Realmente, eu enfiei num lugar, fechei a porta e nunca mais olhei.”* (Edição nº 33 10/04/2002 – jornal da Unicamp - online 03 de janeiro de 2009). Segundo informações do Jornal da Unicamp, a documentação doada pela família de Lobato em maio de 2001 constitui-se de: Convite de casamento de Monteiro Lobato com Maria Pureza da Natividade, em 28 de março de 1906; Cartas de amor trocadas com Purezinha, como ele chamava a mulher; Carta de Oswald de Andrade, mostrando a proximidade entre ele e Lobato; Cartas de escritores que tiveram obras editadas por Lobato, como a de

Chrysanthémi, feminista da década de 20; Cartas de Érico Veríssimo, admirador de Lobato; Cartas de Belmont, ilustrador de grande parte das obras do escritor; Aquarelas, nanquins, desenhos; Fotos de Purezinha; Edição de “O Minotauro” corrigida a lápis pelo escritor (há páginas inteiras canceladas por ele e, na capa, uma pequena indicação: “revisto por Monteiro Lobato”); Originais de contos sobre Pedrinho; Cartas com ilustrações (Lobato sempre fazia para Purezinha um desenho do local onde se encontrava); Livros da biblioteca pessoal, obras com dedicatórias, como a de Olavo Bilac; Foto da festa de formatura da neta Joyce Campos, em São Paulo, na qual foi encenado o “Sítio do Picapau Amarelo”, em 1940; O primeiro desenho do Saci, feito por Lobato; Fotos da campanha do petróleo; Reproduções de ilustrações em que são retratados o Visconde de Tremembé, avô de Lobato, e Maria Belmira de França, a avó viscondessa; Desenho feito por Lobato ainda menino, com lápis de cor; Foto de um ex-escravo da Fazenda Buquira, herdada em 1911 por Lobato, depois da morte do Visconde de Tremembé; Pintura reproduzindo a filha Marta ainda criança; Carta escrita a Purezinha na solitária, em papel de pão, durante o Estado Novo; Correspondências trocadas com Mário de Andrade; A biblioteca do escritor.

A listagem do material e suas embalagens que foram depositadas no CEDAE, não apresentam a obra *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, traduzido por Xavier da Cunha em 1895 pela Companhia Editora Nacional de Lisboa e ilustrado pelo artista Gustavo Doré, como manuscrito literário, mas como um volume que pertence à biblioteca do escritor.

O *Orlando*, de Xavier da Cunha, foi catalogado, depois, como produção intelectual de Lobato, com o título, atribuído, *Adaptação de Orlando Furioso de Luigi Ariosto*, apresentando data de registro de 1947 e ao lado dela (data) um ponto de interrogação. No *Orlando Furioso*, traduzido por Xavier da Cunha, pode se perceber marcas, vestígios e intervenções do escritor e editor Lobato.

O escritor e pesquisador Robert Darton na obra *O Beijo de Lamourrette* revela que “os livros se recusam a ficar confinados dentro de limites pré-determinados, eles não respeitam os limites organizacionais.” (1990, p. 124). Na verdade eles são censurados de diversas maneiras: pela estante (aberta ou fechada) em que se encontra o livro, pela seção da biblioteca, ou do arquivo, em que foi catalogado, pelas noções de privilégio das salas reservadas e das coleções especiais, por diretrizes oficiais baseadas no que a sociedade julga “adequado” ou “valioso”, por regras burocráticas cujas justificativas perdem-se no

calabouço do tempo, por questões de orçamento, volume e disponibilidade, por questões de ética e de gosto dos bibliotecários e arquivistas dão forma ao acervo.

Marisa Lajolo, em seu artigo *Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos de leitura* (2006, p. 7), faz uma breve indicação sobre a presença do volume *Orlando Furioso* de Ariosto, com a caligrafia de Lobato, no acervo lobatiano e sugere a hipótese de ele (Lobato) ter iniciado a adaptação da obra. De fato, ao folhear as páginas da obra e ler também a correspondência escrita por Lobato, facilmente conclui-se que a letra é da mesma pessoa.

As marcas deixadas pela mão de Lobato no volume de Xavier da Cunha (Ginzburg, 2004) são indícios, vestígios que relacionados entre si e com outras informações, permitem-nos formar uma imagem una e coerente, isto é construir significados e pensar sobre o significado desta obra neste acervo (CEDAE).

3.2- O encontro com o Orlando Furioso: eu e o livro

Estive por diversas vezes no CEDAE em busca do livro *Orlando Furioso*, de Ariosto, traduzido por Xavier da Cunha em 1895. Encontros premeditados, agendados, esperados. Entre preencher o formulário de solicitação para consultá-lo e recebê-lo pelas mãos do funcionário, são criadas expectativas. O que novo, de novo, posso encontrar ainda não visto ou não registrado? O que ajustar, completar, confirmar do já visto e registrado? Quanta vezes estarei, com ele, manuseando-o com o cuidado que ele merece para não danificá-lo?

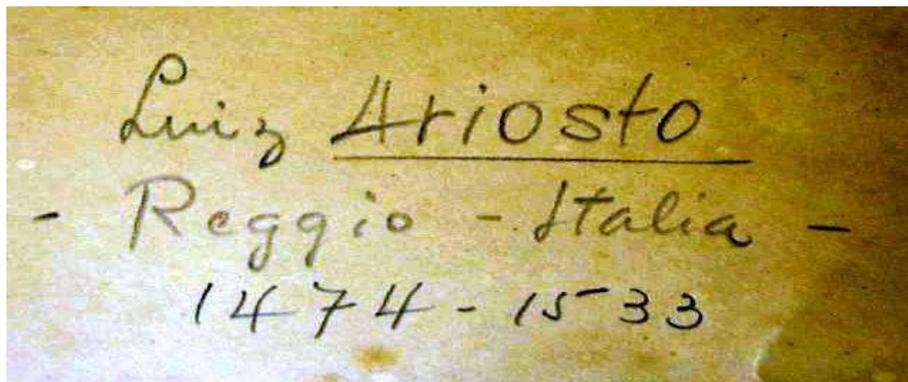
Ponho as luvas dadas também pelo funcionário e o levo para a mesa. Eu, em silêncio, observo e me surpreendo mais uma vez com o volume dele. Elegantemente, ele se (ex) põe a minha exploração. É um livro de tamanho incomum em relação aos editados atualmente. De formato largo aproximadamente 39 cm por 30 cm e pesado. São, portanto, mais de 717 páginas. As ilustrações são feitas sem a identificação das páginas.

O livro exige que eu o segure com as duas mãos e que seja manuseado de forma pousada na mesa. Não é um livro que se segure de forma vertical, à altura dos nossos olhos.

Grande, majestoso, não é uma edição de baixo custo. O papel em que foi confeccionado é o branco brilhante, de espessura meio grossa. No corpo da obra, as páginas, que foram inteiramente ilustradas, apresentam papel de seda, protegendo a ilustração. Passo os dedos no dorso/lombada de mais ou menos 5 cm, e sinto os fiapos de pano esgarçados com o tempo. Páginas coladas, costuradas e abraçadas por esta capa dura. Na lombada o nome da Obra.

Quando abro o livro, folhas rajadas em tons esverdeados e amarelos, cobrem, protegem-no. A página seguinte, em tom alaranjado, cobre toda a primeira página. Rasgada, pelo manuseio e pelo tempo, leva-me a pensar que este pode ter sido adquirido por Lobato já usado ou que teve um percurso agitado!? Outros leitores o manusearam, além de Lobato? Quantos e quais leitores (se) foram? Quantos meses, anos, ele permaneceu fechado? Por quantos e quais lugares foi levado e “deixado”? Tento estabelecer conexões, a inventar histórias, a associar um fragmento rememorado a um outro.

Na segunda página, amarelada pelo tempo, anotações feitas à caneta por Lobato:



“Luiz Ariosto - Reggio – Itália 1474 - 1533”. Monteiro Lobato indica a cidade e o país em que nasceu Ariosto, a data de nascimento e morte. No entanto, troca o nome de **Ludovico** por **Luiz**. Talvez seja um erro de Lobato? Será que Lobato confundiu com outro escritor italiano? Ou por que o nome Ludovico vem de Luigi que se aproxima na língua portuguesa de Luiz?

Viro mais uma página também amarelada, outras marcas mais escuras de “bolor” e tenho, do lado esquerdo, um selo da editora Companhia Nacional de Lisboa e do lado direito, o início da história de *Orlando Furioso*. Não há um prefácio, estimulando uma relação explicativa histórico-literária. As biografias do autor e do tradutor não são

apresentadas.

A terceira página marcada por manchas de bolor, aspecto envelhecido, nos surpreende com uma dedicatória ao Jurandyr. Assinada e datada por Lobato com os seguintes dizeres: “*Ao Jurandyr nas vésperas da minha ida p: a Argentina Monteiro Lobato 2.6.946*”.

Por que esta obra que pertence ao fundo Monteiro Lobato é dedicada a uma outra pessoa? Teria sido presenteada por Lobato, e depois ele teria pedido de volta? Joyce Lobato Campos ao entregar os documentos referentes ao Lobato, seu avô, teria, sem perceber, entregue uma obra da biblioteca de seu pai, Jurandyr Ubirajara de Campos ?

Jurandyr Ubirajara Campos nasceu em São Paulo no dia 07 de fevereiro de 1903 e veio a falecer em 21 de junho de 1972. Tornou-se genro de Lobato, casando-se com Martha Monteiro Lobato. Jurandyr trabalhou no New York Times, foi ilustrador do Almanaque Biotônico Fontoura e ilustrou alguns livros de Monteiro Lobato no ano de 1935, por exemplo, *Viagem ao Céu*.

De acordo com os catálogos da editora Brasiliense (apud Saccheta, 1997, p. 353), no decorrer dos anos de 1940 a 1945 Lobato entregou nas mãos de seu genro, Jurandyr Ubirajara Campos, a coleção completa de suas Obras infantis para que as ilustrasse.

Cassiano Nunes, em sua obra *Monteiro Lobato: o editor no Brasil* (2000, p. 25), informa que Lobato, depois de ter concluído a revisão de suas Obras completas, em 1946, pede ao seu genro, Jurandyr, que acompanhe o processo de editoração que será realizado pela editora Brasiliense.

Talvez Lobato quisesse incorporar o *Orlando* nas Obras Completas? Será que Lobato, diante do desejo de viajar o mais rápido para a Argentina¹⁸, não entregou nas mãos de Jurandyr o compromisso de editoração do *Orlando Furioso* para os leitores brasileiros? No entanto, sua obra completa saí, em 1946, publicada pela Editora Brasiliense, sem o *Orlando Furioso*. Em 1947, Lobato regressa da Argentina e vem a falecer no dia 04 de julho de 1948.

18- Desde 1941, quando é perseguido pelo DOPS. Lobato já havia manifestado o desejo de ir para a Argentina. Em 1946, Lobato, já recuperado da operação e sem mais esperanças no Brasil, achando que por aqui tudo andava podre e que seriam necessárias inúmeras gerações para reparar o mal feito ao país, com a ditadura do Estado Novo, o escritor pensa em exilar-se. A Argentina agora é uma ideia fixa.

No manuseio rápido, (Cuidado para não estragar!), vejo muitas intervenções feitas, tanto no texto verbal quanto nas ilustrações, por Lobato, especialmente nas primeiras 42 páginas. São intervenções circulares ao lado do texto parecem indicar trechos importantes, riscos em perpendiculares indicando possíveis cortes, páginas inteiras riscadas, como por exemplo, da 31 a 33, provavelmente seriam excluídas em uma possível publicação lobatiana.

A obra foi escrita numa composição – texto em prosa – e incluída na categoria gênero: romance cavaleiresco, substituindo o tom poético de Ariosto pela narrativa (prosa). Informação que obtive muito tempo depois quando me encontrei com a análise do *Orlando Furioso* feita por Pedro Ghirardi.

Cada capítulo iniciado e finalizado é emoldurado por imagem. Uma abertura pictórica do que será narrado, ou resumo do que já aconteceu. Essas imagens e parecem orientar o leitor para a compreensão do texto que abaixo seguirá. Uma espécie de resumo.

Acompanhando o texto verbal há várias imagens (ilustrações) que ocupam lugares diferentes na página (em cima, embaixo, ao lado) e de tamanhos também distintos (ocupando toda a página, ou meia página, ou apenas acompanhando o texto). As imagens que ocupam a página inteira são separadas por um papel de seda.

A tradução, no entanto, apresenta erros crassos de revisão e de impressão, alguns apontados na antepenúltima página da obra e outros ignorados pelo revisor, mas percebidos pela leitura criteriosa de Monteiro Lobato quando, na página 467, ele escreve um resumo das páginas 469 e 470 que não foram impressas.

O resumo de Lobato²⁰, no corpus literário do *Orlando Furioso*, permite-nos pensar que Lobato, por meio de outra obra, já havia lido o *Orlando Furioso*. Que obra seria? Que edição? Será que leu em português? Em espanhol? Em inglês? Em francês? Em italiano?

20- Transcrição do resumo feito por Lobato entre as páginas 469 e 470 na obra *Orlando Furioso*, traduzida por Xavier da Cunha: *Aqui falta a folha (469/470) que trata da apresentação do rei Astolpho, homem de grande beleza – de Jocundo, outro rapaz bonito, que acaba de se casar e de seu irmão fausto. O rei Astolpho sabendo do casamento de Jocundo, faz-lhe presente de terras e para conhecê-lo convida-o a visitar o seu reino. Penhorado com presente prepara-se Jocundo para fazer a viagem, e a bisca da mulher se põe a lastimar...*

Aqui falta uma folha (469/470) por
trata da apresentação do Rei Astolfo
honra de grande beleza - de Jocundo, o
rapaz bonito, que acaba de se casar
de seu irmão fanto. O Rei Astolfo se
lembra a casamento de Jocundo faz-lhe presen-
ta de terras e por embriagar o Conde e
visitar o seu reino. Pedurado com o parente
propõe a Jocundo para fazer a rapariga
e a filha da mulher de seu pai e de outros

Imagem da página 467 da obra Orlando Furioso, traduzida por Xavier da Cunha em 1865 pela Companhia Editora Nacional de Lisboa. Esta obra pertence ao arquivo CEDAE, responsável pela organização e sistematização dos escritos (ativos e passivos) de Monteiro Lobato.

Há, ainda, outras formas de intervenção, pode-se dizer outros vestígios de Lobato no texto de Xavier da Cunha, como por exemplo em alguns parágrafos tem-se a marca de um “x”. Talvez marcas de leitura, ou escolhas de parágrafos com o propósito de dar continuação aos quatro primeiros capítulos. As últimas páginas escritas trazem a Errata e o Collocação que indica as páginas onde se encontra as ilustrações de Gustave Doré.

ERRATA

Em pag. 210 d'este livro (§ 116 do Cap. XIV), na descripção dos entricheiramentos de Paris escalados pela Mourisma, encontra o leitor a seguinte passagem:

«N'um dado momento encostam os Mouros ás muralhas não menos de mil escadas, em cada degrau das quaes ha simultaneamente logar para dois homens.

«Os que marcham na deanteira vão sendo empurrados pelos que seguem na retaguarda. Alli não ha que hesitar: quer seja a coragem que os anima, quer seja o medo que os obriga, forçoso lhes é affrontarem o perigo, sob pena de alli mesmo os ferir ou os matar a propria mão do rei de Argel ou a do feroz Rodomonte.» *

Ora aqui ha um lapso typographico a emendar e um equívoco a desfazer.

«Rodomonte», «rei de Argel», e «rei de Sarza», constituindo embora tres designações distinctas, não representam mais do que uma só entidade verdadeira, ou (para melhor dizer) uma entidade fabulosa, picturescamente creada pela phantasia de Mattheus Boiardo no seu *Orlando enamorado* e depois aproveitada pelo scintillantissimo talento de Luiz Ariosto no *Orlando furioso*.

Lá diz, em referencia aos heroes portuguezes, o auctor d'*Os Lusíadas* na formosa Dedicatória do immortal Poema a El-rei D. Sebastião (Est. 11.º do Cant. I):

Ouvir que não vereis com vans façanhas
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas catranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodomonte, e o vão Rogeiro,
E Orlando, inda que fira verdadeiro.

Verdadeiro, porém, ou phantastico e fabuloso, Rodomonte, rei de Sarza e de Argel, era uma entidade unica.

Não pode portanto ler-se, como erradamente está, o final do trecho supra-transcripto, mas sim d'est'outra maneira:

«... sob pena de alli mesmo os ferir ou os matar a propria mão do rei de Argel, a mão do feroz Rodomonte.»

Collocação que tem n'este livro as gravuras estampadas em folha separada

	Pag.	Pag.
I — Não vos desconhecis, senhor! (Cap. I — § 67).....	10	
II — Caminhava elle vagarosamente, montado n'um jumento (Cap. II — § 17).....	14	
III — Já o seu adversario estava outra vez a grande altura (Cap. II — § 35).....	20	
IV — Gloriosa descendencia que não degenera do valor paterno! (Cap. III — § 27).....	29	
V — No primeiro dia chegou elle a um mosteiro (Cap. IV — § 54).....	43	
VI — Responderam-lhe que por entre aquelles bosques poderiam deparar-se-lhe estranhas aventuras (Cap. IV — § 56).....	43	
VII — La Reinaldo abrindo caminho por entre a multidão (Cap. V — § 82).....	59	
VIII — A ave gigantesca baixou o voo (Cap. VI — § 10).....	63	
IX — Tropas mais extraordinarias nunca ninguém viu em tempo algum (Cap. VI — § 61).....	70	
X — E' o festivo ponto de reunião para jovens de um e outro sexo (Cap. VI — § 74).....	74	
XI — A fôrma do seu corpo era tal, que a phantasia dos gineceos não saberia inventar quem li'a excedesse (Cap. VII — § 11).....	76	
XII — Entrassem-se lendo as narrativas dos amores antigos (Cap. VII — § 11).....	81	
XIII — Assim pensava Rogeiro a existencia (Cap. VII — § 30).....	81	
XIV — Bellas e sumptuosas foram as bodas (Cap. IX — § 94).....	121	
XV — Loguilla mostrou grande contentamento em receber um cavalleiro tão nobre (Cap. X — § 64).....	134	
XVI — Acerca-se da donzella que estava acorrentada ao penhasco (Cap. X — § 107).....	141	
XVII — O gigante apressa por tal firma as suas largas passadas, que Rogeiro mal podia acompanhá-lo com a vista (Cap. XI — § 20).....	146	
XVIII — Orelhão avança destemidamente, e se precipita por aquella abertura góthica dentro (Cap. XI — § 37).....	148	
XIX — Subiam e desciam, sem lograrem encontrar o objecto de sua busca (Cap. XII — § 11).....	159	
		XX — Apenas entrou no claustro, ficou desiludido (Cap. XIV — § 80)..... 203
		XXI — Alli quem far a ronda é o Silêncio (XI — § 36)..... 207
		XXII — Galgou o fôso com a ligeireza de um lebreo (Cap. XIV — § 130)..... 212
		XXIII — Vm lobes, dragões peçonhentos, e outros animaes ferocissimos, sahiram-lhe ao encontro (Cap. XV — § 38)..... 220
		XXIV — Todo o povo corria a vêr o corpulentissimo gigante (Cap. XV — § 61)..... 225
		XXV — E mostrou-lhes o sitio em que ficara o resto do corpo (Cap. XV — § 88)..... 229
		XXVI — Os gritos, simultaneamente soltados nos dois exercitos, sobem ao céu despertando echos pavorosos (Cap. XVI — § 19)..... 236
		XXVII — Rodomonte corre fero e terrivel (Cap. XVI — § 24)..... 237
		XXVIII — Rodomonte vai fazendo nos habitantes de Paris uma carnificina horrivel (Cap. XVI — § 83)..... 246
		XXIX — Banquetavam-se alegremente com realeza sumptuosidade (Cap. XVII — § 119)..... 269
		XXX — Recrece cada vez mais a faria da peleja (Cap. XVIII — § 63)..... 284
		XXXI — El-rei Norandino tinha já tomado assento no logar marcado (Cap. XVIII — § 104)..... 289
		XXXII — Logo um estylete no casco do cavalleiro se encarregava de gravar amorosos monogrammas (Cap. XIX — § 36)..... 310
		XXXIII — Descendo os Pyreneos, arriaram as aguas do mar (Cap. XIX — § 41)..... 312
		XXXIV — As mulheres corriam armadas á beiramar (Cap. XX — § 28)..... 328
		XXXV — Soprando na buzina quanto pode, Astolpho percorre todos os cantos da povoação (Cap. XX — § 32)..... 337
		XXXVI — Crece de ponto o horror que por ella se sentia (Cap. XXI — § 70)..... 354
		XXXVII — Debalde esquadreou galerias e salões (Cap. XXI — § 11)..... 360
		XXXVIII — Logo os cavalleiros desistam a fugir (Cap. XXI — § 21)..... 361

720		ORLANDO FURIOSO	720
XXXIX — Durão, liza, moço, e pé por terra (Cap. XXIII — § 64)	350	LX — Porste um pindigo avião, ficaram a preleção de vira os seis maravilhas do mundo! (Cap. XXXIV — § 51)	358
XL — Frequentes vezes lutou contra seris e javali (Cap. XXIV — § 13)	355	LXI — Amarel acoberto encontrou moços e santos o cavalheiro (Cap. XXXIV — § 66)	359
XLI — Se a vista me não enganar, é o suborbo frondoso-te quem ali está! (Cap. XXIV — § 43)	400	LXII — Entraram no reino da Lus (Cap. XXXIV — § 70, 36)	
XLII — Brava-luz dos ferros um chuveiro de fúrias (Cap. XXIV — § 100)	407	LXIII — Grande foi o jubilo de sempre ante o regresso de Atolpho (Cap. XXXVIII — § 97)	603
XLIII — Então a chama convulsion fradamente a ir descender no seu palácio (Cap. XXV — § 80)	437	LXIV — Rinaldo e Rogério juram ali solenemente constituir-se inimigos de quem houver falado aos seus compromissos (Cap. XXXIX — § 91)	610
XLIV — Por mácha desgracia, fomos surpreendidos (Cap. XXV — § 70)	470	LXV — Nervo de Christian, abalando no dos Sarracenos, mettem d'veto a paque um grande numero (Cap. XXXIX — § 81)	618
XLV — Disse a Dismida a Subarba que podiam ambas voltar agora para os castros contiguos (Cap. XXVI — § 122)	443	LXVI — Todos, com excepção de Brundinarte, rebolam promissamente no fuso (Cap. XL — § 44)	635
XLVI — Entristido-se a vêr os fúdes em bulha, — arretrando os braviaos recíprocos, um a cubça dos moços (Cap. XXVI — § 32)	454	LXVII — Rompiam a ferro e fogo (Cap. XL — § 31)	606
XLVII — Todas favoravelmente correspondam a seus galanteios (Cap. XXVIII — § 43)	476	LXVIII — Ardum palácio, porticos, e mesquitas (Cap. XL — § 33)	606
XLVIII — Se a unta dirigim alies primeiro suas declarações, outras pelo contrario antecipadamente os regreem (Cap. XXVIII — § 46)	476	LXIX — Cada um trata de salvar sua vida (Cap. XLI — § 68)	633
XLIX — Passagem tão perigosa como esta, não havia outra no mundo! (Cap. XXIX — § 34)	480	LXX — Despedaçadas saltam lanças pelo ar, quando os estilhaços a grande altura (Cap. XLI — § 69)	641
L — Conseguira o fúco ir arrastando apoz si o cadáver da agua (Cap. XXX — § 4)	496	LXXI — E, abrindo o livro magico, tratou de evocar os espiritos (Cap. XLII — § 34)	650
LI — Confiaçõ a Meduro o sceptro da India (Cap. XXX — § 16)	498	LXXII — Voz picando de esporas e largando redas, a todo galope (Cap. XLII — § 60)	653
LII — E é tão feraz a expressõ do seu rosto, que nem já se atreve Dorslice a polir-lhe que socage (Cap. XXX — § 43)	501	LXXIII — Desfazise o hospede em amabilidades para com o paladino (Cap. XLII — § 97)	656
LIII — Departiu-se-lhes um cavalleiro que trata comoço uma dama (Cap. XXXI — § 8)	516	LXXIV — Uma nobre dama d'este paiz apaixonou-se por mim (Cap. XLIII — § 29)	660
LIV — Havia mais de hora e meia que durava o combate (Cap. XXXI — § 22)	511	LXXV — Anselmo vas contemplanço a elegancia e a riqueza de tantas maravilhas (Cap. XLIII — § 135)	673
LV — Ficaram enlevadas na contemplanço das magnificas pinturas (Cap. XXXII — § 91)	533	LXXVI — De boa mente se promptificou a acenar as condições que lhe propunham (Cap. XLIII — § 141)	674
LVI — Atolpho atravessou por sobre as montanhas que separam da França e Hespanha (Cap. XXXIII — § 66)	549	LXXVII — Atolpho agradeceu reconhecidissimo a Senapo os altos favores que este lhe prestara (Cap. XLIV — § 21)	683
LVII — Nas galerias do palacio real, as columnas são de crystal transparentes (Cap. XXXIII — § 104)	550	LXXVIII — Das janellas, dos balcões, e dos terraços, desce-lhes uma chuva de flores (Cap. XLIV — § 31)	683
LVIII — Logo apparecia o bando infernal das monstruosas Harpyas (Cap. XXXIII — § 108)	550	LXXIX — E assim curte o desditoso Rogério crudelissimos tormentos (Cap. XLV — § 95)	703
LIX — Atolpho lança immediatamente mão da buzina encastada (Cap. XXXIII — § 113)	552	LXXX — Nem sequer sente d'elle aproximarem-se Leão e Melissa (Cap. XLVI — § 37)	709
		LXXXI — Tomando-lhe a peso nos braços o corpo, violentamente bateo com ella no chão (Cap. XLVI — § 134)	716

Depois são as páginas em branco amareladas pelo tempo, coladas com fita crepe a cobrir o fechamento da obra, como as primeiras o fizeram na abertura. A capa, a de trás, estampa uma imagem que remete a dois cavaleiros com armaduras medievais. Talvez Orlando e Rinaldo. E um brasão em sua magnitude. A capa amarronzada dá um aspecto de sujo, de envelhecido.

Fecho o livro. Ao olhar para o lado contrário à lombada, vejo que as páginas assim fechadas, juntas, ganham um acabamento em tom dourado. Uma descoberta nova.

Despeço-me mais uma vez dele. O que importa é ter estado com ele naquele momento. Em volta o silêncio e o vazio da sala. Eu e o livro. Devolvo-o para a mesma pessoa que me entregou e debruço o último olhar sobre a capa. Não foi um olhar de adeus, de alívio! As inquietações continuam a me incomodar!

Quem são as personagens (pessoas) que possivelmente a folhearam, além de Lobato? Quem são as pessoas (personagens) destacadas na capa e na página de rosto? O que faziam no momento em que o livro foi publicado? Quem é a pessoa para quem Lobato dedica este exemplar? Lembro-me das falas do narrador-personagem dom, Casmurro de Machado de Assis, após ter terminado a reconstrução da casa onde viveu a infância: “Aí vindes outra vez, inquietas sombras...?” (ASSIS, 1999, p. 15)

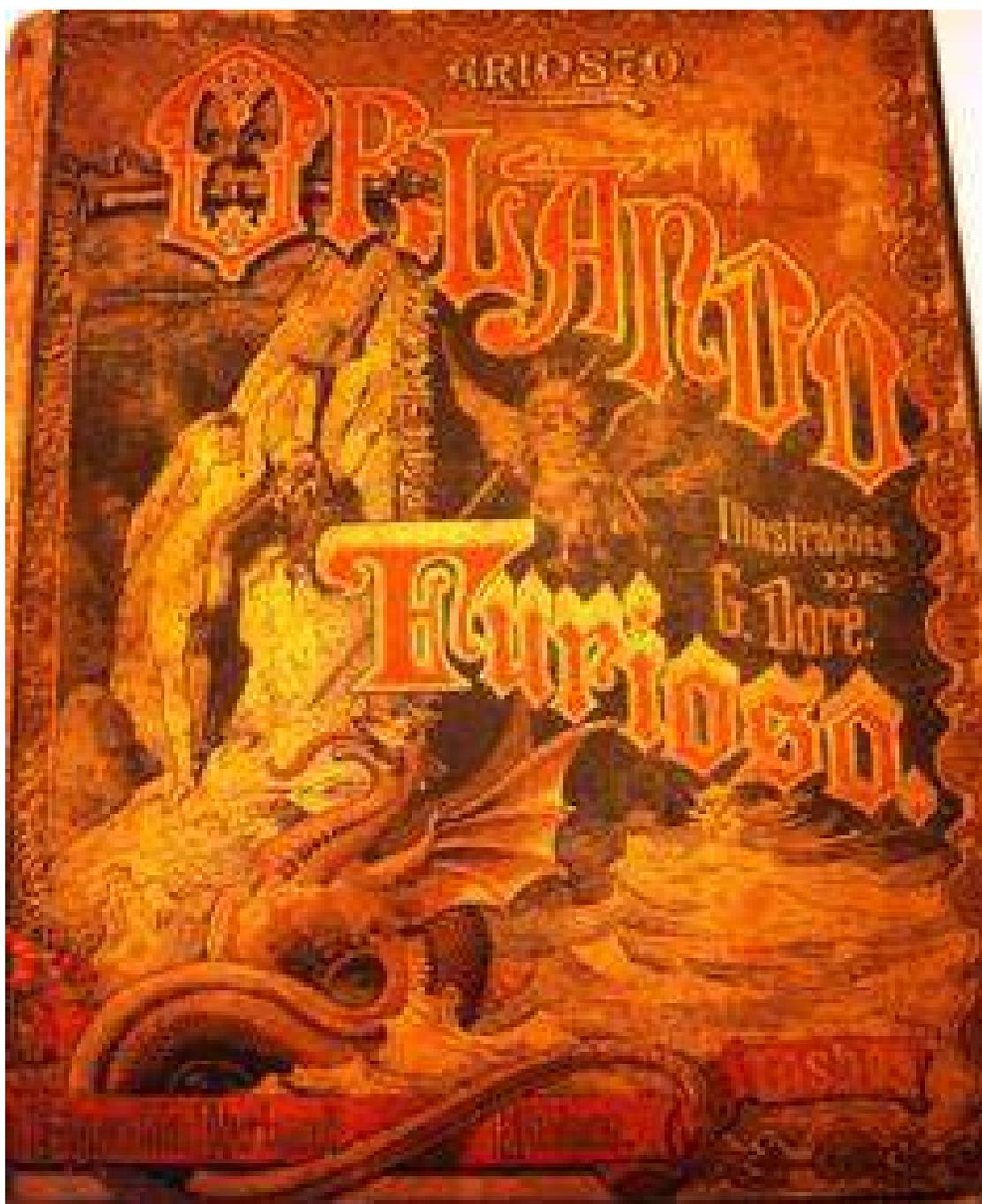
4 – Capa do Orlando Furioso

A qualidade da capa salta aos olhos. Edição sofisticada, capa dura, lombada larga, gasta pelo tempo, com bordas amassadas. Para Cláudio Ferlauto (2002, p.52) a capa do livro consiste na proteção do volume e na identificação do conteúdo; costuma-se atribuir à imagem da capa a parte principal, os atributos primordiais do livro.

A capa de cor alaranjada, com tons amarelados, sugere fogo, chamas. Talvez padrão estético literário da época. No centro dela, a cor amarelada, efeito dourado, dá um efeito de profundidade, talvez de mistério.

É uma capa que remete o leitor há um tempo distante dos que viveram no século XIX e XX. A capa traz monstros do imaginário do século XV e XVI, por exemplo, uma serpente de cauda, um castelo, ao fundo, no meio da névoa, uma mulher presa a uma pedra, um hipogrifo sobrevoando. O que significa essa capa no enredo do livro? De que mundo a obra trata? Esses protocolos de leitura, por meio da imagem da capa, sugerem ao leitor uma forma de ler este obra?

Logo abaixo, é apresentada a capa do *Orlando Furioso* – traduzida por Xavier da Cunha e editada pela Companhia editora Nacional de Lisboa. Obra presente no Fundo Monteiro Lobato – CEDAE- IEL – Unicamp.



Capa do Orlando Furioso, traduzida por Xavier da Cunha, 1895

A ilustração da capa pertence ao conjunto de ilustrações realizadas por Gustave Doré no *Orlando Furioso*. Nela (ilustração) vemos, no lado esquerdo, Angélica acorrentada a um rochedo, Ela está desamparada, perdida em lugar desconhecido.

Gustave Doré apresenta Angélica, no primeiro plano, nua e sensual, de costas para o monstro. É possível pensar que a nudez e a sensualidade de Angélica são realçadas pelas curvas e pela delicadeza de sua pele. Embaixo, sob os pés dela (Angélica) o mar revolto e espumante. O monstro marinho aparece de corpo inteiro, ocupando quase todo o espaço inferior com sua cauda, mostrando sua enorme língua e seus dentes ameaçadores. Atrás do rochedo, à direita, nota-se a presença do herói, Rogério, montado em seu hipogrifo (animal alado), sobrevoando o mar, que com sua lança, em diagonal, busca afastar o monstro marinho de Angélica.

Há uma Atmosfera sombria, sem grandes contrastes cromáticos, com uma paisagem ao fundo (castelo) e uma grande mancha escura à esquerda, ocupando mais da metade do fundo da cena. O que parece, por parte do ilustrador, um desejo de concentrar a cena nos três personagens, destacando-os, por meio da luminosidade e do tratamento minucioso, sobre o fundo marrom escuro, pouco definido.

A ilustração de Gustave Doré escolhida para compor a capa da obra *Orlando Furioso*, provavelmente foi construída a partir da relação entre os capítulos VIII e X da obra respectiva. Nesse momento, ocorre um jogo de antecipação, faz-se um convite ao leitor.

Nesses capítulos temos Angélica sendo raptada pelo monge Atlante e levada para a ilha de Ebuda, para servir de alimento para o monstro marinho, e a sua fuga (fuga de Angélica) ajudada por Rogério, montado no hipogrifo, que antes pertencia ao mago Atlante.

A região de Ebuda está localizada ao oeste do mar de Tramontana, além da Irlanda. É um lugar de escassa gente. Conta-se que nesta ilha o rei mandou matar a própria filha, uma moça formosa, pois esta foi seduzida por Proteu, uma serpente marinha com asas, e acabou grávida de (Proteu). Quando Proteu, senhor e rei do mar, ficou sabendo que sua amada e seu filho, antes de nascer, foram mortos pelo rei, convoca s monstros (orca, focas e outros animais marinhos) para atacarem a população. Muralhas são erguidas por toda parte em busca de proteção. Pessoas dia e noite carregam armas. As lavouras são

desamparadas. Então um oráculo propõe que seria preciso achar uma donzela com a mesma formosura daquela que fora morta e que esta seja oferecida junto à praia, a Proteu, para que cessassem as punições. E assim donzelas eram oferecidas com o objetivo de acalmar Proteu. E ele devorava-as vorazmente com ânsia de sempre querer mais.



(books.google.com.br/books?isbn=8574800759 (20/05/2010))

Para estabelecer uma relação intertextual, há ao lado do capítulo VIII uma xilogravura de página inteira feita por Doré, ilustrando a temática de Rogério salvando Angélica.



Ilustração de Gustave Doré presente no interior da obra Orlando Furioso - traduzida por Xavier da Cunha, 1895

A posição das personagens nessa xilogravura em relação às personagens da capa é de ordem invertida: Angélica está localizada no lado direito, enquanto Rugiero o lado esquerdo. Há uma proximidade maior de Rugiero com o monstro marinho, na capa ele sobrevoa, enquanto na xilogravura ele luta com o monstro. Angélica é apresentada em nu frontal.

Além de estar interligada com o conteúdo da obra, a xilogravura de Doré estabelece uma relação semântica e pictórica com a pintura *Rogério livra Angélica* de Jean Auguste Dominique Ingres (1780-1863,) realizada em 1819. Nela pode se ver cena do *Orlando Furioso*, presente no capítulo X, em que Rugiero, montado no Hipogrifo, salva Angélica do monstro marinho.



www.rositour.it/.../Ingres.htm

A forma como Doré ilustra a capa e produz a xilogravura é muito próxima à pintura de Ingres, possibilitando aproximações na forma de ver ler a obra de Ariosto. A temática Angélica acorrentada é um tema do século XVI, assim como o equivalente clássico, Perseu libertando Andrômeda²¹. Angélica e Andrômeda são donzelas capturadas, presas a rochedos e salvas por heróis. Abaixo, apresentamos a pintura de Gustave Doré, ilustrando o clássico Perseu libertando Andrômeda



"Andrômeda"

litografia, 35 x 22,2 cm presente na Escola Nacional de Belas Artes, em São Paulo

21-Perseu, o lendário fundador de Micenas, depois de ter derrotado medusa, criatura monstruosa alada, que tinha cabelos de serpente e um olhar que transformava as pessoas em pedra, sobrevoa em seu cavalo alado a costa da Etiópia e vê abaixo uma linda princesa atada numa rocha. Esta era Andrômeda, cuja fútil mãe Cassiopéia tinha incorrido na ira de Posídon ao espalhar que era mais bonita do que as filhas do deus do mar, Nereu. Para puni-la, Posídon enviou um monstro marinho para devastar o reino; apenas poderia ser parado se recebesse a oferenda da filha da rainha, Andrômeda, que foi assim colocada na orla marítima para esperar o terrível destino. Perseu apaixonou-se imediatamente, matou o monstro marinho e libertou a princesa. Os pais dela, em júbilo, ofereceram Andrômeda como esposa a Perseu, e os dois seguiram na jornada para Sérifo.

A pintura que Doré faz para ilustrar o clássico Perseu e Andrômeda, apresenta a mesma temática de Rogério e Angélica; no entanto, no aspecto pictórico, há vários nuances que possibilitam semelhanças e diferenças em relação à capa. A xilogravura feita para Perseu e Andrômeda são muito próximas da ilustração presente no capítulo X, por exemplo, Andrômeda apresenta-se em nu frontal, Perseu ataca o monstro marinho pelo lado direito.

4.21 – A tipografia das letras

Segundo Paulo Heitlinger²² (<http://tipografos.net/tipos/egipcios-1.html>), a partir de 1800 ocorreu uma explosão de letras novas – caixas altas e baixas, outras profusamente decoradas com sombreados ou arabescos, com motivos antropomórficos ou vegetais.

No século XIX, já não são exclusivamente os tipógrafos (como era nos séculos anteriores, desde Gutenberg) os profissionais que faziam letras, agora são os artistas gráficos que criam letras novas – mais grossas, mais imponentes, mais largas, mais contrastadas.

Mas os novos desenhos de letras já não estão condicionados pelo rigor técnico da gravura de punções; imprime-se por litografia, por exemplo, uma técnica que permite lançar as letras de modo livre e artístico, usando pincéis.

Os pintores de tabuletas – importante classe profissional do século XIX – começaram a ratificar as elegantíssimas, mas demasiadamente frágeis letras neoclassicistas (Bodoni, Didot, Walbaum) que para uma tabuleta, não ofereciam boa visibilidade e muito menos facilidade de execução.

22- No dia 11 de junho de 2010, Paulo Heitlinger, envia para mim, por meio de e-mail, uma breve análise da capa : são letras desenhadas à mão, não penso que seja uma fonte. Em todo caso, será uma variante de letra gótica, muito fantasiosa, pois mistura formas de letras góticas com unciais. Deixe-me comentar que deve ser uma edição muito especulativa, «popular», pois acharam oportuno por uma capa em estilo gótico-medieval para um tema que é renascentista (depois da Idade Média).

Estas dificuldades levaram os pintores de tabuletas a alargar os traços das letras e a alterar as pastilhas – quer eliminando-as radicalmente, quer dando-lhes um traço massivo e retangular.

O essencial era que as novas letras oferecessem excelente visibilidade e que pudessem ser facilmente escaladas a grandes dimensões, a tamanhos totalmente desconhecidos na impressão de livros. O novo tipo de letra é, mais que tudo, uma letra comercial.

O comércio e a publicidade penetram violentamente no universo tipográfico. As serifas-grossas são letras cem por cento vocacionadas para a publicidade. A sua missão é impactar, chamar a atenção do consumidor – se necessário, em altos brados!

Na obra *Orlando Furioso*, os desenhos de letras que compõem a capa aproximam-se especialmente de dois tipos de letras: a gótica rotunda e a romana.

O nome da obra foi dividido em duas partes e escrito na cor preta em posição diagonal. A palavra Orlando, escrita em caixa alta, está acima da pedra onde Angélica está acorrentada, e a palavra Furioso, escrita em caixa baixa, está próxima ao corpo dela (Angélica). Tanto a palavra Orlando quanto Furioso aproximam-se da letra gótica rotunda. Um tipo de fonte tipográfica mais grossa, mais imponente, mais larga, mais contrastada. Um estilo parecido com aquele realizado em obras sagradas. Uma letra que valoriza cada palavra individualmente e tende a ter maior peso e presença para os olhos. Chamando a atenção, já que parece mais limpa. A letra O maiúscula da palavra Orlando é feita com um desenho ao fundo. Um desenho que possibilita imaginar uma cabeça descarnada, uma caveira. Essa imagem povoa o universo gótico.

O sobrenome do autor vem grafado em caixa alto no frontispício em formato que também se aproxima do gótico. O nome da editora “Companhia Editora Nacional de Lisboa” segue uma formatação de fonte parecida com a utilizada na escrita do sobrenome do autor e é grafada envolta do rabo do dragão.

Entre as palavras Orlando e Furioso, aparece o nome do ilustrador com abreviação “G” e o sobrenome “Doré” em caixa alta, permitindo pensar no formato de uma assinatura, pois ao mesmo tempo que estamos diante de uma capa de livro também temos a sensação de estarmos diante de uma tela pictórica.

5 – A Editoração da página de rosto do *Orlando Furioso*

Na página de rosto do *Orlando Furioso* de Xavier da Cunha há, respectivamente, na perspectiva vertical, o nome do escritor, Ariosto, em vermelho; o nome da obra, *Orlando Furioso*, na cor preta e em negrito e a letra **O** maiúscula da palavra Orlando funde-se ao brasão da editora; o gênero literário a que pertence a obra, Romance Cavaleiresco, na cor preta; o nome do tradutor, Xavier da Cunha, em vermelho; o do ilustrador, Gustave Doré, também em vermelho; o da editora na cor preta e, no final, o nome dos proprietários em vermelho. Cores, formas, letras dispostas para produzir efeitos estéticos no leitor.

Essas marcas tipográficas indicam o quê? Quem são essas pessoas nomeadas neste lugar? Destaque? Destacam com maior força o quê? O diferente? O consagrado? Cláudio Ferlauto (2002) em suas reflexões sobre a arte tipográfica permite pensar que a alternância na cor vermelha e preta na composição dos caracteres tipológicos da página de rosto do *Orlando* apresenta um propósito editorial e mercadológico.

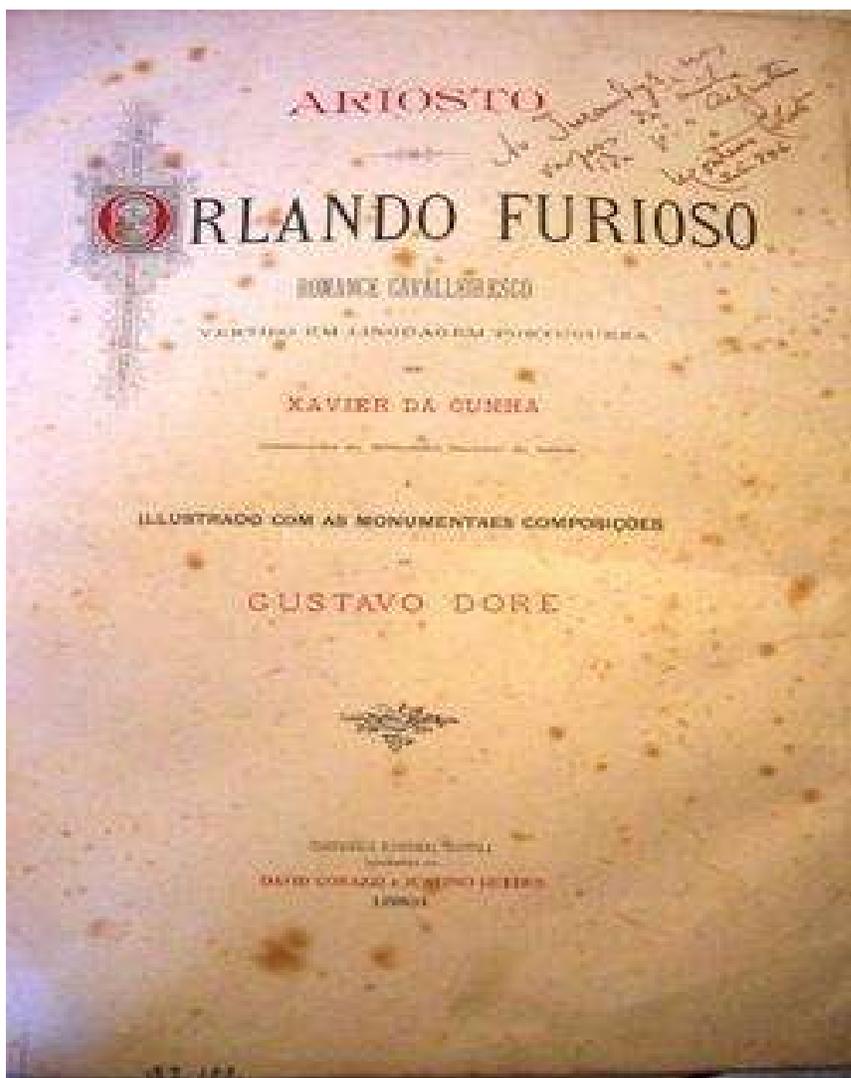
O título, nome da obra grafada com letras bem maiores, por exemplo, em relação ao nome de Ariosto, possibilita pensar que a obra já construiu um gosto e uma tradição na recepção de um público. A obra era mais conhecida, e, portanto, será por meio dele (título) que a editora buscará seduzir o leitor de Ariosto.

Roger Chartier orienta

que os livros não são de modo nenhum escritos, são manufaturados por escribas e outros artesãos, por mecânicos e outros engenheiros, e por impressoras e outras máquinas. E continua, os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor, no momento da criação da obra. (Op. cit., 126)

Robert Darton (1990, p. 169), ao falar das análises feitas pelos bibliográficos, aponta que a disposição tipográfica de um texto pode determinar, a um grau considerável, a forma como era lido.

Os textos têm propriedades tipográficas que guiam a reação do leitor. As indicações da capa, da página de rosto, ou seja, o formato todo do livro pode ser decisivo para que a obra encontre, chegue às mãos de seu leitor.



Página de rosto retirada da obra Orlando Furioso, Ed. Companhia Editora Nacional de Lisboa, 1895.

23-Descrição das informações contidas na página de rosto na ordem em que foram impressas: nome do autor (Ariosto); nome da obra (Orlando Furioso); o gênero literário (Romance Cavaleiresco); o nome do tradutor (Xavier da Cunha), e anteposto a ele a expressão “vertido em linguagem Portuguesa por”; logo após o nome do tradutor há uma informação referente à pessoa dele “conservador da biblioteca de Lisboa”; ao nome do ilustrador (Gustavo Doré) é anteposto uma expressão adjetiva “ilustrado com as monumentais composições”; o nome da editora e de seus proprietários são apresentados respectivamente: Companhia Editora Nacional – David Corazzi – Justino Guedes; e por último a indicação da cidade em que ocorreu a impressão (Lisboa) .

5.1 - A Casa Editorial David Corazzi e Justino Guedes

No final da página de rosto, os nomes de David Corazzi e Justino Guedes são apresentados como sucessores (herdeiros) da Companhia Nacional Editora de Lisboa. Começamos pelo editor David Corazzi que esteve presente de forma intensa no mercado editorial brasileiro e português, principalmente nos finais do século XIX e início do XX (Hallewell, 1985).

David Corazzi ficou órfão de pai aos quinze anos, tornou-se funcionário público e, mais tarde, com um pequeno capital, deu início ao seu próprio negócio, vendendo os direitos autorais da obra *Novo Consultador Médico-Cirúrgico* escrito pelo seu pai, o médico cirurgião David Antonio Caetano Corazzi. Com o dinheiro arrecadado criou a empresa *Horas Românticas* em 1870, iniciando, assim, uma publicação de romances em fascículos.

De acordo com Manuela Domingos, em seu artigo *Estudos de Sociologia da Cultura, Livros e Leitores no século XIX* (1985, p. 22), David Corazzi publicou em Portugal a obra de Fernandes y Gonzáles, *El Rei Maldito*, que já havia sido publicada em Madrid, em um novo formato: fascículo em oito páginas e gravuras, para ser vendido por dez réis.

A obra de Fernandes y Gonzáles tornou-se um sucesso de venda, possibilitando, conforme catálogo de 1884 da Editora Corazzi (apud Domingos, 1985, pp. 64-65), no decorrer dos anos 80 do século XIX, que a empresa de David Corazzi prosperasse. Com a ampliação das instalações, foram criadas oficinas de composição, impressão e estereotipia, oficina de alçado, dobragem e brochura, oficina de encadernação e um depósito para suas publicações.

Segundo Manuela Domingos (1985), a casa Editorial Corazzi publicou muitos outros romances impressos no mesmo formato de *El Rei Maldito*. Também foi responsável, nas duas últimas décadas do século XIX, pela publicação das obras completas de Julio Verne em 39 volumes (1883); do Dicionário do Povo (1881); de Biografia de Homens Célebres (1883), a qual apresentava 32 páginas com capa colorida e retrato e gravuras dos biografados; Geografia Moderna (1883); Método simultâneo de leitura e escrita (1883); Manual teórico e Prático de ginástica; História alegre de Portugal (1883); Química na

cozinha (1883); Monumentos e lendas de Santarém (1883), o qual fora dedicado ao rei D. Luiz I; Almanaque do Horticultor (1883) com 56 gravuras e Coleção das obras primas de Portugal e do Mundo (1881), por exemplo, o *Orlando Furioso* de Xavier da Cunha.

Giselle Martins Venâncio, em seu artigo intitulado *Lisboa – Rio de Janeiro – Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues* (2001, p.6), informa que, em 1881, inicia-se no Brasil a publicação da coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas* pela editora portuguesa David Corazzi.

A coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas* é composta exclusivamente de livros científicos obteve grande êxito, junto com o lançamento do *Dicionário de Geografia Universal - o novo Atlas de Geografia Moderna*.

Jorge Carvalho do Nascimento, em seu artigo *Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX* (2001, p. 153), coloca que o sucesso editorial da *Biblioteca do povo e das escolas* e dos *Dicionários do povo no Brasil* levou o editor Corazzi a abrir uma filial no Rio de Janeiro, no início do ano de 1882, na rua da Quitanda, 40. No ano de 1889, em Portugal, a casa editorial Corazzi muda-se para o endereço: Rua: Largo do Conde Barão, Lisboa, número 50, agora em instalações mais amplas.

Em suas reflexões, Jorge do Nascimento (Op. cit., p. 153), aponta que a editora David Corazzi deixou de funcionar em 1889, a partir da criação da Companhia Nacional Editora de Lisboa (fusão da editora David Corazzi com a editora Justino Guedes).

A enfermidade de David Corazzi, nos finais dos anos 80, obriga-o a abandonar os trabalhos editoriais, permitindo que Justino Guedes o substitua em suas funções. Em 28 de Novembro de 1896 morre David Corazzi e a Companhia Nacional Editora passa a ser administrada somente pelo seu sócio, o qual manterá no seu catálogo as mesmas publicações anteriores.

Justino Guedes nasceu na cidade de Minde – Portugal e, no ano de 1869, trabalhou em uma oficina de arte (indústria litográfica) localizada na Rua São Paulo, número 3, na frente da papelaria, que havia sublocada do seu antigo patrão Vicente Carvalho.

Como desejava desenvolver e ampliar a oficina de arte, mudou-se para a Rua Vasco da Gama com novas máquinas compradas no estrangeiro para os trabalhos litográficos.

Segundo o jornal Portomozense de 5 de junho 1903, “*instalando-a agora n'uma casa, cuja amplitude seria proporcional à sua evolutiva atividade industrial. Efetivamente, esta oficina litográfica tomou tal incremento, que era talvez a primeira do país.*” (www.portomozense.com.br 28/01/2009)

Jorge do Nascimento, em seus estudos sobre as editoras em Portugal (Op. cit., 155), informa que, durante aproximadamente treze anos, Justino Guedes esteve à frente da Companhia Editora Nacional de Lisboa, mantendo a mesma administração e projetos editoriais de David Corazzi.

Em 1902, Justino Guedes interrompeu o funcionamento da Companhia Editora Nacional com o propósito de transformá-la em outra empresa, passando a chamá-la de *A Editora*.

A partir de 1909, a *Editora* mudou para novo endereço, na Rua do Ouvidor, 166. No mesmo ano, foram abertos os escritórios de São Paulo e Belo Horizonte. O paulista, na Rua São Bento, 65 e o mineiro, na Rua Bahia. A partir do ano de 1913, a comercialização das obras e das coleções, no Brasil, passou a ser feita pelo editor e livreiro Francisco Alves.

Gisele Venâncio, em suas reflexões sobre o mercado editorial português (Op. cit., p. 13), coloca que, no ano de 1913, Francisco Alves, livreiro e editor português, compra *A Editora*, unificando-a com a editora francesa Aillaud e a portuguesa Bertrand, que já havia adquirido.

5.2- O ilustrador: Gustavo Doré

Gustavo Doré é um outro nome inscrito na página de rosto e foi apresentado, em destaque, com centralidade, e tipografado em vermelho. Seu nome vem logo abaixo do tradutor e acompanhado pela expressão “*Ilustrado com as monumentais composições*”. Pode-se perceber, de acordo com as reflexões de Darton (1990), que a centralidade e a expressão mencionada revelam a importância de Doré no mercado editorial português e brasileiro.

Gustavo Doré nasceu no dia 06 de janeiro de 1832 e veio a falecer em 23 de janeiro de 1883. É considerado pela crítica como um artista de grande talento e imaginação, contribuindo significativamente para o florescimento da ilustração no século XIX.

Nesse século (XIX), os artistas (pintores e ilustradores) eram contratados pelos jornais e editoras para darem uma melhor compreensão dos fatos e dos enredos por meio de seus desenhos. A partir dos estudos de Roger Chartier em sua obra *História Cultural: entre práticas e representações* (1996, p. 129) pode-se perceber que a ilustração, nesse momento, serve como uma estratégia editorial utilizada para seduzir o leitor e orientá-lo na construção de sentidos do texto verbal. Trata-se de uma estratégia editorial para leitores não virtuosos, familiarizados com leituras mais fragmentadas e de menor densidade textual.

De acordo com Ana Beatriz de Araujo Linardi (2007, p. 73), em sua dissertação de doutorado *VT PICTVRA: Dom Quixote e Dalí*, o repertório de ilustrações de Gustave Doré conta com quase duzentas obras que obtiveram muito êxito da crítica e do público, a ponto de o artista ter chegado a empregar em seu ateliê mais de quarenta gravadores para trabalhar em suas ilustrações, alguns deles co-assinando grande parte de sua obra, como Pisan, Pannemaker e Jonnard.

Seu primeiro trabalho de ilustração foi a *Divina Comédia* publicada em 1862. Suas ilustrações do *Inferno*, de acordo com Ana Linardi (Op. cit., 66), tiveram grande repercussão e a crítica da época chegou a mencionar o jovem como o maior ilustrador de Dante desde Sandro Botticelli.

Entre os mais de cem volumes que ilustrou, incluem-se as obras completas de Rabelais (1854), o *Inferno de Dante* (1862), o *Dom Quixote* (1863), a *Bíblia* (1866). Linardi (Op. cit., 66) comenta que todas as ilustrações são dotadas de grande efeito dramático e que Gustavo Doré, além das ilustrações, realizou também muitas pinturas e

esculturas. Entre estas, destaca-se o grupo para o monumento a Alexandre Dumas, em Paris.

Ana Linardi (Op. cit., p. 65), em sua análise sobre a pintura de Doré, apresenta-o como um artista que dominou a arte da gravura popular do século XIX. Com seu desenho preciso, detalhista, e sua grande capacidade de manipular texturas e matizes, conseguiu imprimir às ilustrações e gravuras uma atmosfera quase sobrenatural por meio dos jogos fascinantes de luz e sombra. A pesquisadora afirma que, mesmo no auge do Realismo, Doré conseguiu atender ao desejo da burguesia que ainda cultuava a estética romântica.

Foi no ano de 1878, que Doré ilustrou a obra *Orlando Furioso* que teve como tradutor o poeta espanhol Dom Francisco J. Orellana. Esta edição espanhola foi editada por Font Y Torrens em Barcelona pela editora Ilustracion, apresentando ilustrações sobrepostas dentro e fora do texto.

De acordo com Margarida Periquito (2007, p.25), as 650 ilustrações que Doré compôs para a obra *Orlando Furioso* não foram produzidas de uma só vez. No decorrer dos meses de 1878 e 79, outras ilustrações foram feitas e anexadas à obra. Algumas edições repetem; outras cortam. A única edição que apresenta as 650 ilustrações de Doré é a de 1879, editada pela editora francesa Hachete.

5.3 – O tradutor: Xavier da Cunha

Em letra vermelha e de tamanho menor em relação ao de Doré, o nome Xavier da Cunha, tradutor do *Orlando Furioso*, não é apresentado na capa, somente na página de rosto. Quem é Xavier da Cunha? Ele foi um autor que alcançou sucesso no Brasil? Essas indagações ajudam a entender a importância do nome Xavier da Cunha no cenário editorial português e brasileiro.

Xavier da Cunha (1840-1920), de acordo com o *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol. II*, foi médico, poeta e bibliógrafo. Licenciado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1865, com a tese *Algumas Palavras sobre Aneurismas da Artéria Glútea*, tem colaboração dispersa por revistas da especialidade, designadamente a Revista Médica Portuguesa (1864-1865) e o Jornal das Ciências Médicas de Lisboa (1875).

Em 1902, foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa, cargo que ocupou até a implantação da República Portuguesa. Colaborou no Arquivo Pitoresco, na Gazeta de Portugal (quarenta e nove folhetins reunidos pelo título "Revista da semana"), na Revista do Século (1865), na Revista Contemporânea de Portugal e Brasil (1864-1865), entre outras publicações periódicas.

Uma boa parte dessa sua produção, tal como das suas Poesias Líricas (1910), foi subscrita com o pseudônimo Olímpio de Freiras. Dos seus inúmeros trabalhos crítico-bibliográficos devem destacar-se os que dedicou às edições de textos de Bernardim Ribeiro e Camões, que prefaciou, ao passo que das suas traduções salientamos as *Viagens e Aventuras através do Mundo Solari* de Júlio Verne (1878), *O Inferno* de Dante (1887) e a tradução do *Orlando Furioso*, de Ariosto (1895).

O tradutor do *Orlando Furioso* colaborou também no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Caldas Aulete (1881) e no *Dicionário Popular* (1878), de Pinheiro Chagas, nomeadamente, neste último, com textos de informação biográfica.

5.4 – gênero: Romance cavaleiresco

A obra *Orlando Furioso* alcançou sucesso com o grande público desde as suas primeiras edições, com grande circulação por vários países europeus, como já tentamos apresentar nesta pesquisa. Portanto, a obra faz parte do cânone letrado e que vem editado em diferentes formas e traduções, desde meados do século XVI.

Nas edições espanholas, italianas e francesas, a obra *Orlando Furioso* foi apresentada ao seu público como novela de cavalaria. Na inglesa como versos heróicos. A página de rosto do *Orlando Furioso* traduzido por Xavier da Cunha traz a informação de que esta edição de *Orlando Furioso* é um Romance Cavaleiresco. Como se sabe, o *Orlando Furioso* e suas edições ganham adaptações não só na linguagem, mas também na diversidade de ilustrações e gêneros discursivos. Na edição, espanhola, de Orellana, de 1878, ilustrada por Doré, o *Orlando Furioso* é apresentado como um poema heróico, aqui, na de Xavier da Cunha, como um Romance Cavaleiresco.

O poema épico teve muito sucesso de público durante os séculos XVI, XVII e XVIII, contando em versos as aventuras de personagens ilustres. A partir do século XIX, os enredos, em forma de romance e prosa, ganham força, principalmente para o público feminino (ABREU, 2003 p. 35).

A definição do gênero como *Romance Cavaleiresco* é apresentada logo abaixo do título *Orlando Furioso*, antes mesmo dos nomes do tradutor e do ilustrador, em letra preta.

De acordo com o *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, organizado por Jacques Le Goff (2002, pp. 185-215), o adjetivo cavaleiresco remete-nos ao substantivo cavalaria, que traz, no primeiro momento, um sentido militar à palavra: um grupo de guerreiros de elite atacando de lança ou espada em punho, em todos os campos de batalha da Europa medieval. A essa significação militar liga-se um segundo sentido, mais frequente, de termos franceses e latinos. Fazer cavalaria significa, tanto atacar quanto realizar grandes feitos de armas, proezas cavaleirescas.

A nobreza controla e comanda a cavalaria, empresta-lhe sua ideologia a ponto de, a partir do fim do século XII, a cavalaria aparecer como expressão militar da nobreza que a considera território particular e alicia seus membros. Desde então, um cavaleiro não é

somente um guerreiro a cavalo, mas um membro reconhecido da aristocracia. Cavaleiro torna-se um título nobiliário.

Segundo Le Goff (Op. cit., 188), ao longo da Idade Média, e desde seu surgimento, as literaturas em língua vulgar celebram a cavalaria e transformam-na em mitologia. As canções de gesta que nasceram na França no início do século XII e cuja popularidade vai até o século XIV, apossaram-se para sempre da personagem ideal do bravo cavaleiro, heróico até o exagero como Rolando, valente e sábio como Olivier, ou infatigável defensor do rei e da fé como Guilherme. Através da diversidade dos modelos sociais que preconizam, é sempre a cavalaria que elas (as canções de gesta) exaltam.

A terminologia romance, conforme Ian Watt na obra *A ascensão do romance* (1996, pp.34-35) nasceu no início do século XVII, sendo o precursor deste gênero o *Dom Quixote de La Mancha*. Na tentativa de parodiar a novela de cavalaria, Miguel Cervantes não só escreveu um dos grandes clássicos da literatura, mas ajudou a consolidar o gênero literário que viria substituir a epopéia, gênero que agonizava e desapareceria no século XVIII, com o advento da era industrial.

Ian Watt, em suas análises (Op. cit. 43), remete a um conceito de romance de cavalaria que advém da Idade Média, o qual apresenta uma estrutura narrativa que, geralmente, gira em volta do mesmo assunto e movimenta as mesmas personagens. De caráter místico e simbólico, relata aventuras penetradas de espiritualidade cristã e subordina-se a um ideal místico, que sublima o amor profano.

Em seus estudos sobre romance de cavalaria publicados no artigo *Estudos Luso-Italianos. Poesia Épico-Cavaleiresca e Teatro Setecentista* (1990, pp. 48-59), José da Costa Miranda lembra que os autores portugueses do final do século XVI, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Antonio Prestes, mencionam as personagens ariostescos, também nos gêneros literários (teatro, carta e romances).

De acordo com José Miranda, não houve, porém, em Portugal no período quinhentista, seiscentista, setecentista e oitocentista comentários nem discussões que se propusessem a indicar ou definir miudamente o que o romance de cavalaria significou naquele momento.

Antes da circulação do *Orlando Furioso*, em Portugal, como romance de cavalaria, havia dois romances que se ligavam a ele intertextualmente: a *Crônica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros (1522) e o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1567). José Miranda, em seus comentários, apregoa que (Op. cit., 238), tanto João de Barros como Jorge Ferreira de Vasconcelos, embora em graus diferentes, consideraram a obra *Orlando Furioso* importante na construção de seus romances de cavalaria.

Roger Chartier, em seus estudos sobre a história dos gêneros textuais e tipográficos, na obra *História Cultural: entre práticas e representações* (1996, p. 132) chama a atenção para as identificações explícitas, que designam e classificam os textos, criando (em relação eles) expectativas de leitura, antecipações de compreensão. O gênero aproxima o texto de outros já lidos, aponta ao leitor o pré-saber e onde inscrevê-lo.

PARTE 3

ORLANDO FURIOSO:

seu processo adaptativo

Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável - árvores e pedras são apenas aquilo que são.

Ítalo Calvino
cidades Invisíveis, 1972

6 - Monteiro Lobato: as adaptações para as crianças

Na obra *A Barca de Gleyre*, livro que reúne a correspondência literária de 40 anos de Lobato com o amigo mineiro e também escritor Godofredo Rangel, pode-se perceber que os dois jovens (Lobato e Rangel), quando ainda ensaiavam suas carreiras literárias, costumavam trocar notas sobre suas leituras e produções iniciais ao comentar o enredo, a construção narrativa e o estilo delas:

Atenta neste belo clarão de Fialho: ‘*Tomou as mãos do agonizante, um mármore molhado.*’ A minoria entrepara, atônita com essa beleza. A maioria não pára, passa, mas admira, porque não entendeu – o ininteligível é o supremo pasmo das multidões. Vejamos agora isso dito no estilo bunda: ‘*Tomou as mãos do agonizante: estavam geladas por um suor frio.*’ O clarão da frase de Fialho vira aqui luzinha de vela de sebo; entendem-na todos; a clareza democrática atinge o apogeu – mas que *anuidade!* [...] O escaravelho da adjetivação dessorada pelo advérbio. O adjetivo sempre *médio* (porque in medio virtus! O in *medio* em tudo na vida só dá o medíocre). Nunca o adjetivo extremo [...] Andas com tempo disponível? Estou precisando de um D. Quixote para crianças, mais correntio e mais em língua da terra que as edições do **Garnier** e dos portugueses. Preciso do D. Quixote, do Gulliver, do Robinson, do diabo! Posso mandar serviço? É uma distração e ganhas uns cobres. Quanta coisa tenho vontade de fazer e não posso! Meu tempo é curto demais. [...] As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil que nado acho para iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o Coração de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos. (LOBATO, 1962, p. 52, 276 e 350)

Neste fragmento extraído da obra *A Barca de Gleyre*, Lobato expõe uma reflexão sobre a função do adjetivo, que, segundo ele, quanto menos houver e mais cru e só estiver o texto, melhor o seu efeito, da necessidade de produção de uma literatura voltada para criança. Reflexões de teor estilístico ou semântico como essas, ajudam a conhecer o editor no escritor Lobato que, guiado por uma representação de leitor infantil, promove intervenções nos textos que deseja escrever, traduzir ou adaptar.

Essa sua vontade torna-se mais explícita em outra carta, quando indica a Rangel

uma espécie de conduta que o escritor de obras infantis deve seguir: “*Para bem escrever para as crianças é preciso tê-las como juízes supremos. Ora, você tem em casa uma juizinha. Vá fazendo e lendo-lhe. O que ela não gostar não presta. O que ela gostar, está ótimo e todas as mais crianças gostarão.*” (LOBATO, 1962, p.63)

O gosto e o desejo do leitor infantil orientam o processo de escrita de Lobato, já que adaptações realizadas para elas (crianças) não os levavam em consideração.

Utilizando, às vezes, a obra *O Sítio do Picapau Amarelo* como introdutora do material desse novo jeito de produzir literatura para as crianças, Lobato, por meio da narração da personagem Dona Benta, matriarca do sítio, vai abasileirando, reaproveitando e transformando narrativas, que, segundo ele, não apresentavam uma linguagem compreensível para o universo infantil, isto é, estruturas da oralidade, um jeito de escrever “brasileiro”.

O ensejo de produzir uma literatura que não só agradasse o mercado editorial infantil, mas que pudesse contribuir com o desenvolvimento escolar da criança, conduz Lobato na busca contínua de construir um estilo literário que atingisse os seus propósitos.

A carta a Rangel permite entender esse anseio, pois em tom de aconselhamento, vai tecendo comentários sobre a melhor maneira de realizar uma adaptação que agradasse as crianças: “... o livro deve ser escrito como o *CAPINHA VERMELHA*, de Perrault, estilo, ultra direto, sem nenhum grânulo de “literatura”.⁴ e continua “... linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original em matéria de forma – só em matéria de fundo.” (LOBATO, 1962, p. 60) Monteiro Lobato busca em suas adaptações valorizar o conteúdo; conta a história com nova roupagem para que haja maior envolvimento com o leitor infantil.

A concepção lobatiana de adaptação faz referência à temática da oralidade, pois para ele, o adaptador deve reescrever a obra como quem ouve uma história, contando-a com palavras suas, possibilitando, assim, ao leitor infantil uma acessibilidade à produção literária de maneira mais fácil e clara:

Um defeito, meu, teu, nosso; damos espaços demais ao cenário, com prejuízo das figuras. Em Camilo quase não há cenário; as almas vão logo entrando em cena. Shakespeare pinta-o com uma palavra. Nós nos perdemos nas “mignardises” da paisagem, a copiar até as perninhas dos carrapatos – vício que vem do tempo em que o Naturalismo zolaiesco nos seduziu. Tu tens paisagens belíssimas, mas estragadas pela abundância dos detalhes. Queres descrever tudo, quando o certo é apenas sugerir – é dar um rápido relevo de estereoscópio com meia dúzia de pinceladas rápidas e manhosas. Pinceladas-carrapicho nas quais se enganchem as reminiscências do leitor. Forçamo-lo assim a colaborar conosco – ele vê mil coisas que não dissemos, mas que com os nossos carrapichos soubemos acordar dentro dele. O segredo de escrever bem está aí. O leitor é um túnel. O escritor tem de atravessá-lo com seu comboio de idéias. Se as idéias não vão uma depois da outra, uma bem engatadinha na outra, fica na porta do túnel Olha, Rangel, enquanto te preocupares com o estilo, não o terás. Estilo é jeito de gente. E todo jeito artificialmente procurado desajeita uma pessoa. Que preocupação há nesse Camilo que transcrevi? E que estilo! (LOBATO, 1962, pp. 56; 65 e 68)

Monteiro Lobato indica pistas de como deveria ser o estilo de escrita para as crianças: sem longas descrições de cenários, para que o leitor infantil possa imaginar, criar, “engancha suas reminiscências”. O estilo não pode ser copiado, imitado. De acordo com Lobato há de se produzir estilo liberto, ter o próprio estilo.

Deve haver, segundo Lobato, uma colaboração do leitor, produzir junto (escritor, leitor). Para Lobato, o autor percorre, constrói um caminho, um andar para chegar ao leitor, atravessá-lo – neste atravessar vai construindo uma idéia após a outra -, interligações feitas cuidadosamente. O texto é um comboio de idéias, o leitor um túnel e o autor aquele que coloca o comboio a percorrer o túnel.

As reflexões de Eliane Marta Teixeira Lopes, na obra *Lendo e escrevendo Lobato* (2001 pp. 35-36), sobre a produção literária lobatiana, refletem a liberdade que o escritor do *Urupês* sempre se deu na condição de leitor, autor e editor. Revelam também os dispositivos, as estratégias textuais e editoriais lançadas por ele (Lobato) na confecção da obra, pois, em sua época, havia pouca literatura infantil em circulação no Brasil, e aquelas que existiam eram impreterivelmente difíceis para o leitor infantil.

As recomendações, aconselhamentos e orientações de Lobato para a produção de obras infantis eram: a) considerar o gosto, a apreciação do leitor infantil, ouvi-lo; b) produzir um estilo direto, uma linguagem simples; c) o escritor deve prender-se ao enredo, ao conteúdo; d) evitar descrições, tirar os detalhes, dar pinceladas; e) escrever pressupondo um leitor que compartilha a leitura, um leitor que produz a história junto com o escritor.

É a partir dessa liberdade (visão mercadológica) – do que seu público necessita, do que ele sabe fazer – que o autor Lobato cria seus livros, ou os encomenda aos amigos.

6.1- Uma proposta de criação de Lobato na obra *Orlando Furioso*

A obra *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, edição de 1895, traduzida por Xavier da Cunha, traz muitas marcas feitas pelo próprio punho de Lobato, provavelmente com a intenção de adaptá-la para uma publicação brasileira, que atendesse ao público infantil, conforme anúncio feito na obra *Dom Quixote das Crianças* pela voz da personagem Dona Benta: “– Isso mesmo – confirmou Dona Benta. – Eram os cavaleiros andantes. Depois de lermos o *DOM QUIXOTE* havemos de procurar o *ORLANDO FURIOSO*, do célebre poeta italiano Ariosto – e vocês vão ver que coisa tremenda eram os tais cavaleiros andantes” (LOBATO, 1964, p. 16)

Monteiro Lobato aproxima dois cavaleiros – Dom Quixote e Orlando Furioso - sonhadores, apaixonados e justos. Personagens de duas obras que fazem parte da cultura humanística e, segundo ele (Lobato), merecem ser conhecidas pelas crianças, no interior de um projeto de educação do leitor à leitura de clássicos.

A diversidade das intervenções, feitas por Lobato no *Orlando Furioso*, permite-nos indagar: Que conjunto de intervenções Lobato faz? Por que essas e não outras? Que representação de leitor infantil orienta as intervenções que Lobato faz? Que representação de obra infantil Lobato parece ter? Qual era o projeto editorial de Lobato para essa edição de Xavier da Cunha?

Segundo Roger Chartier, em sua obra *História Cultural: entre práticas e representações* (1996, p.131), os textos escritos por autores, são também manufaturados por editores, por revisores, por impressores, pelo sistema – programação de edição dado pelo computador – criação de outras formas materiais para se chegar ao leitor. A partir das reflexões de Chartier, é possível pensar em dois tipos de dispositivos:

- 1- Dispositivos textuais: aqueles que decorrem do estabelecimento do texto, ou seja, das estratégias de escrita, das intenções do autor;

2- Dispositivos tipográficos: aqueles que decorrem do resultado da passagem do texto ao impresso, produzidos pela decisão editorial, pelo impressor e outros.

As intervenções de Lobato apontam para várias direções: nas imagens e no conteúdo do texto. Nas imagens podem-se perceber as intenções de intervenções tipográficas, pois Lobato busca selecionar algumas (imagens). Depois de selecionadas propõe encurtar o tamanho delas (imagens).

A ação de encurtar é uma decisão editorial, pois é realizado com o propósito de reduzir o tamanho das páginas e até mesmo a quantidade de folhas de impresso. Essas intervenções são orientadas pela imagem do livro impresso que Lobato tinha, já que ele era um editor consagrado na época. No entanto, não há o livro (*Orlando Furioso*) impresso, impossibilitando saber de fato que intervenções tipográficas (materiais e comerciais) ocorreriam ou seriam acrescentadas.

A estratégia de intervenção textual, segundo Chartier (1996, p. 127) é orientada pelas representações que os escritores e editores têm das competências e das expectativas culturais de seus leitores. Essas intervenções são de três tipos:

1- encurtamento dos textos (suprime-se capítulos, episódios, retira-se as divagações e as considerações supérfluas);

2- dividem o texto criando novos capítulos, multiplicando novos parágrafos, acrescentando-se títulos, resumos, realizando-se substituições e atualizações,

3- Censuram-se blasfemas morais e religiosas.

A primeira estratégia pode ser considerada como uma espécie de enxugamento e a segunda e a terceira como remodelamento.

6.2 - A organização do trabalho

Cotejar o texto de Xavier da Cunha e o texto reconstruído por Lobato, consciente de toda a história por eles acarretada, impõe uma tarefa de organização sistemática dos textos. Sendo este o objetivo, decidi marcar as alterações do editor e autor Lobato sobre a versão de Xavier da Cunha. Parece que desse modo pode-se ver mais claramente como a recriação de Lobato se apresenta na “tessitura lingüística” do texto de Xavier da Cunha.

Conhecer as duas versões. Cotejá-las procurando compreender por quais critérios Lobato era orientado para reescrever o texto, ou seja, produzir um novo texto literário. É o primeiro desafio.

Uma das possibilidades de comparar as duas versões era utilizar a ferramenta “controlar alterações”, disponível no programa Word. Essa ferramenta contrasta automaticamente dois documentos, destacando por meio de marcas de revisão formatadas pelo usuário todas as diferenças encontradas: sinais de pontuação, acréscimos de palavras ou frases, supressões, substituições, etc. Nesse caso, porém, essa técnica moderna e automática não se aplica de modo tão simples e fácil quanto possa parecer, pois poderia alterar, em alguns momentos, as próprias intervenções de Lobato.

Realizei também a tarefa manual de marcar linha a linha as variantes encontradas entre o texto lobatiano e o de Xavier Cunha. Adotei a velha e idônea técnica da caneta e do papel. Busquei reproduzir o ato do escritor Lobato substituindo, suprimindo, deslocando, reduzindo e invertendo a ordem literária estabelecida por Xavier da Cunha.

As alterações lobatianas ficaram impressas em tinta vermelha, Times New Roman, e a seguinte legenda de sinais para as classificações adotadas:

----	(tachado)	supressão	(palavras e expressões)
_____	(sublinhado)	substituição	(palavras e expressões e pontuação)
< >		acréscimo	
~		inversão	
/ /		deslocamento	(aparecem em pares no período para orientar a ocorrência do deslocamento)
# #		mudança de parágrafo	

Outra forma utilizada por mim, para melhor visualização das modificações ocorridas, foi a organização dos parágrafos em tabelas: Sendo (A) para Xavier da Cunha, (B) para o Orlando Furioso com as modificações de Monteiro Lobato e (C) para a possível adaptação de Lobato. Nas tabelas, o olhar pode transitar de forma mais pertinente nas intervenções realizadas por Monteiro Lobato. Essas duas formas de organização do trabalho são apresentadas em anexo para que o leitor(a) possa, se desejar, observar.

As intervenções foram organizadas da seguinte forma: redução, simplificação, acréscimos, atualização da linguagem, inversão no posicionamento das palavras, conservação de parágrafos, condensação de episódios e escolha de ilustração. E, elas (intervenções) foram colocadas lado a lado, ou seja, de um lado o texto de Xavier da Cunha e de outro as anotações de Lobato.

A digitalização da página cinco do capítulo um, apresentada a seguir, mostra Lobato impingindo seu lápis no texto de Xavier da Cunha, ou seja, exercendo a sua função de escritor e adaptador. Logo após, a transcrição, seguindo as indicações da tabela acima (legenda).

6.3- Transcrição da página cinco do Orlando Furioso

Mas enquanto o despeitadíssimo Ferragudo vai prolongando as suas pesquisas, <eis senão quando,> surge-lhe do meio das águas o busto ameaçador de um cavaleiro, <trajando na mão o capacete. O vulto encarou-o, disse-lhe em irado tom:>

26. ~~Revestiam-lhe o corpo todo armas defensivas, o corpo todo, com exceção da cabeça: e na mão direita segurava ele o próprio capacete de Ferragudo, aquele que o sarraceno inutilmente se demorara por tão largo espaço a procurar. Dirigindo-lhe n'um tom irado, as palavras que disse ao cavaleiro pagão foram estas: [-Perjuro e traidor! porque é que te aflige deixares-me aqui o elmo que há tanto tempo me devias?~~

27. ~~Recorda-te, infiel, de que, na ocasião de matares o irmão de Angélica (sou eu próprio esse irmão!), (cujo sou), prometeste-me lançar, dentro em poucos dias, ao rio, juntamente com as outras armas este capacete: não te revoltes pois contra a Fortuna porque ela realizou à medida dos meus desejos aquilo que tu não quiseste cumprir. Entendes que deves revoltar-te? revolta-te contra ti próprio que faltaste às tuas promessas.~~

28. ~~“E, se cobijas possuir um elmo fino, trata de buscar outro, mas trata de ganhá-lo mais honrosamente. Semelhante a este, encontrarás um na cabeça do paladino Orlando; e outro, talvez ainda melhor, na de Reinaldo: pertença de Almonte foi um d'eles, e de Mambrino o outro dos dois. Faze por conquistar valorosamente algum d'esses; mas este, que prometeste deixar-me, convirá que efetivamente m'o deixes.”~~

29. ~~Perante esta inesperada aparição, [Ferragudo sente arripiarem-se-lhe os cabelos todos; e empallidece-lhe o rosto; a voz embarga-se-lhe na garganta. E ao reconhecer <o cavaleiro> em quem o afronta increpando-o por quebras de lealdade, aquele mesmo Argalia que por suas próprias mãos ele havia morto, – simultaneamente-lhe enche <se de > pungem n'alma a vergonha e a cólera. < e jura >~~

30. E, porque lhe não acodem razões que invoque para desculpas, antes reconhecendo verdade enquanto acabava de ouvir, deixa-se ficar silencioso e mudo. Mas a vergonha que sente o obriga a jurar pela vida de Lanfusa que nunca mais em sua cabeça quererá outro elmo senão aquele que Orlando ganhou outr'ora /a Mambrino/, em Aspramonte

31. Esse juramento soube ele cumpri-lo melhor do que o outro que primeiro fizera. E ei-lo que / E /dali parte, deseontente, descontentissimo, a ponto de não sem encontrar sossego durante muitos dias, A sua Com a preocupação constante é ver se descobre onde possa / de /encontrar-se com o paladino.

32. Poucos passos tinha andado Reinaldo, quando repentinamente lhe aparece aos saltos pinotes o seu impetuoso corcel. – “Pára ai, meu Bayardo, pára ai! / que / sem ti não posso eu passar!” Mas o corcel, completamente surdo à voz de Reinaldo, do dono em vez de lhe obedecer, continua a galopar cada vez mais veloz. Reinaldo o que faz é correr traz segue atrás d'elle. [E —Acompanhemos entretanto Angélica ? , na sua fuga.

33. Por florestas sombrias e medonhas, por lugares desabitados e completamente selváticos, </ medonhos /> vai ela fugindo. O rumorejar da folhagem < e as sombras > nos earvalhos, nas faias e nos olmeiros, não faz senão inspirar-lhe inspiram súbitos pavores, e obriga a seguir desnorteadamente estranhíssimos carreiros: sombras que lhe apareça na montanha ou no vale, acometem-n'a logo receios de que seja Reinaldo a persegui-la.

34. Faz lembrar Lembra uma corça ou uma cabrinha, que, por entre os folheados do bosque em que houvesse nascido, vendo um leopardo estrangular-lhe a mãe, ou matar lh'a rasgando-lhe as entranhas, fugisse de moita em moita, para longe da fera cruel, tremendo trêmula de susto, e no auge da inquietação, cuidando em cada raiz que topa encontrar ver as faces do leopardo a devorarem n'a. da fera.

35. E assim prossegue vagueando ao acaso; todo esse dia, toda essa noite, e ainda metade do dia seguinte. Por fim foi dar a um bosquezinho encantador, delicioso, bafejado pela frescura de uma suave brisa por brisa frescas, < onde dois > Dois regatos claríssimos, que lhe deslizam em torno serpeavam, conservam <ndo> sempre viçosa a vegetação. d'esse lugar aprazível, e , com a linfa a escoar se brandamente por entre pedrinhas, fazem as

~~delícias de quem lhes escuta o murmúrio.~~ < **Julgando-se em segurança naquele encantador retiro, resolve repousar** > ¹⁸

A página é um exemplo ilustrativo do processo de intervenção de Lobato. Nela, pode se ver os riscos, os sinais de parênteses, círculos em palavras, colchetes, flechas, palavras nas margens, em cima e abaixo das linhas... .

São intervenções que sugerem retiradas de frases, de expressões, às vezes de parágrafos inteiros com o intuito de encurtar, condensar. São substituições de uma palavra por outra, como por exemplo, no parágrafo trinta e dois “**pinotes**” por “**saltos**”; “**encontrar**” por “**ver**” no parágrafo trinta e quatro, talvez mais próximas ao vocabulário do leitor que ele, Lobato, pretende alcançar.

Ocorrem modificações verbais com intuito de resumir como “**inspirar-lhe**” por “**inspiram**”, como no parágrafo trinta e três e “**Faz lembrar**” por “**Lembra**” no trinta e quatro. Acréscimos com finalidade de resumir o desejo das personagens que aparecem no comentário do narrador “**Julgando-se em segurança naquele encantador retiro, resolve repousar**” no parágrafo trinta e cinco. ”

Cada página, tal como esta indicada acima, traz muitas intervenções: supressões, acréscimos, deslocamentos de palavras no interior do texto, substituições, inversão da posição das palavras dentro da oração e a substituição de um termo por outro. Monteiro Lobato promove uma leitura cuidadosamente orientada por uma representação do seu leitor infantil.

A quantidade de intervenções é reveladora de um Lobato laborioso na construção de sua escrita, um obcecado pela busca de um sentido melhor da palavra, do texto.

18- Transcrição do capítulo I dos parágrafos 25 a 35, de acordo com a legenda de sinais apresentada anteriormente.

6.4 – Procedimentos textuais: encurtamento

O procedimento de encurtamento (estratégia de supressão) realizado por Lobato, no movimento textual de Xavier da Cunha, consiste na retirada de episódios, orações e parágrafos que podem, segundo sua percepção, desviar a atenção do leitor do eixo principal do enredo, pois deixam o enredo mais lento, cheio de detalhes. Trata-se de uma intenção de enxugamento, estratégia para que o leitor seja enredado na parte aventuresca da obra *Orlando Furioso*. Segundo Chartier, em suas reflexões sobre as publicações da Biblioteca Azul dos editores de Troyes,

Na sua maioria, com efeito, as edições de Troyes encurtam o texto que reproduzem, fazendo-o de duas maneiras. A primeira consiste em desbastar o texto, em abreviar alguns dos seus episódios, em efetuar cortes por vezes drásticos. Nos romances passados a livros de cordel, tais reduções amputam os textos de relatos julgados supérfluos, e, sobretudo, das descrições das características sociais ou dos estados psicológicos das personagens, consideradas como inúteis para o desenrolar da ação. (Op. cit., p. 175)

Na intenção de encurtar o texto para facilitar a leitura, os adaptadores, tradutores, escritores e editores, tais como Lobato, Godofredo Rangel, Ana Maria Machado e outros, utilizam o procedimento de encurtamento (estratégia de supressão). Uma intervenção realizada no interior do texto, que busca eliminar aquilo que possa constituir em entrave para o entendimento imediato dos fatos narrados.

6.4.1- Supressão de Parágrafos

Na intenção de dar mais rapidez e movimento às ações das personagens no interior da narrativa, Lobato suprime até mesmo parágrafos inteiros. É o caso do parágrafo vinte e quatro do primeiro capítulo, no qual há a descrição da ação de Ferragudo, que deixa de perseguir a amada Angélica pela floresta e decide ir atrás do elmo que havia caído na água. Este parágrafo é totalmente suprimido por Lobato:

Quer dizer: - Ferragudo foi dar ao mesmo ponto da ribeira, em que o elmo lhe tinha caído n'água. E agora, - uma vez que já pela idéia lhe não pode passar o encontrar a dama, atrás de quem corria, - ocorre-lhe ao menos aproveitar o ensejo de reaver o elmo tombado na ribeira: para isso vai ele ... descendo pela riba úmida... Mas o elmo achava-se tão enterrado na areia, que decerto há de custar-lhe bastante a retira-lo de lá. (CUNHA, 1895, p. 4)

O que Lobato suprime? Toda a reflexão (descrição explicativa) que o narrador realiza, nesse momento, sobre o desejo de Ferragudo de encontrar o elmo.

Dos parágrafos 59 a 68 o narrador relata o duelo entre os dois cavaleiros – Sacripante e a guerreira moura. Neste relato, muitos sentimentos das personagens e comentários entre parênteses do narrador são cortados, muitas figuras de comparação são suprimidas.

O parágrafo 66, por exemplo, descreve o sentimento de vergonha, do combatente Sacripante, diante de sua derrota frente à amada, há uma situação em que um raio devassa animais, plantas ao seu redor, este é também inteiramente suprimido:

Imagine-se um lavrador que, sentindo estalar-lhe um raio aos pés, cai atordoado enquanto os bois com que lavrara sucumbem fulminados, e que depois, ao levantar-se, ainda assombrado, vê rachado e sem folhagem o pinheiro que em distância estava habituado a contemplar: - é o que fazia lembrar o cavaleiro pagão quando logrou reerguer-se perante a formosa Angélica, testemunha da sua triste aventura. (CUNHA, 1895, p. 9)

Segundo Lobato, na obra *A Barca de Gleyre* (1962, 62), a narrativa precisa andar a galope. Então, é preciso retirar os detalhes sobre os sentimentos, pensamentos do herói, para que a narrativa seja apreendida pelo leitor infantil de forma rápida, direta e sem preâmbulos.

O parágrafo sessenta e sete é quase todo cortado, conforme indica o tachado (ferramenta presente no Word) realizado na transcrição, para que o desfecho da luta anunciado no parágrafo sessenta e quatro possa ser compreendido pelo leitor infantil de maneira mais clara e objetiva:

~~Suspira e geme: Não porque o aflijam dores de pé deslocado ou braço fraturado; mas porque a punge a vergonha, a ponto de que nunca em sua vida lhe subiram tão vermelhas cores ao rosto, vergonha tanto mais pungente, quanto ao desaire da queda acresceu tornar se lhe preciso que a sua dama o ajudasse a libertar se da grande opressão com que o cadáver do cavalo lhe só pesava no corpo! E de vergonha... nem talvez ousaria falar, se não fora ela a primeira a dirigir-lhe a palavra. (CUNHA, 1895, p. 9)~~

No trecho suprimido por Lobato tem-se a emoção de Sacripante descrita, que, após ter desafiado o cavaleiro que ali chegara e ter sido derrotado por ele, geme e suspira morto de vergonha diante da amada.

Há também uma supressão realizada no interior do texto de Xavier Cunha que produz o apagamento do trecho em que o escritor engrandece o seu mecena, conforme se pode ver no parágrafo três do capítulo primeiro:

E vós, ó generoso descendente de Hércules, ornamento e esplendor do século em que vivemos, vós, ó Hipólito, dignai vos acolher o único preito que o vosso humilde servo pode tributar-vos. Preito de palavras, que de outro modo não posso agradecer o que vos devo! E não m'ó rejeiteis por mesquinho, que n'ele vai tudo quanto cabe em minhas débeis forças (CUNHA, 1895, p. 3)

Neste caso, a supressão da dedicatória ao mecenas Hipólito d' Este, governador de Ferrara, faz com que o adaptador retire as características da epopéia clássica, que tem como objetivo uma linguagem mais pomposa, um tratamento mais cerimonioso do autor ao seu mecenas (vós).

Esse aspecto formal presente nos textos clássicos (dedicatória) faz parte dos chamados epítetos: construções textuais que qualificam pessoas e objetos, um modo de dizer próprio da cultura clássica grega, como se pode perceber também no trecho extraído do quarto parágrafo do texto de Xavier da Cunha:

Entre os mais dignos heróis que me proponho louvar, encontrareis memorado aquele Rogério que de vós e de vossos ilustres antepassados foi tronco. Se honrar-me quiserdes escutando-me, ouvireis a narrativa de seu alto valor e de suas brilhantes proezas: possa o vosso alto pensamento inclinar-se um pouco e merecer-lhe favor este escrito meu.(CUNHA, 1895, p. 3)

Monteiro Lobato suprime os epítetos. Parece que eles se tornam desnecessários quando transpostos para essa nova modalidade textual, dirigida a um público que precisa ser guiado durante a leitura para se garantir uma apreensão do sentido pretendido pelo autor, evitando assim, que o leitor infantil se desinteresse pela obra, ou seja, abandone a leitura.

6.4.2- Supressão de orações, expressões e palavras

Outra forma de supressão (encurtamento do texto) é a retirada de algumas orações como se pode perceber nos parágrafos treze, catorze e quinze do primeiro capítulo. Nestes parágrafos, Xavier da Cunha conta o encontro de Angélica com Rinaldo, um dos paladinos de Carlos Magno; sua fuga desesperada pela floresta e apresenta a personagem Ferragudo, o guerreiro mouro.

Monteiro Lobato, diante dessas três cenas (encontro de Angélica com Rinaldo; fuga pela floresta e encontro de Angélica com Ferragudo) suprime, no parágrafo treze, a oração que apresenta a ação desesperada de Angélica, que foge daquele que fora outrora seu amor, Rinaldo: “*voltando-lhe a garupa do palafrem, e correndo a toda a brida, nem sequer pensava em buscar no bosque a vereda mais fácil e mais desafrontada.*”.

Ele, Lobato, promove o encurtamento das orações, reduz a cena, retirando dela, detalhes descritivos “*e correndo a toda a brida*”, frases explicativas “*nem sequer pensava em buscar no bosque a vereda mais fácil e mais desafrontada*”, com o propósito de dar ao texto mais ação, dinamicidade.

No parágrafo catorze, Lobato suprime a locução adjetiva *coberto de poeira* que ajuda a compor a imagem de Ferragudo banhada de suor “*Na margem da ribeira, quem havia de ela encontrar? Ferragudo, banhado em suor e coberto de poeira...*”. E no parágrafo quinze, Lobato retira a descrição de como Angélica corria, antes de encontrar com o guerreiro mouro: “*A donzela ia correndo quanto podia e soltando gritos...*”.

Visando à economia textual e a uma leitura mais rápida, menos densa para quem lê (leitor infantil), Lobato retira, da versão que deseja adaptar, orações e palavras que trazem informações a respeito do estado psicológico das personagens, colocados na maioria das vezes com comparações de estados de espíritos, e outras situações que podem acontecer no dia a dia.

No parágrafo setenta e oito do primeiro capítulo, as supressões revelam a retirada de palavras, expressões e orações que caracterizam as ações e os sentimentos que tornam o enredo mais embrenhado e, portanto, menos claro para o leitor infantil.

~~A causa d'aquela recíproca mudança está em duas fontes cujas águas desfrutam virtudes opostas. Destas duas fontes, ambas em Ardenne e com uma pequenina distância a separá las, uma tem nas águas o condão de suscitar a flux nos corações a mais impetuosa ardência de amor: quem pelo contrário, acerta de beber na outra, fica de tal ardência curado, e transformado em gelo o que era fogo amoroso. Rinaldo que bebeu da primeira, e está hoje consumido de amor; da segunda bebeu Angélica, e e aí esta agora o motivo do seu ódio e da sua esquivaça (CUNHA, 1895, p. 12)~~

As supressões de detalhes sobre a localização mais precisa do local e sobre a impetuosa ardência de amor fazem com que uma se transforme na outra.

No parágrafo anterior ao setenta e oito, o narrador inicia a cena no momento em que Rinaldo encontra-se com Angélica e ambos apresentam sentimentos distintos um pelo outro. Assim, no parágrafo 79, o narrador explica a mudança de amor de Angélica, que passa a odiar o cavaleiro Rinaldo:

~~Aquela água, em que há misturado um veneno secreto, que transforma em ódios as paixões de amor, faz com que os serenos olhos de Angélica se turvem subitamente quando Reinaldo, se lhe depara e em frente corra a voz trêmula e a tristeza espelhada no rosto, suplica ela a Sacripante e encarecidamente lhe pede para sem mais delongas fugirem ambos, antes que deles se aproxime o recém-chegado guerreiro. (CUNHA, 1895, p.12)~~

As supressões de orações “*Aquela água, em que há misturado um veneno secreto, que transforma em ódios as paixões de amor, faz com que*” de palavras “*deles*” realizadas por Lobato no texto de Xavier da Cunha, buscam, como se pode perceber, no fragmento descrito acima, uma intervenção que busca a valorização da ação, e uma narrativa mais objetiva.

Desse modo, orienta-se o leitor infantil pressuposto para o conhecimento da obra preferencialmente pelos fatos principais da ação, fundamentais para o entendimento e apreensão da obra, de forma rápida e sem muito esforço.

6.5 – Procedimento textual: remodelamento

De acordo com Chartier (Op. cit., p. 100), nessa tarefa de adequar a obra ao leitor, o trabalho do editor e do escritor consiste em remodelar as estruturas textuais para responder às necessidades do público a que se destinam. Então, eles (editores, escritores) dividem o texto criando novos capítulos, multiplicando parágrafos, acrescentando títulos, resumos, substituições e atualizações e, às vezes, censuram blasfemas morais e religiosas.

6.5.1- Substituição e Atualização da linguagem:

É o procedimento que o editor, o escritor, utiliza para tornar a linguagem mais simples, através do corte de adjetivos, da substituição de termos difíceis por outros mais próximos da competência linguística do leitor que deseja atingir.

Segundo Chartier (1996, p. 175)

Um segundo conjunto de transformações redutoras situa-se à escala da própria frase, com a modernização de fórmulas envelhecidas ou difíceis, a contração das frases, depuradas das suas orações relativas ou intercalares, a supressão de numerosos adjetivos ou advérbios. A leitura capaz de aprender apenas enunciados simples, lineares, concisos. As distâncias aparentemente insignificantes, entre os textos das edições de cordel e os das edições letradas, que eles retomam, traduzem a maneira como os impressores de Troyes (ou os que para eles trabalham) concebem as capacidades lexicais, limitadas e particulares, do grande número dos seus leitores potenciais.

Na adaptação de obras adultas para o universo infantil ocorrem estes procedimentos, ao que parece, porque editores e escritores demonstram ter uma ideia muito direcionada a respeito da capacidade lexical e semântica de seus leitores.

Nesse desejo de substituição e atualização da linguagem, Lobato produz intervenções, em sua maioria na: a) Utilização de verbos coloquiais; b) Modificação de tempos verbais e c) Troca de uma palavra por outra.

a) Utilização de Verbos Coloquiais:

A forma verbal “assentara” utilizada na expressão construída por Xavier da Cunha, no parágrafo cinco: “... *onde o rei Carlos assentara arraiaes com seu guerreiros*” exprime um fato passado já concluído, tomado em relação a outro fato também passado. No entanto, na linguagem coloquial, tem-se empregado com maior frequência o pretérito mais que perfeito composto “tinha assentado”, forma que Lobato utiliza para substituir o verbo assentar.

No parágrafo seis do capítulo um, que retrata as estratégias de guerra utilizadas pelo exército mouro e o de Carlos Magno, “... *por haverem tido a louca audácia um de trazer d’África tudo quanto lá encontrou em condições de manejar espadas ou lanças ...*” Lobato substituiu a locução verbal - por haverem tido - pela - por ter tido - , já que o verbo haver na linguagem coloquial é substituído pelo ter.

A mesma busca pela coloquialidade verbal, realizada por Lobato, ocorre quando ele reconta a derrota de Carlos Magno e dos cristãos frente ao exército mouro, parágrafo nove, pois substitui na expressão “... *sobre os quais desabou tremenda uma derrota...*”, o verbo desabar pelo sofrer. Desabar indica desmoronar, apresentando uma maior tonicidade, enquanto sofrer, mais perto da coloquialidade indica mais suavidade àquilo que aconteceu ao exército franco e, logo, maior entendimento ao público infantil.

Maria Antonieta Antunes Cunha, em sua obra *Literatura infantil: teoria e prática*, comenta a importância de renovar a linguagem dos textos, ou seja, modernizá-la: “... *a renovação da linguagem, das próprias palavras, das ações verbais e dos seus contextos, para libertá-las dos clichês e mistificações que carregam consigo através das décadas, na medida em que se tornam conchas esvaziadas da vida que antigamente talvez tenham abrigado....*” (1995, p. 56)

As intervenções de Lobato no texto de Xavier da Cunha apresentam um desejo de descomplicá-lo para seu leitor, torná-lo uma versão mais palatável.

b) Modificação de Tempos Verbais:

As substituições, realizadas por Lobato no interior do texto de Xavier da Cunha, não se limitam apenas a substituir uma palavra verbal por outra. Essa estratégia de intervenção textual, promovida por Lobato, apresenta também várias substituições relacionadas com o tempo verbal. Intervenções que dão presentificação à narrativa em alguns momentos e, em outros, mais movimentação, como se pode ver na descrição do parágrafo quinze do capítulo primeiro:

~~A donzela ia correndo quanto podia e soltando gritos. O sarraceno, ao escutar-lhe a voz, ergue-se a contemplá-la, e reconhece-a logo~~ **Ao vê-la o sarraceno reconheceu a formosa Angélica**, não obstante a palidez e o medo que lhe transtorna **va** as feições. ~~∴ apesar mesmo de haver já decorrido muito tempo que não ouvira notícias d'ela... é certo, certíssimo ter na sua frente a formosa Angélica.~~ (CUNHA, 1895, p. 3)

Monteiro Lobato, ao retratar o desespero de Angélica fugindo de Reinaldo, substitui o tempo verbal - presente do indicativo - descrito por Xavier da Cunha pelo imperfeito do indicativo, dando mais movimentação à ação das personagens. Essa modificação do tempo verbal do presente para o passado em Lobato permite perceber que a ação narrativa é que determina as alterações, pois esta é o recurso narrativo mais adequado, segundo ele, ao público que quer atingir.

Maria Teresa Gonçalves Pereira, em seu artigo *Os Clássicos universais: de como as adaptações servem a tradição e a permanência de Dom Quixote*, comenta

Toda e qualquer palavra, toda e qualquer construção lingüística pode figurar no texto e literalizá-lo ou, ao contrário, deliteralizá-lo. Dependerá do maestro, do artesão. As situações em que ele (re)organiza seu material, a relação que as palavras estabelecem com o contexto é que contam e não o uso de um ou outro tipo de linguagem, nem o registro culto ou coloquial, palavras fáceis ou difíceis. (2005, p. 20)

Segundo, a pesquisadora, toda estratégia de intervenção no texto, com o propósito de adaptá-lo, deve levar em consideração a relação que as palavras estabelecem com o contexto.

c) Troca de uma palavra por outra:

O parágrafo cinco relata o lugar onde Orlando se encontra e com quem - região dos Pirineus - ao lado de sua amada “... e passara a residir na falda dos Pyrineos, onde o rei Carlos...” Os Pirineus são uma cordilheira localizada no sudoeste da Europa, cujos montes formam uma fronteira natural entre a França e a Espanha. O nome Pirineus vem de uma personagem da mitologia grega, Pirene, amante de Hércules, filha de Bébrix: Hércules, após a morte de Pirene, teria erguido uma tumba à altura de seu amor, isto é, a cordilheira, onde repousa sua amada. O amor de Orlando é do tamanho da cordilheira. O ódio de Angélica também.

Nesse (parágrafo) pode-se perceber que Lobato substituiu a palavra “*falda*” pela palavra “*montes*”. A escolha lexical de Lobato não altera o aspecto semântico da palavra, mas torna a imagem da paisagem mais acessível à imaginação de seu leitor infantil.

No parágrafo doze, Xavier da Cunha apresenta a chegada do valoroso paladino de Carlos Magno como o filho de Aymon, senhor de Montalvão. Utilizando a estratégia de substituição, Lobato apresenta-o como Rinaldo: “*O recém-chegado era nem mais, nem menos, do que o valoroso paladino, filho de Aymon, e senhor de Montalvão...*” O nome de Reinaldo no enredo aproxima afetivamente o leitor lobatiano de sua personagem. Esse tipo de substituição possibilita pensar uma certa intimidade do narrador em relação à personagem que apresenta ao seu leitor, que provavelmente seria inteligível, ou poderia oferecer um grau de dificuldade para o leitor do tempo contemporâneo.

Um outro exemplo pode ser visto no parágrafo treze do mesmo capítulo, quando Lobato substituiu a palavra “*alheada*” por “*desvairada*”: “*A dama, voltando-lhe a garupa do palafrem, e correndo a toda brida... pálida e trêmula, completamente alheada...*”. Tal estratégia dá ao texto uma linguagem mais próxima à do leitor e pode criar uma imagem mais forte na caracterização da personagem.

Ana Maria Machado, na obra “*Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*”, ao contar um pouco de sua história de leitora, indica algumas pistas, ajuda a pensar

sobre as estratégias utilizadas por Lobato no processo de remodelamento da obra *Orlando Furioso* para o público infantil:

Nesse ponto, meu pai parou, com um ar de desamparo hesitante. Pelo amor de Deus, o que acontecia depois? Eu devia estar tremendo de frustração excitada, tremendo mesmo. O pai interrompeu a leitura, diz que faltava alguma coisa, finge que não entendia o que está escrito, era preciso deciframos juntos. Segura o dedo dele, vão lendo juntos, repetem a leitura, sílaba após, sílaba, consultando o dicionário quando necessário. (2002, p. 30)

Pode-se pensar que Lobato, por meio das palavras de Ana Maria Machado, faz o exercício de ler junto com o seu leitor o clássico italiano *“Orlando Furioso”*. Lobato procura propiciar ao leitor infantil um primeiro encontro com obras que fazem parte da tradição literária. Talvez Lobato estivesse pensando como Ana Maria Machado (Op. cit., 2002, p. 13) *“Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, (...) terá possibilidade de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência.”*

6.5.2 - Acréscimos: operação de reescrita com coerência

Roger Chartier (Op. cit., p. 130) orienta que a estratégia de acréscimo de palavras, frases e orações pelos escritores e editores nas obras que buscam adaptar funciona, às vezes, com títulos antecipadores ou resumos recapitulativos, os quais funcionam como protocolos de leitura ou lugares de memória do texto.

Em alguns momentos, os acréscimos realizados por Lobato têm como objetivo retomar as ideias que foram suprimidas, servindo como espécie de resumo, que retoma algumas informações que ele optou por cortar, evitando longas descrições, tanto dos locais quanto das personagens. O resumo constrói um enredo mais enxuto e cria uma estratégia de escrita coesa, ligando os fatos e as ideias.

O acréscimo, em síntese, utilizado por Lobato, consiste em interligar a narrativa reconstruída por ele, e, em outros momentos, apenas, apresentar palavras que expressem com mais clareza os fatos narrativos.

Nos dois primeiros parágrafos do primeiro capítulo da obra de Xavier da Cunha, Lobato, após realização das estratégias de atualização da linguagem e supressão, acrescenta o nome de *Ariosto* como narrador dessa história de amores e de façanhas que ocorrem na época de Carlos Magno “*Aqui conta Ariosto de damas e cavaleiros*”. É possível pensar que Lobato esteja buscando uma apresentação do autor italiano ao seu leitor, semelhante ao que foi feito por dona Benta na obra *Dom Quixote das crianças* ao explicar o nome de Miguel de Cervantes aos leitores do Sítio do Picapau Amarelo

Este livro – disse ela – é um dos mais famosos do mundo inteiro. Foi escrito pelo grande Miguel Cervantes Saavedra. Quem riscou o segundo a de Saavedra... Esta edição foi feita em Portugal há muitos anos. Nela aparece a obra de Cervantes traduzida pelo famoso Visconde de Castilho e pelo Visconde de Azevedo... (LOBATO, 1964, p.12)

No momento em que o narrador descreve o encontro de Angélica e Ferragudo, após sua decisão de fugir, já que temia a derrota de Carlos Magno diante dos sarracenos, Lobato acresce junto ao nome de Ferragudo a expressão ***guerreiro mouro***, possivelmente buscando explicar ao seu leitor quem é este cavaleiro. Remetendo, também, ao mundo da religião, pois este assunto – cristãos versus mulçumanos – é de grande relevância ao enredo do *Orlando Furioso*:

Na margem da ribeira, Ali, quem havia de ela encontrar? Ferragudo, < o guerreiro mouro, que > banhado em suor e coberto de poeira, devorado por uma sede ardente fatigadíssimo. Por matar tal sede e por descansar um deixara a batalha e viera descansar e beber, acontecendo-lhe cair n'água o seu elmo precioso. pouco, tinha ele, uns momentos antes, arredado pé da batalha; mas sucedera lhe demorar-se mais do que desejava, em consequência de lhe ter caído n'água o elmo, e não haver podido ainda reavê-lo.

Monteiro Lobato, no sexto parágrafo do capítulo primeiro da narrativa de Xavier da Cunha, acrescenta ao nome “Carlos” o adjetivo “Magno”: “Carlos Magno pretendia dar uma severa lição...”. Talvez, ele (Lobato) tinha como propósito aproximar o leitor do Orlando Furioso da obra *Carlos Magno e os doze pares da França*, obra muito conhecida no Brasil, especialmente no século XIX e XX (ABREU, 2003).

Portanto, os acréscimos são estratégias de esclarecimentos dos fatos históricos, das personagens, provavelmente desconhecidos do leitor contemporâneo. Uma estratégia de ensinar, formar a criança.

6.5.3– Inversão e Conservação: operação de remodelação da frase, das orações e do parágrafo

A inversão é mudar, deslocar uma palavra de um lugar para outro. Em Lobato, essa estratégia produz um efeito semântico e lingüístico como se pode perceber na descrição do trecho que apresenta as armas de Reinaldo:

Trazia ele couraça e elmo: na cinta a espada, no braço o escudo- ; ~ **espada à cinta, o escudo no braço** ~. < E > ~~corria pela floresta mais ligeiro do que se fora um vilão semi nu a disputar n'algum jogo de corridas o prêmio da velocidade.~~ Angélica, apenas o viu, imediatamente soltou deu rédeas ao cavalo, ~ **e fugiu** ~ mais ligeira ~~também~~ do que fugira uma ~~trêmida~~ pastorinha se em frente lhe surgisse uma **que topasse** horrível serpente. (CUNHA, p. 2)

Como se pode ver, além das supressões, substituições, a fim de dar mais objetividade à narrativa, há também a inversão no posicionamento da seguinte expressão “na cinta a espada; no braço o escudo”. Xavier da Cunha valorizou o lugar em que se encontram as armas; enquanto Lobato “*espada à cinta, o escudo no braço*” valoriza as armas.

Uma outra forma, de realização da estratégia de inversão ocorre no nono parágrafo do texto de Xavier da Cunha, quando Lobato coloca a expressão “*em prêmio*” depois do verbo dar:

O que fez foi prometer-lhes que em prêmio a daria /em prêmio/ ~~mais tarde àquele~~ <ao> ~~dos dois~~ que em tão importante jornada campanha exterminasse maior número de infiéis, e ~~pelo valor de seu braço~~ ~~mais se distinguisse~~. < A sorte da guerra >, O êxito, porém, é ~~que~~ não correspondeu aos votos dos guerreiros cristãos, sobre os quais desabou tremenda que sofreram ~~uma~~ derrota.; /figurando/ na multidão dos prisioneiros figurou o próprio duque, e a sua cuja tenda ficou abandonada. (CUNHA, 1895, p.2)

A substituição, supressão e inversão como se pode perceber no trecho acima, indica uma valorização da ação, recurso próprio das narrativas que buscam na oralidade formas de aproximação do texto escrito de seu leitor.

O adaptador ou tradutor e o editor de uma obra não se preocupam apenas em cortar, fracionar, reduzir, encurtar ou simplificar o texto primeiro, buscando adequá-lo ao seu público leitor. Eles também conservam alguns parágrafos, sem os quais a história perderia o sentido.

De acordo com Michel Foucault (2004), conservação é uma estratégia que prevê a manutenção de determinadas características da obra fundante, sob pena de a adaptação perder sua ligação com ela.

Então, o que se pergunta é: Quais os motivos que levaram o adaptador, Lobato, a conservar somente os parágrafos cinquenta a setenta e dois do quarto capítulo do *Orlando Furioso*? Seria, talvez, a falta de tempo? Já que nos três primeiros capítulos, ele não realiza a estratégia de conservação.

Monteiro Lobato, a partir dos parágrafos cinquenta a setenta e dois do quarto capítulo do *Orlando Furioso* de Xavier da Cunha, mantém os parágrafos, somente retirando a numeração ordinária deles, possibilitando pensar que havia o desejo de conservá-los em sua adaptação, ou seja, transcrever a totalidade deles, para que o seu texto não perdesse a ligação com a obra fundante – *o Orlando Furioso*.

Logo abaixo, transcrição do parágrafo sessenta e dois do quarto capítulo na forma de tabela, buscando exemplificar a estratégia de conservação realizada por Lobato. Na primeira coluna foi colocado o texto de Xavier da Cunha; na segunda o parágrafo com a pequena supressão de Lobato e, na última coluna, como ficaria o texto de Lobato:

Xavier da Cunha	Intervenção de Lobato	Adaptação de Lobato
<p>62. E a riqueza do dote! E a grandeza da posição? E a gratidão d’El-Rei pelo fato de lhe reabilitardes sua honra (que hoje perdida esta quase) Não constituirá isso tudo elementos para ficardes feliz. As próprias leis da cavalaria vos estão impondo a obrigação de vingar contra semelhante perfídia uma donzela que, na opinião publica, passa por um modelo de verdadeira castidade.</p>	<p>62- E a riqueza do dote! E a grandeza da posição? E a gratidão d’El-Rei pelo fato de lhe reabilitardes sua honra (que hoje perdida esta quase) Não constituirá isso tudo elementos para ficardes feliz. As próprias leis da cavalaria vos estão impondo a obrigação de vingar contra semelhante perfídia uma donzela que, na opinião publica, passa por um modelo de verdadeira castidade.</p>	<p>E a riqueza do dote! E a grandeza da posição? E a gratidão d’El-Rei pelo fato de lhe reabilitardes sua honra (que hoje perdida esta quase) Não constituirá isso tudo elementos para ficardes feliz. As próprias leis da cavalaria vos estão impondo a obrigação de vingar contra semelhante perfídia uma donzela que, na opinião publica, passa por um modelo de verdadeira castidade.</p>

6.6 - Procedimentos Tipográficos

Segundo Chartier (Op. cit., 178), os procedimentos tipográficos equivalem a uma estratégia editorial que dá aos objetos fórmulas próprias, que organiza os textos de acordo com dispositivos específicos, traçando a genealogia, classificando os conteúdos.

O texto *Orlando Furioso*, não chegou a ser publicado por Lobato, por isso uma análise dos procedimentos tipográficos não são possíveis, já que para compreender os significados implica claramente o regresso ao próprio impresso, na sua materialidade.

Poder-se-ia imaginar o texto *Orlando Furioso* adaptado por Lobato, pois, de acordo com Chartier (Op. cit., 174), os editores propõem ao seu público textos que originam séries, quer pela identidade do seu gênero, quer pela sua temática encontradas em formas diferentes. São assim criadas redes de textos, que por vezes remetem explicitamente uns para os outros, que trabalham sobre os mesmos motivos, reproduzidos, alterados ou invertidos, e cujas relações não são de modo algum fundamentalmente diferentes das que existem no interior de um dado texto.

As intervenções tipográficas de Lobato, como já foi dito, estão relacionadas com as ilustrações, pois nelas têm-se o desejo de Lobato de seleção (escolha) e de encurtamento. Roger Chartier, em seus estudos sobre a escolha da ilustração apresenta-a como uma estratégia editorial utilizada para seduzir o leitor e orientá-lo na construção de sentidos do texto verbal.

Se a imagem é única, encontra-se quase sempre ou nas primeiríssimas páginas o livro, ou na última de todas. Instaura-se assim uma relação entre ilustração e o texto no seu todo, e de forma nenhuma entre a imagem e esta ou aquela passagem particular. Colocada à cabeça, a ilustração induz uma leitura, fornecendo uma chave que indica através de que figura deve ser entendido o texto, quer a imagem leve a compreender a totalidade do livro pela ilustração de uma das suas partes, quer ela proponha uma analogia que irá orientar a decifração. Colocada na última página, a imagem tem outra função, uma vez que permite fixar e cristalizar, em torno de uma representação única aquilo que foi uma leitura entrecortada e muito fraccionada. Fornece assim memória e a moral do texto. (Op. Cit.; 186)

As imagens (ilustração) assumem um papel muito mais significativo quando se juntam ao texto, pois produzem outros sentidos. A ilustração e o texto em sua materialidade cruzam-se, contaminam-se, aproximam e se distanciam no momento da produção de sentidos pelo leitor.

A imagem (ilustração) mais do que dialogar com o texto, junto a ele permite uma leitura diferente daquela realizada apenas a partir do texto ou apenas da ilustração.

6.7- Ilustração: escolha e encurtamento

As imagens (ilustrações) de Gustavo Doré na obra *Orlando Furioso* de Xavier da Cunha totalizam aproximadamente 450, as quais podem ser divididas em três categorias: gravuras horizontais de tamanho mediano, vinhetas e gravura de página inteira. Ana Beatriz de Araujo Linardi, em sua tese de Doutorado *VT Pictvra Poesis: Dom Quixote e Dalí* (2007), apresenta a seguinte definição destas categorias:

- a) Gravuras horizontais de tamanho mediano: constituem desenhos elaborados de cenas e tramas, geralmente uma espécie de resumo gráfico de cada capítulo. Faz, na maioria das vezes, referência ao título do capítulo, e sempre vêm acompanhadas de uma legenda recortada do texto.
- b) Vinhetas: pequenos desenhos apresentados em recorte. Retratam, em sua maioria, personagens secundários. Encontramos também alusões metafóricas.
- c) Gravuras de página inteira: grandes gravuras meticulosamente construídas que formam o conjunto principal da obra. Essas gravuras contam a história, reproduzindo os acontecimentos principais.

Monteiro Lobato apresenta marcas de redução de tamanho em 10 imagens, das 30 que estão entre os capítulos quatro e vinte e oito do texto de Xavier da Cunha. As imagens (ilustrações) presentes nos capítulos indicados acima são: Um barco em meio a tempestade, Rugiero na floresta de Alcina; Monstros de Alcina; Alcina em seu trono de rainha; Alcina; Rosto envelhecido de Alcina; Maruges na gruta; Monstro que tenta matar Orlando; O rapto de Angélica e Merlin. Nove, das escolhidas por Lobato, apresentam uma proposta de redução para onze centímetros e as outras três para quatro centímetros.

Talvez essa redução para tamanhos diferentes, proposta por Lobato, esteja relacionada com sua experiência na organização das ilustrações de outras adaptações que fez para o mercado infantil como, por exemplo, nas apresentadas nas obras *Dom Quixote*, de Miguel Cervantes e *Viagens de Gulliver*, de J. Swift, e outras.

A escolha de Lobato parece seguir o caminho determinado pelo enredo. Elas (ilustrações) estão diretamente ligadas aos textos que as circundam. As (imagens) ilustrações revelam os monstros, os perigos do mar, as tempestades, as feiticeiras, os desejos idílicos e bucólicos, as aventuras e os encontros amorosos. Esses temas estão relacionados com as personagens principais: Rugiero, Orlando, Reinaldo, Angélica, Bradamante e Alcina.

Parece que para uma obra infantil, a imagem é tão importante quanto o texto. Ambas as linguagens - iconográfica e textual- dialogam entre si, provocando sentidos no leitor. Possibilita pensar que o leitor infantil gosta de se aventurar pelo texto e acompanhar a narrativa pelas imagens. Monteiro Lobato, provavelmente, sabia disso e cuidava de ambas as linguagens, em seu novo projeto editorial.

Maria das Dores Soares Maziero, em sua dissertação sobre *Mitos Gregos na Literatura Infantil: que Olimpo é esse?* (2006, p. 99), aponta que as ilustrações contribuem para completar esteticamente o sentido, pois ajudam a compor o contexto da obra.

É de se indagar por que essas imagens (ilustrações) e não outras trazem anotações de Lobato. São as mais importantes ao enredo? A proposta de redução de tamanho está relacionada com a importância da ilustração ao enredo ou ao projeto editorial? Será que as anotações nas ilustrações são comentários, apreciações que marcam a leitura de Lobato ou uma marcação que o ajudará na publicação da obra para as crianças? Ou ambas? Ele (Lobato) está expressando sua opinião sobre as imagens ou escolhendo algumas para

acompanhar o texto adaptado, orientado, no entanto, pelo que considera interessante pelo seu público leitor?

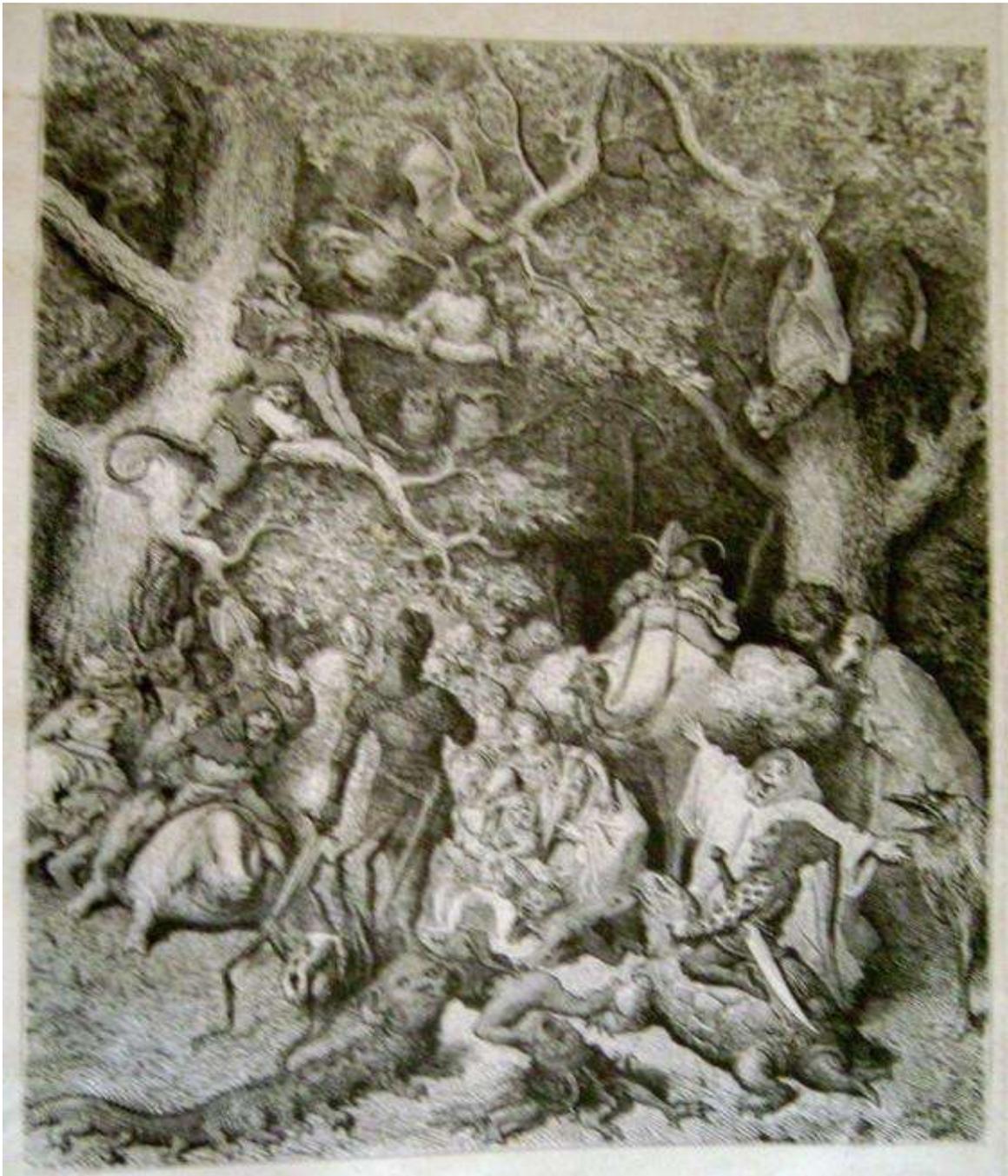
No quarto capítulo, precisamente na página quarenta e três, Lobato faz a primeira intervenção pictórica ao marcar na gravura horizontal de tamanho mediano uma redução para onze centímetros. Esta ilustração remete a um navio em meio ao oceano, enfrentando uma tempestade, possivelmente uma construção imagética do parágrafo trinta ao quarenta e dois do capítulo referido. Nesse capítulo Orlando é pelo amor à Angélica. E (Orlando) tem um sonho premonitório que lhe adverte do perigo que corre sua amada, e, disfarçado, abandona o exército de Carlos Magno em busca de Angélica. Durante seu caminho tem notícias de que Angélica está presa na região de Ebuda e embarca rapidamente para lá.

Para Guto Lins (2002, p. 31), a imagem é a materialização daquilo que o texto escrito deseja contar. A junção do texto e da imagem daria ao leitor a possibilidade de criar a sua própria história: *“O texto escrito conta uma história de imagens nas linhas e nas entrelinhas. A imagem completa e enriquece esta história a ponto de cada imagem poder gerar diversas histórias. O texto e a imagem juntos dão ao leitor o poder de criar na sua cabeça a única história que realmente interessa, a história dele.”*



Observa-se a força da imagem! Um navio a enfrentar um mar agitado, um céu escuro. Uma imagem que anuncia aventura, perigos. Os perigos enfrentados pelas personagens (Reinaldo, Orlando e Rugiero) em busca de sua amada (Angélica).

Enquanto, a inoportuna tempestade altera a rota do navio de Orlando para a Holanda, Rugiero, cavaleiro mouro, procura Angélica na ilha de Alcina¹⁹:



19- Essa ilustração apresenta marcas de redução, para onze centímetros, encontra-se no sexto capítulo. Ela é uma gravura de página inteira com o propósito de apresentar pictoricamente Rugiero em meio à floresta de Alcina.

Ruggiero pretende ir para o reino de Logistilla, e encontra-se em meio à floresta, mas os monstros barram-lhe o caminho. É seduzido e guiado para o reino de Alcina, uma poderosa bruxa, uma feiticeira.

A imagem (ilustração) mostra a ilha de Alcina, que segundo alguns viajantes situa-se perto da costa do Japão, e, outros no Caribe. Trata-se de uma ilha grande, do tamanho da Sicília, com floresta luxuriante: bosques de loureiros, palmeiras, cedros. Murtas e laranjeiras lançam sua sombra sobre as colinas e campos. Fauna escassa: lebres, coelhos, cervos, cabras e alguns monstros. A situação política é um tanto complexa.

Após a morte do rei anterior, a filha legítima, Logistilla tornou-se a herdeira do trono. Porém, o rei tinha duas filhas com outra mulher, Alcina e Morgana, ambas instruídas na ciência da feitiçaria. Alcina e Morgana lutaram contra Logistilla e lhe deixaram apenas uma estreita faixa de terra entre um grande golfo e um monte escarpado.

Alcina satisfazia sua luxúria, trazendo para a ilha inumeráveis amantes que depois transformava em pedras ou plantas. Ela comandava um exército de monstros masculinos, femininos e hermafroditas – centauros, homens-gatos, homens-macacos e homens-cães – e, com sua magia construiu uma cidade esplêndida, capital da ilha, cercada por uma imensa muralha de ouro, e um palácio, provavelmente o mais lindo e alegre do mundo (MANGUEL, 2003, p. 14)



Na página sessenta e sete há uma vinheta selecionada por Lobato. Nela há uma indicação de redução para onze centímetros. Lobato parece querer destacar esses monstros que barram Ruggiero em seu caminho para o reino de Logistilla. É uma espécie de *close up*, conforme a (imagem) ilustração apresentada abaixo. São personagens que povoam o universo mental infantil. Uma mistura de tempo real e fantasia.

Para Maria Maziero (2006), as ilustrações oferecem ao leitor a possibilidade de completar a leitura do livro, contribuindo para a formação de uma cultura visual, mas também dando elementos (mundo dos feitiços, encantamentos) para fomentar o imaginário infantil.



Essa imagem (ilustração) presente no sétimo capítulo entre as páginas setenta e seis e setenta e sete, no formato gravura horizontal, também escolhida por Lobato para ser reduzida para onze centímetros, apresenta a imagem de Alcina descrita em seu reino de encantos e de lúxuria. A imagem (ilustração) é apresentada ao leitor com os seguintes dizeres “*A formosura de seu corpo era tal, que a fantasia dos pintores não saberia inventar quem lha a excedesse*” que vem logo abaixo da gravura.

A personagem Alcina assemelha-se a uma outra personagem presente no clássico grego de Homero, a Odisséia. No livro X, Ulisses visita uma outra ilha na qual habita uma feiticeira chamada Circe, que com poderosa bruxaria, tinha o dom de transformar homens em animais, transformando os companheiros de Ulisses em porcos, porém foi vencida pela esperteza do grego que consegue desencantá-los.



www.submerina.wordpress.com/.../circe-as-strength/

Rugiero, seduzido pela beleza de Alcina, torna-se seu amante, mas graças a um anel mágico, descobre que a feiticeira era, de fato, velha e feia. Refugiou-se então no pequeno reino de Logistilla, enquanto outra feiticeira, Melissa, retransformava os amantes anteriores de Alcina em homens. Liderando seu exército de monstros, Alcina entrou em batalha contra sua meia-irmã, mas foi derrotada por Rugiero, graças a um escudo encantado com o poder de ofuscar e derrubar seus oponentes (MANGUEL,2003,p. 14).



No sexto capítulo, na página oitenta e cinco, Lobato escolhe uma outra vinheta e propõe uma redução para quatro centímetros. Nesta (vinheta) tem-se Alcina apresentada sem a formosura e a beleza, sem o encantamento que fizera para si mesma, uma ilusão metafórica. É uma imagem disforme, assustadora.

Considerações finais

Toda pesquisa parte do desejo de buscar algo, de chegar a algum lugar. A pesquisa é a superação de obstáculos, os quais, às vezes, apesar de se apresentarem como muito complicados, nunca podem ser intimidadores.

As dificuldades que me propus a enfrentar foram basicamente três: fazer um levantamento, de forma mais panorâmica, da criação e da difusão, pela Europa, entre os séculos XVI e XIX e, no Brasil, durante os séculos XVIII, XIX e XX do *Orlando Furioso* de Ariosto; elaborar uma reflexão sobre os aspectos tipográficos do *Orlando Furioso* vertido para a Língua Portuguesa por Xavier da Cunha no ano de 1895 e, finalmente, buscar entender as estratégias textuais e editoriais utilizadas por Lobato no processo de adaptação do *Orlando Furioso* - traduzido por Xavier da Cunha - para o leitor infantil.

A adaptação do *Orlando Furioso* que estava sendo realizada por Lobato, conta, conforme tradição nas obras adaptadas para o público infantil, com a figura de um mediador, incumbido da simplificação do texto através de cortes, supressão de episódios, atualização e adequação da linguagem. Este mediador é a figura do adaptador, que não apenas exclui, mas também conserva determinados parágrafos considerados essenciais para a compreensão da trama que dá coerência e coesão ao texto num processo de intertextualidade e desafio de (re)escrita do dia.

As histórias de amor impossível (Orlando por Angélica e Rugiero por Bradamante), e de guerra (cristãos contra muçulmanos), ainda despertam interesse nos leitores, apesar das transformações sofridas pela sociedade, pela escola e pelo mercado editorial responsável pela divulgação da literatura infantil (ZILBERMAN, 2003).

Segundo Maziero (2006), o que parece pairar acima de todas as escolhas editoriais ligadas à publicação de adaptações das obras consideradas clássicas é a necessidade de iniciar a inserção das crianças no universo de uma cultura humanística, reconhecida e valorizada pelos adultos responsáveis pela educação das novas gerações.

As intervenções textuais e tipográficas realizadas por Lobato no processo de recriação do *Orlando Furioso* são pistas daquilo que o Lobato editor considerava importante do ponto de vista da linguagem, do enredo e da ilustração para conquistar o seu leitor.

Para Lobato, o que é importante? Uma linguagem mais fácil, mais próxima do leitor de seu tempo. Uma linguagem coloquial. Um enredo mais ágil, com mais ação nas cenas e menos descrições. Ilustrações que revelem o conteúdo dos parágrafos, identificando as personagens principais e secundárias.

De acordo com Chartier (1996), ao comentar as estratégias (textuais e tipográficas) dos editores na coleção de livros de cordel, estas têm a função de desbastar o texto, de abreviar alguns episódios, de efetuar cortes e amputar relatos julgados supérfluos evitando, sobretudo, as descrições das características sociais.

Do conjunto das 450 ilustrações de Gustave Doré na obra estudada 30 apresentam intervenções de Lobato de diferentes naturezas. Um tipo é de propor uma diminuição no tamanho de ilustração na página, adequando-se a um modelo de livro menor. Um outro tipo de intervenção é a seleção de uma quantidade menor de imagens com a intenção possivelmente de diminuir o volume de páginas do livro a ser publicado.

As imagens selecionadas estão diretamente ligadas às cenas de aventura e de romance dos personagens principais de enredo. Tais intervenções no texto verbal ou na ilustração não são meramente formais ou estruturais. Qualquer alteração na forma está intimamente relacionada ao conteúdo que se escreve, configurando assim a criação de uma nova obra.

As anotações de Lobato, quer no enredo, quer nas imagens, produzem novas condições enunciativas que são constitutivas da obra para outros leitores que não são mais aqueles previstos por Xavier da Cunha.

A análise das estratégias, realizadas por Lobato no *corpus* textual do *Orlando Furioso* mostrou-me que provavelmente o *Orlando* estaria dentro do projeto editorial de Lobato de produzir e reescrever obras clássicas para as crianças no Brasil, embora não tenha sido editada por ele e por nenhum outro.

Consulta aos catálogos do período de 1960 a 2008 das editoras Scipione, Melhoramentos e Ediouro - empresas editoriais que trabalham com adaptações estrangeiras e nacionais – revelou que ainda não houve a transformação da obra *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto, em adaptação.

Em 1960, de acordo com Ghirardi (2004), Ítalo Calvino, em italiano, reconta, em forma de adaptação em prosa, o *Orlando Furioso* para o público infantil. Durante toda a

década de 90 do século XX e início do século XXI, o grupo *O Sobrevento* vem apresentando o espetáculo teatral *Orlando Furioso*, com bonecos movimentados por vergalhões de ferro. Conforme página de propaganda na internet (<http://teatro-de-bonecos.blogspot.com/2009/02/orlando-o-furioso.html> - 13/01/2010), trata-se de um espetáculo destinado ao público adulto.

Embora, muitos clássicos estrangeiros tenham sido adaptados por Lobato (*Viagens de Gulliver*, *Robinson Crusóe* e outros) e pelas editoras que trabalham com adaptações (*Ilíada*, *Os Lusíadas*, *Odisséia* e outras), o *Orlando Furioso* ainda não teve uma publicação impressa para o público infantil.

Em 2002, Ana Maria Machado publica, pela editora Objetiva, *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, uma obra que é um passeio pelos grandes textos da literatura universal. O texto apresenta várias orientações e dicas de leitura para que adultos - pais e professores, em especial - indiquem para as crianças.

A autora faz um mergulho no que, segundo ela, já se produziu em literatura infantil, mas não apresenta nenhuma referência ao *Orlando Furioso*, nem mesmo na indicação de um capítulo denominado *Eternos e sempre novos*, no qual indica obras da literatura clássica.

Portanto, essa história de amor e guerra, em língua portuguesa, ainda não foi adaptada para o público infantil, ou seja, “ainda não está ao alcance da compreensão imatura da garotada”. (MACHADO, 2002, p. 12).

Finalizo, sem o desejo de terminar, com a mesma curiosidade do Visconde, personagem do sítio do Picapau Amarelo: Será que nos 110 volumes presentes na biblioteca de Maria Luiza não haveria o *Orlando Furioso*? Já terminado, editado e pronto para as crianças brasileiras? “*Emília, que estava ao meu lado, leu também sua carta e disse: “ Sim senhor! Está aqui uma menina que bem merecia morar no sítio de dona Benta e tomar parte nas nossas aventuras”... O Visconde também ficou assanhado quando soube que a biblioteca de Maria Luiza tem 110 volumes...*”²²”

22- Trecho de carta escrita por Lobato, em resposta a sua interlocutora infantil, Maria Luísa – que contava ao escritor ter uma biblioteca com 110 volumes - em 4 de março de 1936. Documento pertencente ao arquivo CEDAE/IEL/Unicamp.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Marcia. **Os caminhos dos livros. Campinas:** Ed. Mercado de Letras, 2003
- ARARIPE, Junior. **Obra Crítica.** Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.
- ARIOSTO, Ludovico. **Orlando Furioso.** Tradução de Pedro Garcez Ghirardi. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- _____. **Orlando Furioso.** Tradução de Margarida Periquito. São Paulo: Ed. Cavalo de Ferro, 2007.
- _____. **Orlando Furioso.** Milano, Itália: Ed. Fratelli Treves, 1914.
- _____. **Orlando Furioso.** Tradução Xavier da Cunha. Lisboa, Portuga: Ed. Companhia Nacional de Lisoa.
- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro.** São Paulo. Ed. Ática, 1999
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental.** São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2001.
- SACCHETTA, Vladimir. Monteiro Lobato: **Furacão na Botocúndia.** São Paulo: Editora Senac, 1997.
- BALDASSARE, Castiglione. **O Cortesão.** Tradução Carlos Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Editora Marins Fontes, 1997.
- BINNI, Walter. **Ludovico Ariosto.** Torino/Itália. Edizioni Rai, 1968.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1994.
- _____. **O Ser e o Tempo da Poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BURKE, Peter. **O Renascimento Italiano: cultura e sociedade na Itália.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 1999.
- CASADEI, Alberto. *Il percorso Del “Furiso”: ricerche intorno alle redazioni Del 1516 e Del 1521.* **Bologna/Itália.** Società Editrice Il Mulino, 1993.
- CALVINO, Italo. **Se um viajante em uma noite de inverno.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1972.
- CANDIDO, Antonio. **A Formação da Literatura Brasileira**, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia Limitada, 1997.
- _____. **A Formação da Literatura Brasileira**, vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia Limitada, 1997.
- _____. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores, e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- _____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1996.
- _____. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.
- _____. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2003.
- _____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp., 1998.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Historia da Literatura Ocidental**. Rio de Janeiro. O cruzeiro, 1958.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999.
- DARTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
- ELIAS, Nobert. **A Sociedade de Corte**. Lisboa: Ed. Estampa, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FERLAUTO, Claudio. **O tipo uma continuação da gráfica**. São Paulo: Rosari, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Cultrix. 2004.

FERREIRA, Silvestre Pinheiro. **Preleções filosóficas sobre a teoria do discurso e da linguagem, a estética, a diceósina e a cosmologia**. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1813-1820. 2ª. Edição. (Organização e Introdução a cargo de Antônio Paim), São Paulo: Grijalbo, 1970.

GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

_____. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. São Paulo. Perspectiva, 2004.

GIUSEPPE, Petronio. **História da Literatura Italiana**. Itália. Editora: Palumbo, 1993.

GHIRARDI, Pedro Garcez. **Orlando Furioso: crítica e interpretação**. São Paulo: Ed. Ateliê Editorial, 2004

HÉBRAD, Jean. **Discursos sobre a Leitura de 1880 a 1980**. Tradução Maria Thereza Fraga Rocco. São Paulo: Editora Ática, 1995.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Capítulos da Literatura Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

IAN, Watt. **A Ascensão do romance**. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

LINARDI, Ana Beatriz de Araujo. Dissertação de doutorado VT Pictvra Poesis: Dom Quixote e Dali, 2007.

LINS, Guto. **Leitura e Imagem**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.

LOBATO, Monteiro. **Dom Quixote das crianças**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Lendo, escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOPES, Cecília Reggiani. dissertação de mestrado. “ **O editor profissional de literatura para crianças ,1983”**

MACHADO, Ana Maria. **Como e Por que ler os Clássicos Universais desde cedo**. Ed. Ática, 2002.

MANGUEL, Alberto. **História da Leitura**. Ed. Companhia das Letras, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Dicionário de lugares imaginários**. Ed. Companhia das Letras, 2000.

MAZIERO, Maria das Dores Soares. **Mitos Gregos na Literatura Infantil: que Olimpo é esse?**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação – Unicamp. Campinas, SP, 2006.

MELO, Chico Homem de. **Os desafios do designer e outros textos sobre design gráfico**. São Paulo: Editora Rosari, 2003.

MOTTA, Artur. **História da Literatura Brasileira** - época de transformação, Editora Academia Paulista de Letras. 1978.

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato vivo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1986.

_____. **Monteiro Lobato: o editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobras, 2000.

NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. São Paulo. Editora Ática, 2002.

PAULA, Luciana. **Sociologia e Literatura: expressões do olhar do homem**. Dissertação Monográfica - Instituto Superior de Ciências Aplicadas. Limeira, SP, 2005.

PASTOUREAU, Michel. **No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda (França e Inglaterra, Séculos XII e XIII)**. São Paulo: Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1989.

PESSOA, Fernando. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Ed. Ática, 2005.

RIBA, Lidia Maria. **Um brinde à vida**. São Paulo: Editora Vergara e Riba, 2000.

RODRIGUES, Chis. **O cinema e a Produção**. Rio de Janeiro.: DP&A, 2002.

SABINO, F. **O encontro marcado**. 70. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DICIONÁRIOS CONSULTADOS:

DICIONÁRIO ETMOLÓGICO NOVA FRONTEIRA DA LINGUA PORTUGUESA / Antonio Geraldo da Cunha; assistentes: Claudio Mello Sobrinho [ET.al.]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982.

DICIONÁRIO DA IDADE MÉDIA / org. por Henry R. Loyn; tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Hilário Franco Junior. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997: Il.

DICIONÁRIO OXFORD DE LITERATURA CLÁSSICA GREGA E LATINA / compilado por Sir Paul Harvey; tradução, Mário da Gama Kury. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

DICIONÁRIO TEMÁTICO DO OCIDENTE MEDIEVAL / coord. Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt; coord. Da tradução Hilário Franco Junior. Bauru, SP: EDUC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 1,2 vol.

DICIONÁRIO CRONOLÓGICO DE AUTORES PORTUGUESES / orga. pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. - Mem Martins : Publicações Europa-América. vol. 4, 2002.

PERIÓDICOS:

ESTUDOS ITALIANOS EM PORTUGAL. Lisboa: Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, Nova Série, N° 3, 2008.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS CONSULTADOS:

<http://www.atelie.com.br> – 07/01/09

Bibliothèque nationale de France (<http://www.bnf.fr> – 07/01/09)

<http://www.bnrcrm.librari.beniculturali.it> – 07/01/09

<http://www.cavalodeferro.com.br> – 07/01/09

maps.google.com.br - 28/01/09

<http://www.rositour.it/.../Iingres.htm>

<http://www.ub.edu/boscan> 28/01/10

<http://www.ub.edu/boscan> – 28/01/09

<http://www.atelie.com.br> - 28/01/10

www.submerina.wordpress.com/...circe-as-strength 07/01/09

<http://tipografos.net/tipos/egipcios-1.html> 07/01/09

JORNAL CONSULTADO:

JORNAL DA UNICAMP - Edição nº 33 10/04/2002,

SINPRO - Edição nº 40 - 25/3/2004,

JORNAL PORTOMOZENSE – Edição nº 12 de 5 de junho 1903

ARTIGOS:

LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos de leitura, 2006.

DOMINGOS, Manuela. Estudos de Sociologia da Cultura, Livros e Leitores no século XIX, 1985.

PAES, José Paulo. O tradutor e a formação do leitor de poesia, 2005.

MIRANDA, José da Costa. Estudos Luso-Italianos. Poesia Épico-Cavaleiresca e Teatro Setecentista (1990).

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil, 2000.

PERREIRA, Maria Teresa Gonçalves. Os Clássicos Universais de como as Adaptações servem a tradição e a permanência de Dom Quixote, 2005.

CATÁLOGO:

Catálogo Informativo da Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, 12 de dezembro 2008.

Catálogo da Bibliothèque Nationale de França, 12 de dezembro de 2008.

Catálogo da Biblioteca Miguel Cervantes, 12 de dezembro de 2008.

Catálogo da Biblioteca Frenesi, 12 de dezembro de 2008.

Catálogo da revista Scipione e Ática

Capítulo 1

~~1 Damas e cavaleiros, combates, amores, galanteios, ousados empreendimentos — do tempo em que os Mouros d'África atravessaram o mar e tanto estrago produziram na França, estimulados pela cólera e pelos ímpetos juvenis de seu rei Agramante, que na pessoa do rei Carlos, imperador de Roma, se gabava de vingar a morte de Troiano, — tudo isso vai o leitor encontrar aqui. — < Ano 770 Idade Média >~~

~~2 Simultaneamente contarei eu de Orlando o que nunca ninguém contou ainda em prosa ou verso: e o leitor ficará sabendo como foi que perante o amor se tornou louco furioso um cavaleiro que em tempos tinha desfrutado a reputação de sensatíssimo. (Oxalá queira aquela que também quase tão louco me tornou, e que de dia para dia vai consumindo o meu espírito já fraquíssimo, consentir-me d'ele uns restos suficientes para eu levar a cabo o que ora aqui prometo!)~~

Aqui conta Ariosto de damas e cavaleiros, amores e façanhas desmedidas, tradições e generosidades acontecidos no tempo do imperador Carlo Magno; e conta de como o paladino Orlando, se fez louco furioso por amor de Angélica; e de Rogério, e de Bradamente, e de toda uma legião de guerreiros e donzelas famosas.

~~3. E vós, ó generoso descendente de Hércules, ornamento e esplendor do século em que vivemos, vós, ó Hipólito, dignai-vos acolher o único preito que o vosso humilde servo pode tributar-vos. Preito de palavras, que de outro modo não posso agradecer o que vos devo! E não m'o rejeiteis por mesquinho, que n'ele vai tudo quanto cabe em minhas débeis forças.~~

~~4. Entre os mais dignos heróis que me proponho louvar, encontrareis memorado aquele Rogério que de vós e de vossos ilustres antepassados foi tronco. Se honrar-me quiserdes escutando-me, ouvireis a narrativa de seu alto valor e de suas brilhantes proezas: possa o vosso alto pensamento inclinar-se um pouco e merecer-lhe favor este escrito meu.~~

~~5. Orlando, que desde há muito se achava enamorado da formosa Angélica, — <essa princesa viera > e por esse amor trocara os troféus imortais que na Índia, na Média, e na Tartaria, lhe competiam, — regressara com ela às regiões do Ocidente, e passara a residir na faldada dos montes Pyreneos, onde o imperador rei Carlos <Magno tinha> assentadora <os seus arraiaes > com seus guerreiros de França e de Alemanha.~~

~~6. Que pretendia Carlos: dar Carlos Magno pretendia dar uma severa lição ao no rei Marsílio e ao rei Agramante, por haverem por ter tido a louca audácia, um de trazer d'África tudo quanto < homens > lá encontrou em condições de manejar espadas < e outra no rei Agramante >, ou lanças, e outro de haver arrastado a Espanha contra o belo reino da França. N'isto Chegou Orlando muito a propósito,~~

~~7. Mais lhe valera, porém, que não mas antes não tivesse chegado! porque em breve lhe seria tinha de ser-lhe raptada a sua dama (e assim é que às vezes tresvaria o juízo dos homens). Aquela que do Oriente ao Ocidente ele havia sempre valorosamente defendido... ei-la raptada agora, na sua própria terra, em pleno grêmio de tantos amigos seus, sem mesmo ocasião a ele oferecer-se de sua espada desembainhar! sem que lhe pudesse desembainhar a espada! O sábio Imperador, que desejava apagar um violento incêndio, esse foi quem lh'a raptou.~~

8. < **O caso foi assim.** > Entre o conde Orlando e seu primo Reinaldo suscitara-se poucos dias antes uma contenda, porque ambos ardiam de amorosos desejos por tão rara beldade. Carlos, < **Magno** >, a quem tal essa rivalidade não convinha, ~~porque d'eles lhe resultaria ficar menos garantida a coadjuvação,~~ tratou de mandou raptar-lhes a donzela, entregando-a nas mãos do duque de Baviera.

9. O que fez foi prometer-lhes que em prêmio a daria /**em prêmio**/ ~~mais tarde àquele~~ <ao> dos dois que em tão importante jornada campanha exterminasse maior número de infiéis, e ~~pelo valor de seu braço mais se distinguisse.~~ < **A sorte da guerra** >, ~~O êxito,~~ porém, é que não correspondeu aos votos dos guerreiros cristãos, sobre os quais desabou tremenda que sofreram uma derrota; /**figurando**/ na multidão dos prisioneiros figurou o próprio duque, e a sua **cuja** tenda ficou abandonada.

10. A donzela, ~~destinada para prêmio d'aquela dos dois que na luta mais proezas praticasse achava-se a cavalo já, tempo~~ antes que a batalha se decidisse; ~~E,~~ quando ~~lhe~~ palpitou que n'aquela dia a fortuna das armas seria adversa contraria aos Cristãos, e tratou de fugir, embrenhando-se < **a cavalo** > n'um bosque; ~~Ali n'uma vereda estreita,~~ < **no qual** > deparou-se lhe encontrou um guerreiro caminhando a pé.

11. Trazia ele couraça e elmo: na cinta a espada, no braço o escudo; ~ **espada à cinta, o escudo no braço** ~. < **E** > ~~corria pela floresta mais ligeiro do que se fora um vilão semi nu a disputar n'algum jogo de corridas o prêmio da velocidade.~~ Angélica, apenas o viu, imediatamente soltou deu rédeas ao cavalo, ~ **e fugiu** ~ mais ligeira ~~também~~ do que fugira uma tímida pastorinha se em frente lhe surgisse uma que topasse horrível serpente.

12. O recém-chegado era **guerreiro encontrado** / **era** / nem mais, nem menos, ~~do que~~ o valoroso paladino, **Reinaldo**, filho de Aymon, e senhor de Montalvão, :por um singularismo caso extraviara-se lhe o que andava à procura do seu corcel Baiardo. Apenas ele de longe avistou a dama, reconheceu logo; ~~apesar da distância,~~ o angélico semblante d'aquella da que o trazia tão enredado o trazia em laços de amor.

13. A dama < **pálida** > ~~voltando-lhe a garupa do palafrem, e correndo a toda a brida, nem sequer pensava em buscar no bosque a vereda mais fácil e mais desafrontada.~~ Pálida e trêmula, completamente alheada desvairada, < **voltou-lhe as costas** >, e confiando ao cavalo, ~~em que monta a escolha do caminho, que deva seguir,~~ subindo aqui, descendo acolá, tantas voltas deu pela floresta que veio parar junto a uma ribeira.

14. Na margem da ribeira; **Ali**, quem havia de ela encontrar? Ferragudo, < **o guerreiro mouro, que** > banhado em suor e coberto de poeira, devorado por uma sede ardente fatigadíssimo. Por matar tal sede e por descansar um deixara a batalha e viera descansar e beber, acontecendo-lhe cair n'água o seu elmo precioso. pouco, tinha ele, uns momentos antes, arredado pé da batalha; mas sucedera lhe demorar-se mais do que desejava, em consequência de lhe ter caído n'água o elmo, e não haver podido ainda reavê-lo.

15. A donzela ia correndo quanto podia e soltando gritos. O sarraceno, ao escutar-lhe a voz, ergue-se a contemplá-la, e reconhece-a logo Ao vê-la o sarraceno reconheceu a formosa Angélica, não obstante a palidez e o medo que lhe transtornava as feições. ~~apesar mesmo de haver já decorrido muito tempo que não ouvira notícias d'ela...~~ é certo, certíssimo ter na sua frente a formosa Angélica.

16. Cortez, e de coração inflamável não menos que como os dos dois primos, - Ferragudo ofereceu logo à dama todo o auxílio possível., ~~Corajoso e ousado, como se nem o elmo lhe faltasse, puxou da espada e~~ **puxando a espada, /ameaçadoramente/,** correu ameaçador para Reinaldo, < **com o qual** > ~~que d'ele pouco se temia também: ambos se tinham já por várias vezes visto, e por várias vezes~~ < **já se tinha** > encontrado com as armas na mão.

17. ~~Travou-se entre eles o~~ < **violento** > ~~combate à espada: < trocando > ambos a pé, e ambos furiosos: golpes, capazes de~~ **fender atravessar** bigornas. ~~que fariam em simples couraças e em finas malhas de ferro?... < Mas > E enquanto ambos, um contra o outro, < assim > mutuamente se~~ encarniçam encarniçavam... eis que o palafrem de Angélica se ~~lhes esquivava porque ela o estimula quanto pode~~ < **dispara com ela** >, a galopar < **loucamente** >, ~~através da floresta e pelos campos fora.~~

18. ~~Depois que por um largo espaço os dois guerreiros de < longa peleja em que > se cansaram debalde, esforçando se por mutuamente se derribarem, sem que de um < dominares > o ou de outro se pronunciasse inferioridade, foi o senhor de~~ < **Reinaldo** > ~~Montalvão quem primeiro~~ dirigiu a palavra ao sarraceno., ~~em tom de quem sente o coração inflamadíssimo a ponto de já não poder mais suportar semelhante ardência.~~

19. ~~E disse ele ao pagão: O empenho com que procuro causar-me dano, a ti próprio causa t'ó também. Tudo isto porque? porque sentes inflamado o teu coração nos fulgurantes raios d'aquela novo sol. Mas ... que vantagem colhes tu em fazer-me aqui demorar? [Cuidas que, se conseguires matar-me ou aprisionar-me, ficará sendo tua a formosa dama? Não vês que nos fuge, enquanto nós aqui nos demoramos?~~

20. ~~Visto que também lhe tens amor, não seria melhor que lhe fosses embargar a carreira,? tolhendo a de se nos escapar para mais longe? Quando a tivéssemos em bom recato, poderíamos então decidir pelas armas a qual dos dois deveria pertencer. Não sendo assim, arriscamo' nos ambos a colher da nossa mútua teimosia funestíssimos males."~~

21. ~~Não desagradou ao sarraceno a proposta do seu rival. Adiou-se o combate, e veja se n'isto como facilmente esquecem o ódio e a cólera!~~ ajustaram-se entre elles tréguas tão cavaleirosas **heirescas**, que o pagão, ao afastar-se da fresea ribeira, ~~não consentiu~~ que seguisse a pé o filho de Aymon: graciosamente o < **convidou** > **Reinaldo** ~~convida~~ e o instou a montar na garupa. E lá vão < **se** > **foram** ambos galopando em perseguição da formosa Angélica.

22. ~~Note se como era acentuada a bondade dos antigos cavaleiros! Rivais e professando religião diferente, molestados de mais a mais pela rudeza dos golpes com que reciprocamente se haviam agredido, não hesitavam entretanto em caminhar na companhia um do outro, sem a mínima desconfiança, através de sombrias selvas e por veredas tortuosas. N'isto, eis que, estimulado pelas quatro esporas, dos dois guerreiros, o rápido corcel chegou a um sítio em que a estrada se dividia em duas.~~

23. E, porque os dois como os **perseguidores da donzela** ignoravam ignorassem < o > ~~qual dos dois caminhos <que> teria <tomado> a fugitiva, seguido~~ (~~visto que em ambos se reconheciam frescos e perfeitamente idênticos sinais de patas de cavalo~~), resolveram confiar-se à ~~ao~~ **arbitrio da sorte: Reinaldo tomou** seguiu **por um lado, e o sarraceno por outro. D'est'arte** Deste modo **Ferragudo, após** depois de **haver por muito tempo divagado pela floresta, acabou por ir ter ao mesmo** voltando ao **sítio, d'onde primeiro havia partido** <ra>. ~~em companhia de Reinaldo.~~ < Já que não podia encontrar a dama, queria ao menos reaver o elmo caído n'água. >

~~24. Quer dizer: Ferragudo foi dar ao mesmo ponto da ribeira, em que o elmo lhe tinha caído n'água. E agora, uma vez que já pela idéia lhe não pode passar o encontrar a dama, atrás de quem corria, ocorre-lhe ao menos aproveitar o ensejo de reaver o elmo tombado na ribeira: para isso vai ele ... descendo pela riba úmida... Mas o elmo achava-se tão enterrado na areia, que decerto há de custar-lhe bastante a retirá-lo de lá.~~

~~25. N'este apuro lembra-lhe arrancar d'uma árvore um comprido esgalho, afeiçoá-lo em guisa de sonda, e com ele tentar o fundo da ribeira, buscando e rebuscando por todos os pontos o que deseja recuperar. Cortou uma vara e com ela estava a sondar o fundo do rio, Mas enquanto o despeitado Ferragudo vai prolongando as suas pesquisas, <eis senão quando,> surge-lhe do meio das águas o busto ameaçador de um cavaleiro, <trajando na mão o capacete. O vulto encarou-o, disse-lhe em irado tom:>~~

~~26. Revestiam-lhe o corpo todo armas defensivas, o corpo todo, com exceção da cabeça: e na mão direita segurava ele o próprio capacete de Ferragudo, aquele que o sarraceno inutilmente se demorara por tão largo espaço a procurar. Dirigindo-lhe n'um tom irado, as palavras que disse ao cavaleiro pagão foram estas:~~

~~[-Perjuo e traidor! porque é que te aflige deixares-me aqui o elmo que há tanto tempo me devias?~~

~~27. Recordá-te, infiel, de que, na ocasião de matares o irmão de Angélica (sou eu próprio esse irmão!), (cujo sou), prometeste-me lançar, dentro em poucos dias, ao rio, juntamente com as outras armas este capacete: não te revoltes pois contra a Fortuna porque ela realizou à medida dos meus desejos aquilo que tu não quiseste cumprir. Entendes que deves revoltar-te? revolta-te contra ti próprio que faltaste às tuas promessas.~~

~~28. “E, se cobiças possuir um elmo fino, trata de buscar outro, mas trata de ganhá-lo mais honrosamente. Semelhante a este, encontrarás um na cabeça do paladino Orlando; e outro, talvez ainda melhor, na de Reinaldo: pertença de Almonte foi um d'elles, e de Mambrino o outro dos dois. Faze por conquistar valorosamente algum d'esses; mas este, que prometeste deixar-me, convirá que efetivamente m'o deixes.”~~

~~29. Perante esta inesperada aparição, [Ferragudo sente arripiarem-se-lhe os cabelos todos; e empallidece-lhe o rosto; a voz embarga-se-lhe na garganta. E ao reconhecer <o cavaleiro> em quem o afronta increpando-o por quebras de lealdade, aquele mesmo Argalia que por suas próprias mãos ele havia morto, – simultaneamente lhe enche <se de > pungem n'alma a vergonha e a cólera. < e jura >~~

~~30. E, porque lhe não acodem razões que invoque para desculpas, antes reconhecendo verdade enquanto acabava de ouvir, deixa-se ficar silencioso e mudo. Mas a vergonha que sente o obriga a jurar pela vida de Lanfusa que nunca mais em sua cabeça quererá outro elmo senão aquele que Orlando ganhou outr'ora /a Mambrino/, em Aspramonte~~

~~31. Esse juramento soube ele cumpri-lo melhor do que o outro que primeiro fizera. E ei-lo que / E /dali parte, descontente, descontentíssimo, a ponto de não sem encontrar sossego durante muitos dias, A sua Com a preocupação constante é ver-se descobre onde possa / de /encontrar-se com o paladino.~~

~~32. Poucos passos tinha andado Reinaldo, quando repentinamente lhe aparece aos saltos pinotes o seu impetuoso corcel. – “Pára ai, meu Bayardo, pára ai! / que / sem ti não posso eu passar!” Mas o corcel, completamente surdo à voz de Reinaldo, do dono em vez de lhe obedecer, continua a galopar cada vez mais veloz. Reinaldo o que faz é correr traz segue atrás d'elle.~~

~~[E Acompanhemos entretanto Angélica ? , na sua fuga.~~

33. Por florestas sombrias e ~~medonhas~~, por lugares ~~desabitados e completamente selváticos~~, ~~medonhos~~ />vai ela fugindo. O rumorejar da folhagem < e as sombras > nos carvalhos, nas faias e nos olmeiros, não faz senão ~~inspirar-lhe~~ **inspiram** súbitos pavores, e obriga a seguir ~~desnorteadamente estranhíssimos carreiros~~: sombras que lhe apareça na montanha ou no vale, acoetem n'a logo receios de que seja Reinaldo a persegui-la.

34. ~~Faz lembrar~~ **Lembra** uma corça ou uma cabrinha, que, ~~por entre os folheados do bosque em que houvesse nascido, vendo um leopardo estrangular-lhe a mãe, ou matar-lh'a rasgando-lhe as entranhas, fugisse de moita em moita, para longe da fera cruel, tremendo~~ **trêmula** de susto, e no auge da inquietação, cuidando em cada raiz que topa ~~encontrar~~ **ver** as faces do leopardo a devorarem n'a. **da fera.**

35. E assim prossegue vagueando ao acaso; todo esse dia, toda essa noite, e ainda metade do dia seguinte. Por fim foi dar a um bosque ~~zinho~~ **encantador**, **delicioso**, bafejado ~~pela frescura de uma suave brisa~~ **por brisa frescas**, < onde dois > **Dois** regatos ~~claríssimos, que lhe deslizam em torno~~ **serpeavam**, conservam ~~ndo~~ sempre viçosa a vegetação. ~~É esse lugar aprazível, e, com a linfa a escoar se brandamente por entre pedrinhas, fazem as delícias de quem lhes escuta o murmúrio.~~ < **Julgando-se em segurança naquele encantador retiro, resolve repousar** >

36. E n'esse lugar que, por se julgar em segurança, como se de Reinaldo a separassem centros de léguas, Angélica se resolve a repousar um pouco do cansaço em que vinha, ~~exacerbado ainda pela ardência do calor estival.~~ Apeia-se entre flores; e deixa < **que** > o palafrem ~~desbriado, vagueando~~

paste solto à beira dos / **regatos** / < **que murmuravam entre pedrinhas.** > ~~límpidos regatos, atapetada por fresquíssima herva.~~

37. Não longe d'ali, vê Angélica uma graciosa moita de rosas brancas e vermelhas, ~~que debruçadas~~ **escondida** ~~no líquido espelho das ondas, encontraram na~~ à sombra dos altos carvalhos ~~abrigo contra a~~ < **das** > ardências do ~~sol~~ **calor solar**. Em meio d'essa moita depara-se à ~~recém-chegada um fresco retiro, oculto pelo umbríferos folhedos: ramos e frondes são ali tão entrelaçados, que nem os raios do sol penetram lá nem o olhar de quem passe.~~

38. No interior da moita suavidade ~~tenra das relvas está convidando a repousar ali quem quer que se apresente.~~ E ali se reclina a bela Angélica, e ali adormece. Pouco tempo- **Mas pouco** lhe dura ~~entretanto~~ esse repouso, porque logo se ~~lhe figura~~ **sente** passos que se aproximam. Ergue-se, cautelosamente, e ~~descortina~~ **e vê** á beira do regato um cavaleiro armado, que ~~n'aquela momento ali~~ **acabava de** chegara.

39. Se é um amigo ou um inimigo, não o sabe ela. Mas o receio e a esperança agitam-lhe simultaneamente o coração opresso. Aguardando o desfecho de tal aventura, o que faz é ~~nem sequer soltar o mais leve suspiro.~~

Entrementes **o** cavaleiro, descendo até a orla do regato, e, com a face melancolicamente apoiada n'uma das mãos, deixa-se por tal forma absorver em cogitações profundas que chega aparecer transformado num insensível mármore. < **Depois, respeitando, lamenta-se nestes termos:** >

40. Pensativo e com a fronte inclinada para o chão, ficou o pesaro o cavaleiro o por mais de uma hora. Afinal, n'um tom que revelava angústias e desditas, começou ele a desatar-se em suavíssimos lamentos, capazes de abrandar pedras duras que o escutassem, capazes até de inspirarem piedade ao tigre mais cruel. E, suspirando, chorava por forma que nas faces se diria uma torrente de lágrimas e no peito um vulcão.

41. ~~Pensando (dizia ele) que gelas e simultaneamente inflamas o meu coração causando n'ele a dor vivíssima que o vai roendo e minando! Que devo eu fazer, visto que cheguei tarde e outrem outro se me antecipou na colheita do fructo? Enquanto eu obtive apenas uma palavra doce, e um doce olhar esse outro alcançaráou todo o mais tudo... Oh! se nem as flores nem os frutos me podem pertencer porque há de o meu coração aflingir-se ainda por aquela beldade~~

42. Uma donzelinha é semelhante á ~~uma~~ rosa que num belo **no** jardim tranqüila apesar de sozinha repousa na haste < **materna;** > ~~natal~~ **respeitam** n'a pastores e rebanhos, a brisa fagueira, o orvalho da aurora, a água e a terra, tudo se harmoniza para lhe favorecer o frescor. E vêm então os namorados e ~~as~~ namoradas colhê-la, para com ela < **se** > enfeitarem. ~~a frente e o peito.~~

43. Logo porém, que da haste ~~materna~~ a separaram e do verde ramúseulo aí d'ela! Porque **murcha em suas pétalas** imediatamente se lhe dissipa tudo quanto por sua graça e beleza despertava nos homens e no próprio eeu a mais palpitante ardente interesse! Assim a virgem que deixa murchar essa outra, flor em cuja conservação mais se deve esmerar que na da própria formosura e na da própria existência perde irremissivelmente no eoração de seus adoradores toda a sua grã valia.

44. Vil para os outros, e amada unicamente por aquele a quem tão rendida ficou! [Oh! fortuna cruel! Fortuna ingrata! Enquanto os outros triunfam morro eu a míngua! Mas... dar-se á o caso de já me não ser querida aquela mulher? Poderei eu porventura abandonar aquilo em que a minha própria vida consiste? Ah! Antes morrer n'este momento que ficar vivendo sem amá-la!

45. ~~Querem saber quem é que junto as águas do~~ **Quem junto ao** regato derramava tão copioso pranto, ~~era~~ **Era** nem mais nem menos que, o afamado Sacripante, rei da Circassia, e < **outra** > vítima do infausto amor. Na paixão / **por Angélica.** /que o devorava consistia a causa prima e única de suas mágoas: d'essa paixão era Angélica o objeto, Angélica por quem Sacripante logo ali foi reconhecido.

46. Arrastado por tão **pelo** violento amor, viera Sacripante lá do extremo Oriente às regiões em que o sol se esconde. Na Índia tinha ele sabido, com grande mágoa sua, que Angélica partira em companhia de Orlando para as terras ocidentais. Mais tarde, em França, haviam-lhe dito que o Imperador tratara de a pôr em bom recato, no intuito de oferecê-la por prêmio a aquele que na batalha mais proezas praticasse.

47. Sacripante chegara a tempo de presenciar aquela a medonha derrota ~~experimentada pelo rei <do> imperador <Carlos Magno>.~~ **Carlos** Depois... **procurara em vão** diligenciara encontrar aquela a vestígios da bela Angélica; e mas baldado empenho foi esse, que em parte nenhuma se lhe depararam. E aí está porque ~~ora~~ o vemos penar de amores, **aflitíssimo**, lamentando-se com tais < **acerbas** > expressões de angustia, ~~que seria capaz o Sol se o escutasse, de suspender enternecido a sua carreira.~~

48. Enquanto ele se aflige e < **Sacripante** > se lastima, e reduz os olhos a uma fonte perene de copioso pranto, proferindo as exclamações que já ficaram mencionadas e muitas outras que seria ocioso referir, -permite um feliz acaso que as escute o ouça a própria Angélica. E aí está como ás vezes n'uma hora, n'um momento, vem a realizar-se um passo que em mil anos ou mais não seria de esperar!

49. Atento é o gesto com que a bela dama observa as lágrimas, as expressões, a fisionomia enfim d'aquela que por caso nenhum deixa de amá-la: e todavia não **Não** é a primeira vez

que tal amor se lhe revela. Mais dura, porém, mais fria do que ~~uma coluna de o~~ mármore, Angélica não se ~~digna descer~~ **desce** a sentimentos de piedade, ~~e como orgulho de todos~~ ~~desdenha e~~ **não achando** ninguém acha digno de se lhe aproximar.

50. Entretanto a consideração de estar sozinha em meio d'aqueles bosques sugere-lhe a idéia de o aceitar por guia, ~~Que faz quem esta imerso n'água te ao pescoço e prestes a morrer afogado? Clama por auxílio, não é assim? Angélica entra a considerar que, se deixa perder este ensejo, arrisca-se a nunca mais deparar-se lhe um auxílio tão leal, visto que por longa experiência tinha já reconhecido ser aquele rei o mais fiel de todos os seus adoradores.~~

51. Mas nem essa mesma consideração a induz **leva** a consolar os tormentos ~~d'~~ alma que afligem Sacripante. ~~dando-lhe por indenização das passadas mágoas aquele dulcíssimo prazer que todo o amante mais ambiciona.~~ O que ela se propõe é tramar um fingimento qualquer, com que o entretenha n'uma enganosa esperança enquanto o seu auxílio lhe seja indispensável, – e depois... volver à **< sua >** insensibilidade habitual, a ~~–~~acostumada **arrogância!**

52. Saindo então ~~d'entre-a~~ **da** moita, ~~umbrifera~~ Angélica surge **subitamente** aos olhos do cavaleiro em todo o esplendor da sua beleza, . ~~como se fora Diana ou a própria Vênus que surgisse de uma floresta ou de uma gruta.~~ [**“Salve! Disse ela. Diz ela.** Permita Deus defender por vossa intervenção a minha honra!

Permita ele também que não façais ~~indevidamente~~ de mim um conceito **falsíssimo falso** < ! >53. Imagine-se a alegria ~~inefável de mãe amorosa, quando, após haver já pranteado a morte do filho que supunha haver lhe morrido na guerra, logra a ventura de tornar a vê-lo~~ eheio de vida! Por maior que seja o alvoroço e o júbilo de tal situação, certo que não **igualará** < **Imenso foi** > o júbilo ~~e o alvoroço~~ do príncipe Sarraceno ao ver inesperadamente aparecer-lhe radiante de formosura, ~~imponente no aspecto,~~ e sedutora de meiguice, a idolatrada Angélica.

54. Com doce e amoroso afeto **meigo alvoroço** correu ele a ~~à~~ sua dama, à sua divindade, que lhe lança ao pescoço os braços, ~~fagueira~~ **amorosos** ~~como certamente lá no Cathay se não teria nunca mostrado.~~ E Angélica, então, animada com a proteção que se lhe depara, sente representarem se lhe vivíssimas no espírito as recordações do reino paterno, seu país natal, e de súbito lhe acode a esperança de breve tornar a ver sua opulenta residência

55. E conta ~~depois~~ Angélica ao Sarraceno todas as aventuras acontecidas desde que ele, para servi-la, foi pedir ~~no Oriente~~ auxílio ao rei da Sericana. Conta-lhe como Orlando a salvou ~~frequentemente~~ da morte e da desonra, ~~e de variadíssimos apuros.~~ < **deixando entrever** > Finalmente ~~lhe relata~~ que < **destarte** > lograra ela conservar ilesa ~~aquela~~ a flor virginal com que o a < **dotara** > a Natureza. ~~adotara no seio materno.~~

56. Verdades puras eram talvez quanto n'esse particular **Seria verdade pura** < o que > Angélica ~~lhe afirmava,~~ ~~difíceis~~ embora de acreditar para quem pensasse nas cousas com verdadeira serenidade de espírito. Mas ele, que tão perturbado trazia a razão, facilmente acreditou possível o que se lhe asseverava. É que o amor tem d'estas cousas: afigura invisível o que realmente se esta vendo, e faz ver o que não é visível. Sacripante deu por consequência crédito ao que Angélica lhe disse. Admiram-se? Qual é o infeliz que não acredita facilmente n'aquilo que deseja? < **Mas difícil de verificar, Sacripante, porém, deu-lhe crédito imediato e pensou consigo** :>

57. “ Se o cavaleiro de Anglante deixou ~~por sua tolice~~ escapar o momento oportuno, queixe-se ele de si, ~~que nunca a fortuna volvera a oferecer-lhe tão próspero ensejo!~~ < **mas não pretendo imitá-lo** > (Assim pensava Sacripante). > Ah! mas n’isso é que estou longe de imitá-lo! Havia eu desaproveitar o grande bem que ora se me oferece? Para quê? Para depois dolorosamente me queixar de mim próprio!

58. Colherei portanto a rosa fresca e matinal, que mais tarde me arriscaria a perder. < **E**, > Depois pergunto eu, — ~~Há há~~ porventura cousa que mais agrade a uma dama, muito embora se mostre ela primeiro despeitada, ~~muito embora se mostre ela~~ < **e** > depois triste e lacrimosa? Por mim, juro que nem repulsas, nem cóleras fingidas serão capazes de estorvar-me na realização do meu intento.

59. Fazia ele consigo tacitamente estas reflexões, . Mas... enquanto se apresta para pôr em prática as suas intenções, do bosque próximo < **quando** > lhe vem aos ouvidos um grande rumor, . ~~que o faz, com grande mágoa sua, desistir da empresa.~~ E, < **O sarraceno** > como sempre tinha por costume andar completamente armado, põe o elmo na cabeça, enfreia o corcel, monta-lhe < **e põe-se em guarda** > na sela e ei-lo ai vai de lança em riste.

60. Pelo bosque vem vindo outro cavaleiro, de aspecto **feroz** ~~guapo e fero.~~ < **Traz** > **penacho branco** < **e** > a armadura que veste faz lembrar a alvura da neve ~~por eimeira traz um penacho branco.~~ Sacripante, furioso ~~por vir aquele do do~~ contratempo, interromper-lhe a agradável diversão que projetava, fixa no recém-chegado um olhar colérico e feroz < e logo que ele >

61. E, ~~quando o importuno interruptor se lhe aproxima, logo o Sarraceno~~ desafia-o crente em que fácil lhe será ~~será fácil lhe~~ levá-lo de vencida. Mas o raptado, que em menos conta se não tem a si próprio, responde-lhe às ameaças dando imediatamente de esporas ao cavalo e enristando a lança. Por sua parte Sacripante, investe com tempestuoso ímpeto. E lá correm um para o outro.

62. Nem leões, nem touros seriam capazes de ~~mutuamente~~ se acometerem com tanto furor como estes dois guerreiros no seu bravíssimo assalto. Rotos os escudos de ambos na primeira investida, tremeram tremeram < **os vales e os montes** > abalados ~~por tamanho pelo~~ estrépito < **do choque** > os verdes vales e os escavados montes de em redor os verdes vales e os escavados montes de em redor. Que fora dos dois combatentes, se de ambos não abrigassem o peito fortíssimo couraças?!

63. Na recíproca investida os coreéis fizeram exatamente lembrar o que se observa entre dois carneiros quando mutuamente se acometem. O cavalo do guerreiro pagão (que soberbo animal aquele!) morreu ali de prompto: < **tombando sobre o corpo do cavaleiro;** > o do outro guerreiro foi também a terra caiu, mas reergueu-se apenas sentiu cravarem-lhe as esporas nos ilhaes, . em quando o do príncipe sarraceno ficou estendido com todo o seu peso por sobre o corpo do dono.

64. O campeão incógnito, que ~~logrará não ser derrubado naquela investida, e que via o adversário em terra,~~ entendeu não dever prosseguir na luta. Correndo a toda a brida pela floresta , dentro, em < **breve se sumiu.** > caminho direito, cuidou em alongar-se quanto possível; — e antes que o sarraceno consiga desvencilhar-se daquele aperto, já ele se lhe adeanta numa distância enorme.

65. Imagine-se um lavrador que, sentindo estalar-lhe um raio aos pés, cai atordado enquanto os bois com que lavrara sucumbem fulminados, e que depois, ao levantar-se, ainda assombrado, vê rachado e sem folhagem o pinheiro que em distância estava habituado a contemplar: — é o que fazia lembrar o cavaleiro pagão quando logrou reerguer-se perante a formosa Angélica, testemunha da sua triste aventura.

66. ~~Suspira e geme: Não porque o aflijam dores de pé deslocado ou braço fraturado; mas porque a punge a vergonha, a ponto de que nunca em sua vida lhe subiram tão vermelhas cores ao rosto, vergonha tanto mais pungente, quanto ao desaire da queda acresceu tornar-se lhe preciso que a sua dama o ajudasse a libertar-se da grande opressão com que o cadáver do cavalo lhe só pesava no corpo! E de vergonha... nem talvez~~ < **Sacripante, morto de vergonha, suspira e geme e não** > ousaria falar, se não fora ela < **Angélica** > a primeira a dirigir-lhe a palavra.

[~~67.~~ Não vos desconsoléis, senhor! (~~he disse ela~~). Da queda, que destes, a culpa é **exclusivamente** do vosso cavalo; em vez de o terdes feito entrar **metido** em novo combate, mais conveniente lhe houvera sido pastar e repousar. Nem o vosso contendor se deve gloriar por tal **gloriou do** sucesso, ~~ele próprio, a meu ver, se confessa vencido~~, pois que se apressou em ~~ser o primeiro~~ a deixar o campo da contenda.

68. E, ~~E~~ enquanto d'est'arte Angélica procura consolar o Sarraceno, surge-lhes, galopando, n'um roeim, de buzina e bolsa a tiracolo, um mensageiro, ~~com todos os visos de aflito e cansado.~~ < , **o qual pergunta** > ~~Chegado que foi cerca de Sacripante, perguntou-lhe se tinham visto passar pela floresta um cavaleiro de escudo branco e penacho branco.~~

69. [- Foi esse mesmo, ~~lhe respondeu~~ Sacripante, quem me colocou aqui na **pôs nesta** < **triste** > situação, ~~em que me vêis~~ retirando-se logo em seguida. ~~Agora, para eu ficar sabendo quem foi que me derrubou, preciso me que digas seu nome. A curiosidade que tendes (volveu-lhe o mensageiro), vou sem delongas satisfazer vossa: ficai sabendo que ao alto valor de uma nobre donzela devestes o serdes derrubado.~~ < **Quem é ele, dizei-mo?** >

70. E ~~continuou:~~ < **É** > valente e lindíssima a vossa contendora. Brandamente se chama aquela que ora a donzela que vos arrebatou quanta honra e glória tendes logrado conquistar. [Depois de assim dizer, solta a rédea, retira-se e foge o mensageiro, deixando o sarraceno em grandíssimo a ~~desecontentamento~~ e perplexidade < **e** > não menor ~~em~~ a vergonha estampada no rosto.

71. ~~Sacripante, encarando a situação de haver sido derrubado por uma mulher, sente mais e mais crescer-lhe a dor à proporção que medita n'aquelle caso. Depois, .~~ Silencioso e taciturno, sem palavras dizer, trata < **ele** > de colocar suavemente na garupa a bela Angélica, reservando para mais tranquila estância **melhor ocasião** o delicioso intento que trazia em mira

72. ~~Mas~~ **D**duas milhas não tinham ~~eertamente~~ andado, quando em torno d' ambos entra < **de súbito** > a floresta **entra a** ressoar com tal estrépito, como se toda ~~ela~~ tremesse. E logo um fogoso corcel lhes surge à vista, ricamente ajaezado com de ouro, ~~um corcel que briosamente vai galgando~~ **a galgar** sebes e riachos, espedaçando árvores, e levando de vencida tudo quanto encontra em à frente. ~~de si.~~

73- Diz então a formosa Angélica: - ~~Se o entrelaçamento do folheto e a cerração das brumas me não tolhem a agudez da vista...~~ < **ou muito me engano, ou** > aquele corcel ~~que tão estrepitosamente vai rompendo caminho pela floresta~~ é com certeza Baiardo! **é o meu Bayardo...** Não tem que há duvidar... é o próprio Bayardo: acabo agora mesmo de o reconhecer. ~~É ele que adivinhou não ser cômodo para dois cavaleiros um cavalo só, e que nos vem resolver a dificuldade oferecendo-nos seus préstimos.~~ **Vem oferecer-me os seus préstimos.**

74. Tais palavras ouvindo, o circassiano apeia-se,— e, aproximando-se do recém-chegado corcel, julga poder facilmente procura deitar-lhe as mãos. O corcel, porém, volta-se rápido como um relâmpago, e despindo-lhe e despede-lhe uma furiosa parelha de coices, que, por felicidade, ~~de Sacripante,~~ o não alcançaram! E Triste d'ele, se o alcançassem!... tinha Bayardo nas patas um vigor tão assombroso que nem uma alta montanha de metal ~~que fosse,~~ lograria resistir-lhe!

75. Mas é este mesmo feroso corcel ~~que~~ < vai, > manso agora e submisso, e respeitoso, vai oferecer-se à donzela, como ~~poderia~~ fazer um cão perante o ao seu o dono. ~~de quem por dois ou três dias houvesse andado longe.~~ Bayardo conservava ainda memória lembrava-se que outr'ora, em Albraca, Angélica por suas próprias mãos lhe dava de comer, no tempo em que tão apaixonadamente ela amava Reinaldo, e em que este era para ela cruelmente ingrato. por ele desprezada

76. Tomando-lhe na mão esquerda Angélica toma as rédeas ~~com a direita e o afaga.~~ ~~E Baiardo,(e Sacripante) que possuía um maravilhoso instinto, sujeita-se dócil como se fora um cordeiro.~~ Sacripante vai entrementes aproveitando o ensejo de montar disfarçadamente no feroso corcel agora domesticado. Angélica, n'aquela ~~que montava,~~ passa da garupa a ocupar a sela. ~~E Sacripante consegue enfim montá-lo.~~

77. Mas voltando os olhos em derredor... eis que ~~ela~~ avista um guerreiro alto, caminhando a pé e fazendo ruidosamente ressoar as peças da sua armadura. Inflamada em despeito e cólera, Angélica reconheceu logo o filho do duque Aymon. < [– **Reinaldo** > está Está apaixonado por ela, e tem-lhe mais amor do que á própria vida, ~~no tanto que ela~~ < **mas Angélica** > profundamente o odeia, e d'ele foge foge dele como foge um grou de um falcão < a pomba foge de gavião >. E todavia houve já tempos em que sucedia o contrário: tinha-lhe ela amor, ele à donzela um ódio de morte.

78. A causa d'aquela ~~recíproca~~ **da** mudança está em duas fontes cujas águas desfrutam possuem virtudes opostas. ~~Destas duas fontes, ambas em Ardenne e com uma pequenina distância a separá-las, uma tem nas águas o condão de suscitar a flux nos corações a mais impetuosa ardência de amor: quem pelo contrário, acerta de beber na outra, fica de tal ardência curado, e transformado~~ < **Uma provoca nos corações o mais ardente amor. A outra porém, transforma** > em gelo o que era fogo amoroso. Reinaldo ~~que~~ bebeu da primeira, e está hoje consumido de amor; da segunda bebeu Angélica, e < **é todo ódio** > e aí esta agora o motivo do seu ódio e da sua ~~esquivança~~

79. ~~Aquela água, em que há misturado um veneno secreto, que transforma em ódios as paixões de amor, faz com que~~ < **Assim,** > os serenos olhos de Angélica se turvem turvam subitamente quando < **vê** > Reinaldo, ~~se lhe depara e em frente corra~~ < **com** > a voz trêmula e a tristeza espelhada no rosto, suplica ~~ela~~ a Sacripante e ~~encarecidamente lhe pede~~ para sem mais delongas fugirem ambos, antes que ~~deles~~ se aproxime o ~~recém-chegado~~ **o ex-amado guerreiro.**

80. [Pelo que vejo, respondeu o Sarraceno, em tão pequena conta me haveis, que me julgais incapaz de vos defender. ! Já vos não recordareis das batalhas de Albraca? nem tão ~~pouco~~ d'aquela noite em que, por vosso respeito, lograrei sozinho e desarmado resistir a todos os guerreiros de Agricane?

81. Não ~~lhe responde~~ Angélica, ~~nem mesmo sabe o que faça, porque já Reinaldo vem chegando perto d'ela, Reinaldo que rompeu logo em ameaças contra o sarraceno, apenas deu com a vista no seu próprio corcel e reconheceu a Angélica fisionomia de quem tão amoroso incêndio lhe acendera no peito.~~ Mas... no capítulo seguinte veremos o que se passou entre dois soberbos guerreiros.

Capítulo 2

1. ~~Que injusto que tu es Amor! Porque será que tão raras vezes correspondeste aos nossos desejos? Porque será que te comprazes perverso em lançar a discórdia nos corações? Porque será que, em vez de nos deixares atravessar um regato límpido e manso, nos arrastas para um sorvedouro sombrio e profundo? Porque será que nos afastas d'aquilo em que se deleita o nosso coração querendo que amemos e adoremos quem nos odeia?~~

2. ~~És tu, Amor, que fazes com que Angélica pareça formosa a Reinaldo, e este lhe pareça a ela feio e desagradável. No tempo em que se lhe afigurava formoso e lhe inspirava extremos, acontecia então ser ele quem a odiava com todas as faculdades de sua alma. E agora é Reinaldo que debalde se aflige e padece tormentos. Paga mais proporcionada ao débito nunca se viu! A versão que Angélica sente pelo seu adorador é tal que antes morrer do que vir a pertencer-lhe.~~

3. ~~No tom do mais acentuado violento orgulho, dirige diz Reinaldo estas palavras a Sacripante: [- Desce, ladrão; desce do meu cavalo! Se cuidas que Não estou habituado a consentir me tirem o que é meu me pertence fica sabendo que, bem pelo contrário, costume fazer pagar caríssimos muito caro esses atrevimentos. Nem tão pouco julgues que te permito levares a essa dama em tua companhia. A um ladrão, como tu, não compete uma dama tão ilustre nem um corcel tão brioso.~~

4. ~~Responde-lhe, não menos altivo, o sarraceno: [- Chamares-me ladrão, é mentir, Quem mais quem tal te chamasse é que (segundo ouço a fama) apregoar não andaria longe da verdade. Provar Mas provar podemos nós aqui agora qual dos dois é mais digno ficar possuindo esta com a dama e o este corcel, se bem que a respeito d'ela concorde eu contigo em que nada n'este mundo se lhe pode comprar.~~

5. ~~Imaginem-se Como dois cães raivosos, que, excitados pelo ciúme ou pelo ódio, se investem-se arreganhando os dentes, esbugalhado os olhos, eriçando medonhos os pêlos do dorso, e finalmente esmordaçando-se dançando com ardente fúria: é assim que Sacripante e Reinaldo acabam por converter em golpes de espada e gritos e as afrontas. — os dois guerreiros.~~

6. ~~A pé está um deles Um está a pé, outro a cavalo, o outro. Que vantagem pensa o leitor então que o sarraceno tem com isso! Nenhuma absolutamente, pois que, Mas de nada valia o Sacripante estar montado em, para melhor dizer, na situação em que se acha, vale menos que o mais inexperto pajem! E o motivo está em que porque Bayardo, o brioso corcel, instintivamente se recusava a prejudicar seu dono: nem com as rédeas, nem com as esporas, lograva Sacripante Sarraceno fazê-lo obedecer. Empacava, corcoveava escoiceava e~~

7. ~~Queria o circassiano fazê-lo avançar? Parava. Queria sopeá-lo? Galopava ou trotava. Logo depois... baixava a cabeça... levantava a garupa... e era coice que fervia! Percebendo então não ser o momento impróprio aquele momento azado para domar semelhante fera, Sacripante resolve apaar-se. O combate começa.~~

8. ~~E foi conseguindo assim ver se livre da invencível fúria de Bayardo, o sarraceno deu princípio a um combate realmente digno do seu valente rival. Retinem, cruzando-se no ar, as espadas dos dois heróis campeões: Quem tal presenciassem, diria menos violentos e mais tardonho o martelo de Vulcano quando nas fumegantes forjas bate na bigorna os raios de Júpiter.~~

9. Ora em fintas, ora em golpes diretos, ~~os dois contendores~~ mostram-se ~~ambos~~ exímios no jogo das armas; era ~~avançando com altivez um para o outro, ora negando-se; aqui descobrindo-se acolá pondo-se em guarda; já investindo, já simplesmente parando os golpes do adversário; e, em todo o caso, espreitando ambos o ensejo de levar a melhor n'aquele duelo.~~

10. ~~Por fim~~ **Por fim** Reinaldo cai com todo o peso de sua espada sobre Sacripante, **rompendo-lhe o escudo** Ao golpe de Reinaldo ~~opõe o adversário o seu escudo de osso forrado por uma lamina d' aço de finíssima têmpera. Apesar porém de espesso, abre o em~~ dois a espada de Orlando, e o faz voar em hastilhas **estilhas**. ~~ressoa a floresta com o fragor do golpe, que deixa meio derreado o braço do sarraceno.~~

11. ~~Quando a~~ A tímida donzela ~~repara~~ **notando o** resultado medonho deste violentíssimo golpe, ~~preste-se-lhe~~ **presente** transtorna a serenidade fisionômica, tal qual sucede a um condenado ao aproximar-se do suplício. E considera então que só lhe resta a **fuga, caso** alvitre de fuga, uma vez que não queira ficar sendo a presa de Reinaldo **escapar**, d'aquele Reinaldo **que que tanto a amava e que** ela tanto odiava, ~~enquanto ele correspondia a esse ódio com tão ardente amor.~~

12. Virando de rédea, e metendo o cavalo a galope na selva espessa, por um carreiro estreito áspero, Angélica **foge vai de quando em quando** olhando para traz, ~~muito pálida, com a~~ na desconfiança de que Reinaldo a venha atrás d'ela perseguindo-a. **E vai correndo até que se lhe** Nisto... quando pequena distância tinha ainda percorrido... depara-se-lhe n'um vale um eremita de ~~barba crescida ate o meio do peito, aspecto venerável e devoto~~ **longas barbas brancas, a**

13. ~~Macerado pelos anos e pelos jejuns, caminharva ele e vagorosamente montado n'um jumento. Dir-se ia, ao vê-lo, um tipo excepcional de consciência escrupulosa e severa, como em pessoa viva não seria possível encontrar.~~

Quando ~~ele o~~ **eremita** atentou nas formosas feições da **linda** donzela, ~~que lhe ia ao encontro, - apesar de velho e debilitado, sentiu-se alvoroçado nos de~~ vivos sentimentos de caridade.

14. Angélica, dirigindo-se ~~ao eremita a ele e~~ pergunta-lhe qual ~~o~~ **que** caminho ~~por onde lhe eumpria seguir, que a levea a porto marítimo, visto que seu ato resumia-se sua~~ **tenção é** agora ~~em~~ sair de França, para nunca **mais** ouvir falar de Reinaldo.

O monge, que era entendido em práticas nigromânticas, desfaz-se ~~todo~~ em palavras de animação ~~para com a donzela, prometendo-lhe à donzela~~ que prontamente a livrará de qualquer perigo.

15. ~~Tira do bolso um livro... um livro de efeitos miraculosos tão miraculosos que milagrosos, tão maravilhoso livro que tinha apenas uma apenas lida a primeira pagina~~ **milagrosos, tão maravilhoso livro que tinha apenas uma** ~~apenas lida a primeira pagina~~ **lhe surge como** por encanto um espírito sob forma de escudeiro e a quem **O** ~~o~~ eremita **dá-lhe ordens e o obediente servo se** ~~comunica suas ordens . Obediente as intimações do espírito mágico, o evocado escudeiro dirige-se ao lugar em que~~ **onde** os dois cavaleiros continuavam brigando encarniçadamente no bosque. ~~a~~ **barter-se.**

16. Metendo-se ~~audazmente de permeio, entre os dois~~ diz-lhes ele: [- Muito gostava ~~eu~~ de saber que vantagem ~~euida~~ tirara aquele ~~de vos~~ que matar **o outro!** ~~ao seu adversário!~~ Enquanto ~~vos fatigais desperdiçandois~~ ao vossos brios, o conde Orlando, sem ter que sustentar combate algum, ~~nem romper uma simples malha do saio,~~ vai caminho de Paris com a formosa dama, por quem aqui vos empenhais!

17. A mil passos ~~do lugar em que estamos~~, **daqui** os encontrei ~~eu~~ rindo e motejando de vós ambos, ~~que infructiferamente lutais um contra o outro~~. Talvez que o **O** melhor de tudo seria, ~~lhes uma vez que perto os podereis ainda encontrar~~, seguides ~~lhes~~ a pista – ,
Olha ~~que~~, **porque** se Orlando consegue apanhar Angélica em Paris, nunca mais a tornareis a ver.

18. Ao **ouvirem** ~~escutarem~~ tais palavras, ficaram atônitos os ~~dois~~ cavaleiros, e, no auge da consternação, ~~culpando-se de~~ **desespero**, **culpam-se de** ~~cegos e de~~ loucos por se verem ~~ambos~~ assim burlados em proveito do ~~seu~~ rival comum. Depois o valente Reinaldo, soltando suspiros que pareciam saídos de uma ~~fragua incandescente~~, e ~~ao mesmo tempo~~ transbordando em rancorosa cólera, **cratera de rancor e paixão**, jura ali que se logra **apanhar o amor** ~~colher as mãos a~~ pessoas de Orlando; **lhe**, há de arrancar ~~lhe do peito o~~ **coração. os fígados pela boca.**

19. Prestes **Rápido** montando no seu cavalo, **Bayardo**, ei-lo que parte a galopar. ~~O seu~~ adversário, pouco ~~lhe importa~~ deixá-lo sem um lugar ~~lhe oferecer na garupa~~, sem adeus ~~lhe dizer sequer~~. E lá vai na sua fogaosa carreira o impetuoso **Bayardo** ~~corcel~~, esporeando pelo dono, saltando fossos, passando rios, vencendo **penedos fragas**, ~~derrubando tudo quanto se~~ ~~lhe depara em frente~~, sem obstáculos **encontrar** ~~em fim~~ que ~~lhe tolham ir por~~ ~~deante~~. **o ímpeto.**

20. ~~Espanto causar talvez~~ Talvez **espanto causará** que Reinaldo montasse **no seu corcel** agora com tanta facilidade ~~no seu corcel Bayardo~~. quando poucos dias antes andava inutilmente correndo **atrás** d'ele, ~~sem poder lançar lhe as mãos a rédea~~. Advirta-se, ~~porém~~ **É** que Bayardo possuía uma inteligência finíssima e obrigando o ~~seu~~ dono a percorrer uma tão grande distância, o cavalo ~~tivera simplesmente em mira~~ **procurando apenas** aproximá-lo de Angélica, por quem Reinaldo ~~andava~~ **vivia** soltando tantos suspiros.

21. ~~Quando ela fugira do pavilhão, bem a tinha visto Bayardo, e bem lhe espreitara os passos, livre e solto como então estava (por d'ele haver se apeado Reinaldo para combater com um valoroso barão); e por fim seguir lhe de longe as pisadas, — tudo no ardente empenho de vir a entregá-la em mãos de quem tanto a adorava.~~

22. **Para isso** ~~Depois, desejando chamar o dono para o sitio em que Angélica estava foi~~ ~~sahira —lhe ao caminho, através da grande floresta, mas e~~ **fazia-se perseguir** ~~sem se deixar —se montar, com receio de que Reinaldo o obrigasse a galopar noutro sentido. E assim logrou fazer com que Reinaldo por duas vezes encontrasse Angélica, sem daqui lhe resultar, todavia sem vantagem alguma porquanto~~ **porém, porque** da primeira vez ~~lhe embargara os passos Ferragudo e na da segunda o circassiano (como dito fica).~~

23. Agora, **entretanto** o Demônio que tinha dado a Reinaldo falsas indicações acerca do destino de Angélica trazia também enganado o inteligente corcel. Bayardo, oferecendo-se ~~dócil~~ aos manejos do ~~frenético~~ e amorosos cavaleiros, deixa-se ir correndo a toda a brida, caminho de Paris. ~~O desejo, que vai n'alma de Reinaldo é por tal forma impaciente, que talvez morosa lhe parecia a carreira quando mesmo em lugar de um rápido corcel, transportasse o vento!~~

24. De noite suspende ele a jornada, ~~na~~ **com** ~~idéia de encontrar-se com o senhor de Anglante, crente como estava em~~ ~~de~~ que ~~lhe falara a verdade o mentiroso mensageiro do sagaz nigromante; mas, logo que amanhece...~~ ei-lo de novo a galopar incansável! ~~Nem para um momento enquanto se lhe não descobrem~~ **E só para quando alcance a planície** à-vista os ~~plainos~~ parisienses, onde ~~o rei Carlos Magno, depois de vencido, e derrotado, se acolhera com os restos as relíquias do seu exército.~~

25. Receoso que viesse o Rei d'África oferecer-lhe batalha, ~~ou por-lhe cereo~~ tratava Carlos **Magno** de reunir ~~um~~ corpo, ~~bom~~ de guerreiros e abastecer-se de mantimentos, reparar suas muralhas e ~~guarnecer-se~~ **abrir** de trincheiras. ~~E neste sentido fez sem delongas tudo quanto lhe pareceu conveniente.~~ Ocorreu-lhe ~~mesmo~~ **também**, reclamar de Inglaterra tropas que ~~o coadjuvassem.~~ **de auxilio.**

26. Porque a verdade era esta: Carlos **Magno** propunha-se ~~entrar de novo em campanha e de novo a~~ tentar **de novo** a sorte da guerra. Com estas idéias nomeia ~~ele por~~ seu delegado o cavaleiro Reinaldo, ~~encarregando-lhe~~ **dando-lhe** a missão de ir à Bretanha **que é como se chamava** Inglaterra ~~se chamou depois aquele país~~ **naquele tempo.**

O paladino lastima-se de ter que empreender semelhante viagem, não porque lhe desagrada a terra a que o destinam mas porque El-Rei lhe dá ordem de partir logo sem um dia único ter de descanso em Paris.

27. Nunca houve coisa que Reinaldo ~~com menos vontade fizesse~~ **fizesse com menos vontade.** ~~O cumprimento da ordem regia importava a impossibilidade de ir em busca do formosíssimo rosto que tão apaixonado o tornava.~~ Mas, ~~por obedecer a~~ Carlos pôs-se imediatamente a caminho; e, horas depois, em Calais, ~~d'onde~~ e nesse mesmo dia embarcou em direção a costa da **para a** Bretanha.

28. Não houve marinheiro que não tentasse dissuadi-lo de **tamanha** temeridade, semelhante visto ~~que a profunda agitação do mar~~ ~~anunciava-se~~ uma terrível tormenta. Mas o desejo vivíssimo de cumprir ~~prestes a~~ sua missão, ~~para também prestes estar de volta faz com que Reinaldo~~ **e regressar quanto antes fê-lo** teimarsse no seu ~~desígnio~~ **propósito.**

Embarcou, e logo o vento ~~como~~ indignado **com a** ~~ante a~~ desdenhosa teimosia do guerreiro, desencadeou **furosíssima** a tempestade, ~~alcantilando raivosamente as vagas em torno do navio.~~

29. Cautelosos e experimentados, os tripulantes tratam de amainar as velas, e pensam mesmo em virar de bordo em volver ao porto d'onde tão importunamente haviam levantado ferro. O vento parecia dizer-lhes: Não serei eu que tolere semelhante audácia da vossa parte. E em corroboração d'este aviso, ei-lo assobiando e, ei-lo oferecendo-lhes a ameaça de um naufrágio caso tentem afrontar-lhes as iras.

30. Dobra e redobra de violência ~~aquele~~ medonho temporal. Com as velas, colhidas os marinheiros ~~bordejando~~ deixam ir o navio ~~caminho do mar alto....~~ Deixemos, entretanto ~~por um passo~~ o valoroso Reinaldo a lutar contra a fúria dos elementos; e falemos de Bradamante.

31. Bradamante, ~~se chamava a inédita donzela por quem foi derrubado o rei~~ Sacripante **Digna digna** irmã de Reinaldo, era filha do duque Aymon e de Beatriz. Sua ~~grande~~ **valentia** e assombrosa coragem, por ~~frequentes~~ vezes demonstrada na presença de Carlos **Magno** e de toda a França, ~~hombream~~ ~~na reputação~~ com o afamado valor do ~~bravo~~ Reinaldo.

32. Amada por um cavaleiro que d'África viera **d'África** em companhia do rei Agramante e que provinha dos amores entre Rogério e a desditosa filha de Agolante, Bradamante **a donzela guerreira**, que não possuía a índole ~~ferina~~ de um urso nem de um leão, sentiu-se atraída para esse ~~que~~ **quem** apaixonadamente a representava verem-se a falar com o outro, era o ~~que a fortuna porém só~~ ~~ainda~~ uma vez lhes tinha **sido possível.**

33. E lá andava Bradamante em busca do apaixonado (~~Reinaldo se chamava ele também com seu pai~~) caminhava, **caminhando** sozinha mas tão segura ~~tão~~ **e** confiava em si, como se ~~para guarda-la tirar~~ a escoltassem mil esquadrões.

O que ela fez ao rei da Circassia, já os leitores sabem. Depois disso, (perseguido em seu caminho sozinho), Bradamante atravessaria uma floresta, galgou um dos montes ~~limitrofes~~ e chegou ~~por fim~~ a uma nascente d'água.

34. Esta nascente corria ~~para no~~ meio de um prado á sombra de antiquíssimo arvoredos ~~em grande do meio dia~~ de suas ~~limpinhas dar-se boa~~ que estava ali de propósito convidando a beber e a descansar um pouco! Abreava-te e a esquerda uma cedinha de terras cultivadas, que por tem parte construída também para amansar a calmas do meio dia. Bradamante apenas ali chegou, deu logo com os olhos num cavaleiro, **que**

35. Há caçador da fonte e montado a sombra de um pequenino bosque no chão seivoso cuja verde alcatifa flores de variado nariz o cavaleiro estava silencioso e pensativo, de cabeça baixa e olhos umedecidos, denunciando cansaço e tristeza. Escudo e capacete pendiam-lhe, a pouca distancia, de uma ~~feixe~~ **árvore** a cujo tronco **quisesse** o cavalo.

36. **A compaixão move**, O sentimento ~~coração~~ pois que o gênero humano se caracteriza em referência as desventura do paganismo fez com que a donzela **a** indagasse do cavaleiro o motivo de seus desgostos. Correspondendo a **sua** curiosidade ~~da interrogante~~ e impressionado pela cortesia de suas palavras, ~~assim como~~ e pelo aspecto valoroso e nobre de quem á primeira vista se tome afirmou um guapíssimo, ~~guerreiro~~ tudo ele ~~lhe~~ contou.

37. ~~Principiou assim~~ Conduzia eu, **disse** sob meu comando um certo número de peões e cavaleiros em direção ao campo ~~em que~~ **onde** El-Rei Carlos **Magno** estava á espera de Marsílio, no intuito de lhe embargar os passos ao descer das montanhas: vinha comigo uma formosa jovem, por quem ardo de amores. Quando cheguei ás ~~cerceanias~~ **perto** de Rodonna, avistei um personagem armado, que montava um cavalo com azas.

38. Simples mortal, ou criatura horrenda saída do Inferno, saltador, apenas deu com os olhos na minha querida amante, fez como faria um falcão ~~para agarrar~~ à presa: ~~lança as mãos~~ **arranca-na dos braços e** ~~e minha gentil companheira, e, raptando a,~~ lá vai voando com ela no tal cavalo das asas.

E ~~Tão~~ de relance aconteceu isto, que só dei pelo rapto quando ~~senti~~ **ouvi** nos ares os gritos da ~~dama~~. **minha gentil companhia.**

39. Fiquei precisamente na mesma situação em que fica uma pobre galinha quando um milhafre lhe leva algum dos pintos. A desgraçada, o que é que faz? Aflingir-se pela sua inadvertência, e chamá-lo debalde com seus inúteis cacarejos!

~~Encerrado entre montanhas, na falda de um rochedo escarpado posso eu porventura caminhar traz de quem voa pelos are? O próprio coreel, em que monto, acha-se tão fatigado, que mal poderá ele mover-se por caminhos ásperos e pedregosos como estes d'entorno.~~

40. ~~Mas a~~ **A** comoção que experimentei ao vê-me ~~sem a minha querida beldade,~~ **assim sonhando**, foi tal, que mais valera me arrancassem do peito o coração! Deixei portanto os meus guerreiros continuarem sozinhos a sua jornada. ~~E pelas mais praticáveis e por~~ estas ~~abruptas~~ brutas montanhas, vim eu seguindo o caminho que Amor me indicava, na direção em que me parecia eu houvesse o ~~raptador~~ **salteador** conduzido ~~aquela que é a~~ alegria e o consolo da minha alma.

41. Seis dias andei eu sem descansar, através de ~~escarpados~~ penhascos, e à beira de precipícios horríveis, sem ~~vereda~~ encontrar ~~nem~~ vestígios de pisada humana. Por fim cheguei a um vale inulto e ~~selvático~~, circundado ~~por de~~ abruptas penedias e grutas medonhas. Em meio desse Vale, sobre uma rocha, erguia-se um castelo de formoso aspecto, ~~o admiravelmente fortificado.~~

42. Visto de longe, ~~figurava-se-me~~ parecia brilhar como se fora uma chama, ~~num tijolo, nem mármore parecia que entravam na sua construção.~~ Quanto mais me aproximava de tão resplandecentes muralhas, mais aquela fabrica se me antiolhava bela e maravilhosa. Mais tarde vim eu, a saber, que os Demônios industriosos, ~~movidos pelo~~ **por meio de** encantamentos de palavras mágicas, haviam forrado ~~o aquele belíssimo~~ castelo com aço forjado e temperado nas águas do Estyge,

43 ~~De aço forjado e polido,~~ **aço** tão polido que nada há capaz de o enferrujar ou de fazelhe perder o ~~brilantismo~~ **o brilho**, ~~acham-se forradas as torres todas.~~ É ali que o raptador da minha bela vem habitualmente abrigar-se, depois de andar infestando ~~com suas correrias~~ as terras ~~eireunvizinhas~~; contra a fúria das suas devastações não há quem resista; lágrimas e maldições, que podem contra? Ele? ~~E la me tem ele enclausurado o objeto do meu amor, ou, para melhor dizer, o meu próprio coração.~~ Perdida trago **E perdido tenho** a esperança de o recuperar jamais— **o objeto do meu amor.**

44. Efetivamente... ~~que posso eu mais fazer do que olhar de longe para a escarpada rocha em que o meu bem esta enclausurado? Acho-me no caso da raposa que sente cá de baixo o filhote a gemer nas garras da águia, e que volteia espavorida, inconscientes, sem asas que lhe permitam subir a semelhante altura! A um penhaseo d' aqueles, a um castelo por aquella forma talhado a pique, só efetivamente poderá subir quem tenha condição de voar como as aves.~~

45. Estava eu **um dia** seismando no caso, quando me aparecem dois cavaleiros guiados por um anão. ~~Esperanças que, ao encontrar-me com eles, cobrou o meu desejo, ai de mim!— ficaram completamente baldadas.~~ Eram dois guerreiros de grande valentia: ~~um d' eles~~ Gradasso, rei da Sericana; o outro por nome Rogério, um mancebo valoroso e tido em grande conta na corte d' África.

46. [- “ Vêem ambos, disse-me o anão, para provarem sua valentia contra o possuidor d' este castelo, guerreiro que desfruta o ~~estranho~~ e inaudito condão de montar a um quadrúpede com azas.

- “Ah! Senhores (exclamei eu), tende compaixão das ~~minhas tristes eircunstância:s~~ **Sorte; se;** como espero, ficardes vencedores, suplico-vos a restituição da minha dama.

47. E narrei-lhes ~~entre lágrimas, a maneira como ficara privado d' aquela que eu tanto amava.~~ **a minha história** Prometendo auxiliar-me, começaram ~~eles~~ a descer a montanha alpestre e escarpada. Eu, ~~por mim,~~ fiquei de longe observando, e pedindo a Deus que lhes concedesse a vitória. Por baixo de castelo havia uma ~~explanada~~ **esplanada**, cuja extensão mediria duas vezes a distancia ~~a que pode atirar uma-de um tiro de~~ pedra, ~~a mão de um homem.~~

48. Chegados que foram ~~ambos~~ ao pé da rocha, cada um d' eles queria ser o primeiro a travar combate. Mas ~~ou porque decidissem a sorte, ou porque Rogério desistisse da primazia,~~ a verdade é que **a sorte decidiu e**, foi Gradasso quem principiou. O rei da Sericana, embocando a trombeta, fez ~~com que os sons d' ela~~ retinir de baixo a cima o rochedo e o castelo. ~~Da~~ A porta saiu logo o castelo montado no cavalo ~~das~~ **de** azas.

49. E começou pouco e pouco a elevar-se, ~~fazendo lembrar os grou de arribação que principiam por correr depois e elevam acima da terra uma ou duas braças, e só desenvolvem toda a rapidez do seu poderoso vôo quando conseguem tomar completamente o vento nas azas.~~ Assim logra o nigromante subir **e subiu** a uma altura tal, que só águias seriam capazes de lá chegar.

50. Por fim, quando lhe parece ~~azado~~ o momento, fez sinal ao cavalo ~~para de~~ fechar as azas: e ei-lo fedendo os ares a prumo, à semelhança de um falcão adestrado quando vê levantar-se ~~lhe um pato ou um pombo~~ **cae sobre uma pomba.** ~~ou um pombo.~~ Com a lança em riste, o cavaleiro vem rompendo estrodonsamente caminho. Gradasso quase ~~que~~ não da por tal, tão rápida ~~é descer de seu adversário~~ **a descida** senão depois de sentir ferido.

51. Enquanto o mágico rompe a lança de encontro a Gradasso, este ~~o mais que faz é~~ esgrimir ~~re~~ debalde contra o ar e o vento. Por sua parte o voador abre novamente as azas, e de novo se eleva. A violência do embate faz ir ao chão a vigorosa Alfana, ~~Alfana~~ como se chamava a **formosíssima** égua de Gradasso, ~~uma égua formosíssima, e certamente a melhor que poderia imaginar-se.~~

52. Reerguendo o vôo até as estrelas, o nigromante repetiu a descida, caindo agora sobre Rogério que, ~~desprevenido,~~ correra em auxílio de Gradasso. Rogério cede à violência do golpe, ~~e seu corcel recuou mais de um passo:~~ quando o companheiro do rei da Sericana se voltou para responder à ~~semelhante~~ agressão, já o seu adversário estava outra vez a grande altura.

53. E assim continua o guerreiro volante, já ferindo Gradasso, já ferindo Rogério, agora na cabeça, ~~logo~~ **depois** no peito, em seguida no dorso; e por que aos seus golpes pretendam **eles** responder, ~~Gradasso ou Rogério,~~ baldado é o empenho, ~~d'este que~~ **porque** logo o mágico lhes escapa num volver d'olhos. ~~Nos ares vai ele descrevendo largos círculos, — e, quando se calcula vir atacar de preferência um dos dois cavaleiros, é precisamente sobre o outro que ele desearrega o seu golpe. Gradasso e Rogério sentem-se tão desnorteados, que já nem atinam em se precaver.~~

54. Entre os dois guerreiros terrestres e o seu aéreo inimigo, durou o combate sem cessar, ~~te a~~ **até a hora em que um o véu obscuro da morte** se desdobrou ou por sobre a terra, e esconde a cor de tudo quanto há formoso e belo. As cousas ~~se passaram-se~~ como acabo de vos contar; ~~eredo que não exagero. Assisti, testemunha ocular, a tudo isto e entretanto confesso que sinto hesitação em repeti-lo, porque semelhante maravilha, parecee mais parece~~ **uma** fábula do que um fato verdadeiro. ... **Por fim, Gradasso e Rogério caíram.**

55. O cavaleiro aéreo trazia o escudo envolvido n'uma seda belíssima: nem sei como ele assim o conservou por tanto tempo em tal invólucro, ~~— porque a verdade é que tão depressa o despe ele da seda que o envolve, — quem para o escudo olhar fica irremediavelmente ofuscado, e cai redondamente no chão como se fora um corpo morto, à mercê completa do nigromante.~~

56. ~~É que resplandece aquele escudo à semelhança de um carbúnculo, e não há luz que em brilhantismo se lhe compare. Inibidos de lhe encararem o fulgor, Gradasso e Rogério caíram por terra.~~

Por terra desacordados e foram aproximados pelo mágico sem acordo. ~~Eu próprio, apesar da distância em que estava, perdi temporariamente os sentidos, e só mui tarde os recuperarei. Quando tornei a mim, já não encontrei os guerreiros nem o anão: na minha frente via-se apenas o campo de batalha desocupado, e em volta imersas na sombra a montanha e a planície.~~

57. ~~“Pensei, portanto que o mágico teria empolgado os seus dois adversários, e que, por condão do seu rutilantíssimo escudo, lhes haverá roubado a eles a liberdade e a mim a esperança. N'este sentido me despedi d'aquela lugar em que jazia enclausurado o meu coração. Em vista agora de quando vos contei, vede se há tormento de amor, que possa comparar-se a este meu.~~

58. ~~E~~ Depois de assim falar, o cavaleiro recaiu na sua profunda tristeza. Era ele o conde Pinabel, filho de Anselmo de Alta-ripa, da casa de Moguncia. ~~Entre os malvados da sua raça, em vez de querer constituir-se exceção por seu cavalheirismo e lealdade, proferiu não só égua tal os mais inclusivamente excedê-los a todos na abominável grosseira dos vícios.~~

59. Bradamante, a formosa dama, deixou perceber no semblante impressões variadas à proporção que ia escutando ~~silenciosa~~ a narrativa ~~do cavaleiro moguntino~~. Primeiro, quando se tratou de Rogério, ~~e sua fisionomia~~ **seu rosto** acusou grande alegria; mas, quando ~~depois~~ veio, a saber, que ~~ele~~ **Rogério** estava cativo, ~~transbordaram-lhe~~ **transbordou sua alma de** ~~deram-lhe amargosamente n'alma sentidas mágoas inspiradas no mais extremo amor. E fez repetir a Pinabel por várias vezes a narrativa.~~

60. ~~Quando afinal ficou perfeitamente inteirada do caso, disse-lhe ela [.~~ Cavaleiro, **disse-lhe ela**, podeis tranquilizar-vos, porque ~~talvez a circunstância de me encontrardes vos seja favorável: talvez o dia de hoje venha a parecer-vos venturoso, caminhemos ambos em direção ao castelo, em que se acha enclausurado um tesouro tão rico, porventura o empreendimento não será ocioso, mas vez que a fortuna me coadjuve conforme espero.)~~

61. ~~Responde-lhe o cavaleiro, [Desejais então que outra vez atravesse aquelas montanhas para vos mostrar o caminho do castelo? Por mim, confesso que pouco se me dá de perder as passadas, visto que perdido está aquilo em que o meu bem se resumia. Vós, porém, atendei a que, tentando semelhantes precipícios e rochas tão medonhas, ides expor vos a ficar encarcerada. Assim o quereis? Não me lanceis depois as culpas a mim, que vos preveni a tempo.~~

62. ~~Tornando a~~ **Mmontando** no corcel, aí vai agora o conde ~~por~~ **como** guia da valorosa dama, que em prol de Rogério se expõe a ser aprisionada ou morta pelo nigromante. E enquanto caminhavam, eis que ~~atrás d'eles aparece~~ **surge o** um mensageiro; **aparecido a Sacripante** gritando: -, - . Alto! alto!

~~Era nem mais, nem menos do que o mesmo indivíduo por quem Sacripante entrará no conhecimento de haver sido vencido pela formosa Bradamente.~~

63. ~~E agora~~ **Vvem** ele trazer à bela dama notícias de Montpellier e de Narbonna que, juntamente com todo litoral vizinho, haviam arvorado o estandarte de Castela. Marselha, na ausência de Bradamante (que tinha a seu cargo defendê-la) achava-se desanimada, e enviava-lhe em mensageiro a pedir-lhe conselho e socorro.

63. ~~E agora~~ **Vvem** ele trazer à bela dama notícias de Montpellier e de Narbonna que, juntamente com todo litoral vizinho, haviam arvorado o estandarte de Castela. Marselha, na ausência de Bradamante (que tinha a seu cargo defendê-la) achava-se desanimada, e enviava-lhe em mensageiro a pedir-lhe conselho e socorro.

64. ~~Aquelas cidades, bem como o território que n'uma área de muitas milhas se estende até ao mar entre Var e o Rodono, tinham sido dadas à filha do duque Aymon pelo Imperador, que depositava n'ela uma grandíssima esperança e confiança, desde que, vendo-a a viu combater, com inigualável esforço lograra admirar-lhe a valentia. Vinha então de Marselha aquele mensageiro em procura de quem auxílios tão valiosos podia prestar.~~

65. Indecisa, a nobre donzela hesita ~~primeiro~~ se deverá ou não **voltar** ; ~~volver sobre seus passos: a honra e o dever estimulam-na por chamam-na por~~ um lado; ~~por outro o incêndio do amor que a devora impele-a para outro.~~ Por fim ~~determina-se a prosseguir no empreendimento que encetara: livrar da torre encantada o seu Rogério, ou pelo menos, caso lhe não chegue o valor para tanto, ficar prisioneira com ele.~~ **Mas vence o amor e**

66. ~~a~~ Apresentando uma desculpa ~~ao~~ ~~com~~ que o mensageiro, pareceu ficar satisfeito ~~aponto de não insistir mais, Bradamante~~ continua a caminhar em companhia de Pinabel. Este é

que ~~por sua parte~~ não parecia contente, porque n'aquele momento acabava de saber que a dama era de uma família à **qual os seus** ~~quem, tanto em particular como em público, ele~~ consagravam um grande ódio. ~~E já lhe acodem ao espírito os perigos que o ameaçam quando ela acaso reconheça nele um moguntino.~~

67— Entre a casa de Moguncia e a de Clermont havia ~~ódios inveterados e violenta~~ inimizade, a ponto de terem por vezes sustentado **terríveis** ~~guerras~~ guerras assinaladas por ~~copiosos derramamento de sangue.~~ Não admira, pois que o pérfido conde estivesse já no íntimo ~~d'alma~~ cuidando **de em** ~~atraçoar a incauta donzela, ou, no primeiro~~ ensejo, ~~que lhe oferecesse abandoná-la sozinha. e seguir ele por outro caminho.~~

68— O ódio, a hesitação e o medo absolviam ~~no~~ por tal forma, que, sem dar por isso, veio a sair da estrada e acabou por se achar n'uma floresta, **onde em** ~~meio da qual~~ havia um monte ~~e no~~ **com um** ~~árido eimo d'esse monte num duro penhasco~~ **no cimo.** ~~Atrás dele vai sempre seguindo, sem deixar, a filha do Duque de Dordona.~~

69— Quando o **O** moguntino, **achando** ~~reparou no sitio em que estava, pareceu-lhe~~ azado o momento para se descartar da dama. E disse-lhe: [- Antes que escureça, ~~mais,~~ parece-me acertado procurarmos um albergue. Para lá d'este monte, ~~no~~ ~~vale~~ ~~lhe~~ ~~fica~~ ~~ao~~ ~~pé,~~ existe ~~(se a memória me não falha)~~ um riquíssimo castelo. Espera-me vós aqui, enquanto ~~eu~~ vou, ~~no~~ **ao** ~~alto d'aquela~~ ~~escavado~~ penhasco; verificar **em que** ~~rumo~~ ~~fica~~ ~~a~~ ~~caso~~ ~~por~~ ~~meus~~ ~~próprios~~ ~~olhos.~~

70— Pronunciadas que foram estas palavras, lá vai caminhando para o cimo do solitário monte, e tudo é observar se por algum lado descortina uma vereda qualquer que o ajude a fazer com que a dama não logra seguir-lhe os vestígios.

~~De~~ ~~E~~ **vai; e de repente lá chegando,** dá com os olhos numa caverna, que **desce** ~~aprofunda~~ pelo rochedo mais de trinta braças, talhada artificialmente a pique ~~e lá~~ ~~No~~ fundo **há** ~~uma~~ porta, **que dá**

71— Por essa porta ~~é um amplo~~ acesso para uma sala enorme; e **onde se** ~~percebia-se~~ um clarão **intenso** ~~como de facho que lá no âmago da gruta estivesse ardendo.~~ E enquanto o **traidor** pérfido olhava perplexo, Bradamante ~~(que receosa de perder-lhe a companhia, caminhara sempre atrás dele)~~ aproximou do cavaleiro **dele.**

72— Mas o **pérfido** ~~traidor,~~ vendo frustrados ~~por~~ ~~então~~ os seus desígnios de a abandonar ali, ~~ou de~~ ~~fazê-la~~ morrer, trata logo de formular um novo plano: vai ao encontro d'ela, pede-lhe que suba ao sítio em que o monte se achava escavado, e acaba por lhe dizer que lá em baixo tinha ele avistado uma donzela ~~de fisionomia~~ ~~agradabilíssima.~~

73. ~~Mas~~ ~~lhe~~ ~~diz~~ que pela beleza das feições e ~~pela~~ riqueza do vestuário denunciava ~~não~~ ser de **humilde** **nobre** ~~estirpe, assim e que parecia~~ ~~como também~~ ~~acrescenta~~ ~~que~~ ~~o~~ ~~seu~~ ~~ar~~ perturbado e triste inspira suspeitas de não estar ali a donzela por sua livre vontade. ~~Enfim~~ ~~lhe~~ ~~declara~~ ~~que,~~ ~~no~~ ~~intuito~~ ~~de~~ ~~averiguar~~ ~~sua~~ ~~condição,~~ ~~tinha~~ ~~já~~ ~~tentado~~ ~~penetrar~~ ~~n'aquela~~ ~~recinto;~~ ~~mas~~ ~~no~~ ~~interior~~ ~~da~~ ~~gruta~~ ~~havia~~ ~~sabido~~ ~~um~~ ~~desconhecido,~~ ~~o~~ ~~qual,~~ ~~com~~ ~~gestos~~ ~~de~~ ~~fúria,~~ ~~levara~~ ~~consigo~~ ~~para~~ ~~dentro~~ ~~a~~ ~~infeliz.~~

74. Bradamante, animosa como era, e ~~não~~ ~~suspeitando~~ ~~que~~ ~~pudesse~~ ~~aquella~~ ~~ser~~ ~~uma~~ ~~narrativa~~ ~~falsa,~~ ~~antes~~ ~~desejando~~ ~~socorrer~~ ~~a~~ ~~donzela,~~ ~~de~~ ~~que~~ ~~Pinabel~~ ~~lhe~~ ~~falava,~~ só trata de estudar a maneira de chegar lá abaixo. N'isto, volvendo os olhos em derredor, dá com a vista em ~~longo~~ **um** ~~esgalho~~ de frondoso olmeiro: com a espada o decepa ~~n'um só golpe,~~ e o deixa pender pelo alcantil abaixo.

75. Feito isto, o dá a segurar a Pinabel pela extremidade mais grossa e ~~agarrando-se com os braços ao pendurado tronco, vai prestes deixando-se~~ escorregar **por ele** ao longo do abismo.

Pinabel, ~~que a vê n'esta situação~~ sorri traiçoeiramente, e **senão quando**. E ~~soltando o esgalho que sustinha com as mãos e,~~ exclama: [- Oxalá contigo estivessem ~~aqui~~ todos os teus, ~~que assim se lhes e a toda raça a~~ exterminasse a ~~raça.~~ **eu!**

76. Mas a inocente dama escapou à sorte que Pinabel lhe desejava. O esgalho, ao precipitar-se **no abismo**, d'aquella rápida queda, foi primeiro bater no chão com a extremidade inferior, ~~por de~~ forma que esta ~~ao quebrar-se~~ ~~quebrou também~~ **amorteceu** a violência do choque, **esperando** e assim ~~logrou~~ **logrando** Bradamante não morrer ali despedaçada. Atordoada, ~~sim, atordoada~~ ficou por algum tempo, como se dirá no capítulo seguinte.

Capítulo 3

1. O assunto, em que vou entrar, é um d'aqueles que por sua alta nobreza reclama um elevadíssimo estilo. Oxalá tivesse eu asas com que pudesse remontar-me com a pena à encantada região dos meus desejos! Tudo quanto represente fogoso entusiasmo de coração, tudo aqui se me torna indispensável, visto que o presente capítulo vai dedicado ao excelso Príncipe, cujos avós ilustradíssimos ora pretendo enumerar.

2. D'entre todos os famosos príncipes, a quem o Céu incumbe de governar a terra, nenhum há que pertença a uma família mais gloriosa, que na guerra, quer na paz; nenhum, cuja nobreza haja conservado mais lustre. E o lustre, que ora conserva essa ilustre raça, conservá-lo á (estou certo de que me não iludem n'isto fantasias poéticas), observá-lo á em quando o mundo for mundo.

3. Para devidamente lhe entoar louvores, seria preciso empunhar não a lira de um mortal, mas aquela especialíssima lira com que o próprio Phebo celebrou os triunfos do soberano Júpiter quando este levou de vencida as fúrias dos Titãs. Assim eu pudesse ao menos talhar no mármore, com escopro assaz digno, os vultos que me proponho celebrar. Fraco é o cinzel de que disponho: buscarei entretanto apurar, quanto possível me seja, o lavor de que pretendo ocupar-me.

4. Entremos, porém, na matéria do presente capítulo. Ocupemo-nos d'aquela pérfido, cujo peito não haverá escudo nem couraça que defender possam. Volvamos

ao moquinino Pinabel, o qual em seus sinistros designos, tinha em vista nada menos que fazer a morrer a valorosa Bradamante.

5. E que ela efetivamente morrera, quando despenhada no precipício, chegou o traidor a imaginar. Com a palidez estampada no rosto, **Assim aconteceu, mas assim não o previa Pinabel e certo de haver trucidado a valorosa Bradamante** afastou-se então d'aquela da triste caverna, enodada agora por seu negro crime, e tratou de montar outra vez à cavalo: **como se não** Por fim como se lhe não bastasse um delito apenas, ~~ocorreu-lhe a~~ depravada idéia de o secundar levando roubado **roubou ainda o seu corcel de Bradamante.**

6. Deixemos, porém esse vil que, enquanto anda urdindo enganos contra a vida alheia, esta inconscientemente preparando a sua morte. E voltemos a ver a donzela que, vítima d'aquela traiçoeiro delito, por um triz não encontrou a um tempo morte e sepultura. Bradamante, ao reerguer-se atordoadíssima da queda, ~~que deu~~ encaminhou-se para a porta que dava ingresso a numa **espaçosa** gruta. interior, muitíssimo ~~espaçosa.~~

7. Era uma sala quadrada, com ~~todas as feições d'uma igreja~~ **aspecto de templo**, ~~devota e venerável. Sustentavam-lhe o teto~~ colunas de alabastro ~~dispostas n'um bellissimo estilo de arquitetura.~~ **Sustentavam o teto e ao.** Ao meio erguia-se um altar **onde brilhava e em frente d'ele** uma lâmpada acesa, ~~eja brilhante chama derramava em derredor o mais o vivo clarão.~~
8. Bradamante, ~~ao ver-se a um lugar sagrado e piedoso~~ ajoelhou-se com devota humildade – e começando, em pensamento e palavras e reza uma oração. —————N'isto, abre-se em frente uma porta pequenina, ~~com estridente ranger de gonzos,~~ dando passagem a uma criatura feminina, descalça, de cabelos soltos, e soltas as vestes na cintura
9. – Generosa Bradamante, diz ela, ~~saudando por seu nome a donzela ajoelhada~~ é mister **que saibas** ~~saberes~~ que a tua entrada aqui se **não se** efetuou sem **que concorresse** ~~para isso concorrer~~ a vontade divina. O espírito profético de Merlim tinha-me anunciado já, que virias tu por um caminho insólito visitar suas relíquias santas: e aqui tenho estado a tua espera, ~~no fito~~ **a fim** de te revelar o que a teu respeito os Céus ~~determinaram~~ **nam.**
10. É esta a **E nesta** gruta memorável, e antiqüíssima edificada pelo sábio encantador Merlim, ~~de quem (certamente algumas vezes terás ouvido falar).~~ N'estas gruta **que** o enganou a Dama do Lago. E aqui se conserva o sepulcro: onde jazem corruptos seus restos mortais, sepulcro em que ele, por condescender com a enganadora ~~se deitou vivo e morto ficou.~~
11. De envolta como ~~Junto ao,~~ ~~cadáver porém~~ ~~habita-lhe~~ ~~porem~~ vivíssima a ~~sua alma~~ ~~imortal,~~ ~~e vivas~~ e de envolta com o cadáver habitará até que retina a trombeta do anjo para lhe marcar a estância derradeira. ~~Vivas-se conservam~~ não menos ~~as falas de Merlim,~~ ~~tão vivas~~ ~~que poderás~~ claramente ~~ouvi-las sair de dentro do mármoreo,~~ ~~tumulo,~~ ~~revelando e quem consulta sobre~~ ~~eousas~~ ~~passadas ou futuras,~~ nunca ele deixou de responder.
12. ~~de~~ **De** muito longe vim eu buscar este sarcófago, para que Merlim me ajudasse a esclarecer um alto mistério. Mas, porque senti desejos de te ver, deixei-me aqui ficar; um mês a mais do que tencionava demorar-me, Merlim, que nunca me falou senão verdades, tinham-me profetizado ser **para** hoje o dia da tua chegada.
13. Escutando tais palavras, a filha de Aymon ficara atônita, ~~silenciosa, imóvel.~~ ~~Perante o que em torno dela se passa,~~ ~~ignora-se está~~ sonhando ou acordada. **Afinal,** ~~vergonhosa e modesta, com os olhos timidamente baixos,~~ responde assim: — [— ~~Que mérito há em mim para que profetas se dignem ocupar-se de profetizarem a minha chegada~~
14. E, então jubilosa por **de** tão extraordinária aventura, foi seguindo traz da maga que prontamente a conduziu a junto dá sepultura onde se achava enclausurado o corpo e a alma de Merlim. Era um sepulcro de pedra dura polida, luzidia de cor vermelha semelhante a chamas: o clarão que espargia, bastava para completamente alumiar a sala, embora lá não penetrasse um raio sequer da luz solar. **onde outra luz não entra.**
15. ~~Ou porque seja natural em certos mármoreos a condição de dissiparem as trevas como se fossem verdadeiros fachos. — ou porque se houvesse aqui recorrido (o que mais verossímil se me afigura) a sufumigações, a encantamentos, a sinais em fim colhidos na observação dos astros, — o que é certo é que o sobrevidito clarão deixava reconhecer os variadíssimos primores de escultura e pinturas, com que por todos os lados estava ornamentado um lugar tão venerável.~~

16- Bradamante ~~apenas penetrou naquele secreto santuário,~~ **ouviu ressoar** sentiu dentre os despojos mortais falar-lhe em voz claríssima ao vivo espírito de Merlin. Queria a fortuna proteger, disse-lhe, todos os seus desejos, ó casta e nobilíssima **donzela!** Terás por descendência uma ilustre raça, que honrará não só a Itália mas o mundo todo.

17- ~~O antigo sangue troiano, do qual em ti se reuniram as duas correntes mais puras há de vir um dia a ser o ornamento, a flor, o júbilo de quantas ilustres famílias alumia o sol desde as margens do indo até as do rio Tejo, desde as do Nilo te as do Danúbio, no espaço que se estende entre o pólo ártico e o antártico. Choverão sobre os teus descendentes as honras supremas: haverá neles marqueses, duques, imperadores.~~

18. ~~Capitães e cavaleiros serão uns: e por sua espada e por seu conselho, restituirão eles a Itália o antigo esplendor da invencibilidade. Outros empenharão o soberano cetro de príncipes justos que é semelhança do sábio Augusto e do sábio numa farão reviver com seu governo suave e bondoso a felicidade dos séculos áureos.~~

19- E para que em ti se execute a vontade do Céu que ~~desde todo e sempre~~ te há escolhido ~~por~~ **para** esposa de Rogério, prossegue tu intrepidamente no caminho que encetaste, porque obstáculo nenhum será capaz de tolher-te no desempenho da tua missão nem impedir que ao primeiro impulso derrubes o salteador odioso, em cujo poder se acha retido ~~todo~~ o teu bem.

20. Calou-se a voz de Merlin, depois de proferidas estas palavras, - ficando á maga o encargo de ~~patenteiar~~ **revelar** a Bradamante a série ilustre ~~de~~ **dos** seus descendentes. ~~Grande número de espíritos haviam sido nesse intuito escolhidos (se do inferno provenientes ou qualquer outro sítio, quem é que sabe dizê-lo?): diversos no aspecto, achavam-se todos reunidos agora no mesmo lugar.~~

21. E lá vai a maga levando outra vez Bradamante para a igreja, ~~onde previamente havia deserito~~ **traça no chão** um círculo, que pudesse conter-lhe o corpo todo entendido; ~~em um palmo ainda de sobre excedente: como prevenção contra qualquer malefício dos espíritos,~~ coloca-lhe por sobre a cabeça um pentáculo; ~~depois~~ recomenda-lhe que se conserve atenta e silenciosa, e por fim abre o livro **mágico** e entra em palestra com os demônios **surjam estes da**

22. Lá vem, entretanto saindo a primeira caverna um grupo numeroso que e mais e mais se **acumulam** em torno do círculo sagrado ~~penetrar nele é que não podem, porque lhes tolhe ingresso a linha circunferencial como se fora um forte num ou fosso profundo E, depois que em torno do círculo deram as três voltas convencionais, foram os espetos passados para o recinto em que existia o suntuoso tumulto do grande profeta.~~

23. Disse então a maga a Bradamante: [- Se eu fora a enumerar-te **disse a maga** os nomes e proezas de todos aqueles que, por intermédio dos espíritos encantados, aqui te aparecem antes mesmo de entrados na vida, terrestre, confesso-te que ~~não sei quando poderias, partir, porque, verdade, verdade,~~ uma só noite não bastaria para tanto. O que farei, por conseqüência, é escolher d'entre eles, ~~segundo a ordem cronológica,~~ os que ~~me parecer oportuno apontar te.~~ **mais lustre darão ao teu amor.**

24. ~~Repara naquele primeiro que ali vês, e que tantas semelhanças oferece contigo já na fisionomia, já no aprazível do porte. Representante do teu sangue e representante do sangue de Rogério, na Itália será ele da tua família o chefe. Por sua mãe ficará cor de sangue a terra de Poitiers, e por seu braço vingada a traição e a injúria de quem lhe houver morto o pai.~~

25. Por seu valor deixará ele arruinado Desiderio, rei dos Lombardos; e em recompensa o Imperador lhe dará os senhorios d'Este e Calaon. Logo adiante aquele que estás observando é teu sobrinho Humberto, um valoroso guerreiro que será a gloria da Hesperia e que mais de uma vez defenderá contra os Bárbaros a santa Igreja.

26. Lá está em seguida o invicto capitão Alberto, que lhe há de ornar com troféu um grande numero de templos. — A par dele vem Hugo, seu filho, que alcançara o domínio de Milão e por timbre usará uma serpente. — Aquele outro é Azzo, que por morte do irmão, herdará o reino dos Insubrios. Albertazzo nos aparece depois; aos sábios conselhos d'est deverá a Itália ver-se livre de Berengario e de seu filho: seus méritos lhe darão em recompensa a mão de Alda, filha do imperador Othon.

27. Cá temos um segundo Hugo, famoso não menos: gloriosa descendência que não degenera do valor paterno! Defensor de uma causa justa, competir lhes há reprimir o orgulho dos soberbos Romanos, libertar das mãos deles o imperador Othon III e o Pontífice, finalmente pôr termo a um assedio calamitoso.

28. Segue-se Folco: cedendo ao irmão todos os seus domínios no território italiano, irá possuir em meio dos Alemães, um grão ducado; levantará a casa de Saxônia quando prestes a extinguir-se por um dos ramos, e conserva-la a por seus descendentes herdeiros da linha materna.

29. Surge nos a figura do segundo Azzo, mais inclinado a galanteios do que a empresas guerreiras. Ladeiam n'os seus dois filhos, Bertoldo e Albertazzo. Por um d'esses será vencido o imperador.

É desfiou uma série numeríssima de heróis que por intermédio de Bradamante viriam ao mundo – reis, príncipes, guerreiros, uma descendência tão illustre como de poucas alguém poderá se orgulhar.

Henrique II, e Parma terão ocasião de ver seus campos horrivelmente inundados de sangue alemão. O outro dos dois terá por consorte a gloriosa e prudente, e casta, condessa Matilde.

30. Altíssimos merecimentos de Bertoldo o farão digno de tal consoreio, que não é honra pouco estimável o receber por dote, com a mão da sobrinha de Henrique I, metade quase da Itália. A Reinaldo, filho querido de Bertoldo, caberá a glória de pôr a salvo das mãos do ímpio Frederico Barba-roxa a santa Igreja de Roma.

31. Terceiro Azzo nos aparece agora: caber lhe á por partilha o belo território de Verona: o imperador Oton IV e o papa Honório II constituir lhe ão no território anconeiz um arquezado. — Ah! mas que longo seria se te eu quisesse apontar quantos do teu sangue hão de ilustrar-se empunhando o pendão do Consistório e ganhando vitórias em prol da Igreja Romana.

32. Ai tens Obizzo e Folco: ai tens outros Azzoz e outros Hugos: ai tens os dois Henrique, filho e pai ambos filiados no partido guelfo; subjulgara um deles a Úmbria; nos ombros do outro desdobrar-se á o manto ducal de Spoleto. — Queres saber quem é que há de estancar o sangue e cicatrizar as chagas da Itália aflita? É Azzo V, por quem Ezzelino será vencido, e aprisionado, e morto.

33. Se há tirano feroz, que por suas atrocidades inculque ser filho de Demônio, Ezzelino esta perfeitamente n'esse caso: imolando seus súbitos e devastando o belo território da Ausonia, tais atos praticará, que, postos em confronto com ele, Mario e Sylla, Marco Antonio, Nero e Caio Calígula, mereceriam o epíteto de clementes.

34. Azzo V logrará o ensejo também de vencer e completamente derrotar o imperador Frederico II. Ditosos dias correrão sob o cetro do vencedor para aquele belo país situado a beira do rio onde Phebo pranteou a morte de Phaetonte, e onde a Fabula conta que foram transformadas em âmbar as lágrimas das Heliades, onde finalmente Cyeno acabou por se revestir de plumagem alvíssima. Com o governo d'esse país lhe premiará seus relevantes serviços a Sé apostólica.

35. Já me ia esquecendo mencionar te Aldobrandino, o irmão de Azzo V. Em seu tempo avançará te junto do Capitólio o imperador Othon IV e o exercício gibellino, cujas armas deixarão subjugados os habitantes da Úmbria. Aldobrandino, querendo auxiliar n'esta conjuntura o soberano Pontífice, não poderá fazer lo sem grossas quantias de dinheiro, e para obtê-las recorrerá aos Florentinos.

36. Mas, sem jóias nem penhores mais valiosos que depositar como caução do empréstimo, deixar-lhes á entregue por fiador seu próprio irmão: depois, erguendo vitorioso o estandarte, levará de vencida o exército germânico, restabelecerá o governo da Santa Sé, mandará supliciar os condes de Celano, e, sempre em serviço do Sumo Pontífice, morrerá na _____ flor _____ dos _____ anos

37. Do território que decorre entre o mar e os Apenninos, desde Troento até o Isauro, deixará ele a sucessão na pessoa de seu irmão Azzo, que simultaneamente lhe herdará dotes altíssimos de magnanimidade, fidelidade, e virtude, — qualidades estas superiores sem duvida ao ouro e ás pedras preciosas, visto que as riquezas materiais pode a fortuna dá-las ou tirá-las conforme lhe apraza, mas... sobre a virtude é que ela não tem poder algum.

38. E ali verás agora Reinaldo, cujo valor não será por certo menos brilhante, uma vez que a morte ou a invejosa fortuna se não oponham a que ele concorra para a gloriosa exaltação da sua ilustre família. D'aqui lhe estou escutando já os lamentos, por ele soltos em Nápoles, onde _____ ficará _____ por _____ fiador _____ de _____ seu _____ pai.

39. Obizzo, que em seguida vemos, sucedera a sua avô, sendo eleito príncipe em anos mui verdes; em seus belos domínios incorporar-se á a risonha cidade de Rogério e a altiva Modena: pelas valorosas quantidades de Obizzo, os povos unanimemente o escolherão para governa-los. Azzo VI, um dos filhos de Obizzo, um dos ganfaloneiros da Santa Cruzada, presidirá ao ducado de Andria juntamente com a filha de Carlos II rei da Sicília.

40. Naquele grupo formoso e amável, que ali vês, está o escol dos príncipes ilustres: Obizzo, Aldobrandino, Nicolau por cognome o coxo, e o elementíssimo Alberto. Para não me alongar excessivamente é que te não digo a forma por que eles conseguirão incorporar na sua bela soberania Faenza e Adria, sobretudo Adria, que mereceu as honras de dar seu nome _____ ás _____ águas _____ salgadas _____ do _____ mar _____ vizinho.

41. Lograrão eles também possuir: a povoação que pela abundancia de suas rosas obteve na língua dos gregos o nome encantador de Rhodigio; a cidade que em meio de piseosas lagoas esta de continuo ameaçada pela inundação das bocas do Pó, e onde habita gente sempre desejosa de ver agitado o mar pela fúria dos ventos; finalmente Argenta e Lugo, e mil _____ outras _____ fortalezas, _____ e _____ mil _____ outras _____ cidades _____ populosíssimas.

42. Ai nos surge agora Nicolau: ainda criança, caber-lhe-á ser aclamado soberano; de encontro a ele quebrar-se ão írritos e nulos os desígnios de Thadeu, na guerra civil que este lhe promover. De pequenino se acostumará aos fadigosos labores do combate, e se irá dispondo para se tornar notável entre os mais notáveis guerreiros.

43. ~~Conjurações de seus súbditos rebeldes, saberá ele sufoca-las, com grande perda para os vencidos. Hudir-lhe o espírito sagaz será porventura difficilimo: disto se convencerá, mas quando já for tarde bastante, o cruel tirano de Règio e de Parma, Othon III, a quem Nicolau tirará simultaneamente os domínios e a própria vida~~

44. ~~Ira sempre esta illustre família crescendo em poderio, e sempre caminhando na estrada da retidão, — sem nunca a ninguém fazer mal, salvo a hipótese de provocantes injurias com que a hostilizem. Por isso o Criador do Mundo permitirá que ela vá durando e prosperando cada vez mais, enquanto durar a máquina do Universo.~~

45. ~~Vira depois Leonel, — E vira o primeiro duque, o inepto Borso, que será dos seus tempos honra e gloria. Governando em paz, alcançara triunfo maior que todos quantos por conquista logrem assenhorear-se de territórios estranhos. Manietando as fúrias de Marte, empenhará todos os cuidados em que viva feliz o seu povo.~~

46. ~~Vira Hercules em seguida, com justos motivos queixoso de seus vizinhos. O auxilio que lhes prestou valorosamente em Budrio merecia acaso que, em recompensa, o viessem hostilizar?! Confesso que não sei decidir onde é que este príncipe ganhará mais gloria, se na paz, se na guerra.~~

47. ~~Os povos da Apulia, da Calábria e da Lucania, conservarão por longo tempo lembrança de suas façanhas naqueles campos em que o rei dos Catalães há de conceder-lhe pela primeira vez a honra gloriosa do combate singular. Por mais de uma Victoria logrará ficar seu nome inscrito entre os dos capitães invictos; seu mérito-lhe proporcionará entrar no gozo efetivo de uma soberania, que mais de trinta anos antes lhe pertencerá por direito.~~

48. ~~Grandíssimos favores-lhe deverá seu povo. E não me refiro nisto a conversão dos pântanos em campos fertilíssimos; nem aos melhoramentos de Ferrara, defendida por ele com obras de fortificação, adornada com templos, com palácios, com teatros.~~

49. ~~Também me não refiro á valentia com que saberá defendel-a contra as garras potentes do Leão de S. Marcos, — nem á prudência com que logrará conserva-la no doce remanso da paz, sem temores, sem angustias, sem contribuições de guerra, no tempo em que todo o resto da bela Itália andar a ferro e a fogo por causa da França.~~

50. ~~Tudo isso é de pouca monta perante o que país-lhe ficará tão somente devendo na inclita prole de tão illustre príncipe. O justo Affonso e o benévolo Hipólito merecerão comparar-se aos dois lendários filhos do Cysne de Tyndaro, cada um dos quais alternadamente se privava da luz celestial para temporariamente furtar o outro ás trevas mortais. Hipógrifo e Affonso estarão sempre promptos, um pelo outro, a corajosamente afrontarem a morte.~~

51. ~~A intima afeição dos dois dará em resultado para seu povo uma segurança maior do que se-lhe coubesse ter guarnecido pela mão de Vulcano com uma dupla cinta de ferro as muralhas da cidade. Bondade e sabedoria aliar-se-ão por tal forma em Affonso, que no século seguinte há de haver quem suponha ter sido ali o segundo reinado de Astréa.~~

52. ~~Prudência e valor, tais quais tinha seu pai, precisará de ter este príncipe, — que por um lado se encontrará a braços com os Venezianos, e por outro com uma potencia, á qual não sei se ele mais deva chamar madrastra do que a mãe (se é mãe, confessemos que faz lembrar para com Affonso o procedimento de Medéa ou de Progne para com os filhos).~~

53. ~~Sempre que ele de Ferrara sair, á testa de seus súbditos fieis, triunfará brilhantemente de seus inimigos, quer seja de dia ou de noite, quer seja por terra ou por mar. Nisto hão de por fim atentar os povos da Romanha, imprudentemente induzidos a hostilizarem a um país~~

vizinho que primeiro havia sido aliado seu; o território que medeia entre o Pó, o Santerno, e o Zanniolo, ficará banhado com o sangue deles.

54. Por semelhante provação não de passar os Hespanhoes assoldados pelo Sumo Pontífice quando Affonso lhes retomar Bastia, por eles anteriormente raptada com a aleivosa morte do respectivo castelão. Em castigo desse ato infamíssimo, não dará a ninguém, começando no comandante e acabando no infimo dos soldados, para que de todos nem um sobreviva que possa levar a Roma noticia de sua desforra.

55. À sua prudência e ao valor de seu braço caberá nos campos da Romanha a honra de fazer com que o exercito francês fique vitorioso contra o Pontífice e contra a Hespanha. Sangue humano correrá em abundancia tal, que inundará toda a planície, nadando nele os cavalos sobreviventes: chegarão mesmo a ficar cadáveres insepultos, por faltar quem os enterre, de Alemães, de Gregos, de Hespanhoes, de Italianos, de Franceses.

56. Aquele que, em vestes pontificais, traz na cabeça o chapéu de púrpura, e o liberal, magnânimo e sublime Hipólito, cardeal da Igreja Romana, e merecedor de quem em todas as línguas eternamente o elogiem tanta em prosa como um verso. O justo Céu quer que no seu tempo floresça um Virgilio, como aquele que floresceu em tempo do imperador Augusto.

57. Hipólito, abrihantando pelos feitos próprios a sua illustre família, será comparável ao Sol que, iluminando a maquina do mundo, resplende com fulgor incomparável entre os mais astros. Com pequeníssima comitiva de peões, e mais pequena ainda de cavaleiros, irá triste quando sair de Ferrara, mas volvera radiante por trazer como presa de guerra um espantoso numero de embarcações, entre elas quinze galés. —

58. Lá temos depois os dois Sigismundo. — Lá temos os cinco filhos queridos de Affonso, cuja fama nem montes nem mares impedirão de chegar a todos os pontos do mundo; um d'esses, Hercules II, será genro do rei da França: outro, por nome Hipólito, igualara seu tio no primor de suas ações.

59. Francisco se chama o terceiro; Affonso é o nome dos dois restantes. — Mas.... conforme te disse já, se eu fora a mostrar te da tua descendência os ramos todos que tanto lustre acrescentarão pelo seu valor, crê que por muitos dias e muitas noites me ficarias aqui escutando. Não julgas acertado que encerremos n'este ponto a exposição, e que deixemos os espectros retirar-se?

60. Com o assentimento de Bradamante, a maga fechou o livro. E logo as sombras dos espectros volveram precipitadamente ao recinto em que se achava o sepulcro de Merlin. Bradamante, apenas lhe foi concedido falar, perguntou: — “ Quem eram aquele dois tão tristes que notei entre Hipólito e Affonso?”

61. “ Suspirando, e com fronte inclinada para o chão, dir se ia que lhes faltava a coragem. Afigurou-se me ate, que seus irmãos desviavam deles o olhar, como esquivando-se lhes. Transtornaram-se as feições da maga, ao escutar tal pergunta. E, lavada em lagrima, exclamou: São infelizes, cujo infortúnio vem a filiar-se na pernicioso instigação de homens perversos! —

62. Oxalá que o seu delito não consiga estorvar a clemência por que tanto se distingue a generosa prole do benévolo Hercules! Para com aqueles dois desgraçados, que pertencem a essa mesma família, Oxalá que o rigor da justiça fique substituído pela compaixão! E a maga acrecentou em voz mais baixa: **Finda a revelação, a maga disse:** [-

Não queiras saber o resto; deixa-te ficar com a doce impressão das glorias que apontei, nem te pese que eu me esquive a amargurar ta.

63. Logo que no céu despontem os primeiros alvares, hás de ir comigo ~~pelas mais curta vereda que d'aqui nos conduza~~ ao luzente castelo em que Rogério está encarcerado. Servir-te-ei de companhia e de guia até que fiques livre da emaranhada floresta. E, quando chegarmos á beira-mar, ensinar-te-ei o caminho ~~por de~~ forma que ~~dele~~ neste não possas extraviar ~~tes~~ **errar**.

64. Assim passou a noite a intrépida Bradamante, empregando parte dela em escutar os conselhos de Merlin, que a persuadiu a quanto antes ir em busca do meu amável Rogério. E Quando no céu raiaram os primeiros rubores da aurora, saiu ~~ela~~ então **Bradamante** da caverna, ~~subterrânea~~ por um caminho ~~esuro e~~ secreto, em companhia da maga.

65. Assim chegaram ambas a um precipício oculto entre montanhas, que para o comum dos mortais eram realmente inacessíveis. E ~~um o~~ dia todo, sem descansar, andaram trepando fragas e atravessando torrentes. Para disfarçar o enfado ~~inerente da a~~ semelhante jornada, e para em certo modo suavizar a aspereza dos caminhos, entretinham-se ~~discorrendo agradavelmente sobre o que mais interessa lhes poderia despertar~~ **em discorrer sobre a façanhas do nigromante**.

66. E a conversação teve especialmente por assunto o modo por que Bradamante devia ~~por em pratica~~ suas astúcias.

Pallas ou Marte que tu fosse, lhe dizia a maga, ~~e quando mesmo~~ e **ainda sua** trouxesse comitiva maior de guerreiros **maior que a do** que o próprio rei Carlos Magno, ~~ou o rei Agramante~~ fica certa de que não lograrias resistir pela força a um nigromante daqueles. **Seu**

67. ~~Se o não sabes dir te ei: o seu~~ inexpugnável castelo assenta n'um rochedo altíssimo, circundado ~~por de~~ muralhas de aço. O corcel ~~em~~ que ele monta, salta e galopa nos ares. Junta-se a isto o celebre / escudo, ~~mortais~~ cujo fulgor possui o condão de ofuscar ~~estontear~~ e fazer perder os sentidos aquém nele fita os olhos, ~~(ao acaso o dono o põe a descoberto)~~.

68. Replicar-me-ás talvez que, para ~~escapar fugir~~ a esse perigo, conservarás fechados os olhos, ~~em enquanto combateres~~. Mas ... como poderias então calcular as tuas paradas e as tuas ~~respostas~~. **os teus golpes?** Para evitares o efeito mortal ~~daquele do~~ escudo deslumbrante e bem assim para neutralizares todos os mais encantamentos de semelhante ~~mágica~~, há um talismã que vou indicar-te, único infalível em todo o mundo.

69. Esse talismã é um anel, roubado em tempos ~~na Índia~~ a uma rainha indiana, e dado por Agramante, ~~rei da África~~, a um de seus barões, chamado Brunello, ~~o qual poucas milhas se acha distante de nós~~. Quem **traz** possui no dedo esse anel, está ~~completamente~~ a coberto ~~contra o de~~ malefício dos encantamentos.

70. Brunello, ~~que é possuidor de tão maravilhoso talismã~~, pode considerar-se em aptidões para enganar a furtos perfeitamente comparável no nigromante do escudo no que respeita a malefícios de magia. Pelas praticas de sua astúcia Brunello recebeu de Agramante o encargo de ir, com o auxilio do anel, restituir a liberdade a Rogério: assim o prometeu ele a seu amo, para quem a pessoa de Rogério representa objeto ~~da mais de~~ partícula estima.

71. Porem, para que o teu Rogério fique devendo a ti somente, ~~o não ao rei Agramante o~~, favor de sua libertação, ensinar-te-ei os meios de que te cumpre lançar mão. Escuta-me: hás de ir durante três dias costeando as areias ~~litorais da praia~~ que ~~em~~ breve descobriremos; ao terceiro dia encontra-te hás ~~numa pousada~~ **um pouso** com o ~~possuidor~~ dono do anel.

72. Para que os reconheças, te vou dar dele os sinais: **Brunello tem a** estatura inferior a seis palmos; cabelos, preto e ~~sobremaneira~~ crespo; crespas as sobrancelhas também; face pálida, e fusca, muito barbada; olhos ~~opados~~ e um tanto envesgado; nariz deprimido: e... ~~(para que nada falte dizer te)~~ vestuário estreito e curto, fazendo lembrar o de um correio.

73. Não faltará o ensejo de conversares com ele ~~em assunto de~~ **sobre** encantamentos: podes dizer-lhe que tens ~~(como é verdade)~~ grandíssimo desejo de brigar com o mágico do castelo; mas livra-te de lhe dares a entender que sabes ~~da existência~~ do anel. Há de ele então oferecer-se para te a ensinar o caminho ~~te junto a~~ **da** rocha em que mora o nigromante.

74. Aceitando-lhe a companhia, caminharás atrás dele. E, quando avistares a rocha, trata de o matar: para isso, é mister que ponhas de parte os sentimentos compassivos, e que o teu companheiro e não adivinhe **teus** os intentos, - porque, se lhe desses tempo de recorrer ao talismã, vê-lo-ias imediatamente desaparecer-te da vista, apenas o ~~tal~~ anel mágico lhe tocasse ~~na~~ boca.

75. Assim ~~conferenciando~~ **concertando**, chegaram as duas ao sitio em que desemboca, a pouca distancia de Bordeus, o Garonna. Ai, ~~consagrando~~ **ram** ~~ambas á sua mutua a~~ despedida algumas lagrimas e separaram-se, finalmente. Sem descançar de noite, nem de dia, lá vai seguindo seu caminho a filha de Aymon, unicamente preocupada com a idéia de libertar o amante: ao fim de três dias em constante jornada, foi ter a uma estalagem, onde já Brunello estava ~~albergado~~. **assustado**.

76. Pela descrição ~~que lhe feita tinham feito do homem~~ logo ela o ~~reconhece~~: pergunta-lhe de onde vem e para onde vai; Brunello responde-lhe mentindo em tudo quanto diz; Bradamante, por seu lado, prevenida como estava, não faz também senão dissimular e mentir, e trata de completamente o iludir com respeito a pátria, família, religião, nome e sexo de sua pessoa.

77. Entretanto vai lhe amiudadas vezes fixando nas mãos um olhar perscrutador, sempre com o receio de ser por ele roubada: informada como esta de seus procedentes nem mesmo consente que ele vá colocar-se-lhe ao lado.

~~Estavam Brunello e Bradamante em frente um do outro, quando súbito chegou aos ouvidos de ambos um inesperado rumor...~~

Capítulo 4

~~1 Censurável embora, e quase sempre indicativa de um espírito malévolo a dissimulação certo e que muitas vezes presta evidentes benefícios; muitas vezes nos evita situações danosas ou vergonhosas; e em certos casos até nos livras da morte: amigos nem sempre se encontram nesta vida terrena, em que a escuridão da inveja é mais comum do que a serenidade leal.~~

~~2. A um verdadeiro amigo, que por ventura se nos depare em longas provações, poderemos sem desconfiança patentear o nosso intimo pensamento. Mas Era esse o caso da formosa amante de Rogério ante aquele Brunello? Tinha lho a maga pintado, não como sincero e franco, mas como fingido e mentiroso.~~

~~3. Por isso Bradamante se vê obrigada ~~também~~ a dissimular perante aquele refinadíssimo impostor, adestrado em quanto gênero possa imaginar se de **mestre em toda a sorte de** fingimento, e conforme dito ficou, muitas e muitas vezes fita a jovem os olhos nas mãos de ~~Brunello~~. **E dissimulava, e disfarçava sempre de olho no anel, quando lhe chega aos ouvidos um estranho clamor**~~

~~**Mas, de repente... chega-lhe aos ouvidos um estrepitoso rumor.**~~

~~- Virgem Santíssima! Exclama ~~Bradamante~~ **a donzela**. Que será isto, Deus do Céu?!~~

~~E ei-la a correr para o sitio donde ~~parecia vir~~ **vinha** o estrepito~~

~~4. Que há de ela ver? O estalajadeiro ~~com toda~~ a família toda uns a janela, outros fora da porta, olhandovam pasmado para cima, como se no firmamento houvesse que ver um~~

eclipse ou um se tivesse aparecido um cometa!...O prodígio que Bradamante descontinua... toca os limites do incrível! Imagine-se Mas o prodígio era outro. Um grande corcel com de azas, que vai fedendo os ares, montado por e sobre o cavaleiro um cavaleiro, armado.

5. Grandes e diversamente coloridas eram as azas do corcel; de brilhante e luminosa a armadura, do cavaleiro que o montava. Caminhavam Voava na direção do poente, Por fim e por fim embaixando o vôo, acabaram por desapareceram atrás das montanhas. Dizia o estalajadeiro que já o vivia voar muitas vezes, cavalgando pelo nigromante o qual se ergue até as estrelas ou voa-riz-vez da terra, raptando as (n'isso não se enganava) que era um nigromante, aquela prodigiosa digressão apresentava-se amiudadas vezes dali ora em maior distância, ora mais ao perto.

6. Já erguendo até as estrelas o vôo já quase rez-vez da terra, o cavaleiro vai sempre raptando e levando consigo as mulheres bonitas que se encontra nestas regiões. D'aqui resulta que as míseras donzelas, quando sejam são formosas em euidar sê-lo tratam de conservar-se muito escondidinhas em casa enquanto faz sol.

7. Mais dizia o estalajadeiro que a residência do nigromante era, nos Pyreneos, um castelo encantado, todo feito de aço, mui luzente e belo, como não havia outro no mundo. E acrescentava ele: [- Já muitos cavaleiros lá tem ido, ao seu castelo, mas nenhum ainda se gabou de haver podido voltar: quer-me portanto parecer que lá ficaram prisioneiros, se o que ou o nigromante os não matou

8. Bradamante, vai escutando esta narrativa toda Animavam na esperanças, de que o anel maravilhoso lhes servirá para triunfar do castelo e do castelão. Animava de esperanças, diz o estalajadeiro: Voltando para o estalajadeiro, diz lhe: [- Desencanta-me tu arranjam-me alguém que me guie ao castelo, melhor do que eu, conheça o caminho para lá, porque não descanso enquanto não medir minhas forças com semelhante mágico.

9. Pois se careceis de um guia, observou Brunello irei eu convosco. Trago marcado por escrito o itinerário E e de outros elementos sou também possuidor, que vos tomarão agradável a minha companhia. Referia-se n'isto Brunello á posse do anel, mas por cautela... exprimia-se d'est'arte misteriosamente.

Agradável Agradabilíssima, por certo, respondeu lhe Bradamante, me será a vossa companhia, respondeu Bradamante pensando no anel vossa. Referia-se ela ao anel, do qual contava apoderar-se

10. E o que lhe convinha dizer, disse o, mas o que lhe pareceu inconveniente sabe-lo o sarraceno, deixou o Bradamante em silencio. Tinha o estalajadeiro um cavalo, próprio tanto para combate como para jornada. Bradamante comprou lho. E No dia seguinte, ao romper d'alva, partiu, fazendo caminho partiram, tomando por um vale estreito. Brunello ia marchando também, umas vezes na dianteira, outras vezes atrás

11. De montanha em montanha, e de bosque em bosque, lograram chegaram ambos a um dos píncaros Pyraneas, dos Pirineus d'onde se podes quando límpido o horizonte, avistar ao mesmo tempo a França e a Espanha, e o arenoso litoral de dois mares, tal qual succede a quem dos Apeninos avista simultaneamente o Mar Adriático e o Mar Toscano, se escolhe por ponto de observação o píncaro próximo ao celebre convento dos Frades Beneditinos.

12. Seguindo um desfiladeiro escabroso, podia-se dali descer descia-se a um profundo Vale . Em em meio do qual desse vale havia um penhasco, cingido no cume por uma de bela muralha de aço, e tão elevado, que sobrepuja tudo quanto o circunda. Quem não tiver azas não pense em querer lá penetrar, que é trabalho perdido. [- É ali, disse Ali disse Brunello, é onde que o mágico retém seus cativos,

13. Talhada a pique em suas quatro faces, a rocha elevava-se perfeitamente vertical, sem vereda nem escadaria que lhe facultasse o acesso. Percebia-se pois, que só um animal com asas poderia fazer daquele castelo a sua habitação.

14. Bradamante calculou que era chegado o momento de se apoderar do anel. Mas... **mas** pensou também que matar Brunello ~~representaria um ato menos decoroso, por~~ **equivale** a macular-se com o sangue de um homem desarmado; **e resolveu** ~~ocorreu-lhe~~ que poderia assenhorar-se do **tomar o** anel sem matar o possuidor. ~~tanto mais, que Brunello não cuidava então em acautelar-se.~~ Que fez Bradamante? Agarrou-o, ~~prende~~ **amarrou-o** ao tronco de ~~um abeto~~ **uma árvore**, e em seguida tirou-lhe do dedo o anel.

15. **E enquanto** Brunello chorou, gemeu ~~se~~, lamentou-se lamentava-se... Mas Bradamante foi ~~o deixando ficar atado ao tronco da árvore,~~ e serenamente desceu a montanha, até chegar a planície **onde em que assentava se erguia** a torre.

Depois, para que o mágico aparecesse, **Aí** levou a buzina á boca, e, tendo a feito ressoar, e chamou com gritos de ameaça o adversário, desafiando-o para combate.

16. O nigromante, ouvindo a buzina, ~~e sentindo os gritos, prestes logo~~ se apresentou lá vem ele montado no corcel das asas, ~~fendendo os ares, ao encontro daquele que aparentemente figura um guerreiro feroz.~~ Bradamante sente-se tranqüilizada, calculando que pouco mal lhe fará o antagonista, porquanto lhe não vê lança, espada, nem maça d'armas.

17. ~~O que~~ **Só** lhe vê é no braço esquerdo um escudo envolvido em seda vermelha e na direita um livro, ~~por cuja leitura auxiliado conseguia praticar grandes~~ **mágico, com auxílio do qual consegue suas grandes** maravilhas. Assim ~~uma vez é que ás vezes~~ figurava investir ás lançadas, o que ~~tinha~~ obrigado já ~~vários os~~ guerreiros a cerrarem os olhos; outras vezes – dir-se-ia que manejava espada ou maça: e, todavia ~~se achava-se a~~ uma grande distância, completamente desarmado!

18. O corcel é que não era imaginário, mas real e muito real. Filho de uma égua e de um grifo, assemelhava-se ao pai nas ~~penas e nas~~ asas, nas patas dianteiras, na cabeça, e nas garras; no resto assemelhava-se á mãe. ~~Chamava-lhe~~ **Era o Hipogrifo**, ~~animas d'estes não são vulgares; mas~~ **animal raro, que se encontravam-se** nos montes Ripheus, ~~muito~~ para lá dos mares glaciais.

19. ~~nigromante havia~~ **tinha** feito vir o seu estranho corcel, **que amansava de modo a,** ~~por~~ virtude de seus encantamentos. E, apenas ~~lhes chegou,~~ tratou de adestrar por forma, que dentro num mês a poder, de cuidados e fadigas, lograva já brida-lo sela-lo, monta-lo, cavalgando e - o sem dificuldades por terra ou pelo ar, ~~para onde quer que lhe apossesse.~~ Nisso e que não havia ficção alguma de encantamentos: era um fato, incontestável, que todos presenciavam como testemunhas oculares. **Não havendo nisso encantamento nenhum**

~~Enquanto ao resto, sim, enquanto ao resto, pode dizer-se que os fingimentos do nigromante é que figuravam em tudo: assim, por exemplo, o amarelo fazia o ele parecer, vermelho; etc;ete;~~

20. **Mas o** anel, porém que Bradamante levava consigo, garantia-lhe ~~imunidade~~ contra as illusões ópticas ~~previdas pelo~~ do adversário. E ora entra ela se a esgrimir no vácuo, ora ~~entra ela a~~ encaminhar o cavalo neste ou naquele sentido, manobrando conforme as instruções que recebera.

21. Exercitados que foram alguns d'estes manejos deliberava-se Bradamante a ~~aprear-se, no intuito de melhor desempenhar o que providente maga lhe tinha aconselhado...~~ quando **Por fim o** nigromante se resolveu lançar mão do seu recurso derradeiro, crente como estava no

irresistível poder do seu escudo mágico, ~~Descobrimo o escudo, conta ele que imediatamente por terra, deslumbrado por tão ofuscante fulgor, quem se atrever a resistir-lhe.~~

22. ~~Ora o nigromante podia muito bem, logo desde principio, descobrir o escudo, sem estar com tais delongas a enganar os adversários. Mas comprazia-se naquela espécie de brinquedo: agradava-lhe vê-los brandir a lança ou manejar a espada; fazia nisto lembrar um gato que se diverte primeiro a brincar com o rato, — e que só quando se enfada do divertimento, se resolve enfim a cravar-lhe os dentes e mata-lo.~~

23. ~~Esta comparação da gato e do rato (fique bem assentado) entende-se apenas para o caso dos combates que o mágico tinha antecedentemente sustentado.) Para o caso presente, em que Bradamante possuía o anel talismã, mudavam sobremaneira as circunstancia. Toda atenta Mas a donzela, atenta aos seus movimentos, do nigromante, para não só deixar levar de vencida, quando vai vê que ele ia descobrir o escudo, fecha fechou os olhos e deixa deixou-se cair por terra. Procedendo~~

24. ~~Não se imagine que a ofusca o fulgor do reluzente metal, como sucedia a todos os outros adversários do mágico: Bradamante, procedendo assim, teve mira fazer o que o terrível nigromante por aquela forma iludido, se apeasse apear-se do Hipogrifo e se aproximasse aproximar-se dela e acertadamente andou, por que logo o animal, acelerando o movimento das azas e descrevendo largos circuitos, veio pousar no chão. — E foi o que sucedeu.~~

25. O cavaleiro, deixando no arçõo o escudo, ~~que já novamente envolvera no véu, apear-se e aproxima-se de Bradamante, que o espreita a semelhança de um cabritinho a espreitar o lobo escondido, no manto. Quanto o pilha ao alcance das mãos, Bradamante ergue-se n'um prompto, e vigorosamente o agarra. O misero tinha deixado cair no chão o livro nigromântico, em que residia toda a origem do seu poderio!~~

26. Trazia na cinta um grilhão, com que se propunha acorrentar Bradamante pela mesma forma que estava habituada a **como** acorrentara aos outros adversários, seus Mas d'estas vez... a donzela tinha prestes derrubado o mágico. E, se ele não buscava defender-se, desculpem-no: que havia de fazer um débil velho contra quem dispunha de tão excepcional vigor?!

27. Bradamante, ~~dispondo para~~ **dispunha-se a** lhe cortar a cabeça, ~~vai para levantar a mão vitoriosa. mas fitando os olhos no.~~ Mas ao fitar o rosto do nigromante, - suspende-se o golpe como ~~desdenhando~~ **desdenhosa de** uma vingança tão **baixa vulgar**. Na pessoa do vencido vê dia um velho de aspecto venerando e fisionomia mereneória, rugas nas faces e cabelos brancos, indicando tudo ser um homem de setenta anos ou pouco menos.

28. **Mas** E o velho exclamava, entre irado e despeitado:... Tirai-me a vida, por Deus!

Bradamante, porém mostrou desejos de saber quem era o ~~nigromante~~ **ele**, com que fim tinha ele edificado ~~naquele sítio selvático o encantado~~ castelo, e por que motivo andava assim perseguindo a humanidade.

29. ~~Resposta do velho, todo larimoso:~~ Na construção deste castelo, **respondeu ele**. não houve da minha parte **intento** maligno ~~intento~~; nem as minhas ações representam a avidez de um ladrão. **Em mim Queria** acentuou apenas o ~~empenho afetuoso de~~ proteger contra o um perigo ~~extremo que lhe esta iminente,~~ um gentil cavaleiro, de quem o céu me revelou que em breve tempo morreria, depois de convertido ao cristianismo, por traição.

30. ~~Tão belo, tão prestimoso, não há outro a quem o sol possa alumiar.~~ Chama-se Rogério. Criei-o **desde** pequenino. ~~Atlante é o meu nome.~~ Devorado pela sede da glória, e impellido por seu cruel destino, o meu pupilo entrou em França na comitiva do rei Agramante. E eu,

que sempre lhe tive mais amor ~~do~~ que se fora seu próprio pai, procuro, ~~desviando-o de França,~~ desvia-lo do perigo.

31. Esta bela fortaleza, se a edifiquei, foi para guardar ~~nela seguro~~ o meu Rogério, de quem me apoderei pela mesma forma que esperava apoderar-me hoje de vós. Depois, tratei de lhe trazer damas e cavaleiros, ~~pessoas todas de nobilíssima estirpe (como tereis ocasião de ver)~~ afim de que tão brilhante companhia o destruísse ~~de sua clausura da prisão~~

32. Só ~~o que lhe~~ não **lhe** permitia era sair do castelo. ~~enquanto a proporcionar-lhe toda a casta de prazeres, ficava isso completamente a meu cuidado. Musica, rico vestuários, jogos divertidíssimas iguarias das mais finas, tudo quanto pode imaginar-se de melhor e de mais agradável, tudo quanto pode o coração desejar ou a boca pedir, tudo ali se encontrava naquela residência. Da boa semente, que eu lançara na terra, estava colhendo o fruto, mas~~ **Mas** tudo vieste vós inutilizar num simples momento...

33. Se a beleza do vosso rosto corresponde a beleza da vossa alma, espero que não ~~ponhais o obstáculo ao~~ **embarceis o** meu louvável desígnio. Aqui ~~tendes vos ofereço~~ o meu escudo, eu ~~vo-lo ofereço que, como vos ofereço este corcel que tão rapidamente voa pelos ares:~~ **e o meu corcel que voa.**

~~M~~mas não vos ocupeis do que vai por aquele castelo, eu, quando muito, levari convosco um ou dois de vossos amigos, mas deixai os restantes. ~~Quereis mesmo liberta-los a todos, pois libertai os, mas concedei-me um favor: deixar-me ficar o meu Rogério.~~

34. “Porerá, se apesar de tudo, temais em tirar mo, então... antes de o levardes para a França... acabe por uma vez comigo, libertando minha alma aflita deste invólucro mortal que prestes está já a desfazer-se!”

Respondeu-lhe Bradamante. Rogério, **respondeu-lhe Bradamante** é precisamente a pessoa que me proponho restituir a liberdade. Podes ~~te~~ improvisar aí quantas histórias **quiseres** te venham a imaginativa... mas é escusado e pretenderes captar-me com a oferta do corcel e do escudo, que são já propriedade minha e não tua.

35. Sempre, todavia te direi que, muito embora estivesse o teu arbítrio dispor do ~~escudo e do corcel, nem mesmo assim eu aceitaría a proposta.~~ Dizes me que se, reténs ~~enclausuradas~~ a pessoa de Rogério, e porque pretendes salvaguarda-lo contra a maligna influência dos astros. Mas, ~~de duas umas:~~ ou ignoras o que o Céu realmente determinou acerca de Rogério, ou ~~se o~~ sabes não podes evita-lo. Quando não pudeste prever a atua própria desgraça iminente, como te julgas habilitado a prevenir os infortúnios futuros de ontem?

36. Não me peças que te mate, porque seriam baldadas as tuas rogativas. Se estas ~~deveras com desejos de morrer, — inda que todos neste mundo se apostem a contrariar-te, sabes perfeitamente que um espírito vigoroso tem sempre ao teu alcance maneira de acabar com a vida. Antes, porém que dês esse passo, exijo que restituas a liberdade aos teus prisioneiros todos.~~

Assim falou a donzela, e ~~presø~~ conduzindo ~~ela~~ o nigromante **acorrentado** em direção ao penhasco.

37. Atlante ia ligado com seu próprio grilhão: á ilharga do velho caminhava Bradamante, — desconfiada sempre, apesar do aspecto humilde que apresentava o dono do castelo. Poucos passos tinham dados, e ei-lo ~~ambos no sopé~~ **chegam ao sopé** da rocha em que assentava a fortaleza. **Atlante (que assim se chamava ele) em dado momento se agachava,**

38. Atlante ~~agachando-se rapidamente~~ arranca do solo uma pedra em que se achavam gravados certos caracteres e signos ~~de estranhos e quebra esses~~ **estranha feição.**

~~Arrancada a pedra, aparecem por debaixo uns vasos fumegantes que a pedra encobria encerram dentro em si fogos ocultos.~~

~~Quebra os o nigromante...~~ E logo de sobre o penhasco se **desvanece** por encantamento a perspectiva do castelo...

39. ~~Desaparece da vista o nigromante, e com ele instantaneamente a encantada fábrica das muralhas de aço. Ficam porém desfrutando (em) liberdade quantas (todas) damas e quantos (todos) cavaleiros existiam nos magníficos aposentos do castelo, dispersos agora naquele selvático ermo, lamentam muitos deles a perda da clausura: porque a liberdade obtida os priva dos grandes prazeres que tinham (ali) gozavam.~~

40. ~~Entre os libertados figura Gradasso, figura Sacripante, figura Prosildo (nobre cavaleiro que do Levante veio com Reinaldo) e figura também Iroldo (amigo íntimo de Prosildo). Por fim, aos olhos da bela Bradamante, depara o desejo Rogério, o qual apenas a reconheceu, lhe fez o mais grato e amável acolhimento. Mas aparecem, em liberdade, todos os prisioneiros, entre os quais Gradasso Sacripante, o cavaleiro Prosildo e por fim Rogério, o qual fez a Bradamante o mais amoroso acolhimento.~~

41. ~~E que Bradamante representava para Rogério um ente a quem ele mais amava do que a luz de seus próprios olhos, mais até de que o próprio coração e a própria vida, desde o dia em que, a pedido seu, ela tirou da cabeça o elmo, resultando lhe daí o ficar ferida. Contar com isso foi, quem a feriu, etc. etc, seria longo, longuíssimo, — e longuíssimo também descrever o tempo que andaram ambos á procura um do outro em floresta emaranhadas, noite e dia, sem terem nunca, senão agora, tornado a encontrar-se.~~

42. ~~Agora que ele finalmente volve a encontra-la e~~ **De muito que este a procurava e agora que a encontra** e reconhece ter sido ela a sua única libertadora, transborda-lhe do coração a alegria e considera-se o mais venturoso dos homens.

Descendo **juntos** o rochedo, acharam-se **então todo** no vale em que Bradamante vencera o mágico: e aí se lhe deparou o Hipogrifo, conservando ainda sobre si o escudo envolvido no veio escarlata.

43. Bradamante dispõe-se a lançar-lhe as mãos á rédea; mas ele, erguendo o vôo, fuge-lhe e vai **pousar a pouca** distância. A donzela busca novamente apanha-lo; e novamente ele se ~~lhe~~ esquiva, ~~pela mesma forma~~, fazendo lembrar uma gralha ~~quando~~ perseguida por um cão, em ~~árido areal~~.

44. Rogério, Sacripante, Gradasso e todos os ~~cavaleiros~~ **mais** enfim ~~que da clausura tinham saído, acham-se agora empenham-se~~ em correr de um para outro lado, ora trepando ao píncaro dos morros, ora descendo **as grotas a verem-se** aos ~~úmidos~~ **Algarves** profundamente situados entre as fragas, tudo no intuito de verem-se acertam com o sítio em que ~~porventura~~ **onde** venha a poupar o Hipogrifo. **Este, porem depois de os ter inutilmente fatigado, fatigado os ter inutilmente** acaba por fixar-se no lugar em que estava Rogério.

45. Tudo isto eram ainda manobras ~~inspiradas~~ **do** velho Atlante, que no seu piedoso afeto persiste em querer livrar ~~o querido~~ Rogério do grande perigo iminente. ~~Só isso o preocupa e o aflige: e ahí esta porque ele ora exerce a influencia de que ainda dispõe, fazendo com que o Hyppogrypho, vá de propósito colocar-se ao alcance de Rogério, para que assim com artifício logre desviá-lo da Europa. Rogério, lançando-lhe as mãos, procura levá-lo pela rédea; mas o Hipogrypho recusa obedecer-lhe. E conseguiu-o, pois~~

46. Rogério, ~~então~~ com toda a coragem, decide-se a apelar-se do ~~Frontino~~ (assim se chamava o corcel em que montava / e saltar para cima do Hyppogrypho, cravando-lhe impetuosamente as esporas. O Hippogrypho corre ~~ainda~~ uns instantes pelos chão, ~~mas~~ depois, ~~o~~ abrindo as azas, ergue ligeiro o vôo pelo espaço aéreo, mais rápido que um falcão solto pelo caçador em frente da caça.

~~47. A bela dama, vendo erguido a uma altura d'aquelas e em tanto perigo o seu Rogério, fica atônita, por um grande espaço mal dando podendo realmente dar acordo de si. O que em tempos ouvira contar de Ganymedes (rapto para as regiões do Olimpo) afigura-se-lhe possível repetir-se, na presente aventura, com respeito a Rogério, não menos belo, não menos belo, não menos formosos do que o mitológico Ganymedes.~~

~~49. Para que ninguém se atreva a chamar-lhe seu, e para que ela possa um dia restituí-lo a seu legítimo dono, resolve Bradamante não abandonar o cavalo. E entretanto vai o Hippogrypho subindo, subindo sem que Rogério logre-se-lhe senhor dos rédeas sem que Rogério consiga sofrer-lo. Tão alto vai e tão baixa se-lhe afiguram as montanhas que o cavaleiro consegue diferenciar dos montes os vales.~~

E vejamos o que faz Rinaldo.

50. Chegado que foi um a uma enormíssima altura (tão enorme, que se alguém cá de baixo olhasse para lá, cuidaria distinguir apenas um simples ponto no espaço), o Hippogrypho dirige seu vôo para a região em que o Sol costuma esconder-se quando entra no signo de câncer. A maneira por que ele funde os ares faz lembrar o rápido andamento de um navio quando lhe sopra vento propicio.

Deixemo-lo ir seu caminho, e voltemos ao paladino Reinaldo.

~~51. Sacudido pela procela, Reinaldo percorreu durante dois dias um grande espão de mar, já na direção do poente, já na direção do norte. E os ventos sempre e sempre assobiando furiosos!...Afinal conseguiu aproar á Escócia, desembarcando em praia convizinha da celebre floresta Caledonia, onde amiúde, por entre os folhados de antiqüíssimo carvalhos, se ouve ressoar o estridor das armas.~~

52. Vagueiam n'aquella selva cavaleiros-andantes, afamadíssimos, não só de toda a Bretanha e dos países circunvizinhos, mas inclusivamente dos que mais afastados ficam, tais como França, Noruega e Alemanha. Quem não possuir grande valor, escusa de lá ir, - porque, em vez da glória, arrisca-se a encontrar a morte. Lançarote e Arthur, e Tristão, e vários outros cavaleiros da celebre Távola Redonda, ali se distinguiram por suas inclitas proezas.

53. Restam d'esse tempo ainda em comemoração monumentos e troféus pomposos. Reinaldo, saltando em terra com seu cavalo e suas armas, despede os marinheiros e dá ordem para que vão esperá-lo no porto de Berwick.

54. Sem escudeiro e sem guia, o cavaleiro embrenha-se por aquella selva imensa, aqui seguindo uma vereda, tomando acolá por outra, e contando sempre com as mais extraordinárias aventuras.

No primeiro dia chegou ele a um mosteiro, onde partes dos rendimentos costumam os frades consumir na bela hospedagem com que recebem quantas damas e quantos cavaleiros ali acodem das cercanias.

55. Tanto o abade como os outros monges dispensaram a Reinaldo o mais grato acolhimento. Depois de restaurar o estomago com as excelentes iguarias que lhe ofereceram em refeições, perguntou-lhes Reinaldo como era que n'aquela território haviam podido proporcionar-se aventuras, e qual o sitio em que seria mais fácil demonstrar, por algum feito notável, o alto valor da cavalaria.

56. responderam-lhe por que entre aqueles bosques poderiam deparar-se-lhe estranhas aventuras; que os feitos gloriosos ficam ás vezes obscuros, como as localidades, unicamente por não ter d'elles transpirado noticia. E disseram-lhe: - Procurai vós os sítios em que tiverdes a certeza de que não ficam ignorados os atos que praticardes; passadas os perigos e as fadigas, a Fama celebrara condignamente as vossas proezas.

57. Quereis dar provas de vossa valentia? Agora se vos oferece a mais gloriosa empresa que já em tempo algum se deparou a cavaleiro. É o caso que a filha do nosso rei esta precisamente n'esta ocasião carecendo de quem a socorra e defenda contra o barão Lurcanio: vai n'isso a vida e a honra da princesa.

58. Este Lurcanio (por ódio talvez mais do que por verdade) foi declarar a El-Rei, que tinha surpreendido uma noite a princesa no ato criminoso de fazer entrar pela janela um amante. As leis do reino sentenciam-n'a a morrer na fogueira, se no intervalo de um mês (e o prazo esta quase a expirar!) não tiver ela encontrado um campeão que se preste a desmentir o injusto acusador.

59. Na Escócia a severidade das leis assim o determina: toda a mulher, de qualquer condição a quem acusem de ter tido amores comum homem, sem com ele estar casada, é irrevogalmente condenada a morte. E nada a pode salvar, exceto se algum valoroso guerreiro quizer, por defendel-a, sustentar que tal mulher esta inocente de semelhante calúnia e por conseguinte não merece castigo.

60. El-Rei, verdadeiramente consternado pelo caso que se dá com a bela Genebra (Genebra se chama à princesa) mandou deitar pregão por cidades e vilas, convidando quem se preste a pugnar em prol da infeliz, e prometendo a quem logre triunfar d'aquella odiosa calúnia (uma vez que seja guerreiro de família nobre) não só a mão da própria princesa, mas inclusivamente as honrarias todas condignas de um dote adequado a semelhante consórcio.

61. Se no intervalo do mês ninguém aparecer a sustentar a inocência da bela genebra, ou quando por infelicidade o seu defensor não logre triunfar de quem a acusa, a desditosa perecerá infalivelmente. Ora não vos parece mais própria uma empresa d'estas, que andar errante pelos bosques em busca de aventuras? Alem da honra e da glória, que eternamente ficarão engrinaldando o vosso nome, tereis por premio a flor de quantas beldades há por esse mundo a contar na Índia e a terminar nos confins occidentes da Europa.

62. E a riqueza do dote! E a grandeza da posição? E a gratidão d'El-Rei pelo fato de lhe reabilitardes sua honra (que hoje perdida esta quase) Não constituirá isso tudo elementos para ficardes feliz. As próprias leis da cavalaria vos estão impondo a obrigação de vingar contra semelhante perfídia uma donzela que, na opinião publica, passa por um modelo de verdadeira castidade.

63. Reinaldo esteve uns instantes refletindo, e afinal respondeu: - Há de uma donzela ser condenada á morte, unicamente por ter correspondido aos fogosos desejos do mancebo que a adora. Maldito seja quem semelhante lei decretou! E maldito quem não resolve derogá-lo! Morrer... merecerá a mulher cruel que se não compadece do amante! Nunca a mulher sensível que se presta a fazê-lo viver em gozos!

64. Verdadeiro ou falso que seja o que dizem de Ginebra... poucos me importa! Não serei eu quem lhe irroque censura pelo fato de que a incriminam. Eu aqui... só tardo de me constituir seu campeão. Prestai-me vós um guia que me leve á presença de quem a acusa: e espero em Deus que hei de salvar a princesa.

65. Não irei de negar o fato de que se trata, - porque, não tendo provas decisivas, arrisca-me a ir afirmar uma falsidade. Mas sustentarei que só de um espírito injusto ou desvairado e que poderia partir a idéia de uma lei tão iníqua, - lei que deve suprimir-se, substituindo-a por outra mais sensata.

66. Se no coração feminino existe inato o mesmo sentimento de amor que existe no do homem, e se ambos identicamente propendem para aquella intimidade de afetos que o vulgo ignaro taxa de grave delito,- que direito há para exigir da mulher umas

responsabilidades a que o homem se forta? Acaso o que para este fica impune, e ate chega a constituir motivo de vangloria, deve acaso considera-se n'aquella um crime?

67. É uma desigualdade injustíssima com que a vossa lei agrava a condição feminil! Com o favor de deus, espero demonstrar o amor que houve em tal-a conservado a vigorar por tão largo espaço de tempo.

Concordaram todos, com Reinaldo, em que os antigos haviam sido realmente injustos e desarrazoados por consentirem como lei uma iniquidade semelhante: e chegaram não menos á conclusão de que mal procederia ao rei, se, podendo, lhe não pusesse o remédio.

68. No dia seguinte, quando sobre o hemisfério se desdobraram rutilantes os clarões da aurora, Reinaldo saiu armado e montado no seu Baiardo, levando por guia um escudeiro que andou com ele pela floresta léguas e léguas, em direção ao lugar onde tinha de se decidir pelas armas a culpabilidade ou a inocência da donzela.

69. Para encurtar caminho, tinham os dois viajantes largados a estrada ordinária e seguido por um atalho... n'isto, sentiram elles a pequena distancia gemidos que repercutiam pela floresta em redor. Picam ambos de esporas na direção do Valle em que lhes parecia serem os gemidos... E eis se lhes depara entre dois malfeitores uma donzela, que de longe parecia ser mui formos

70. Formosas realmente, mas lavada em lagrimas e aflitíssima! Os dois malfeitores, com o ferro erguido, dispunham-se para derramar o sangue da infeliz. Entretanto com suas reiteradas súplica diligenciava a triste retardar o momento fatal, esperançada em que afinal se compadecem d'ela... Foi n'este ponto que Reinaldo chegou. Mal percebeu de que se tratava, correu altos gritos e terríveis ameaças.

71. Por seu lado os malfeitores, tão depressa deram com os olhos na inesperada aparição, desataram a fugir e foram esconder-se no mias profundo recesso do Valle. O paladino nem sequer pensa em correr traz d'elles: dirige-se á dama, desejoso de indagar que delito é o d'ela para lhe quererem dar um castigo assim. Para abreviar tempo ordena ao escudeiro que ponha a dama na garupa: e volve a seguir seu caminho.

72. Depois... quanto mais a contempla, mais bela lhe vai parecendo; e mui discreta se lhe afigura, posto que ainda influenciada um pouco pelo terror do transe a que estivera exposta. Quando Reinaldo lhe manifestou o desejo de saber os motivos d'aquella infeliz ocorrência, a donzela começou com voz suave e meiga a narrativa de suas aventuras.

Anexo 2 (transcrição em forma de tabela: A= Texto Xavier da Cunha; B Texto com as marcações de Lobato; c) Possível adaptação de Lobato

Capítulo 1

A	B	C
<p>1-Damas e cavaleiros, combates, amores, galanteios, ousados empreendimentos do tempo em que os Mouros d'África atravessaram o mar e tanto estrago produziram na França, estimulados pela cólera e pelos ímpetos juvenis de seu rei Agramante, que na pessoa do rei Carlos, imperador de Roma, se gabava de vingar a morte de Troiano. - tudo isso vai o leitor encontrar aqui.</p> <p>2- Simultaneamente contarei eu de Orlando o que nunca ninguém contou ainda em prosa ou verso: e o leitor ficará sabendo como foi que perante o amor se tornou louco-furioso um cavaleiro que em tempos tinha desfrutado a reputação de sensatíssimo. (Oxalá queira aquela que também quase tão louco me tornou, e que de dia para dia vai consumindo o meu espírito já fraquíssimo, consentir-me d'ele uns restos suficientes para eu levar a cabo o que ora aqui prometo!)</p>	<p>1-Damas e cavaleiros, combates , amores, galanteios, ousados empreendimentos do tempo em que os Mouros d'África atravessaram o mar e tanto estrago produziram na França, estimulados pela cólera e pelos ímpetos juvenis de seu rei Agramante, que na pessoa do rei Carlos, imperador de Roma, se gabava de vingar a morte de Troiano, - tudo isso vai o leitor encontrar aqui.</p> <p>2- Simultaneamente contarei eu de Orlando o que nunca ninguém contou ainda em prosa ou verso: e o leitor ficará sabendo como foi que perante o amor se tornou louco-furioso um cavaleiro que em tempos tinha desfrutado a reputação de sensatíssimo. (Oxalá queira aquela que também quase tão louco me tornou, e que de dia para dia vai consumindo o meu espírito já fraquíssimo, consentir-me d'ele uns restos suficientes para eu levar a cabo o que ora aqui prometo!)</p>	<p>Aqui conta Ariosto de damas e cavaleiros, amores e façanhas desmedidas, tradições e generosidades acontecidos no tempo do imperador Carlo Magno; e conta de como o paladino Orlando, se fez louco furioso por amor de Angélica; e de Rogério, e de Bradamente, e de toda uma legião de guerreiros e donzelas famosas.</p>

<p>3-E vós, ó generoso descendente de Hércules, ornamento e esplendor do século em que vivemos, - vós, ó Hipólito, dignai- vos acolher o único preito que o vosso humilde servo pode tributar-vos. Preito de palavras, que de outro modo não posso agradecer o que vos devo! E não m'ó rejeiteis por mesquinho, que n'ele vai tudo quanto cabe em minhas débeis forças.</p>	<p>3. E vós, ó generoso descendente de Hércules, ornamento e esplendor do século em que vivemos, vós, ó Hipólito, dignai vos acolher o único preito que o vosso humilde servo pode tributar-vos. Preito de palavras, que de outro modo não posso agradecer o que vos devo! E não m'ó rejeiteis por mesquinho, que n'ele vai tudo quanto cabe em minhas débeis forças.</p>	<p>Supressão</p>
<p>4- Entre os mais dignos heróis que me proponho louvar, encontrareis memorado aquele Rogério que de vós e de vossos ilustres antepassados foi tronco. Se honrar-me quizerdes escutando-me, ouvireis a narrativa de seu alto valor e de suas brilhantes proezas: possa o vosso alto pensamento inclinar-se um pouco e merecer-lhe favor este escrito meu.</p>	<p>4. Entre os mais dignos heróis que me proponho louvar, encontrareis memorado aquele Rogério que de vós e de vossos ilustres antepassados foi tronco. Se honrar-me quizerdes escutando-me, ouvireis a narrativa de seu alto valor e de suas brilhantes proezas: possa o vosso alto pensamento inclinar-se um pouco e merecer-lhe favor este escrito meu.</p>	<p>Supressão</p>
<p>5-Orlando, que desde muito se achava enamorado da formosa Angélica,-e por esse amor trocara os troféus imortais que na Índia, na Média, e na Tartaria, lhe competiam,-regressara com ela às regiões do Ocidente, e passara a residir na falda dos Pyrineos, onde o rei Carlos assentara arraiaes com seus guerreiros de França e de Alemanha.</p>	<p>5-Orlando, que desde há muito se achava enamorado da formosa Angélica, - essa princesa viera e por esse amor trocara os troféus imortais que na Índia, na Média, e na Tartaria, lhe competiam, regressara com ela às regiões do Ocidente, e passara a residir na falda dos montes Pyrineos, onde o imperador rei Carlos Magno tinha assentadora os seus arraiaes com seus guerreiros de França e de Alemanha.</p>	<p>Orlando, que há muito se achava enamorado da formosa Angélica, com essa princesa viera aos montes Pyrineus, onde o imperador Carlos Magno tinha assentado os seus arraiaes guerreiros.</p>
<p>6-Que pretendia Carlos? Dar uma severa lição ao rei Marsílio e ao rei Agramante, por haverem tido a louca audácia, um de trazer d'África tudo quanto lá encontrou em condições de manejar espadas ou lanças, o outro de haver arrastado a Espanha contra o belo reino da França. N'isto Chegou Orlando, muito a propósito.</p>	<p>6. Que pretendia Carlos: dar Carlos Magno pretendia dar uma severa lição ao no rei Marsílio e ao rei Agramante, por haverem por ter tido a louca audácia; um de trazer d'África tudo quanto homens lá encontrou em condições de manejar espadas e outra no rei Agramante, ou lanças, e outro de haver arrastado a Espanha contra o belo reino da França. N'isto Chegou Orlando muito a propósito,</p>	<p>Carlos Magno pretendia dar uma severa lição no rei Marsílio por ter tido a louca audácia de trazer d'África quantos homens encontrou em condições de manejar espadas, e outra no rei Agramante, por haver arrastado a Espanha contra o belo reino da França. Chegou Orlando muito a propósito,</p>

<p>7-Mais lhe valera, porém, que não tivesse chegado! porque em breve tinha de ser lhe raptada a sua dama (e assim é que às vezes tresvaria o juízo dos homens). Aquela que do Oriente ao Ocidente ele havia sempre valorosamente defendido... ei-la raptada agora, na sua própria terra, em pleno grêmio de tantos amigos seus, sem mesmo ocasião a ele oferecer-se de sua espada desembainhar!</p> <p>O sábio Imperador que desejava apagar um violento incêndio, esse foi quem lh'a raptou.</p>	<p>7-Mais lhe valera, porém, que não mas antes não tivesse chegado! porque em breve ele seria tinha de ser lhe raptada a sua dama (e assim é que às vezes tresvaria o juízo dos homens). Aquela que do Oriente ao Ocidente ele havia sempre valorosamente defendido... ei-la raptada agora, na sua própria terra, em pleno grêmio de tantos amigos seus, sem mesmo ocasião a ele oferecer-se de sua espada desembainhar! sem que lhe pudesse desembainhar a espada! O sábio Imperador, que desejava apagar um violento incêndio, esse foi quem lh'a raptou.</p>	<p>Mas antes não tivesse chegado! porque em breve lhe seria raptada a sua dama sem que ele pudesse desembainhar a espada!...</p>
<p>8-Entre o conde Orlando e seu primo Reinaldo suscitara-se poucos dias antes uma contenda, porque ambos ardiam de amorosos desejos por tão rara beldade. Carlos, - a quem tal rivalidade não convinha, porque d'eles lhe resultaria ficar menos garantida a coadjuvação, - tratou de raptar-lhes a donzela, entregando-a nas mãos do duque de Baviera.</p>	<p>8. O caso foi assim. Entre o conde Orlando e seu primo Reinaldo suscitara-se poucos dias antes uma contenda, porque ambos ardiam de amorosos desejos por tão rara beldade. Carlos, - Magno, a quem tal essa rivalidade não convinha, porque d'eles lhe resultaria ficar menos garantida a coadjuvação, - tratou de mandou raptar-lhes a donzela, entregando-a nas mãos do duque de Baviera.</p>	<p>O caso foi assim. Entre o conde Orlando e seu primo Reinaldo suscitara-se poucos dias antes uma contenda, porque ambos ardiam de amorosos desejos por tão rara beldade. Carlos Magno, a quem essa rivalidade não convinha, mandou raptar-lhes a donzela, entregando-a nas mãos do duque de Baviera.</p>
<p>9-O que fez foi prometer-lhes que em prêmio a daria mais tarde àquele dos dois que em tão importante jornada exterminasse maior número de infiéis, e pelo valor de seu braço mais se distinguisse. O êxito, porém, é que não correspondeu aos votos dos guerreiros cristãos, sobre os quais desabou tremenda uma derrota: na multidão dos prisioneiros figurou o próprio duque, e a sua tenda ficou abandonada.</p>	<p>9. O que fez foi prometer-lhes que em prêmio a daria em prêmio mais tarde àquele ao dos dois que em tão importante jornada campanha exterminasse maior número de infiéis, e pelo valor de seu braço mais se distinguisse. A sorte da guerra, O êxito, porém, é que não correspondeu aos votos dos guerreiros cristãos, sobre os quais desabou tremenda que sofreram uma derrota; figurando na multidão dos prisioneiros figurou o próprio duque, e a sua cuja tenda ficou abandonada.</p>	<p>O que fez foi prometer-lhes que a daria em prêmio ao que em tão importante campanha exterminasse maior número de infiéis. A sorte da guerra, porém, não correspondeu aos votos dos guerreiros cristãos, que sofreram tremenda derrota, figurando na multidão dos prisioneiros o próprio duque, cuja tenda ficou abandonada.</p>

<p>10-A donzela, destinada para prêmio d'aquele dos dois que na luta mais proezas praticasse achava-se a cavalo já, tempo antes que a batalha se decidisse. E, quando lhe palpitou que n'aquele dia a fortuna das armas seria adversa aos Cristãos, tratou de fugir embrenhando-se n'um bosque. Ali n'uma vereda estreita, deparou-se-lhe um guerreiro caminhando a pé.</p>	<p>10- A donzela, destinada para prêmio d'aquele dos dois que na luta mais proezas praticasse achava-se a cavalo já, tempo antes que a batalha se decidisse. E, quando lhe palpitou que n'aquele dia a fortuna das armas seria adversa aos Cristãos, e tratou de fugir, embrenhando-se a cavalo n'um bosque., Ali n'uma vereda estreita, no qual deparou-se-lhe encontrou um guerreiro caminhando a pé.</p>	<p>A donzela, antes que a batalha se decidisse, – palpitou que a fortuna das armas seria contraria aos Cristãos, e tratou de fugir, embrenhando-se a cavalo num bosque, no qual encontrou um guerreiro caminhando a pé.</p>
<p>15- A donzela ia correndo quanto podia e soltando gritos. O sarraceno, ao escutar-lhe a voz, ergue-se a contemplá-la, e reconhece-a logo não obstante a palidez e o medo que lhe transtorna as feições: apesar mesmo de haver já decorrido muito tempo que não ouvira notícias d'ela... é certo, certíssimo ter na sua frente a formosa Angélica.</p>	<p>15- A donzela ia correndo quanto podia e soltando gritos. O sarraceno, ao escutar-lhe a voz, ergue-se a contemplá-la, e reconhece-a logo Ao vê-la o sarraceno reconheceu a formosa Angélica, não obstante a palidez e o medo que lhe transtornava as feições. ÷ apesar mesmo de haver já decorrido muito tempo que não ouvira notícias d'ela... é certo, certíssimo ter na sua frente a formosa Angélica.</p>	<p>Ao vê-la o sarraceno reconheceu a formosa Angélica, não obstante a palidez e o medo que lhe transtornava as feições.</p>
<p>16-Cortez, e de coração inflamável não menos que os dois primos, -Ferragudo ofereceu logo à dama todo o auxílio possível. Corajoso e ousado, como se nem o elmo lhe faltasse, puxou da espada e correu ameaçador para Reinaldo, que d'ele pouco se temia também: ambos se tinham já por várias vezes visto, e por várias vezes encontrado com as armas na mão.</p>	<p>16. Cortez, e de coração inflamável não menos que como os dos dois primos, - Ferragudo ofereceu logo à dama todo o auxílio possível., Corajoso e ousado, como se nem o elmo lhe faltasse, puxou da espada e puxando a espada, ameaçadoramente, correu ameaçador para Reinaldo, com o qual que d'ele pouco se temia também: ambos se tinham já por várias vezes visto, e por várias vezes já se tinha encontrado com as armas na mão.</p>	<p>Cortez, e de coração inflamável como o dos dois primos, Ferragudo ofereceu logo à dama todo o auxílio possível, e puxando a espada, ameaçadoramente, correu para Reinaldo, com o qual por várias vezes já se tinha encontrado com armas na mão.</p>
<p>17-Travou-se entre eles o combate à espada: ambos a pé, e ambos furiosos: golpes, capazes de atravessar bigornas que fariam em simples couraças e em finas malhas de ferro?... E enquanto ambos, um contra o outro, mutuamente se encarniçam... eis que o palafrem de Angélica se lhes esquiva, porque ela o estimula quanto pode a galopar através</p>	<p>17. Travou-se entre eles o violento combate à espada: trocando ambos a pé, e ambos furiosos: golpes, capazes de fender atravessar bigornas, que fariam em simples couraças e em finas malhas de ferro?... Mas E enquanto ambos, um contra o outro, assim mutuamente se</p>	<p>Travou-se violento combate, trocando ambos golpes capazes de fender bigornas. Mas enquanto assim, mutuamente se encarniçavam... eis que o palafrem de Angélica dispara com ela, a galopar loucamente, pelos campos fora.</p>

<p>da floresta e pelos campos fora.</p>	<p>encarniçam encarniçavam... eis que o palafrem de Angélica se lhes esquiva porque ela o estimula quanto pode dispara com ela, a galopar loucamente, através da floresta e pelos campos fora.</p>	
<p>18-Depois que por um largo espaço os dois guerreiros se cansaram de balde, esforçando-se por mutuamente se derribarem, sem que de um ou de outro se pronunciasse inferioridade, - foi o senhor de Montalvão quem primeiro dirigiu a palavra ao sarraceno, em tom de quem sente o coração inflamadíssimo a ponto de já não poder mais suportar semelhante ardência.</p>	<p>18. Depois que por um largo espaço os dois guerreiros de longa peleja em que se cansaram de balde, esforçando-se por mutuamente se derribarem, sem que de um dominares o ou de outro se pronunciasse inferioridade, foi o senhor de Reinaldo Montalvão quem primeiro dirigiu a palavra ao sarraceno., em tom de quem sente o coração inflamadíssimo a ponto de já não poder mais suportar semelhante ardência.</p>	<p>Depois de longa peleja em que se cansaram de balde, sem que um dominares o outro, Reinaldo dirigiu a palavra ao sarraceno.</p>
<p>19- E disse ele ao pagão: O empenho com que procuras causar-me dano, a ti próprio t'ó causa também. Tudo isto porque? porque sentes inflamado o teu coração nos fulgurantes raios d'aquela novo sol. Mas... que vantagem colhes tu em fazer - me aqui demorar? Cuidas que, se conseguires matar-me ou aprisionar-me, ficará sendo tua a formosa dama? Não vês que nos foge, enquanto nós aqui nos demoramos?</p>	<p>19- E disse ele ao pagão: O empenho com que procuras causar-me dano, a ti próprio causa t'ó também. Tudo isto porque? porque sentes inflamado o teu coração nos fulgurantes raios d'aquela novo sol. Mas ... que vantagem colhes tu em fazer me aqui demorar? [Cuidas que, se conseguires matar-me ou aprisionar-me, ficará sendo tua a formosa dama? Não vês que nos foge, enquanto nós aqui nos demoramos?</p>	<p>Cuidas que, se conseguires matar-me ou aprisionar-me, ficará sendo tua a formosa dama? Não vês que nos foge, enquanto nós aqui nos demoramos?</p>
<p>20-Visto que também lhe tens amor, não seria melhor que lhe fosses embargar a carreira, tolhendo-a de se nos escapar para mais longe? Quando a tivéssemos em bom recato, poderíamos então decidir pelas armas a qual dos dois deveria pertencer. Não sendo assim, arriscamo'-nos ambos a colher da nossa mútua teimosia funestíssimos males."</p>	<p>20- Visto que também lhe tens amor, não seria melhor que lhe fosses embargar a carreira,? tolhendo-a de se nos escapar para mais longe? Quando a tivéssemos em bom recato, poderíamos então decidir pelas armas a qual dos dois deveria pertencer. Não sendo assim, arriscamo' nos ambos a colher da nossa mútua teimosia funestíssimos males."</p>	<p>Visto que também lhe tens amor, não seria melhor que lhe fosses embargar a carreira? Quando a tivéssemos em bom recato, poderíamos então decidir pelas armas a qual dos dois deve pertencer.</p>

<p>21-Não desagradou ao sarraceno a proposta do seu rival. Adiou-se o combate, e (veja se n'isto como facilmente esquecem o ódio e a cólera!) ajustaram-se entre eles tréguas tão cavaleirosas, que o pagão, ao afastar-se da fresca ribeira, não consentiu que seguisse a pé o filho de Aymon: graciosamente o convida e o insta a montar na garupa. E lá vão ambos galopando em perseguição da formosa Angélica.</p>	<p>21- Não desagradou ao sarraceno a proposta do seu rival. Adiou-se o combate, e veja se n'isto como facilmente esquecem o ódio e a cólera! ajustaram-se entre elles tréguas tão cavaleirosas sheirescas, que o pagão, ao afastar-se da fresca ribeira, não consentiu que seguisse a pé o filho de Aymon: graciosamente e convidou Reinaldo convida e o instou a montar na garupa. E lá vão se foram ambos galopando em perseguição da formosa Angélica.</p>	<p>Não desagradou ao sarraceno a proposta do seu rival. Adiou-se o combate, e ajustaram-se entre eles tréguas tão cavalheirescas, que o pagão, ao afastar-se da ribeira, que segue graciosamente convidou Reinaldo e o instou a montar na garupa. E lá se foram ambos galopando em perseguição da formosa Angélica.</p>
<p>22-Note se como era acentuada a bondade dos antigos cavaleiros! Rivais e professando religião diferente, molestados de mais a mais pela rudeza dos golpes com que reciprocamente se haviam agredido, - não hesitavam entretanto em caminhar na companhia um do outro, sem a mínima desconfiança, através de sombrias selvas e por veredas tortuosas. N'isto, eis que, estimulado pelas quatro esporas dos dois guerreiros, o rápido corcel chegou a um sítio em que a estrada se dividia em duas.</p>	<p>22- Note se como era acentuada a bondade dos antigos cavaleiros! Rivais e professando religião diferente, molestados de mais a mais pela rudeza dos golpes com que reciprocamente se haviam agredido, não hesitavam entretanto em caminhar na companhia um do outro, sem a mínima desconfiança, através de sombrias selvas e por veredas tortuosas. N'isto, eis que, estimulado pelas quatro esporas, dos dois guerreiros, o rápido corcel chegou a um sítio em que a estrada se dividia em duas.</p>	<p>N'isto, eis que, estimulado pelas quatro esporas, o rápido corcel chegou a um sítio em que a estrada se dividia em duas.</p>
<p>23-E, porque os dois perseguidores da donzela ignoravam qual dos dois caminhos teria a fugitiva seguido (visto que em ambos se reconheciam frescos e perfeitamente idênticos sinais de patas de cavalo), resolveram confiar-se ao arbítrio da sorte: Reinaldo tomou por um lado, e o sarraceno por outro. D'est'arte Ferragudo, após haver por muito tempo divagado pela floresta, acabou por ir ter ao mesmo sitio, d'onde primeiro havia partido em companhia de Reinaldo.</p>	<p>23- E, porque os dois como os perseguidores da donzela ignoravam qual dos dois caminhos que teria tomado a fugitiva, seguido (visto que em ambos se reconheciam frescos e perfeitamente idênticos sinais de patas de cavalo), resolveram confiar-se à ao arbitrio da sorte: Reinaldo tomou seguiu por um lado, e o sarraceno por outro. D'est'arte Deste modo Ferragudo, após depois de haver por muito tempo divagado pela floresta, acabou por ir ter ao mesmo sitio, d'onde primeiro havia partidora. em companhia de Reinaldo. Já que não podia encontrar a dama, queria ao menos reaver o elmo caído n'água.</p>	<p>E como os perseguidores da donzela ignorassem o d caminho que teria tomado a fugitiva, resolveram confiar-se à sorte: Reinaldo seguiu por um lado, e o sarraceno por outro. Deste modo Ferragudo, depois de haver por muito tempo vagado pela floresta, acabou voltando ao sitio d'onde partira. Já que não podia encontrar a dama, queria ao menos reaver o elmo caído n'água.</p>

<p>24- Quer dizer: - Ferragudo foi dar ao mesmo ponto da ribeira, em que o elmo lhe tinha caído n'água. E agora, - uma vez que já pela idéia lhe não pode passar o encontrar a dama, atrás de quem corria, - ocorre-lhe ao menos aproveitar o ensejo de reaver o elmo tombado na ribeira: para isso vai ele... descendo pela riba úmida... Mas o elmo achava-se tão enterrado na areia, que decerto há de custar-lhe bastante a retirar-lo de lá.</p>	<p>24- Quer dizer: - Ferragudo foi dar ao mesmo ponto da ribeira, em que o elmo lhe tinha caído n'água. E agora, - uma vez que já pela idéia lhe não pode passar o encontrar a dama, atrás de quem corria, - ocorre-lhe ao menos aproveitar o ensejo de reaver o elmo tombado na ribeira: para isso vai ele... descendo pela riba úmida... Mas o elmo achava-se tão enterrado na areia, que decerto há de custar-lhe bastante a retirar-lo de lá.</p>	<p>Supressão</p>
<p>25-N'este apuro lembra-lhe arrancar d'uma árvore um comprido esgalho, afeiçoá-lo em guisa de sonda, e com ele tentar o fundo da ribeira, buscando e rebuscando por todos os pontos o que deseja recuperar. Mas enquanto o despeitadíssimo Ferragudo vai prolongando as suas pesquisas, surge-lhe do meio das águas o busto ameaçador de um cavaleiro.</p>	<p>25- N'este apuro lembra-lhe arrancar d'uma árvore um comprido esgalho, afeiçoá-lo em guisa de sonda, e com ele tentar o fundo da ribeira, buscando e rebuscando por todos os pontos o que deseja recuperar. Cortou uma vara e com ela estava a sondar o fundo do rio, Mas enquanto o despeitadíssimo Ferragudo vai prolongando as suas pesquisas, eis senão quando, surge-lhe do meio das águas o busto ameaçador de um cavaleiro, trajando na mão o capacete. O vulto encarou-o, disse-lhe em irado tom:</p>	<p>Cortou uma vara e com ela estava a sondar o fundo do rio, eis senão quando, surge-lhe do meio das águas o busto ameaçador de um cavaleiro, trazendo na mão o capacete. O vulto encarou-o e disse-lhe em tom irado:</p>
<p>26-Revestiam-lhe o corpo todo armas defensivas, o corpo todo, com exceção da cabeça: e na mão direita segurava ele o próprio capacete de Ferragudo, aquele que o sarraceno inutilmente se demorara por tão largo espaço a procurar. Dirigindo-se-lhe n'um tom irado, as palavras que disse ao cavaleiro pagão foram estas: - Perjuro e traidor! porque é que te aflige deixares-me aqui o elmo que há tanto tempo me devias?</p>	<p>26- Revestiam-lhe o corpo todo armas defensivas, o corpo todo, com exceção da cabeça: e na mão direita segurava ele o próprio capacete de Ferragudo, aquele que o sarraceno inutilmente se demorara por tão largo espaço a procurar. Dirigindo-lhe n'um tom irado, as palavras que disse ao cavaleiro pagão foram estas: [-Perjuro e traidor! porque é que te aflige deixares-me aqui o elmo que há tanto tempo me devias?</p>	<p>[Perjuro e traidor! porque te aflige deixares-me aqui o elmo que há tanto tempo me devias?</p>
<p>28-“E, se cobiças possuir um elmo fino, trata de buscar outro, mas trata de ganhá-lo mais honrosamente. Semelhante a este, encontrarás um na cabeça do paladino Orlando; e outro, talvez ainda melhor, na de Reinaldo:</p>	<p>28- “E, se cobiças possuir um elmo fino, trata de buscar outro, mas trata de ganhá-lo mais honrosamente. Semelhante a este, encontrarás um na cabeça do paladino Orlando; e outro,</p>	<p>E, se cobiças possuir um elmo fino, trata de ganhá-lo mais honrosamente. Semelhante a este, encontrarás um na cabeça do paladino Orlando; e outro, talvez melhor, na de Reinaldo.</p>

<p>pertença de Almonte foi um d'eles, e de Mambrino o outro dos dois. Faze por conquistar valorosamente algum d'esses; mas este, que prometeste deixar-me, convirá que efetivamente m'ó deixes.”</p>	<p>talvez ainda melhor, na de Reinaldo: pertença de Almonte foi um d'eles, e de Mambrino o outro dos dois. Faze por conquistar valorosamente algum d'esses; mas este, que prometeste deixar-me, convirá que efetivamente m'ó deixes.”</p>	
<p>29-Perante esta inesperada aparição, Ferragudo sente arripiarem-se-lhe os cabelos todos; empalidece-lhe o rosto; a voz embarga-se-lhe na garganta. E ao reconhecer em quem o afronta increpando-o por quebras de lealdade, aquele mesmo Argalia que por suas próprias mãos ele havia morto, - simultaneamente lhe pungem n'alma a vergonha e a cólera.</p>	<p>29. Perante esta inesperada aparição, [Ferragudo sente arripiarem-se-lhe os cabelos todos; e empalidece-lhe o rosto; a voz embarga-se-lhe na garganta. E ao reconhecer o cavaleiro em quem o afronta increpando-o por quebras de lealdade, aquele mesmo Argalia que por suas próprias mãos ele havia morto, - simultaneamente lhe enche-se de pungem n'alma a vergonha e a cólera. e jura</p>	<p>[Ferragudo sente arripiarem-se-lhe os cabelos e empalidece; a voz embarga-se-lhe na garganta. Reconhece o cavaleiro Argalia que por suas mãos havia morto, enche-se de vergonha e cólera e jura</p>
<p>30-E, porque lhe não acodem razões que invoque para desculpas, antes reconhecendo verdade enquanto acabava de ouvir, deixa-se ficar silencioso e mudo. Mas a vergonha que sente o obriga a jurar pela vida de Lanfusa que nunca mais em sua cabeça quererá outro elmo senão aquele que Orlando ganhou outr'ora em Aspramonte.</p>	<p>30. E, porque lhe não acodem razões que invoque para desculpas, antes reconhecendo verdade enquanto acabava de ouvir, deixa-se ficar silencioso e mudo. Mas a vergonha que sente o obriga a jurar pela vida de Lanfusa que nunca mais em sua cabeça quererá outro elmo senão aquele que Orlando ganhou outr'ora a Mambrino, em Aspramonte.</p>	<p>pela vida de Lanfusa que nunca mais em sua cabeça quererá outro elmo senão aquele que Orlando ganhou a Mambrino, em Aspramonte.</p>
<p>31-Esse juramento soube ele cumpri-lo melhor do que o outro que primeiro fizera. E ei-lo que dali parte, descontente, descontentíssimo, a ponto de não encontrar sossego durante muitos dias, A sua preocupação constante é ver se descobre onde possa encontrar-se com o paladino. Entretanto sucedia uma aventura também ao bravo Reinaldo, que por outra estrada dirigira seus passos.</p>	<p>31. Esse juramento soube ele cumpri-lo melhor do que o outro que primeiro fizera. E ei-lo que E dali parte, desecontente, descontentíssimo, a ponto de não sem encontrar sossego durante muitos dias, A sua Com a preocupação constante é ver se descobre onde possa de encontrar-se com o paladino. Entretanto sucedia uma aventura também ao bravo Reinaldo, que por outra estrada dirigira seus passos.</p>	<p>E dali parte, descontentíssimo, sem encontrar sossego durante muitos dias, Com a preocupação constante de encontrar-se com o paladino. Entretanto sucedia uma aventura também ao bravo Reinaldo, que por outra estrada dirigira seus passos.</p>

<p>32-Poucos passos tinha andado Reinaldo, quando repentinamente lhe aparece aos saltos o seu impetuoso corcel. – “Pára ai, meu Bayardo, pára ai! sem ti não posso eu passar!” Mas o corcel, completamente surdo à voz de Reinaldo, em vez de lhe obedecer, continua a galopar cada vez mais veloz.Reinaldo o que faz é correr traz d’elle.</p> <p>E acompanhemos entretanto Angélica ? , na sua fuga.</p>	<p>32- Poucos passos tinha andado Reinaldo, quando repentinamente lhe aparece aos saltos pinotes o seu impetuoso corcel. – “Pára ai, meu Bayardo, pára ai! que sem ti não posso eu passar!” Mas o corcel, completamente surdo à voz de Reinaldo, do dono em vez de lhe obedecer, continua a galopar cada vez mais veloz.Reinaldo o que faz é correr traz segue atrás d’elle.</p> <p>E —Acompanhemos entretanto Angélica ? , na sua fuga.</p>	<p>Poucos passos tinha andado Reinaldo, quando repentinamente lhe aparece aos pinotes o seu impetuoso corcel. – “Pára ai, meu Bayardo, que sem ti não posso eu passar!” Mas o corcel, surdo à voz, do dono, continua a galopar cada vez mais veloz.Reinaldo segue atrás d’elle.</p> <p>E -Angélica ?</p>
<p>33-Por florestas sombrias e medonhas, por lugares desabitados e completamente selváticos, vai ela fugindo. O rumorejar da folhagem nos carvalhos, nas faias e nos olmeiros, não faz senão inspirar-lhe súbitos pavores e obriga a seguir desnorteadamente estranhíssimos carreiros: sombras que lhe apareça na montanha ou no vale, acometem-n’a logo receios de que seja Reinaldo a persegui-la.</p>	<p>33.—Por florestas sombrias e medonhas, por lugares desabitados e completamente selváticos, medonhos vai ela fugindo. O rumorejar da folhagem e as sombras nos carvalhos, nas faias e nos olmeiros, não faz senão inspirar-lhe súbitos pavores, e obriga a seguir desnorteadamente estranhíssimos carreiros: sombras que lhe apareça na montanha ou no vale, acometem n’a logo receios de que seja Reinaldo a persegui-la.</p>	<p>Por florestas sombrias e lugares medonhos vai ela fugindo.O rumor da folhagem e as sombras inspiram súbitos pavores, receios de que seja Reinaldo a persegui-la.</p>
<p>34- Faz lembrar uma corça ou uma cabrinha, que, por entre os folheados do bosque em que houvesse nascido, vendo um leopardo estrangular-lhe a mãe, ou matar-lh’a rasgando-lhe as entranhas, fugisse de moita em moita, para longe da fera cruel, tremendo de susto, e no auge da inquietação, cuidando em cada raiz que topa encontrar as faces do leopardo a devorarem-n’a.</p>	<p>34. Faz lembrar Lembra uma corça ou uma cabrinha, que, por entre os folheados do bosque em que houvesse nascido, vendo um leopardo estrangular-lhe a mãe; ou matar lh’a rasgando-lhe as entranhas, fugisse de moita em moita, para longe da fera cruel, tremendo trêmula de susto, e no auge da inquietação, cuidando em cada raiz que topa encontrar ver as faces de leopardo a devorarem n’a. da fera.</p>	<p>Lembra uma cabrinha, que vendo um leopardo estrangular-lhe a mãe, fugisse de moita em moita, trêmula de susto, cuidando em cada raiz que topa ver as faces da fera-</p>

<p>35-E assim prossegue vagueando, ao acaso todo esse dia, toda essa noite, e ainda metade do dia seguinte. Por fim foi dar a um bosquezinho encantador, bafejado pela frescura de uma suave brisa. Dois regatos claríssimos, que lhe deslizam em torno conservam sempre viçosa a vegetação. d'esse lugar aprazível, e, com a lympha a escoar se brandamente por entre pedrinhas, fazem as delícias de quem lhes escuta o murmúrio.</p>	<p>35. E assim prossegue vagueando ao acaso; todo esse dia, toda essa noite, e ainda metade do dia seguinte. Por fim foi dar a um bosquezinho encantador, bafejado pela frescura de uma suave brisa por brisa frescas, onde dois Dois regatos claríssimos, que lhe deslizam em torno serpeavam, conservando sempre viçosa a vegetação. d'esse lugar aprazível, e, com a linfa a escoar se brandamente por entre pedrinhas, fazem as delícias de quem lhes escuta o murmúrio. Julgando-se em segurança naquele encantador retiro, resolve repousar.</p>	<p>E assim prossegue vagueando ao acaso todo esse dia, toda noite, e metade do dia seguinte. Por fim foi dar a um bosque delicioso, bafejado por brisa frescas, onde dois regatos serpeavam, conservando sempre viçosa a vegetação. Julgando-se em segurança naquele encantador retiro, resolve repousar.</p>
<p>36-E n'esse lugar que, por se julgar em segurança, como se de Reinaldo a separassem centros de léguas, Angélica se resolve a repousar um pouco do cansaço em que vinha, exacerbado ainda pela ardência do calor estival. Apeia-se entre flores; e deixa o palafrem desbriado, vagueando à beira dos límpidos regatos, atapetada por fresquíssima herva.</p>	<p>36. E n'esse lugar que, por se julgar em segurança, como se de Reinaldo a separassem centros de léguas, Angélica se resolve a repousar um pouco do cansaço em que vinha, exacerbado ainda pela ardência do calor estival. Apeia-se entre flores; e deixa que o palafrem desbriado, vagueando paste solto à beira dos regatos que murmuravam entre pedrinhas. límpidos regatos, atapetada por fresquíssima herva.</p>	<p>Apeia-se entre flores; e deixa que o palafrem paste solto à beira dos regatos que murmuravam entre pedrinhas.</p>
<p>37-Não longe d'ali, vê Angélica uma graciosa moita de rosas brancas e vermelhas, que debruçadas no liquido espelho das ondas, encontraram-na sombra dos altos carvalhos abrigo contra a ardência do calor solar. Em meio d'essa moita depara-se à recém-chegada um fresco retiro, oculto pelo umbríferos folhedos: ramos e frondes são ali tão entrelaçados, que nem os raios do sol penetram lá nem o olhar de quem passe.</p>	<p>37. Não longe d'ali, vê Angélica uma graciosa moita de rosas brancas e vermelhas, que debruçadas escondida no liquido espelho das ondas, encontraram-na à sombra dos altos carvalhos abrigo contra a das ardências do sol calor solar. Em meio d'essa moita depara-se à recém-chegada um fresco retiro, oculto pelo umbríferos folhedos: ramos e frondes são ali tão entrelaçados, que nem os raios do sol penetram lá nem o olhar de quem passe.</p>	<p>Não longe d'ali, vê Angélica uma graciosa moita de rosas brancas e vermelhas, escondida à sombra dos altos carvalhos das ardências do sol . Em meio d'essa moita</p>

<p>38-No interior da moita suavidade tenra das relvas está convidando a repousar ali quem quer que se apresente. E ali se reclinava a bela Angélica, e ali adormece. Pouco tempo lhe dura entretanto esse repouso, porque logo se lhe figura sentir passos que se aproximam. Ergue-se, cautelosamente, e descortina à beira do regato um cavaleiro armado, que n'aquela momento ali chegara.</p>	<p>38. No interior da moita suavidade tenra das relvas está convidando a repousar ali quem quer que se apresente. E ali se reclinava a bela Angélica, e ali adormece. Pouco tempo— Mas pouco lhe dura entretanto esse repouso, porque logo se lhe figura sentir sente passos que se aproximam. Ergue-se, cautelosamente, e descortina e vê á beira do regato um cavaleiro armado, que n'aquela momento ali acabava de chegara.</p>	<p>se reclinava a bela Angélica, e ali adormece Mas pouco lhe dura esse repouso, porque logo sente passos que se aproximam. Ergue-se, cautelosamente e vê á beira do regato um cavaleiro, que acabava de chegar.</p>
<p>39-Se é um amigo ou um inimigo, não o sabe ela. Mas o receio e a esperança agitam-lhe simultaneamente o coração oprimido. Aguardando o desfecho de tal aventura, o que faz é nem sequer soltar o mais leve suspiro. Entrementes o cavaleiro, descendo até a orla do regato, e, com a face melancolicamente apoiada n'uma das mãos, deixa-se por tal forma absorver em cogitações profundas que chega a parecer transformado num insensível mármore.</p>	<p>39. Se é um amigo ou um inimigo, não o sabe ela. Mas o receio e a esperança agitam-lhe simultaneamente o coração oprimido. Aguardando o desfecho de tal aventura, o que faz é nem sequer soltar o mais leve suspiro. O cavaleiro, descendo até a orla do regato, e, com a face melancolicamente apoiada n'uma das mãos, deixa-se por tal forma absorver em cogitações profundas que chega a parecer transformado num insensível mármore. Depois, respeitando, lamenta-se nestes termos:</p>	<p>O cavaleiro desce até a orla do regato, e, com a face melancolicamente apoiada n'uma das mãos, deixa-se por tal forma absorver em cogitações profundas que chega a parecer transformado num insensível mármore. Depois, respeitando, lamenta-se nestes termos:</p>
<p>40-Pensativo e com a fronte inclinada para o chão, ficou o pesaroso cavaleiro o por mais de uma hora. Afinal, n'um tom que revelava angústias e desditas, começou ele a desatar-se em suavíssimos lamentos, capazes de abrandar pedras duras que o escutassem, capazes até de inspirarem piedade ao tigre mais cruel. E, suspirando, chorava por forma que nas faces se diria uma torrente de lágrimas e no peito um vulcão.</p>	<p>40. Pensativo e com a fronte inclinada para o chão, ficou o pesaroso cavaleiro o por mais de uma hora. Afinal, n'um tom que revelava angústias e desditas, começou ele a desatar-se em suavíssimos lamentos, capazes de abrandar pedras duras que o escutassem, capazes até de inspirarem piedade ao tigre mais cruel. E, suspirando, chorava por forma que nas faces se diria uma torrente de lágrimas e no peito um vulcão.</p>	<p>Supressão</p>

<p>41-Pensando (dizia ele) que gelas e simultaneamente inflamas o meu coração causando n'ele a dor vivíssima que o vai roendo e minando!</p> <p>Que devo eu fazer, visto que cheguei tarde e outrem se me antecipou na colheita do fruto? Enquanto eu obtive apenas uma palavra doce e um doce olhar, outro alcançará todo o mais. Oh! se nem as flores nem os frutos me podem pertencer porque há de o meu coração aflingir-se ainda por aquela beldade.</p>	<p>41. Pensando (dizia ele) que gelas e simultaneamente inflamas o meu coração causando n'ele a dor vivíssima que o vai roendo e minando! Que devo eu fazer, visto que cheguei tarde e outrem outro se me antecipou na colheita do fructo? Enquanto eu obtive apenas uma palavra doce, e um doce olhar esse outro alcançará todo o mais tudo... Oh! se nem as flores nem os frutos me podem pertencer porque há de o meu coração aflingir-se ainda por aquela beldade.</p>	<p>Que devo fazer, visto que cheguei tarde e outro se antecipou na colheita do fruto? Enquanto eu obtive apenas uma palavra doce, esse outro alcançou tudo...</p>
<p>42-Uma donzelinha é semelhante a uma rosa que num belo jardim tranqüila-apesar de sozinha repousa na haste natal respeitam-n'a pastores e rebanhos, a brisa fagueira, o orvalho da aurora, a água e a terra, tudo se harmoniza para lhe favorecer o frescor. E vêm então os namorados e as namoradas colhê-la, para com ela enfeitarem a frente e o peito.</p>	<p>42. Uma donzelinha é semelhante á uma rosa que num belo no jardim tranqüila-apesar de sozinha repousa na haste materna; natal respeitam-n'a pastores e rebanhos, a brisa fagueira, o orvalho da aurora, a água e a terra, tudo se harmoniza para lhe favorecer o frescor. E vêm então os namorados e as namoradas colhê-la, para com ela se enfeitarem. a frente e o peito.</p>	<p>Uma donzelinha é semelhante à rosa que no jardim repousa na haste materna; natal respeitam-n'a pastores e rebanhos, a brisa fagueira, o orvalho da aurora, a água e a terra, tudo se harmoniza para lhe favorecer o frescor. E vêm então os namorados colhê-la, para com ela se enfeitarem.</p>
<p>43-Logo, porém, que da haste materna a separaram e do verde ramúsculo ai d'ela! Porque imediatamente se lhe dissipa tudo quanto por sua graça e beleza despertava nos homens e no próprio céu a mais palpitante interesse! Assim a virgem que deixa murchar essa outra, flor em cuja conservação mais se deve esmerar que na da própria formosura e na da própria existência perde irremissivelmente no coração de seus adoradores toda a sua grã valia.</p>	<p>43.— Logo porém, que da haste materna a separaram e do verde ramúsculo aí d'ela! Porque murcha em suas pétalas imediatamente se lhe dissipa tudo quanto por sua graça e beleza despertava nos homens e no próprio céu a mais palpitante ardente interesse! Assim a virgem que deixa murchar essa outra, flor em cuja conservação mais se deve esmerar que na da própria formosura e na da própria existência perde irremissivelmente no coração de seus adoradores toda a sua grã valia.</p>	<p>Logo, porém, que da haste a separaram ai d'ela! Porque murcha em suas pétalas tudo quanto despertava nos homens ardente interesse!</p>
<p>44-Vil para os outros, e amada unicamente por aquele a quem tão rendida ficou!</p> <p>Oh! fortuna cruel! Fortuna ingrata! Enquanto os outros triunfam morro eu a míngua! Mas... dar-se-á o caso de já me não ser querida aquela mulher? Poderei eu porventura abandonar aquilo em que a minha própria vida consiste? Ah! Antes morrer n'este momento que ficar vivendo sem amá-la!</p>	<p>44. Vil para os outros, e amada unicamente por aquele a quem tão rendida ficou! [Oh! fortuna cruel! Fortuna ingrata! Enquanto os outros triunfam morro eu a míngua! Mas... dar-se-á o caso de já me não ser querida aquela mulher? Poderei eu porventura abandonar aquilo em que a minha própria vida consiste? Ah! Antes morrer n'este momento que ficar vivendo sem amá-la!</p>	<p>Oh! fortuna cruel! Fortuna ingrata! Enquanto os outros triunfam morro eu a míngua! Ah! Antes morrer n'este momento que ficar vivendo sem amá-la!</p>

<p>45-Querem saber quem é que junto às águas do regato derramava tão copioso pranto. Era nem mais nem menos que, o afamado Sacripante, rei da Circassia, e outra vítima do infausto amor. Na paixão que o devorava consistia a causa prima e única de suas mágoas: d'essa paixão era Angélica o objeto, Angélica por quem Sacripante logo ali foi reconhecido.</p>	<p>45-Querem saber quem é que junto às águas do Quem junto ao regato derramava tão copioso pranto., era Era nem mais nem menos que, o afamado Sacripante, rei da Circassia, e outra vítima do infaustoa amor. Na paixão por Angélica. que o devorava consistia a causa prima e única de suas mágoas: d'essa paixão era Angélica o objeto, Angélica por quem Sacripante logo ali foi reconhecido.</p>	<p>Quem junto ao regato derramava tão copioso pranto, era o afamado Sacripante, rei da Circassia, outra vítima da infausta paixão por Angélica.</p>
<p>46-Arrastado por tão violento amor viera Sacripante lá do extremo Oriente às regiões em que o sol se esconde. Na Índia tinha ele sabido, com grande mágoa sua, que Angélica partira em companhia de Orlando para as terras ocidentais. Mais tarde, em França, haviam-lhe dito que o Imperador tratara de a pôr em bom recato, no intuito de oferecê-la por prêmio àquele que na batalha mais proezas praticasse.</p>	<p>46-Arrastado por tão pelo violento amor, viera Sacripante lá do extremo Oriente às regiões em que o sol se esconde. Na Índia tinha ele sabido, com grande mágoa sua, que Angélica partira em companhia de Orlando para as terras ocidentais. Mais tarde, em França, haviam-lhe dito que o Imperador tratara de a pôr em bom recato, no intuito de oferecê-la por prêmio aquele que na batalha mais proezas praticasse.</p>	<p>Arrastado pelo violento amor, viera do extremo Oriente às regiões em que o sol se esconde...</p>
<p>48-Enquanto ele se aflige e se lastima, e reduz os olhos a uma fonte perene de copioso pranto, proferindo as exclamações que já ficaram mencionadas e muitas outras que seria ocioso referir, permite um feliz acaso que as escute a própria Angélica. E aí está como às vezes n'uma hora, n'um momento, vem a realizar-se um passo que em mil anos ou mais não seria de esperar!</p>	<p>48- Enquanto ele se aflige e Sacripante se lastima, e reduz os olhos a uma fonte perene de copioso pranto, proferindo as exclamações que já ficaram mencionadas e muitas outras que seria ocioso referir, — permite um feliz acaso que as escute o ouça a própria Angélica. E ai está como às vezes n'uma hora, n'um momento, vem a realizar se um passo que em mil anos ou mais não seria de esperar!</p>	<p>Enquanto Sacripante se lastima, permite um feliz acaso que o ouça a própria Angélica.</p>
<p>49-Atento é o gesto com que a bela dama observa as lágrimas, as expressões, a fisionomia enfim d'aquela que por caso nenhum deixa de amá-la: e todavia não é a primeira vez que tal amor se lhe revela. Mais dura, porém, mais fria do que uma coluna de mármore, Angélica não a sentimentos de piedade, não achando ninguém digno de se lhe aproximar.</p>	<p>49- Atento é o gesto com que a bela dama observa as lágrimas, as expressões, a fisionomia enfim d'aquela que por caso nenhum deixa de amá-la: e todavia não é a primeira vez que tal amor se lhe revela. Mais dura, porém, mais fria do que uma coluna de o mármore, Angélica não se digna deseer deseer a sentimentos de piedade, como orgulho de todos desdenha e não achando ninguém acha digno de se lhe aproximar.</p>	<p>Não é a primeira vez que tal amor se lhe revela. Mais dura, porém, mais fria do que o mármore, Angélica não desce a sentimentos de piedade não achando ninguém digno de se lhe aproximar.</p>

<p>50- Entretanto a consideração de estar sozinha em meio d'aqueles bosques sugere-lhe a idéia de o aceitar por guia. Que faz quem esta imerso n'água até ao pescoço e prestes a morrer afogado? Clama por auxílio, não é assim? Angélica entra a considerar que, se deixa perder este ensejo, arrisca-se a nunca mais deparar-se lhe um auxílio tão leal, visto que por longa experiência tinha já reconhecido ser aquele rei o mais fiel de todos os seus adoradores.</p>	<p>50. Entretanto a consideração de estar sozinha em meio d'aqueles bosques sugere-lhe a idéia de o aceitar por guia, Que faz quem esta imerso n'água te ao pescoço e prestes a morrer afogado? Clama por auxílio, não é assim? Angélica entra a considerar que, se deixa perder este ensejo, arrisca-se a nunca mais deparar-se lhe um auxílio tão leal, visto que por longa experiência tinha já reconhecido ser aquele rei o mais fiel de todos os seus adoradores.</p>	<p>Entretanto a consideração de estar sozinha em meio d'aqueles bosques sugere-lhe a idéia de o aceitar por guia, visto que por longa experiência tinha já reconhecido ser aquele rei o mais fiel de todos os seus adoradores.</p>
<p>51-Mas nem essa mesma consideração a induz a consolar os tormentos d' alma que afligem Sacripante, dando-lhe por indenização das passadas mágoas aquele dulcíssimo prazer que todo o amante mais ambiciona. O que ela se propõe é tramar um fingimento qualquer, com que o entretenha n'uma enganosa esperança enquanto o seu auxílio lhe seja indispensável, – e depois... volver à insensibilidade habitual, acostumada arrogância!</p>	<p>51. Mas nem essa mesma consideração a induz leva a consolar os tormentos d' alma que afligem Sacripante, dando-lhe por indenização das passadas mágoas aquele dulcíssimo prazer que todo o amante mais ambiciona. O que ela se propõe é tramar um fingimento qualquer, com que o entretenha n'uma enganosa esperança enquanto o seu auxílio lhe seja indispensável, – e depois... volver à sua insensibilidade habitual, a acostumada arrogância!</p>	<p>Mas nem essa mesma consideração a leva a consolar os tormentos que afligem Sacripante. O que ela se propõe é tramar um fingimento qualquer, com que o entretenha n'uma enganosa esperança enquanto o seu auxílio lhe seja indispensável, – e depois... volver à sua insensibilidade habitual.</p>
<p>52-Saindo então d'entre a moita, umbrífera Angélica surge subitamente aos olhos do cavaleiro em todo o esplendor da sua beleza, como se fora Diana ou a própria Vênus que surgisse de uma floresta ou de uma gruta.Salve!Disse ela. Permita Deus defender por vossa intervenção a minha honra!” Permita ele também que não façais indevidamente de mim um conceito falsíssimo!</p>	<p>52. Saindo então d'entre a da moita, umbrífera — Angélica — surge subitamente aos olhos do cavaleiro em todo o esplendor da sua beleza, — como se fora Diana ou a própria Vênus que surgisse de uma floresta ou de uma gruta. [“Salve! Disse ela. Diz ela. Permita Deus defender por vossa intervenção a minha honra! Permita ele também que não façais indevidamente de mim um conceito falsíssimo falso!</p>	<p>Saindo então da moita, Angélica surge aos olhos do cavaleiro em todo o esplendor da sua beleza. Salve! Diz ela. Permita Deus defender por vossa intervenção a minha honra! Permita ele também que não façais de mim um conceito falso!</p>
<p>53-Imagine-se a alegria inefável de mãe amorosa, quando, após haver já pranteado a morte do filho que supunha haver-lhe morrido na guerra, logra a ventura de tornar a vê-lo cheio de vida! Por maior que seja o alvoroço e o jubilo de tal situação, certo que não igualará o jubilo e</p>	<p>53. Imagine-se a alegria inefável de mãe amorosa, quando, após haver já pranteado a morte do filho que supunha haver-lhe morrido na guerra, logra a ventura de tornar a vê-lo cheio de vida! Por maior que seja o alvoroço e o jubilo de tal</p>	<p>Imenso foi o jubilo do príncipe Sarraceno ao ver inesperadamente aparecer-lhe radiante de formosura e sedutora de meiguice, a idolatrada Angélica.</p>

<p>o alvoroço do príncipe Sarraceno ao ver inesperadamente aparecer-lhe radiante de formosura, imponente no aspecto, e sedutora de meiguice, a idolatrada Angélica.</p>	<p>situação, certo que não igualará Imenso foi o jubilo e o alvoroço do príncipe Sarraceno ao ver inesperadamente aparecer-lhe radiante de formosura, imponente no aspecto, e sedutora de meiguice, a idolatrada Angélica.</p>	
<p>54-“Com doce e amoroso afeto correu ele a sua dama, à sua divindade, que lhe lança ao pescoço os braços, fagueira como certamente lá no Cathay se não teria nunca mostrado. E Angélica, então, animada com a proteção que se lhe depara, sente representarem se lhe vivíssimas no espírito as recordações do reino paterno, seu país natal, e de súbito lhe acode a esperança de breve tornar a ver sua opulenta residência.</p>	<p>54. Com doce e amoroso afeto meigo alvoroço correu ele a à sua dama, à sua divindade, que lhe lança ao pescoço os braços, fagueira amorosos como certamente lá no Cathay se não teria nunca mostrado. E Angélica, então, animada com a proteção que se lhe depara, sente representarem se lhe vivíssimas no espírito as recordações do reino paterno, seu país natal, e de súbito lhe acode a esperança de breve tornar a ver sua opulenta residência.</p>	<p>“Com meigo alvoroço corre à sua dama, que lhe lança ao pescoço os braços, amorosos. E Angélica, animada com a proteção que se lhe depara,...”</p>
<p>55-E conta depois Angélica ao Sarraceno todas as aventuras acontecidas desde que ele, para servi-la, foi pedir no Oriente auxílio ao rei da Sericana. Conta-lhe como Orlando a salvou freqüentemente da morte, da desonra, e de variadíssimos apuros. Finalmente lhe relata que lograra ela conservar ileisa aquela flor virginal com que o a Natureza adotara no seio materno.</p>	<p>55. E conta depois Angélica ao Sarraceno todas as aventuras acontecidas desde que ele, para servi-la, foi pedir no Oriente auxílio ao rei da Sericana. Conta-lhe como Orlando a salvou freqüentemente da morte e da desonra, e de variadíssimos apuros. deixando entrever Finalmente lhe relata que destarte lograra ela conservar ileisa aquela a flor virginal com que o a dotara a Natureza. adotara no seio materno.</p>	<p>conta ao Sarraceno todas as aventuras acontecidas desde que ele, para servi-la, foi pedir auxílio ao rei da Sericana. Conta-lhe como Orlando a salvou da morte e da desonra, deixando entrever que destarte lograra conservar ileisa a flor virginal com que o dotara a Natureza.</p>
<p>56-Verdades puras eram talvez quanto n’esse particular Angélica lhe afirmava, difíceis embora de acreditar para quem pensasse nas cousas com verdadeira serenidade de espírito. Mas ele, que tão perturbado trazia a razão, facilmente acreditou possível o que se lhe asseverava. É que o amor tem d’estas cousas: afigura invisível o que realmente se esta vendo, e faz ver o que não é visível. Sacripante deu por consequência crédito ao que Angélica lhe disse. Admiram-se? Qual é o infeliz que não acredita facilmente n’aquilo que deseja?</p>	<p>56. Verdades puras eram talvez quanto n’esse particular Seria verdade pura o que Angélica lhe afirmava, difíceis embora de acreditar para quem pensasse nas cousas com verdadeira serenidade de espírito. Mas ele, que tão perturbado trazia a razão, facilmente acreditou possível o que se lhe asseverava. É que o amor tem d’estas cousas: afigura invisível o que realmente se esta vendo, e faz ver o que não é visível. Sacripante deu por consequência crédito ao que Angélica lhe disse. Admiram-se? Qual é o infeliz que não acredita facilmente n’aquilo que deseja? Mas difícil de verificar, Sacripante, porém, deu-lhe crédito imediato e pensou consigo:</p>	<p>Seria verdade pura o que Angélica afirmava, mas difícil de verificar, Sacripante, porém, deu-lhe crédito imediato e pensou consigo:</p>

<p>57- “Se o cavaleiro de Anglante deixou por sua tolice escapar o momento oportuno, queixe-se ele de si, que nunca a fortuna volvera a oferecer-lhe tão próspero ensejo! (Assim pensava Sacripante). Ah! mas n’isso é que estou longe de imitá-lo! Havia eu desaproveitar o grande bem que ora se me oferece? Para quê? Para depois dolorosamente me queixar de mim próprio!”</p>	<p>57. “ Se o cavaleiro de Anglante deixou por sua tolice escapar o momento oportuno, queixe-se ele de si, que nunca a fortuna volvera a oferecer-lhe tão próspero ensejo! mas não pretendo imita-lo (Assim pensava Sacripante). >Ah! mas n’isso é que estou longe de imitá-lo! Havia eu desaproveitar o grande bem que ora se me oferece? Para quê? Para depois dolorosamente me queixar de mim próprio!</p>	<p>“Se o cavaleiro de Anglante deixou escapar o momento oportuno, queixe-se de si, mas não pretendo imita-lo...”</p>
<p>58-Colherei portanto a rosa fresca e matinal, que mais tarde me arriscaria a perder “Depois pergunto eu: - Há porventura cousa que mais agrade a uma dama, muito embora se mostre ela primeiro despeitada, muito embora se mostre ela depois triste e lacrimosa? Por mim, juro que nem repulsas, nem cóleras fingidas serão capazes de estorvar-me na realização do meu intento.</p>	<p>58. Colherei portanto a rosa fresca e matinal, que mais tarde me arriscaria a perder. E, Depois pergunto eu,:- Há há porventura cousa que mais agrade a uma dama, muito embora se mostre ela primeiro despeitada, muito embora se mostre ela e depois triste e lacrimosa? Por mim, juro que nem repulsas, nem cóleras fingidas serão capazes de estorvar me na realização do meu intento.</p>	<p>Colherei portanto a rosa fresca e matinal, que mais tarde me arriscaria a perder. E, pergunto eu, há porventura cousa que mais agrade a uma dama, muito embora se mostre despeitada, e depois triste e lacrimosa?</p>
<p>59-Fazia ele consigo tacitamente estas reflexões. Mas... enquanto se apresta para pôr em prática as suas intenções do bosque próximo lhe vem aos ouvidos um grande rumor, que o faz, com grande mágoa sua, desistir da empresa. E, como sempre tinha por costume andar completamente armado, põe o elmo na cabeça, enfreia o corcel, monta-lhe na sela e ei -lo aí vai de lança em riste.</p>	<p>59. Fazia ele consigo tacitamente estas reflexões, . Mas... enquanto se apresta para pôr em prática as suas intenções, do bosque próximo quando lhe vem aos ouvidos um grande rumor, . que o faz, com grande mágoa sua, desistir da empresa. E, O sarraceno como sempre tinha por costume andar completamente armado, põe o elmo na cabeça, enfreia o corcel, monta-lhe e põe-se em guarda na sela e ei-lo ai vai de lança em riste.</p>	<p>Fazia ele consigo estas reflexões, quando lhe vem aos ouvidos um grande rumor. O sarraceno como sempre tinha por costume andar completamente armado, põe o elmo na cabeça, enfreia o corcel, monta e põe-se em guarda de lança em riste.</p>
<p>60-Pelo bosque vem vindo outro cavaleiro, de aspecto guapo e fero. A armadura que veste faz lembrar a alvura da neve por cimeira traz um penacho branco. Sacripante, furioso por vir aquele contratempo interromper-lhe a agradável diversão que projetava, fixa no recém-chegado um olhar colérico e feroz.</p>	<p>60. Pelo bosque vem vindo outro cavaleiro, de aspecto feroz guapo e fero. Traz penacho branco e a armadura que veste faz lembrar a alvura da neve por cimeira traz um penacho branco. Sacripante, furioso por vir aquele do do contratempo, interromper lhe a agradável diversão que projetava, fixa no recém-</p>	<p>Pelo bosque vem vindo outro cavaleiro, de aspecto feroz. Traz penacho branco e a armadura que veste lembra a alvura da neve. Sacripante, furioso do contratempo, fixa no recém-chegado um olhar colérico e logo que ele</p>

	chegado um olhar colérico e feroz e logo que ele	
61-E, quando o importuno interruptor se lhe aproxima, logo o Sarraceno o desafia crente em que fácil lhe será levá-lo de vencida. Mas o raptado, que em menos conta se não tem a si próprio, responde-lhe às ameaças dando imediatamente de esporas ao cavalo e enristando a lança. Por sua parte Sacripante, investe com tempestuoso ímpeto. E lá correm um para o outro.	61. E, quando o importuno interruptor se lhe aproxima, logo o Sarraceno desafia o crente em que fácil lhe será levá-lo de vencida. Mas o raptado, que em menos conta se não tem a si próprio, responde-lhe às ameaças dando imediatamente de esporas ao cavalo e enristando a lança. Por sua parte Sacripante, investe com tempestuoso ímpeto. E lá correm um para o outro.	se lhe aproxima, desafia-o crente que será fácil lhe levá-lo de vencida. E lá correm um para o outro.
62-Nem leões, nem touros seriam capazes de mutuamente se acometerem com tanto furor como estes dois guerreiros no seu bravíssimo assalto. Rotos os escudos de ambos na primeira investida, tremeram abalados por tamanho estrépito os verdes vales e os escalvados montes de em redor. Que fora dos dois combatentes, se de ambos não abrigassem o peito fortíssimo couraças?!	62. Nem leões, nem touros seriam capazes de mutuamente se acometerem com tanto furor como estes dois guerreiros no seu bravíssimo assalto. Rotos os escudos de ambos na primeira investida, tremeram tremeram os vales e os montes abalados por tamanho pelo estrépito do choque tremeram tremeram os vales e os montes abalados por tamanho pelo estrépito do choque os verdes vales e os escalvados montes de em redor os verdes vales e os escalvados montes de em redor. Que fora dos dois combatentes, se de ambos não abrigassem o peito fortíssimo couraças?!	Nem leões, nem touros seriam capazes de se acometerem com tanto furor. Rotos os escudos na primeira investida, tremeram os vales e os montes abalados pelo estrépito do choque.
63-Na recíproca investida os corcéis fizeram exatamente lembrar o que se observa entre dois carneiros quando mutuamente se acometem. O cavalo do guerreiro pagão (que soberbo animal aquele!) morreu ali de prompto: o do outro guerreiro foi também a terra, mas reergueu-se apenas sentiu cravarem-lhe as esporas nos ilhaes, em quando o do príncipe sarraceno ficou estendido com todo o seu peso por sobre o corpo do dono.	63. Na recíproca investida os corcéis fizeram exatamente lembrar o que se observa entre dois carneiros quando mutuamente se acometem. O cavalo do guerreiro pagão (que soberbo animal aquele!) morreu ali de prompto: tombando sobre o corpo do cavaleiro; o do outro guerreiro foi também a terra caiu, mas reergueu-se apenas sentiu cravarem-lhe as esporas nos ilhaes, em quando o do príncipe sarraceno ficou estendido com todo o seu peso por sobre o corpo do dono.	O cavalo do guerreiro pagão morreu de prompto: tombando sobre o corpo do cavaleiro; o do outro guerreiro também caiu, mas reergueu-se apenas sentiu cravarem-lhe as esporas nos ilhaes.

<p>66-Suspira e geme: Não porque o aflijam dores de pé deslocado ou braço fraturado; mas porque a punge a vergonha, a ponto de que nunca em sua vida lhe subiram tão vermelhas cores ao rosto, vergonha tanto mais pungente, quanto ao desaire da queda acresceu tornar-se lhe preciso que a sua dama o ajudasse a libertar se da grande opressão com que o cadáver do cavalo lhe só pesava no corpo! E de vergonha... nem talvez ousaria falar, se não fora ela a primeira a dirigir-lhe a palavra.</p>	<p>66- Suspira e geme: Não porque o aflijam dores de pé deslocado ou braço fraturado; mas porque a punge a vergonha, a ponto de que nunca em sua vida lhe subiram tão vermelhas cores ao rosto, vergonha tanto mais pungente, quanto ao desaire da queda acresceu tornar se lhe preciso que a sua dama o ajudasse a libertar se da grande opressão com que o cadáver do cavalo lhe só pesava no corpo! E de vergonha... nem talvez Sacripante, morto de vergonha, suspira e geme e não ousaria falar, se não fora ela Angélica a primeira a dirigir lhe a palavra.</p>	<p>Sacripante, morto de vergonha, suspira e geme e não ousaria falar, se não fora Angélica a primeira a dirigir-lhe a palavra.</p>
<p>67-Não vos desconsoléis, senhor! (lhe disse ela). Da queda, que destes, a culpa é exclusivamente do vosso cavalo; em vez de o terdes feito entrar em novo combate, mais conveniente lhe houvera sido pastar e repousar. Nem o vosso contendor se deve gloriar por tal sucesso, ele próprio, a meu ver, se confessa vencido, pois que se apressou em ser o primeiro a deixar o campo da contenda.</p>	<p>67. Não vos desconsoléis, senhor! (lhe disse ela). Da queda, que destes, a culpa é exclusivamente do vosso cavalo; em vez de o terdes feito entrar metido em novo combate, mais conveniente lhe houvera sido pastar e repousar. Nem o vosso contendor se deve gloriar por tal gloriou do sucesso, ele próprio, a meu ver, se confessa vencido, pois que se apressou em ser o primeiro a deixar o campo da contenda.</p>	<p>Não vos desconsoléis, senhor! Da queda, que destes, a culpa é do vosso cavalo; em vez de o terdes metido em novo combate, mais conveniente lhe houvera sido pastar e repousar. Nem o vosso contendor se gloriou do sucesso, pois que se apressou em deixar o campo da contenda.</p>
<p>68- E, enquanto d'est'arte Angélica procura consolar o Sarraceno, surge-lhes, galopando n'um rocim, de buzina e bolsa a tiracolo, um mensageiro, com todos os visos de aflito e cansado. Chegado que foi cerca de Sacripante, perguntou-lhe se tinha visto passar pela floresta um cavaleiro de escudo branco e penacho branco.</p>	<p>68- E, enquanto d'est'arte Angélica procura consolar o Sarraceno, surge-lhes, galopando, n'um rocim, de buzina e bolsa a tiracolo, um mensageiro, com todos os visos de aflito e cansado. , o qual pergunta Chegado que foi cerca de Sacripante, perguntou-lhe se tinham visto passar pela floresta um cavaleiro de escudo branco e penacho branco.</p>	<p>Enquanto Angélica procura consolar o Sarraceno, surge-lhes, galopando, de buzina e bolsa a tiracolo, um mensageiro aflito e cansado, o qual pergunta se tinham visto passar um cavaleiro de penacho branco.</p>
<p>69-Foi esse mesmo, lhe respondeu Sacripante, quem me colocou aqui na situação, em que me vês retirando-se logo em seguida. Agora, para eu ficar sabendo quem foi que me derrubou, preciso me que digas seu nome. A curiosidade que tendes (volveu-lhe o mensageiro), vou sem delongas satisfazer vossa: ficai sabendo que ao alto valor de uma nobre donzela devestes o serdes derrubado.</p>	<p>69. [- Foi esse mesmo, lhe respondeu Sacripante, quem me colocou aqui na situação, em que me vês retirando-se logo em seguida. Agora, para eu ficar sabendo quem foi que me derrubou, preciso me que digas seu nome. A curiosidade que tendes (volveu-lhe o mensageiro), vou sem delongas satisfazer vossa : ficai sabendo que ao alto valor de uma nobre donzela devestes o serdes derrubado. Quem é ele, dizei-mo?</p>	<p>Foi esse mesmo, responde Sacripante, quem me pôs nesta triste situação, retirando-se logo em seguida. Quem é ele, dizei-mo?</p>

<p>70-É continuou. É valente e lindíssima a vossa contadora, Brandamente se chama anugla que ora, vos arrebatou quanto deita a terra atendas, logo do corcel, conquista. Depois dá passo e fez um selampá, e a, retira-se o mensageiro, deixando o sarraceno em grandíssimo descontentamento e perplexidade não menor com a vergonha estampada no rosto.</p>	<p>70. É continuou. É valente e lindíssima a vossa contadora, Brandamente se chama anugla que ora, vos arrebatou quanto deita a terra atendas, logo do corcel, conquista. Depois dá passo e fez um selampá, e a, retira-se o mensageiro, deixando o sarraceno em grandíssimo descontentamento e perplexidade e não menor com a vergonha estampada no rosto.</p>	<p>É valente e lindíssima a vossa contadora, Brandamente se chama anugla que ora, vos arrebatou quanto deita a terra atendas, logo do corcel, conquista. Depois dá passo e fez um selampá, e a, retira-se o mensageiro, deixando o sarraceno em grandíssima perplexidade e não menor vergonha estampada no rosto.</p>
<p>71-Sacripante, encarando a situação de haver sido derrubado por uma mulher, sente mais e mais crescer-lhe a dor, à proporção que medita n'aquela caso. Depois, silencioso e taciturno, sem palavras dizer, trata de colocar suavemente na garupa a bela Angélica, reservando para mais tranqüila estância o delicioso intento que trazia em mira.</p>	<p>71. Sacripante, encarando a situação de haver sido derrubado por uma mulher, sente mais e mais crescer-lhe a dor à proporção que medita n'aquela caso. Depois, . Silencioso e taciturno, sem palavras dizer, trata ele de colocar suavemente na garupa a bela Angélica, reservando para mais tranqüila estância melhor ocasião o delicioso intento que trazia em mira.</p>	<p>Silencioso e taciturno, sem palavras dizer, trata ele de colocar na garupa a bela Angélica, reservando para melhor ocasião o delicioso intento que trazia em mira.</p>
<p>72-Mas duas milhas não tinham certamente andado, quando em torno d'ambos entra a floresta ressoar com tal estrépito, como se toda ela tremesse. E logo um feroso corcel lhes surge à vista, ricamente ajazado com ouro, um corcel que briosamente vai galgando sebes e riachos, espedaçando árvores, e levando de vencida tudo quanto encontra em frente de si.</p>	<p>72. Mas Deus milhas não tinham certamente andado, quando em torno d'ambos entra de súbito a floresta entra a ressoar com tal estrépito, como se toda ela tremesse. E logo um feroso corcel lhes surge à vista, ricamente ajazado em de ouro, um corcel que briosamente vai galgando a galgar sebes e riachos, espedaçando árvores, e levando de vencida tudo quanto encontra em à frente. de si.</p>	<p>Duas milhas não tinham andado, de súbito a floresta entra a ressoar com tal estrépito, como se toda tremesse. E logo um feroso corcel lhes surge à vista, ricamente ajazado de ouro, a galgar sebes e riachos, espedaçando árvores, e levando de vencida tudo quanto encontra à frente.</p>
<p>73-Diz então a formosa Angélica: - Se o entrelaçamento do folheto e a cerração das brumas me não tolhem a agudez da vista... aquele corcel que tão estrepitosamente vai rompendo caminho pela floresta é com certeza Baiardo!... Não tem que duvidar... é o próprio Bayardo: acabo agora mesmo de o reconhecer. É ele que adivinhou não ser cómodo para dois cavaleiros um cavalo só, e que nos vem resolver a dificuldade oferecendo-nos seus préstimos. .</p>	<p>73-Diz então a formosa Angélica: - Se o entrelaçamento do folheto e a cerração das brumas me não tolhem a agudez da vista... ou muito me engano, ou aquele corcel que tão estrepitosamente vai rompendo caminho pela floresta é com certeza Baiardo! é o meu Bayardo... Não tem que há duvidar... é o próprio Bayardo: acabo agora mesmo de o reconhecer. É ele que adivinhou não ser cómodo para dois cavaleiros um cavalo só, e que nos vem resolver a dificuldade oferecendo nos seus préstimos. Vem oferecer-me os seus préstimos.</p>	<p>Diz então a formosa Angélica: ou muito me engano, ou aquele corcel é o meu Bayardo... Não há dúvida... é o próprio Bayardo: acabo de o reconhecer. Vem oferecer-me os seus préstimos.</p>

despindo-lhe uma furiosa parelha de coices, que, por felicidade de Sacripante, o não alcançam E triste d'ele, se o alcançassem!... tinha Baiardo nas patas um vigor tão assombroso que nem uma alta montanha, de metal que fosse, lograria resistir-lhe!	corcel, porém, volta-se rápido como um relâmpago, e despindo-lhe e despede-lhe uma furiosa parelha de coices, que, por felicidade, de Sacripante, o não alcanç amou E Triste d'ele, se o alcançassem!... tinha Bayardo nas patas um vigor tão assombroso que nem uma alta montanha de metal que fosse, lograria resistir-lhe!	e despede-lhe uma furiosa parelha de coices, que, por felicidade, o não alcançou. Triste d'ele, se o alcançasse... tinha Bayardo nas patas um vigor tão assombroso que nem uma alta montanha de metal lograria resistir-lhe!
--	--	--

75-Mas é este mesmo fogo corcel que, manso agora e submisso, e respeitoso, vai oferecer-se à donzela, como poderia fazer um cão perante o dono, de quem por dois ou três dias houvesse andado longe. Baiardo conservava ainda memória que outr'ora, em Albraca, Angélica por suas próprias mãos lhe dava de comer, no tempo em que tão apaixonadamente ela amava Reinaldo, e em que este era para ela cruelmente ingrato.	75. Mas é este mesmo fogo corcel que vai, manso agora e submisso, e respeitoso, vai oferecer-se à donzela, como poderia fazer um cão perante o ao seu o dono. de quem por dois ou três dias houvesse andado longe. Baiardo conservava ainda memória lembrava-se que outr'ora, em Albraca, Angélica por suas próprias mãos lhe dava de comer, no tempo em que tão apaixonadamente ela amava Reinaldo, e em que este era para ela cruelmente ingrato. por ele desprezada	Mas este mesmo fogo corcel vai manso e respeitoso, oferecer-se à donzela, como faz um cão ao seu o dono. Baiardo lembrava-se que outr'ora, em Albraca, Angélica por suas próprias mãos lhe dava de comer, no tempo em que tão apaixonadamente ela amava Reinaldo, e era por ele desprezada.
76- Tomando-lhe na mão esquerda as rédeas, com a direita o afaga. E Baiardo, (e Sacripante) que possuía um maravilhoso instinto, sujeita-se lhe dócil como se fora um cordeiro. Sacripante vai entrementes aproveitando o ensejo de montar disfarçadamente no fogo corcel agora domesticado. Angélica, n'aquele que montava, passa da garupa a ocupar a sela.	76. Tomando-lhe na mão esquerda Angélica toma as rédeas com a direita e o afaga. E Baiardo,(e Sacripante) que possuía um maravilhoso instinto, sujeita-se dócil como se fora um cordeiro. Sacripante vai entrementes aproveitando o ensejo de montar disfarçadamente no fogo corcel agora domesticado. Angélica, n'aquele que montava, passa da garupa a ocupar a sela. E Sacripante consegue enfim montá-lo.	Angélica toma as rédeas e o afaga. E Sacripante consegue enfim montá-lo.
77-Mas voltando os olhos em derredor... eis que ela avista um guerreiro alto, caminhando a pé e fazendo ruidosamente ressoar as peças da sua armadura. Inflamada	77. Mas voltando os olhos em derredor... eis que ela avista um guerreiro alto, caminhando a pé e fazendo ruidosamente ressoar as peças da sua armadura. Inflamada	Mas voltando os olhos em derredor... eis que avista um guerreiro alto, caminhando a pé e fazendo ruidosamente ressoar as peças da sua armadura. Inflamada

<p>em despeito e cólera, Angélica reconheceu logo o filho do duque Aymon. Está apaixonado por ela, e tem-lhe mais amor do que à própria vida, no tanto que ela profundamente o odeia, e d'ele foge como foge um grou de um falcão. E todavia houve já tempos em que sucedia o contrário: tinha-lhe ela amor, ele à donzelas um ódio de morte.</p>	<p>em despeito e cólera, Angélica reconheceu logo o filho do duque Aymon. [– Reinaldo está Esta apaixonado por ela, e tem-lhe mais amor do que á própria vida, no tanto que ela mas Angélica profundamente o odeia, e d'ele foge foge dele como foge um grou de um falcão a pomba foge de gavião. E todavia houve já tempos em que sucedia o contrário: tinha-lhe ela amor, ele à donzelas um ódio de morte.</p>	<p>em despeito e cólera, Angélica reconheceu logo o filho do duque Aymon. Reinaldo está apaixonado por ela, e tem-lhe mais amor do que à própria vida, —mas Angélica o odeia, e foge dele como a pomba foge de gavião. E todavia houve já tempos em que sucedia o contrário: tinha-lhe ela amor, ele à donzelas um ódio de morte.</p>
<p>78-A causa d'aquela recíproca mudança está em duas fontes cujas águas desfrutam virtudes opostas. Destas duas fontes, ambas em Ardenne e com uma pequenina distância a separá-las, uma tem nas águas o condão de suscitar a flux nos corações a mais impetuosa ardência de amor: - quem pelo contrário, acerta de beber na outra, fica de tal ardência curado, e transformado em gelo o que era fogo amoroso. Reinaldo que bebeu da primeira está hoje consumido de amor; da segunda bebeu Angélica, e aí esta agora o motivo do seu ódio e da sua esquivança.</p>	<p>78. A causa d'aquela recíproca da mudança está em duas fontes cujas águas desfrutam possuem virtudes opostas. Destas duas fontes, ambas em Ardenne e com uma pequenina distância a separá-las, uma tem nas águas o condão de suscitar a flux nos corações a mais impetuosa ardência de amor: quem pelo contrário, acerta de beber na outra, fica de tal ardência curado, e transformado Uma provoca nos corações o mais ardente amor. A outra porém, transforma em gelo o que era fogo amoroso. Reinaldo que bebeu da primeira, e está hoje consumido de amor; da segunda bebeu Angélica, e é todo ódio e aí esta agora o motivo do seu ódio e da sua esquivança.</p>	<p>A causa da mudança está em duas fontes cujas águas possuem virtudes opostas. Uma provoca nos corações o mais ardente amor. A outra porém, transforma em gelo o que era fogo amoroso. Reinaldo bebeu da primeira, e está hoje consumido de amor; da segunda bebeu Angélica, e é todo ódio.</p>
<p>79-Aquela água, em que há misturado um veneno secreto, que transforma em ódios as paixões de amor, faz com que os serenos olhos de Angélica se turvem subitamente quando Reinaldo, se lhe depara em frente. Com a voz trêmula e a tristeza espelhada no rosto, suplica ela a Sacripante e encarecidamente lhe pede para sem mais delongas fugirem ambos, antes que deles se aproxime o recém-chegado guerreiro.</p>	<p>79. Aquela água, em que há misturado um veneno secreto, que transforma em ódios as paixões de amor, faz com que Assim, os serenos olhos de Angélica se turvem turvam subitamente quando vê Reinaldo, se lhe depara e em frente erra com a voz trêmula e a tristeza espelhada no rosto, suplica ela a Sacripante e encarecidamente lhe pede para sem mais delongas fugirem ambos, antes que deles se aproxime o recém-chegado o ex-amado guerreiro.</p>	<p>Assim, os serenos olhos de Angélica se turvam subitamente quando vê Reinaldo, e com a voz trêmula e a tristeza espelhada no rosto, suplica a Sacripante para sem mais delongas fugirem ambos, antes que se aproxime o ex-amado</p>
<p>80-Pelo que vejo, respondeu o Sarraceno, em tão pequena conta me haveis, que me julgais incapaz de vos defender. Já vos não recordareis das batalhas de Albraca? nem tão pouco d'aquela noite em que, por</p>	<p>80. [Pelo que vejo, respondeu o Sarraceno, em tão pequena conta me haveis, que me julgais incapaz de vos defender. ! Já vos não recordareis das batalhas de Albraca? nem tão pouco d'aquela noite em</p>	<p>Pelo que vejo, respondeu o Sarraceno, em pequena conta me haveis, que me julgais incapaz de vos defender! Já vos não recordareis das batalhas de Albraca? nem d'aquela noite em que, por vosso</p>

vosso respeito, lograrei sozinho e desarmado resistir a todos os guerreiros de Agricane?	que, por vosso respeito, lograrei sozinho e desarmado resistir a todos os guerreiros de Agricane?	respeito, lograrei sozinho e desarmado resistir a todos os guerreiros de Agricane?
81-Não lhe responde Angélica, nem mesmo sabe o que faça, porque já Reinaldo vem chegando perto d'ela, Reinaldo que rompeu logo em ameaças contra o sarraceno, apenas deu com a vista no seu próprio corcel e reconheceu a Angélica fisionomia de quem tão amoroso incêndio lhe acendera no peito. Mas... no capítulo seguinte veremos o que se passou entre dois soberbos guerreiros.	81. Não lhe responde Angélica, nem mesmo sabe o que faça, porque já Reinaldo vem chegando perto d'ela, Reinaldo que rompeu logo em ameaças contra o sarraceno, apenas deu com a vista no seu próprio corcel e reconheceu a Angélica fisionomia de quem tão amoroso incêndio lhe acendera no peito. Mas... no capítulo seguinte veremos o que se passou entre dois soberbos guerreiros.	Supressão

Capítulo II

A	B	C
1-Que injusto que tu és, Amor! Porque será que tão raras vezes correspondeste aos nossos desejos? Porque será que te comprazes pífido em lançar a discórdia nos corações? Porque será que, em vez de nos deixares atravessar um regato límpido e manso, nos arrastas para um sorvedouro sombrio e profundo? Porque será que nos afastas d'aquilo em que se deleita o nosso coração, querendo que amemos e adoremos quem nos odeia?	1. Que injusto que tu és, Amor! Porque será que tão raras vezes correspondeste aos nossos desejos? Porque será que te comprazes pífido em lançar a discórdia nos corações? Porque será que, em vez de nos deixares atravessar um regato límpido e manso, nos arrastas para um sorvedouro sombrio e profundo? Porque será que nos afastas d'aquilo em que se deleita o nosso coração, querendo que amemos e adoremos quem nos odeia?	Supressão
2-És tu, Amor, que fazes com que Angélica pareça formosa a Reinaldo, e este lhe pareça a ela feio e desagradável. No tempo em que se lhe afigurava formoso e lhe inspirava extremos, acontecia então ser ele quem a odiava com todas as faculdades de sua alma. E agora é Reinaldo que debalde se aflige e padece tormentos. Paga mais proporcionada ao débito nunca se viu! A versão que Angélica sente pelo seu adorador é tal que antes morrer do que vir a pertencer-lhe.	2. És tu, Amor, que fazes com que Angélica pareça formosa a Reinaldo, e este lhe pareça a ela feio e desagradável. No tempo em que se lhe afigurava formoso e lhe inspirava extremos, acontecia então ser ele quem a odiava com todas as faculdades de sua alma. E agora é Reinaldo que debalde se aflige e padece tormentos. Paga mais proporcionada ao débito nunca se viu! A versão que Angélica sente pelo seu adorador é tal que antes morrer do que vir a pertencer-lhe.	Supressão

<p>3-No tom do mais acentuado orgulho, dirige Reinaldo estas palavras a Sacripante: -“ Desce, ladrão; desce do meu cavalo! Se cuidas que estou habituado a consentir me tirem o que me pertence... fica sabendo que, bem pelo contrário, costume fazer pagar caríssimos esses atrevimentos. Nem tão pouco julgues que te permito levares tu essa dama em tua companhia. A um ladrão, como tu, não compete uma dama tão ilustre nem um corcel tão brioso”.</p>	<p>3-No tom do mais acentuado violento orgulho, dirige diz Reinaldo estas palavras a Sacripante: [- “Desce, ladrão; desce do meu cavalo! Se cuidas que Não estou habituado a consentir me tirem o que é meu e, me pertence... fica sabendo que, bem pelo contrário, costume fazer pagar caríssimos muito caro esses atrevimentos. Nem tão pouco julgues que te permito levares tu essa dama em tua companhia. A um ladrão, como tu, não compete uma dama tão ilustre nem um corcel tão brioso”.</p>	<p>No tom do mais violento orgulho, diz Reinaldo a Sacripante: [- Desce, ladrão; desce do meu cavalo! Não estou habituado a consentir me tirem o que é meu e, costume fazer pagar muito caro esses atrevimentos. Nem tão pouco julgues que te permito levares essa dama em tua companhia. A um ladrão, como tu, não compete uma dama tão ilustre nem um corcel tão brioso.</p>
<p>4-Responde-lhe, não menos altivo, o sarraceno: - “Chamares-me ladrão, é mentir. Quem tal te chamasse é que (segundo ouço a fama apregoar) não andaria longe da verdade. Provar podemos nós aqui agora qual dos dois é mais digno ficar possuindo esta dama e este corcel, se - bem que a respeito d’ela concorde eu contigo em que nada n’este mundo se lhe pode comparar.”</p>	<p>4- Responde-lhe, não menos altivo, o sarraceno: [- “Chamares-me ladrão, é mentir., Quem mais quem tal te chamasse é que (segundo ouço a fama) apregoar) não andaria longe da verdade. Provar Mas provar podemos nós aqui agora qual dos dois é mais digno de ficar posuindo esta com a dama e o este corcel., - se bem que a respeito d’ela concorde eu contigo em que nada n’este mundo se lhe pode comparar.”</p>	<p>Responde-lhe, não menos altivo, o sarraceno: [- Chamar-me ladrão, é mentir, mais quem tal te chamasse (segundo ouço a fama) não andaria longe da verdade. Mas provar podemos agora qual dos dois é mais digno de ficar com a dama e o corcel.</p>
<p>5-Imaginem-se dois cães raivosos, que, excitados pelo ciúme ou pelo ódio, se investem arreganhando os dentes, esbogalhando os olhos, eriçando medonhos os pêlos do dorso, e finalmente esmordaçando-se com ardente fúria: - é assim que Sacripante e Reinaldo acabam por converter em golpes de espada os gritos e as afrontas.</p>	<p>5- Imaginem-se Como dois cães raivosos, que, excitados pelo ciúme ou pelo ódio, se investem-se arreganhando os dentes, esbogalhando os olhos, eriçando medonhos os pêlos do dorso, e finalmente esmordaçando-se com ardente fúria: é assim que Sacripante e Reinaldo acabam por converter em golpes de espada os gritos e as afrontas. os dois guerreiros.</p>	<p>Como dois cães raivosos, excitados pelo ciúme ou pelo ódio, investem-se os dois guerreiros.</p>
<p>6-A pé está um d’eles, e a cavalo o outro. Que vantagem pensa o leitor então que o sarraceno tem com isso! Nenhuma absolutamente, pois que, para melhor dizer, na situação em que se acha, vale menos que o mais inexperto pagem! E o motivo está em que Baiardo, o brioso corcel, instintivamente se recusava a prejudicar seu dono: nem com as rédeas, nem com as esporas, lograva Sacripante fazê-lo obedecer.</p>	<p>6- A pé está um d’eles, e Um está a pé, outro. a cavalo e outro. Que vantagem pensa o leitor então que o sarraceno tem com isso! Nenhuma absolutamente, pois que, Mas de nada valia o Sacripante estar montado, para melhor dizer, na situação em que se acha, vale menos que o mais inexperto pagem! E o motivo está em que porque Baiardo, Bayardo, o brioso corcel, instintivamente se recusava a prejudicar seu dono: nem com as</p>	<p>Um está a pé, outro, a cavalo. Mas de nada valia o Sacripante estar montado, porque Baiardo, o brioso corcel, instintivamente se recusava a prejudicar seu dono: nem com as rédeas, nem com as esporas, lograva o sarraceno fazê-lo obedecer. Empacava, corcoveava, escoiceava e</p>

	<p>rédeas, nem com as esporas, lograva Sacripante o sarraceno fazê-lo obedecer. Empacava, corcoveava, escoiceava e</p>	
<p>7-Queria o circassiano fazê-lo avançar? parava. Queria sopeá-lo? galopava ou trotava. Logo depois... baixava a cabeça... levantava a garupa... e era coice que fervia! Percebendo então não ser aquele o momento azado para domar semelhante fera, Sacripante resolve apear-se.</p>	<p>7. Queria o circassiano fazê-lo avançar? parava. Queria sopeá-lo? galopava ou trotava. Logo depois... baixava a cabeça... levantava a garupa... e era coice que fervia! Percebendo então não ser o momento impróprio aquele o momento azado para domar semelhante fera, Sacripante resolve apear-se. O combate começa.</p>	<p>Queria o circassiano fazê-lo avançar? parava. Queria sopeá-lo? galopava ou trotava. Logo depois... baixava a cabeça... levantava a garupa... e era coice que fervia! Percebendo então não ser o momento impróprio para domar semelhante fera, Sacripante resolve apear-se. O combate começa.</p>
<p>8-E, conseguindo assim ver-se livre da invencível fúria de Baiardo, o sarraceno deu princípio a um combate realmente digno do seu valente rival. Retinem, cruzando-se no ar, as espadas dos dois campeões: quem tal presenciasse, diria menos violento e mais tardonho o martelo de Vulcano quando nas fumegantes forjas bate na bigorna os raios de Júpiter.</p>	<p>8. E, conseguindo assim ver-se livre da invencível fúria de Baiardo, o sarraceno deu princípio a um combate realmente digno do seu valente rival. Retinem, cruzando-se no ar, as espadas dos dois heróis. campeões: quem tal presenciasse, diria menos violento e mais tardonho o martelo de Vulcano quando nas fumegantes forjas bate na bigorna os raios de Júpiter.</p>	<p>Retinem as espadas dos dois heróis.</p>
<p>9-Ora em fintas, ora em golpes diretos, os dois contendores mostram-se ambos exímios no jogo das armas; ora avançando com altivez um para o outro, ora negando-se; aqui descobrindo-se acolá pondo-se em guarda; já investindo, já simplesmente parando os golpes do adversário; e, em todo o caso, espreitando ambos o ensejo de levar a melhor n'aquele duelo.</p>	<p>9. Ora em fintas, ora em golpes diretos, os dois contendores mostram-se ambos exímios no jogo das armas; ora avançando com altivez um para o outro, ora negando-se; aqui descobrindo-se acolá pondo-se em guarda; já investindo, já simplesmente parando os golpes do adversário; e, em todo o caso, espreitando ambos o ensejo de levar a melhor n'aquele duelo.</p>	<p>Ora em fintas, ora em golpes diretos, mostram-se exímios no jogo das armas;</p>

<p>10-Por fim Reinaldo cai com todo o peso de sua espada sobre Sacripante. Ao golpe de Reinaldo opõe o adversário o seu escudo de osso forrado por uma lâmina d' aço de finíssima têmpera. Apesar porém de espesso, abre-o em dois a espada de Orlando, e o faz voar em hastilhas; ressoa a floresta com o fragor do golpe, que deixa meio derreado o braço do sarraceno.</p>	<p>10. Por fim por fim Reinaldo cai com todo o peso de sua espada sobre Sacripante- , rompe-lhe o escudo, Ao golpe de Reinaldo opõe o adversário o seu escudo de osso forrado por uma lâmina d' aço de finíssima têmpera. Apesar porém de espesso, abre-o em dois a espada de Orlando, e o faz voar em hastilhas; estilhas. ressoa a floresta com o fragor do golpe, que deixa meio derreado o braço do sarraceno.</p>	<p>por fim Reinaldo cai com todo o peso de sua espada sobre Sacripante, rompe-lhe o escudo, e o faz voar em estilhas.</p>
<p>11-Quando a tímida donzela repara no resultado medonho d' este violentíssimo golpe, prestes se lhe transtorna a serenidade fisionômica, tal qual sucede a um condenado ao aproximar-se do suplício. E considera então que só lhe resta o alvitre de fugir, uma vez que não queira ficar sendo a presa de Reinaldo, d'aquele Reinaldo que ela tanto odiava, enquanto ele correspondia a esse ódio com tão ardente amor.</p>	<p>11. Quando a A tímida donzela repara no notando o resultado medonho d' este violentíssimo golpe, prestes se lhe pressente transtorna a serenidade fisionômica, tal qual sucede a um eondenado ao aproximar se do suplício. E considera então que só lhe resta o a fuga, caso alvitre de fugir, uma vez que não queira ficar sendo a presa de Reinaldo escapar d'aquele Reinaldo que que tanto a amava e que ela tanto odiava . ; enquanto ele correspondia a esse ódio com tão ardente amor.</p>	<p>A tímida donzela notando o resultado medonho d' este violentíssimo golpe, pressente que só lhe resta a fuga, caso queira escapar d'aquele Reinaldo que tanto a amava e que ela tanto odiava.</p>
<p>12-Virando de rédea, e metendo o cavalo a galope na selva espessa, por um carreiro estreito e áspero, Angélica vai de quando em quando olhando para trás, muito pálida, com a desconfiança de que Reinaldo venha atrás d'ela perseguindo-a. N' isto... quando pequena distância tinha ainda percorrido... depara-se-lhe n'um vale um eremita de barba crescida até meio do peito, aspecto venerável e devoto.</p>	<p>12. Virando de rédea, e metendo o cavalo a galope na selva espessa, por um carreiro estreito e áspero, Angélica foge, vai de quando em quando olhando para trás, muito pálida, com a na desconfiança de que Reinaldo a venha atrás d'ela perseguindo-a . E vai correndo até que se lhe N' isto... quando pequena distância tinha ainda percorrido... depara-se-lhe n'um vale um eremita de barba crescida até meio do peito, aspecto venerável e devoto. longas barbas brancas, a</p>	<p>Virando de rédea, e metendo o cavalo a galope na selva espessa, por um carreiro áspero, Angélica foge, olhando para trás, na desconfiança de que Reinaldo a venha perseguindo. E vai correndo até que se lhe depara n'um vale um eremita de aspecto venerável e longas barbas brancas, a</p>

<p>13-Macerado pelos anos e pelos jejuns, caminhava ele vagarosamente montado n'um jumento. Dir-se-ia, ao vê-lo, um tipo excepcional de consciência escrupulosa e severa, como em pessoa viva não seria possível encontrar. Quando ele atentou nas formosas feições da donzela, que lhe ia ao encontro, - apesar de velho e debilitado, sentiu alvoreçarem- n'os vivos sentimentos de caridade.</p>	<p>13. Macerado pelos anos e pelos jejuns, caminhava ele vagarosamente montado n'um jumento. Dir se ia, ao vê lo, um tipo excepcional de consciência escrupulosa e severa, como em pessoa viva não seria possível encontrar. Quando ele o eremita atentou nas formosas feições da linda donzela, que lhe ia ao encontro, - apesar de velho e debilitado, sentiu-se alvoreçarem n'os alvoreçado de vivos sentimentos de caridade.</p>	<p>caminhar vagarosamente montado n'um jumento. Quando o eremita atentou nas feições da linda donzela, apesar de velho, sentiu-se alvoreçado de vivos sentimentos de caridade.</p>
<p>14-Angélica, dirigindo-se ao eremita, pergunta-lhe qual o caminho por onde lhe cumpra seguir, que a leve a porto marítimo, - visto que seu fito resumia-se agora em sair de França, para nunca mais ouvir falar de Reinaldo. O monge, que era entendido em práticas nigromânticas, desfaz-se todo em palavras de animação para com a donzela, prometendo-lhe que prontamente a livrará de qualquer perigo.</p>	<p>14. Angélica, dirigindo-se ao eremita, a ele e pergunta-lhe qual o que caminho, por onde lhe cumpra seguir, que a leve a porto marítimo, - visto que seu fito resumia-se sua tenção é agora em sair de França, para nunca mais ouvir falar de Reinaldo. O monge, que era entendido em práticas nigromânticas, desfaz-se todo em palavras de animação, para com a donzela, prometendo lhe à donzela que prontamente a livrará de qualquer perigo.</p>	<p>Angélica, dirigindo-se a ele e pergunta-lhe que caminho, leva a porto marítimo, visto que sua tenção é agora sair de França, para nunca mais ouvir falar de Reinaldo. O monge, que era entendido em práticas nigromânticas, desfaz-se em palavras de animação, prometendo à donzela que prontamente a livrará de qualquer perigo.</p>
<p>20-Espanto causará talvez que Reinaldo montasse agora com tanta facilidade no seu corcel Baiardo quando poucos dias antes andava inutilmente correndo atrás d'ele sem poder mesmo lançar-lhe as mãos à rédea. Advirta-se, porém, que Baiardo possuía uma inteligência finíssima; obrigando o seu dono a percorrer uma tão grande distância, o cavalo tivera simplesmente em mira aproximá-lo de Angélica, por quem Reinaldo andava soltando tantos suspiros.</p>	<p>20. Espanto causará talvez Talvez causará espanto que Reinaldo montasse agora no seu corcel agora com tanta facilidade, no seu corcel Baiardo, quando poucos dias antes andava inutilmente correndo atrás d'ele. sem poder mesmo lançar-lhe as mãos à rédea. Advirta-se, porém, É que Baiardo Bayardo possuía uma inteligência finíssima; e obrigando o seu dono a percorrer uma tão grande distância, o cavalo tivera simplesmente em mira procurava apenas aproximá-lo de Angélica, por quem Reinaldo andava vivia soltando tantos suspiros.</p>	<p>Talvez causará espanto que Reinaldo montasse agora no seu corcel com tanta facilidade, quando poucos dias antes andava inutilmente correndo atrás d'ele. É que Bayardo possuía uma inteligência finíssima e obrigando o dono a percorrer uma tão grande distância, o cavalo procurava apenas aproximá-lo de Angélica, por quem Reinaldo vivia soltando suspiros.</p>

<p>21. Quando ela fugira do pavilhão, bem a tinha visto Baiardo, e bem lhe espreitara os passos, livre e solto como então estava (por d'ele haver-se apeado Reinaldo para combater com um valoroso barão); e por fim seguira-lhe de longe as pisadas, - tudo no ardente empenho de vir a entregá-la em mãos de quem tanto a adorava.</p>	<p>21. Quando ela fugira do pavilhão, bem a tinha visto Baiardo, e bem lhe espreitara os passos, livre e solto como então estava (por d'ele haver-se apeado Reinaldo para combater com um valoroso barão); e por fim seguira-lhe de longe as pisadas, tudo no ardente empenho de vir a entregá-la em mãos de quem tanto a adorava.</p>	<p>Supressão</p>
<p>22-Depois, desejando chamar o dono para o sitio em que Angélica estava, foi sair-lhe ao caminho, através da grande floresta, mas sem deixar - se montar, com receio de que Reinaldo o obrigasse a galopar n'outro sentido. E assim logrou fazer com que Reinaldo por duas vezes encontrasse Angélica, sem d'aqui lhe resultar todavia vantagem alguma, porquanto da primeira vez lhe embargara os passos Ferragudo e na segunda o circassiano (como dito fica).</p>	<p>22. Para isso Depois, desejando chamar o dono para o sitio em que Angélica estava, foi sair-lhe ao caminho, através da grande floresta, mas e fazia-se perseguir, sem se deixar se montar, com receio de que Reinaldo o obrigasse a galopar n'outro noutro sentido. E assim logrou fazer em que Reinaldo por duas vezes encontrasse Angélica, sem d'aqui lhe resultar todavia sem vantagem alguma, porquanto porém, porque da primeira vez lhe embargara os passos Ferragudo e na da segunda o circassiano. (como dito fica)-</p>	<p>Para isso saia-lhe ao caminho, e fazia-se perseguir, sem se deixar montar, com receio de que Reinaldo o obrigasse a galopar noutro sentido. E assim logrou fazer que Reinaldo por duas vezes encontrasse Angélica, sem vantagem porém, porque da primeira vez lhe embargara os passos Ferragudo e da segunda o circassiano.</p>
<p>23-Agora o Demônio, que tinha dado a Reinaldo falsas indicações acerca do destino de Angélica, trazia também enganado o inteligente corcel. Baiardo, oferecendo-se dócil aos manejos do frenético e amoroso cavaleiro, deixa-se ir correndo a toda a brida, caminho de Paris. O desejo, que vai n'alma de Reinaldo, é por tal forma impaciente, que talvez morosa lhe pareceria a carreira, quando mesmo em lugar de um rápido corcel, o transportasse o vento!</p>	<p>23. Agora, entretanto o Demônio, que tinha dado a Reinaldo falsas indicações acerca do destino de Angélica, trazia também enganado o inteligente corcel. Baiardo, oferecendo-se dócil aos manejos do frenético e amoroso cavaleiro, deixa-se ir correndo a toda a brida, caminho de Paris. O desejo, que vai n'alma de Reinaldo é por tal forma impaciente, que talvez morosa lhe pareceria a carreira quando mesmo em lugar de um rápido corcel, o transportasse o vento!</p>	<p>Agora, entretanto, o Demônio que tinha dado a Reinaldo falsas indicações acerca do destino de Angélica, trazia também enganado o inteligente corcel. Baiardo, oferecendo-se aos manejos do amoroso cavaleiro, deixa-se ir correndo a toda a brida, caminho de Paris.</p>
<p>24-De noite suspende ele a jornada, na idéia de encontrar-se com o senhor de Anglante, crente como estava em que lhe falara verdade o mentiroso mensageiro do sagaz nigromante; mas, logo que amanhece...ei-lo de novo a galopar incansável! nem pára um momento enquanto se lhe não descobrem à vista os plainos parisienses, onde o rei Carlos, depois de vencido e derrotado, se acolhera com as relíquias do seu exército.</p>	<p>24. De noite suspende ele a jornada, na com idéia de encontrar-se com o senhor de Anglante, crente como estava em de que lhe falara a verdade o mentiroso mensageiro do sagaz nigromante; mas, logo que amanhece... ei-lo de novo a galopar incansável! nem pára um momento enquanto se lhe não descobrem E só pára quando alcança a planície à vista os plainos parisienses, onde o rei Carlos Magno, depois de vencido, e derrotado, se acolhera com os restos as relíquias do seu exército.</p>	<p>De noite suspende ele a jornada, com idéia de encontrar-se com o senhor de Anglante, crente de que lhe falara a verdade o mentiroso mensageiro do nigromante; mas, logo que amanhece... ei-lo de novo a galopar incansável! E só pára quando alcança a planície parisiense, onde Carlos Magno, depois de vencido, se acolhera com os restos do seu exército.</p>

<p>25-Receoso de que viesse o Rei d'África oferecer-lhe batalha ou por lhe cerco, tratava Carlos de reunir um corpo bom de guerreiros e abastecer-se de mantimentos, reparar suas muralhas e guarnecer-se de trincheiras. E n'este sentido fez sem delongas tudo quanto lhe pareceu conveniente. Ocorreu-lhe mesmo reclamar de Inglaterra tropas que o coadjuvassem.</p>	<p>25. Receoso de que viesse o Rei d'África oferecer-lhe batalha, ou por-lhe cerco, tratava Carlos Magno de reunir um corpos, bom de guerreiros e abastecer-se de mantimentos, reparar suas muralhas e guarnecer-se abrir de trincheiras. E n'este sentido fez sem delongas tudo quanto lhe pareceu conveniente. Ocorreu-lhe, mesmo também, reclamar de Inglaterra tropas que o coadjuvassem. de auxílio.</p>	<p>Receoso de que viesse o Rei d'África oferecer-lhe batalha, tratava Carlos Magno de reunir corpos de guerreiros e abastecer-se de mantimentos, reparar muralhas e abrir trincheiras. Ocorreu-lhe, também, reclamar de Inglaterra tropas de auxílio.</p>
<p>26-Porque a verdade era esta: Carlos propunha-se entrar de novo em campanha e de novo tentar a sorte da guerra. Com estas idéias nomeia ele por seu delegado o cavaleiro Reinaldo, encarregando-lhe a missão de ir à Bretanha (Inglaterra se chamou depois aquele país). O paladino lastima-se de ter que empreender semelhante viagem, não por que lhe desagrade a terra a que o destinam, mas por que El-Rei lhe dá ordem de partir logo, logo, sem um dia único ter de descanso em Paris.</p>	<p>26. Porque a verdade era esta: Carlos Magno propunha-se entrar de novo em campanha e de novo a tentar de novo a sorte da guerra. Com estas idéias nomeia ele por seu delegado o cavaleiro Reinaldo, encarregando-lhe dando-lhe a missão de ir à Bretanha que é como se chamava (Inglaterra se chamou depois aquele país). naquele tempo. O paladino lastima-se de ter que empreender semelhante viagem, não por que lhe desagrade a terra a que o destinam, mas por que El-Rei lhe dá ordem de partir logo, logo, sem um dia único ter de descanso em Paris.</p>	<p>Porque a verdade era esta: Carlos Magno propunha-se a tentar de novo a sorte da guerra. Com estas idéias nomeia seu delegado o cavaleiro Reinaldo, dando-lhe a missão de ir à Bretanha que é como se chamava Inglaterra naquele tempo.</p>
<p>27-Nunca houve cousa que Reinaldo com menos vontade fizesse. O cumprimento da ordem régia importava a impossibilidade de ir em busca do formosíssimo rosto, que tão apaixonado o tornava. Mas, por obedecer a Carlos, pôs-se imediatamente a caminho; e, horas depois, achava-se em Calais, d'onde n'esse mesmo dia embarcou em direção à costa da Bretanha.</p>	<p>27. Nunca houve cousa que Reinaldo com menos vontade fizesse. fizesse com menos vontade. O cumprimento da ordem régia importava a impossibilidade de ir em busca do formosíssimo rosto, que tão apaixonado o tornava. Mas, por obedecer a Carlos, pôs-se imediatamente a caminho; e, horas depois, achava-se em Calais, d'onde e n'esse mesmo dia embarcou em direção à costa da para a Bretanha.</p>	<p>Nunca houve cousa que Reinaldo fizesse com menos vontade. Mas, pôs-se imediatamente a caminho; e, horas depois, achava-se em Calais, e nesse mesmo dia embarcou para a Bretanha</p>
<p>28-Não houve marinheiro que não tentasse dissuadi-lo de temeridade semelhante, visto que a profunda agitação do mar anunciava uma terrível tormenta. Mas o desejo vivíssimo de cumprir prestes a sua missão, para</p>	<p>28. Não houve marinheiro que não tentasse dissuadi-lo de tamanha temeridade semelhante, visto que a profunda agitação do mar anunciava var-se uma terrível tormenta. Mas o desejo vivíssimo de cumprir</p>	<p>Não houve marinheiro que não tentasse dissuadi-lo de tamanha temeridade, visto anunciar-se uma terrível tormenta. Mas o desejo vivíssimo de cumprir a sua missão, e regressar quanto antes fê-lo teimar no</p>

<p>também prestes estar de volta fez com que Reinaldo teimasse no seu desígnio. Embarcou: e logo o vento, como indignado ante a desdenhosa teimosia do guerreiro, desencadeou a tempestade, alcantilando raivosamente as vagas em torno do navio.</p>	<p>prestes a sua missão, para também prestes estar de volta fez com que Reinaldo e regressar quanto antes fê-lo teimasse no seu desígnio. propósito. Embarcou, e logo o vento, como indignado com a ante a desdenhosa teimosia do guerreiro, desencadeou furosíssima a tempestade, alcantilando raivosamente as vagas em torno do navio.</p>	<p>propósito. Embarcou, e logo o vento, indignado com a teimosia do guerreiro, desencadeou furosíssima a tempestade.</p>
<p>29-Cautelosos e experimentados, os tripulantes tratam de amainar as velas, e pensam mesmo em virar de bordo, em volver ao porto d'onde tão inoportunamente haviam levantado ferro. O vento parecia dizer-lhes: - "Não serei eu que tolere semelhante audácia da vossa parte". E, em corroboração d'este aviso, ei-lo assobiando e roncando, ei-lo oferecendo-lhes a ameaça de um naufrágio, caso tentem afrontar-lhe as iras.</p>	<p>29. Cautelosos e experimentados, os tripulantes tratam de amainar as velas, e pensam mesmo em virar de bordo, em volver ao porto d'onde tão inoportunamente haviam levantado ferro. O vento parecia dizer lhes: "Não serei eu que tolere semelhante audácia da vossa parte." E, em corroboração d'este aviso, ei-lo assobiando e roncando, ei-lo oferecendo-lhes a ameaça de um naufrágio, caso tentem afrontar-lhe as iras.</p>	<p>Supressão.</p>
<p>30-Dobra e redobra de violência aquele medonho temporal. Com as velas, colhidas os marinheiros bordejando deixam ir o navio caminho do mar alto... Deixemos entretanto por um pouco o valoroso Reinaldo a lutar contra a fúria dos elementos; e falemos de Bradamante.</p>	<p>30. Dobra e redobra de violência aquele medonho temporal. Com as velas colhidas, os marinheiros bordejando, deixam ir o navio caminho do mar alto... Deixemos entretanto por um pouco o valoroso Reinaldo a lutar contra a fúria dos elementos; e falemos de Bradamante.</p>	<p>Deixemos o valoroso Reinaldo a lutar contra a fúria dos elementos; e falemos de Bradamante.</p>
<p>31-Bradamante se chamava a inclita donzela por quem foi derrubado o rei Sacripante. Digna irmã de Reinaldo, era filha do duque Aymon e de Beatriz. Sua grande valentia e assombrosa coragem, por freqüentes vezes demonstrada na presença de Carlos e de toda a França, hobreavam na reputação com o afamado valor do bravo Reinaldo.</p>	<p>31. Bradamante, se chamava a inclita donzela por quem foi derrubado o rei Sacripante. Digna digna irmã de Reinaldo, era filha do duque Aymon e de Beatriz. Sua grande valentia e assombrosa coragem, por freqüentes vezes demonstrada na presença de Carlos Magno e de toda a França, hobreavam na reputação com o afamado valor do bravo Reinaldo.</p>	<p>Bradamante, digna irmã de Reinaldo, era filha do duque Aymon e de Beatriz. Sua assombrosa coragem, por vezes demonstrada na presença de Carlos Magno e de toda a França, hobreava com o afamado valor do Reinaldo.</p>

<p>32- Amada por um cavaleiro que d'África viera em companhia do rei Agramante (e que provinha dos amores entre Rogério e a desditosa filha de Agolante), - Bradamante, que não possuía a índole ferina de um urso nem de um leão, sentiu-se atraída para esse que apaixonadamente a requestava. Verem-se a falarem com o outro, eis o que a fortuna porém só ainda uma vez lhes tinha permitido.</p>	<p>32. Amada por um cavaleiro que d'África viera d'África em companhia do rei Agramante (e que provinha dos amores entre Rogério e a desditosa filha de Agolante); Bradamante, a donzela guerreira, que não possuía a índole ferina de um urso nem de um leão, sentiu-se atraída para esse que quem apaixonadamente a requestava. Verem-se a falarem com o outro, eis o que a fortuna porém só ainda uma vez lhes tinha permitido. sido possível.</p>	<p>Amada por um cavaleiro que viera d'África em companhia do rei Agramante, a donzela guerreira, que não possuía a índole de um urso nem de um leão, sentiu-se atraída para quem apaixonadamente a requestava. Verem-se a falar um com o outro, só uma vez lhes tinha sido possível.</p>
<p>33-E lá andava Bradamante em busca do apaixonado (Reinaldo se chamava ele também como seu pai): caminhava sozinha, mas tão segura, tão confiada em si, como se para guardá-la a escoltassem mil esquadrões. O que ela fez ao rei da Circassia, já os leitores sabem. Depois d'isso, prosseguindo em seu caminho, Bradamante atravessou uma floresta, galgou um dos montes limítrofes, e chegou por fim a uma nascente d'água.</p>	<p>33. E lá andava Bradamante em busca do apaixonado (Reinaldo se chamava ele também como seu pai): caminhando sozinha, mas tão segura tão e confiada em si, como se para guardá-la a escoltassem mil esquadrões. O que ela fez ao rei da Circassia, já os leitores sabem. Depois d'isso, prosseguindo em seu caminho; Bradamante atravessou uma floresta, galgou um dos montes limítrofes, e chegou por fim a uma nascente d'água.</p>	<p>E lá andava Bradamante em busca do apaixonado caminhando sozinha, mas tão segura e confiada em si, como se a escoltassem mil esquadrões. O que ela fez ao rei da Circassia, já os leitores sabem. Depois d'isso, Bradamante atravessou uma floresta, galgou um monte e chegou a uma nascente d'água.</p>
<p>34-Esta nascente corria pelo meio de um prado á sombra de antiqüíssimo arvoredos: com o grato murmúrio de suas linfas dir-se-ia que estava ali de propósito convidando os transeuntes a beber e a descansar um pouco! Alteava-se-lhe à esquerda uma colina de terras cultivadas, que por sua parte contribuía também para amenizar as calmas do meio dia. Bradamante, apenas ali chegou, deu logo com os olhos n'um cavaleiro.</p>	<p>34. Esta nascente corria pelo-no meio de um prado à sombra de antiqüíssimo arvoredos; e com o grato murmúrio de suas linfas dir-se-ia que estava ali de propósito convidando os transeuntes a beber e a descansar um pouco! Alteava-se-lhe à esquerda uma colina de terras cultivadas, que por sua parte contribuía também para amenizar as calmas do meio dia. Bradamante, apenas ali chegou, deu logo com os olhos n'um cavaleiro. , que</p>	<p>Esta nascente corria no meio de um prado à sombra de antiqüíssimo arvoredos, e Bradamante, apenas ali chegou, deu logo com os olhos n'um cavaleiro, que</p>

<p>35-Sobranceiro ao límpido cristal da fonte, e sentado à sombra de um pequenino bosque, no chão relvoso cuja verde alcatifa esmaltavam flores de variado matiz, o cavaleiro estava silencioso e pensativo, de cabeça baixa e olhos umedecidos, denunciando cansaço e tristeza. Escudo e capacete pendiam-lhe, a pouca distância, de uma faia, cujo tronco prendera o cavalo.</p>	<p>35-Sobranceiro ao límpido cristal da fonte, e sentado à sombra de um pequenino bosque, no chão relvoso cuja verde alcatifa esmaltavam flores de variado matiz, o cavaleiro estava silencioso e pensativo, de cabeça baixa e olhos umedecidos, denunciando cansaço e tristeza. Escudo e capacete pendiam-lhe, a pouca distância, de uma faia árvore, cujo tronco prendera amarrara o cavalo.</p>	<p>estava silencioso e pensativo, de cabeça baixa e olhos umedecidos, denunciando cansaço e tristeza. Escudo e capacete pendiam-lhe, a pouca distância, de uma árvore, cujo tronco amarrara o cavalo.</p>
<p>36-O sentimento compassivo por que o gênero humano se caracteriza em referência às desventuras do próximo fez com que a donzela indagasse do cavaleiro o motivo de seus desgostos. Correspondendo à curiosidade da interrogante, e impressionado pela cortesia de suas palavras, assim como pelo aspecto valoroso e nobre de quem à primeira vista se lhe afigurou um guapíssimo guerreiro, tudo ele lhe contou.</p>	<p>36. O sentimento compassivo por que o gênero humano se caracteriza em referência às desventuras do próximo, fez com que a donzela a indagasse do cavaleiro o motivo de seus desgostos. Correspondendo à sua curiosidade, da interrogante, e impressionado pela cortesia de suas palavras, assim como e pelo aspecto valoroso e nobre de quem à primeira vista lhe afigurou princípio lhe parecera um guapíssimo, guerreiro, tudo ele lhe contou.</p>	<p>A compaixão moveu, a donzela a indagar do cavaleiro o motivo de seus desgostos. Correspondendo à sua curiosidade, e impressionado pela cortesia de suas palavras, e pelo aspecto valoroso e nobre de quem à princípio lhe parecera um guapíssimo, tudo ele contou.</p>
<p>37-Principiou assim: - “conduzia eu sob o meu comando um certo número de peões e cavaleiros em direção ao campo em que el-Rei Carlos estava à espera de Marsílio, no intuito de lhe embargar os passos ao descer das montanhas: vinha comigo uma formosa jovem, por quem ardo de amores. Quando cheguei às cercanias de Rodonna, avistei um personagem armado, que montava um cavalo com azas.</p>	<p>37. Principiou assim: “ - [Conduzia eu, disse, sob o meu comando um certo número de peões e cavaleiros em direção ao campo em que onde el-Rei Carlos Magno estava à espera de Marsílio, no intuito de lhe embargar os passos ao descer das montanhas: vinha comigo uma formosa jovem, por quem ardo de amores. Quando cheguei às cercanias perto de Rodonna, avistei um personagem armado, que montava um cavalo com azas.”</p>	<p>[Conduzia eu, disse, sob meu comando um certo número de peões e cavaleiros em direção ao campo onde el-Rei Carlos estava à espera de Marsílio, no intuito de lhe embargar os passos ao descer das montanhas: vinha comigo uma formosa jovem, por quem ardo de amores. Quando cheguei perto de Rodonna, avistei um personagem armado, que montava um cavalo com azas.</p>
<p>38-Simples mortal, ou criatura horrenda saída do Inferno, aquele salteador, apenas deu com os olhos na minha querida amante, fez como faria um falcão para agarrar a presa: lança as mãos à minha gentil companheira, e, raptando-m’a, lá vai voando com ela no tal cavalo das asas. E tão de relance aconteceu isto, que só dei pelo rapto quando senti nos ares os gritos da dama.</p>	<p>38. Simples mortal, ou criatura horrenda saída do Inferno, aquele salteador, apenas deu com os olhos na minha querida amante, fez como faria um falcão para agarrar a presa: lança as mãos arranca-m’a dos braços e à minha gentil companheira, e, raptando m’a, lá vai voando com ela no tal cavalo das asas. E Tão de relance aconteceu isto, que só dei pelo rapto quando senti ouvi nos ares os gritos da dama. minha gentil companheira.</p>	<p>Simples mortal, ou criatura horrenda saída do Inferno, aquele salteador, apenas deu com os olhos na minha querida amante, fez como faria um falcão à presa: arranca-m’a dos braços e voa com ela no tal cavalo das asas. Tão de relance aconteceu isto, que só dei pelo rapto quando ouvi nos ares os gritos da minha gentilcompanheira.</p>

<p>39. Encerrado entre montanhas, na falda de um rochedo escarpado, posso eu porventura caminhar traz de quem voa pelos ares? O próprio corcel, em que monto, acha-se tão fatigado, que mal poderá ele mover-se por caminhos ásperos e pedregosos como estes d'entorno.</p>	<p>39. Fiquei precisamente na mesma situação em que fica uma pobre galinha quando um milhafre lhe leva algum dos pintos. A desgraçada, o que é que faz? Afligir-se pela sua inadvertência, e chamá-lo de balde com seus inúteis cacarejos! Encerrado entre montanhas, na falda de um rochedo escarpado posso eu porventura caminhar traz de quem voa pelos ares? O próprio corcel, em que monto, acha-se tão fatigado, que mal poderá ele mover-se por caminhos ásperos e pedregosos como estes d'entorno.</p>	<p>Supressão.</p>
<p>40-Mas... a comoção que experimentei ao ver-me sem a minha querida beldade, foi tal que mais valera me arrancassem do peito o coração! Deixei portanto os meus guerreiros continuarem sozinhos a sua jornada. E, pelas mais praticáveis d'estas abruptas montanhas, vim eu seguindo o caminho que Amor me indicava, na direção em que me parecia houvesse o raptador conduzido aquela que é a alegria e o consolo da minha alma.</p>	<p>40.—Mas... a A comoção que experimentei ao ver-me sem a minha querida beldade, assim roubado foi tal, que mais valera me arrancassem do peito o coração! Deixei portanto os meus guerreiros continuarem sozinhos a sua jornada., E, pelas mais praticáveis e por d'estas abruptas brutas montanhas, vim eu seguindo o caminho que Amor me indicava, na direção em que me parecia eu houvesse o raptador salteador conduzido aquela que é a alegria e o consolo da minha alma.</p>	<p>A comoção que experimentei ao ver-me, assim roubado foi tal, que mais valera me arrancassem do peito o coração! Deixei portanto os meus guerreiros continuarem sozinhos a sua jornada, e por estas brutas montanhas, vim seguindo o caminho que Amor me indicava, na direção em que me pareceu houvesse o salteador conduzido a alegria e o consolo da minha alma.</p>
<p>41-Seis dias andei eu sem descansar, através de escarpados penhascos, e à beira de precipícios horríveis, sem vereda encontrar, nem vestígios de pisada humana. Por fim cheguei a um vale inulto e selvático, circundado por abruptas penedias e grutas medonhas. Em meio d'esse vale, sobre uma rocha, erguia-se um castelo de formoso aspecto e admiravelmente fortificado.</p>	<p>41- Seis dias andei eu sem descansar, através de escarpados penhascos, e à beira de precipícios horríveis, sem vereda encontrar, nem vestígios de pisada humana. Por fim cheguei a um vale inulto e selvático, circundado por de abruptas penedias e grutas medonhas. Em meio d'esse vale, sobre uma rocha, erguia-se um castelo de formoso aspecto. e admiravelmente fortificado.</p>	<p>Seis dias andei sem descansar, através de penhascos, e à beira de precipícios horríveis, sem encontrar vestígios de pisada humana. Por fim cheguei a um vale inulto e circundado de abruptas penedias e grutas medonhas. Em meio d'esse vale, sobre uma rocha, erguia-se um castelo de formoso aspecto.</p>

<p>42-Visto de longe, figurava-se-me brilhar como se fora uma chama; nem tijolo, nem mármore parecia que entravam na sua construção. Quanto mais me aproximava de tão resplendentes muralhas, mais aquela fabrica se me antolhava bela e maravilhosa. Mais tarde vim eu a saber que os Demônios industriosos, movidos pelo encantamento de palavras mágicas, haviam forrado aquele bellissimo castelo com aço forjado e temperado nas águas do Estyge.</p>	<p>42. Visto de longe, figurava-se-me parecia brilhar como se fora uma chama.; nem tijolo, nem mármore, parecia que entravam na sua construção. Quanto mais me aproximava de tão resplendentes muralhas, mais aquela fabrica se me antolhava bela e maravilhosa. Mais tarde vim eu a saber que os Demônios industriosos, movidos pelo por meio de encantamentos de palavras mágicos, haviam forrado o aquele bellissimo castelo com aço forjado e temperado nas águas do Estyge., aço</p>	<p>Visto de longe, parecia brilhar como se fora uma chama. Mais tarde vim a saber que os Demônios industriosos, por meio de encantamentos mágicos, haviam forrado o castelo com aço temperado nas águas do Estyge, aço</p>
<p>43-De aço forjado e polido, tão polido que nada há capaz de o enferrujar ou de fazer-lhe perder o brilhantismo, acham-se forradas as torres todas. É ali que o raptador da minha bela vem habitualmente abrigar-se, depois de andar infestando com suas correrias as terras circunvizinhas; contra a fúria das suas devastações não há quem resista; lastimas e maldições, que podem contra ele? E lá me tem ele enclausurado o objeto do meu amor, ou, para melhor dizer, o meu próprio coração. Perdida trago a esperança de o recuperar jamais!</p>	<p>43 De aço forjado e polido, aço tão polido que nada há capaz de o enferrujar ou de fazer-lhe perder o brilhantismo, o brilho.— acham-se forradas as torres todas. É ali que o raptador da minha bela vem habitualmente abrigar-se, depois de andar infestando com suas correrias as terras circunvizinhas; contra a fúria das suas devastações não há quem resista; lastimas e maldições, que podem contra ele? E lá me tem ele enclausurado o objeto do meu amor, ou, para melhor dizer, o meu próprio coração. Perdida trago E perdida tenho a esperança de o recuperar jamais! o objeto do meu amor.</p>	<p>aço tão polido que nada há capaz de o enferrujar ou de fazer-lhe perder o brilho. É ali que o raptador da minha bela vem habitualmente abrigar-se, depois de andar infestando as terras vizinhas; contra a fúria das suas devastações não há quem resista; lastimas e maldições, que podem contra? E perdida tenho a esperança de recuperar jamais o objeto do meu amor.</p>
<p>44-Efetivamente... que posso eu mais fazer do que olhar de longe para a escarpada rocha em que o meu bem está enclausurado? Acho-me no caso da raposa que sente cá de baixo o filhito a gemer nas garras da águia, e que volteia espavorida, inconsciente, sem asas que lhe permitam subir a semelhante altura! A um penhasco d' aqueles, a um castelo por aquela forma talhado a pique, só efetivamente poderá subir quem tenha condição de voar como as aves.</p>	<p>44. Efetivamente... que posso eu mais fazer do que olhar de longe para a escarpada rocha em que o meu bem está enclausurado? Acho-me no caso da raposa que sente cá de baixo o filhito a gemer nas garras da águia, e que volteia espavorida, inconsciente, sem asas que lhe permitam subir a semelhante altura! A um penhasco d' aqueles, a um castelo por aquela forma talhado a pique, só efetivamente poderá subir quem tenha condição de voar como as aves.</p>	<p>Supressão.</p>

<p>45-Estava eu cismando no caso, quando me aparecem dois cavaleiros guiados por um anão. Esperanças que, ao encontrar-me com eles, cobrou o meu desejo, -ai de mim!- ficaram completamente baldadas. Eram dois guerreiros de grande valentia: um d' eles Gradasso, rei da Sericana; o outro, por nome Rogério, um mancebo valoroso e tido em grande conta na corte d' África.</p>	<p>45. Estava eu um dia cismando no caso, quando me aparecem dois cavaleiros guiados por um anão. Esperanças que, ao encontrar-me com eles, cobrou o meu desejo, -ai de mim!- ficaram completamente baldadas. Eram dois guerreiros de grande valentia: um d' eles Gradasso, rei da Sericana; o outro, por nome Rogério, um mancebo valoroso e tido em grande conta na corte d' África.</p>	<p>Estava um dia cismando no caso, quando me aparecem dois cavaleiros guiados por um anão. Eram dois guerreiros de grande valentia: Gradasso, rei da Sericana; o outro por nome Rogério, um mancebo valoroso e tido em grande conta na corte d' África.</p>
<p>46- - “Vêem ambos (disse-me o anão) para provarem sua valentia contra o possuidor d' este castelo, guerreiro que desfruta o estranho e inaudito condão de montar n'um quadrúpede com azas.” - Ah! senhores (exclamei eu), tende compaixão das minhas tristes circunstâncias! Se, como espero, ficardes vencedores, suplico-vos a restituição da minha dama.”</p>	<p>46. [- “ Vêem ambos, (disse-me o anão), para provarem sua valentia contra o possuidor d' este castelo, guerreiro que desfruta o estranho e inaudito condão de montar n'um quadrúpede com azas.” - “Ah! senhores (exclamei eu), tende compaixão das minhas tristes circunstâncias! sorte; se, como espero, ficardes vencedores, suplico-vos a restituição da minha dama.”</p>	<p>[- “ Vêem ambos, disse-me o anão, para provarem sua valentia contra o possuidor d' este castelo, guerreiro que desfruta o inaudito condão de montar um quadrúpede com azas.” - “Ah! senhores (exclamei eu), tende compaixão da minha triste sorte; se, como espero, ficardes vencedores, suplico-vos a restituição da minha dama.</p>
<p>47-E narrei-lhes, entre lágrimas, a maneira como ficara privado d' aquela que eu tanto amava. Prometendo auxiliar-me, começaram eles a descer a montanha alpestre e escarpada. Eu, por mim, fiquei de longe observando, e pedindo a Deus que lhes concedesse a vitória. Por baixo do castelo havia uma explanada, cuja extensão mediria duas vezes a distância a que pode atirar uma pedra a mão de um homem.</p>	<p>47. E narrei-lhes, entre lágrimas, a maneira como ficara privado d' aquela que eu tanto amava. a minha história. Prometendo auxiliar-me, começaram eles a descer a montanha alpestre e escarpada. Eu, por mim, fiquei de longe observando, e pedindo a Deus que lhes concedesse a vitória. Por baixo do castelo havia uma explanada esplanada, cuja extensão mediria duas vezes a distância a que pode atirar uma de um tiro de pedra. a mão de um homem.</p>	<p>E narrei-lhes a minha história. Prometendo auxiliar-me, começaram a descer a montanha escarpada. Eu fiquei de longe observando, e pedindo a Deus que lhes concedesse a vitória. Por baixo do castelo havia uma esplanada, cuja extensão mediria duas vezes a distância de um tiro de pedra.</p>
<p>48-Chegados que foram ambos ao pé da rocha, cada um d' eles queria ser o primeiro a travar combate. Mas, ou porque decidissem à sorte, ou porque Rogério desistisse da primazia , a verdade é que foi Gradasso quem principiou. O rei da Sericana, embocando a trombeta, fez, com os sons d' ela, retinir de baixo a cima o rochedo e o castelo. Da porta saiu logo o castelão montado no cavalo das azas.</p>	<p>48. Chegados que foram ambos ao pé da rocha, cada um d' eles queria ser o primeiro a travar combate. Mas; ou porque decidissem à sorte, ou porque Rogério desistisse da primazia , a verdade é que a sorte decidiu e foi Gradasso quem principiou. O rei da Sericana, embocando a trombeta, fez, com os sons d' ela, retinir de baixo a cima o rochedo e o castelo. Da À porta saiu logo o castelão montado no cavalo das de azas.</p>	<p>Chegados que foram ao pé da rocha, cada um d' eles queria ser o primeiro a travar combate. Mas a sorte decidiu e foi Gradasso quem principiou. O rei da Sericana, embocando a trombeta, fez retinir de baixo a cima o rochedo e o castelo. À porta saiu logo o castelão montado no cavalo de azas.</p>

<p>49-E começou pouco e pouco a elevar-se, fazendo lembrar os groues de arribação que principiam por correr, depois se elevam acima da terra uma ou duas braças, e só desenvolvem toda a rapidez do seu poderoso vôo quando conseguem tomar completamente o vento nas azas. Assim logra o nigromante subir a uma altura tal, que só águias seriam capazes de lá chegar.</p>	<p>49- E começou pouco e pouco a elevar-se, fazendo lembrar os groues de arribação que principiam por correr, depois se elevam acima da terra uma ou duas braças, e só desenvolvem toda a rapidez do seu poderoso vôo quando conseguem tomar completamente o vento nas azas. Assim logra o nigromante subir e subiu a uma altura tal, que só águias seriam capazes de lá chegar.</p>	<p>E começou pouco e pouco a elevar-se, e subiu a uma altura tal, que só águias seriam capazes de lá chegar.</p>
<p>50-Por fim, quando lhe pareceu azado o momento, fez sinal ao cavalo para fechar as azas: e ei-lo fendendo os ares a prumo, à semelhança de um falcão adestrado quando vê levantar-se lhe um pato ou um pombo. Com a lança em riste, o cavaleiro vem rompendo estrodonsamente caminho. Gradasso quase que não dá por tal (tão rápido é o descer de seu adversário!) senão depois de sentir-se ferido.</p>	<p>50- Por fim, quando lhe pareceu azado o momento, fez sinal ao cavalo para de fechar as azas: e ei-lo fendendo os ares a prumo, à semelhança de um falcão adestrado quando vê levantar-se lhe um pato ou um pombo. cai sobre uma pomba. Com a lança em riste, o cavaleiro vem rompendo estrodonsamente caminho. Gradasso quase que não dá por tal, (tão rápida é a descida, é o descer de seu adversário!) a descida, senão depois de sentir-se ferido.</p>	<p>Por fim, quando lhe pareceu o momento, fez sinal ao cavalo de fechar as azas: e ei-lo fendendo os ares a prumo, à semelhança de um falcão adestrado quando vê cair sobre uma pomba. Com a lança em riste, o cavaleiro vem rompendo estrodonsamente caminho. Gradasso quase não dá por tal, tão rápida é a descida, senão depois de sentir-se ferido.</p>
<p>51- Enquanto o mágico rompe a lança de encontro a Gradasso, este o mais que faz é esgrimir debalde contra o ar e o vento. Por sua parte o voador abre novamente as azas, e de novo se eleva. A violência do embate faz ir ao chão a vigorosa Alfana (Alfana se chamava a égua de Gradasso, uma égua formosíssima, e certamente a melhor que poderia imaginar-se).</p>	<p>51- Enquanto o mágico rompe a lança de encontro a Gradasso, este o mais que faz é esgrimir re debalde contra o ar e o vento. Por sua parte o voador abre novamente as azas, e de novo se eleva. A violência do embate faz ir ao chão a vigorosa Alfana, (Alfana se chamava a uma égua formosíssima, e certamente a melhor que poderia imaginar-se).</p>	<p>Enquanto o mágico rompe a lança de encontro a Gradasso, este esgrime debalde contra o ar e o vento. Por sua parte o voador abre novamente as azas, e de novo se eleva. A violência do embate faz ir ao chão a vigorosa Alfana, como se chamava a formosíssima égua de Gradasso.</p>
<p>52- Reerguendo o vôo até às estrelas, o nigromante repetiu a descida, caindo agora sobre Rogério que, desprevenido, correrá em auxílio de Gradasso. Rogério cede à violência do golpe, e o seu corcel recuou mais de um passo; quando o companheiro do rei da Sericana se voltou para responder a semelhante agressão, já o seu adversário estava outra vez a grande altura.</p>	<p>52- Reerguendo o vôo até às estrelas, o nigromante repetiu a descida, caindo agora sobre Rogério que, desprevenido, correrá em auxílio de Gradasso. Rogério cede à violência do golpe, e o seu corcel recuou mais de um passo; quando o companheiro do rei da Sericana se voltou para responder a semelhante agressão, já o seu adversário estava outra vez a grande altura.</p>	<p>Reerguendo o vôo até às estrelas, o nigromante repetiu a descida, caindo agora sobre Rogério que correrá em auxílio de Gradasso. Rogério cede à violência do golpe, e quando o companheiro do rei da Sericana se voltou para responder à agressão, já o seu adversário estava outra vez a grande altura.</p>

<p>53-E assim continua o guerreiro volante, já ferindo Gradasso, já ferindo Rogério, agora na cabeça, logo no peito, em seguida no dorso: por mais que aos seus golpes pretendam responder Gradasso ou Rogério, baldado é o empenho d'estes, que logo o mágico lhes escapa n'um volver d' olhos. Nos ares vai ele descrevendo largos círculos, - e, quando se calcula vir atacar de preferência um dos dois cavaleiros, é precisamente sobre o outro que ele descarrega o seu golpe. Gradasso e Rogério sentem-se tão desnorteados, que já nem atinam em se precaver.</p>	<p>53. E assim continua o guerreiro volante, já ferindo Gradasso, já ferindo Rogério, agora na cabeça, logo depois no peito, em seguida no dorso; e por mais que aos seus golpes pretendam eles responder Gradasso ou Rogério, baldado é o empenho d'estes, que porque logo o mágico lhes escapa n'um volver d' olhos. Nos ares vai ele descrevendo largos círculos, - e, quando se calcula vir atacar de preferência um dos dois cavaleiros, é precisamente sobre o outro que ele descarrega o seu golpe. Gradasso e Rogério sentem-se tão desnorteados, que já nem atinam em se precaver.</p>	<p>E assim continua o guerreiro volante, já ferindo Gradasso, já ferindo Rogério, agora na cabeça, depois no peito, em seguida no dorso; e por mais que aos seus golpes pretendam eles responder, baldado é o empenho, porque logo o mágico lhes escapa num volver d' olhos.</p>
<p>54-Entre os dois guerreiros terrestres e o seu aéreo inimigo, durou o combate sem cessar, até a hora em que um véu obscuro se desdobra por sobre a terra e esconde a cor de tudo quanto há formoso e belo. As cousas passaram-se como acabo de vos contar: crede que não exagero. Assisti, testemunha ocular, a tudo isto: e entretanto confesso que sinto hesitação em repeti-lo, porque semelhante maravilha, parece mais uma fábula do que um fato verdadeiro...</p>	<p>54. Entre os dois guerreiros terrestres e o seu aéreo inimigo, durou o combate sem cessar, até a hora em que um o véu obscuro da morte se desdobrou por sobre a terra e esconde a cor de tudo quanto há formoso e belo. As cousas se passaram-se como acabo de vos contar; crede que não exagero. Assisti, testemunha ocular, a tudo isto; e entretanto confesso que sinto hesitação em repeti-lo, porque semelhante maravilha, parece parece uma fábula do que um fato verdadeiro... Por fim, Gradasso e Rogério caíram pó terra desacordados e foram aprisionados pelo mágico.</p>	<p>Entre os dois guerreiros terrestres e o aéreo inimigo, durou o combate sem cessar, até que o véu da morte se desdobrou por sobre a terra. As cousas se passaram como acabo de vos contar; e entretanto confesso que sinto hesitação em repeti-lo, porque semelhante maravilha mais parece fábula do que um fato verdadeiro. ... Por fim, Gradasso e Rogério caíram por terra desacordados e foram aprisionados pelo mágico.</p>
<p>55-O cavaleiro aéreo trazia o escudo envolvido n'uma seda belíssima: nem eu sei como ele assim o conservou por tanto tempo em tal invólucro, - porque a verdade é que, tão depressa o despe ele da seda que o envolve, quem para o escudo olhar fica irremediavelmente ofuscado, e cai redondamente no chão como se fora um corpo morto, à mercê completa do nigromante;</p>	<p>55. O cavaleiro aéreo trazia o escudo envolvido n'uma seda belíssima: nem eu sei como ele assim o conservou por tanto tempo em tal invólucro, - porque a verdade é que, tão depressa o despe ele da seda que o envolve, quem para o escudo olhar fica irremediavelmente ofuscado, e cai redondamente no chão como se fora um corpo morto, à mercê completa do nigromante.</p>	<p>Supressão</p>

<p>56-É que resplandece aquele escudo à semelhança de um carbúnculo, e não há luz que em brilhantismo se lhe compare. Inibidos de lhe encararem o fulgor, Gradasso e Rogério caíram por terra sem acordo. Eu próprio, apesar da distância em que estava, perdi temporariamente os sentidos, e só mui tarde os recuperarei. Quando tornei a mim, já não encontrei os guerreiros nem o anão: na minha frente via-se apenas o campo de batalha desocupado, e em volta imersas na sombra a montanha e a planície.</p>	<p>56. É que resplandece aquele escudo à semelhança de um carbúnculo, e não há luz que em brilhantismo se lhe compare. Inibidos de lhe encararem o fulgor, Gradasso e Rogério caíram por terra. Por terra desacordados e foram aprisionados pelo mágico sem acordo. Eu próprio, apesar da distância em que estava, perdi temporariamente os sentidos, e só mui tarde os recuperarei. Quando tornei a mim, já não encontrei os guerreiros nem o anão: na minha frente via-se apenas o campo de batalha desocupado, e em volta imersas na sombra a montanha e a planície.</p>	<p>Por terra desacordados e foram aprisionados pelo mágico.</p>
<p>57-“Pensei portanto que o mágico teria empolgado os seus dois adversários, e que, por condão do seu rutilantíssimo escudo, lhes haveria roubado a eles a liberdade e a mim a esperança. N’este sentido me despedi d’aquela lugar em que jazia enclausurado o meu coração. Em vista agora de quanto vos contei, vede se há tormento de amor, que possa comparar-se a este meu.”</p>	<p>57. “Pensei portanto que o mágico teria empolgado os seus dois adversários, e que, por condão do seu rutilantíssimo escudo, lhes haveria roubado a eles a liberdade e a mim a esperança. N’este sentido me despedi d’aquela lugar em que jazia enclausurado o meu coração. Em vista agora de quanto vos contei, vede se há tormento de amor, que possa comparar-se a este meu.”</p>	<p>Supressão</p>
<p>58-E depois de assim falar, o cavaleiro recaiu na sua profunda tristeza. Era ele o conde Pinabel, filho de Anselmo de Alta-ripa (da casa de Moguncia). Entre os malvados da sua raça, em vez de querer constituir-se exceção por seu cavalheirismo e lealdade, preferiu não só igualá-los mais inclusivamente excedê-los a todos na abominável grosseria dos vícios.</p>	<p>58.E De depois de assim falar, o cavaleiro recaiu na sua profunda tristeza. Era ele o conde Pinabel, filho de Anselmo de Alta-ripa, (da casa de Moguncia). Entre os malvados da sua raça, em vez de querer constituir-se exceção por seu cavalheirismo e lealdade, preferiu não só igualá-los mais inclusivamente excedê-los a todos na abominável grosseria dos vícios.</p>	<p>Depois de assim falar, o cavaleiro recaiu na sua profunda tristeza. Era ele o conde Pinabel, filho de Anselmo de Alta-ripa, da casa de Moguncia.</p>
<p>59-Bradamante, a formosa dama, deixou perceber no semblante impressões variadas à proporção que ia escutando silenciosa a narrativa do cavaleiro moguntino. Primeiro, quando se tratou de Rogério, a sua fisionomia acusou grande alegria; mas, quando depois veio a saber que ele estava cativo, transbordaram-lhe amargosamente n’alma sentidas mágoas inspiradas no mais extremo amor, e fez repetir a Pinabel por várias a narrativa.</p>	<p>59. Bradamante, a formosa dama, deixou perceber no semblante impressões variadas à proporção que ia escutando silenciosa a narrativa do cavaleiro moguntino. Primeiro, quando se tratou de Rogério, a sua fisionomia seu rosto acusou grande alegria; mas, quando depois veio a saber que ele Rogério estava cativo, transbordaram-lhe transbordou su’alma de amargosamente n’alma sentidas mágoas inspiradas no mais extremo amor, e fez repetir a Pinabel por várias</p>	<p>Bradamante, a formosa dama, deixou perceber no semblante impressões variadas à proporção que ia escutando a narrativa. Primeiro, quando se tratou de Rogério, seu rosto acusou grande alegria; mas, quando veio a saber que Rogério estava cativo, transbordou su’alma de mágoas inspiradas no mais extremo amor.</p>

	vezes a narrativa.	
60. Quando afinal ficou perfeitamente inteirada do caso, disse-lhe ela: - “ Cavaleiro, podeis tranquilizar-vos, porque talvez a circunstância de me encontrardes vos seja favorável; talvez o dia de hoje venha a parecer-vos venturoso. Caminhemos ambos em direção ao castelo em que se acha enclausurado um tesouro tão rico; porventura o empreendimento não será ocioso, uma vez que a fortuna me coadjuve conforme espero.”	60. Quando afinal ficou perfeitamente inteirada do caso, disse-lhe ela: - [- Cavaleiro, disse-lhe ela, podeis tranquilizar-vos, porque talvez a circunstância de me encontrardes vos seja favorável; talvez o dia de hoje venha a parecer-vos venturoso. Caminhemos ambos em direção ao castelo em que se acha enclausurado um tesouro tão rico; porventura o empreendimento não será ocioso, uma vez que a fortuna me coadjuve conforme espero.)	[- Cavaleiro, disse-lhe ela, podeis tranquilizar-vos, porque talvez o dia de hoje venha a parecer-vos venturoso. Caminhemos ambos em direção ao castelo, que porventura o empreendimento não será ocioso.
61- Responde-lhe o cavaleiro: - “Desejais então que outra vez atravesse aquelas montanhas para vos mostrar o caminho do castelo? Por mim, confesso que pouco se me dá de perder as passadas, visto que perdido está aquilo em que o meu bem se resumia. Vós, porém, atendei a que, tentando semelhantes precipícios e rochas tão medonhas, ides expor-vos a ficar encarcerada. Assim o quereis? Não me lanceis depois as culpas a mim, que vos preveni a tempo.”	61. Responde-lhe o cavaleiro: - “Desejais então que outra vez atravesse aquelas montanhas para vos mostrar o caminho do castelo? Por mim, confesso que pouco se me dá de perder as passadas, visto que perdido está aquilo em que o meu bem se resumia. Vós, porém, atendei a que, tentando semelhantes precipícios e rochas tão medonhas, ides expor vos a ficar encarcerada. Assim o quereis? Não me lanceis depois as culpas a mim, que vos preveni a tempo.”	Supressão
62-Tornando a montar no seu corcel, aí vai agora o conde por guia da valorosa dama, que em prol de Rogério se expõe a ser aprisionada ou morta pelo nigromante. E enquanto caminhavam, eis que atrás d’eles aparece um mensageiro gritando: - “Alto! alto!” Era nem mais, nem menos do que o mesmo indivíduo por quem Sacripante entrará no conhecimento de haver sido vencido pela formosa Bradamente.	62. Tornando a montar [- Montando no seu corcel, aí vai agora o conde por como guia da valorosa dama, que em prol de Rogério se expõe a ser aprisionada ou morta pelo nigromante. E enquanto caminhavam, eis que atrás d’eles aparece surge o um mensageiro aparecido a Sacripante gritando: - “Alto! alto!” Era nem mais, nem menos do que o mesmo indivíduo por quem Sacripante entrará no conhecimento de haver sido vencido pela formosa Bradamente.	Montando no seu corcel, vai o conde como guia da valorosa dama, que em prol de Rogério se expõe a ser aprisionada ou morta pelo nigromante. E enquanto caminhavam, eis que surge o mensageiro, aparecido a Sacripante gritando - Alto! alto!

<p>63- E agora vem ele trazer à bela dama notícias de Montpellier e de Narbonna, que, juntamente com todo litoral vizinho, haviam arvorado o estandarte de Castela. Marselha, na ausência de Bradamante (que tinha a seu cargo defendê-la) achava-se desanimada, e enviava-lhe um mensageiro a pedir-lhe conselho e socorro.</p>	<p>63- E agora Vem ele trazer à bela dama notícias de Montpellier e de Narbonna, que, juntamente com todo litoral vizinho, haviam arvorado o estandarte de Castela. Marselha, na ausência de Bradamante (que tinha a seu cargo defendê-la) achava-se desanimada, e enviava-lhe um mensageiro a pedir-lhe conselho e socorro.</p>	<p>Vem ele trazer à bela dama notícias de Montpellier e de Narbonna, que, juntamente com todo litoral vizinho, haviam arvorado o estandarte de Castela. Marselha, na ausência de Bradamante (que tinha a seu cargo defendê-la) achava-se desanimada, e enviava-lhe um mensageiro a pedir-lhe conselho e socorro.</p>
<p>64-Aquelas cidades, bem como o território que n'uma área de muitas milhas se estende até ao mar entre o Var e o Rhodono, tinham sido dadas à filha do duque Aymon pelo Imperador, que depositava n'ela uma grandíssima esperança e confiança, desde que, vendo-a combater, lograra admirar-lhe a valentia. Vinha então de Marselha aquele mensageiro em procura de quem auxílios tão valiosos podia prestar.</p>	<p>64—Aquelas cidades, bem como o território que n'uma área de muitas milhas se estende até ao mar entre o Var e o Rhodono, tinham sido dadas à filha do duque Aymon pelo Imperador, que depositava n'ela uma grandíssima esperança e confiança, desde que, vendo-a a viu combater, com inigualável esforço. lograra admirar-lhe a valentia. Vinha então de Marselha aquele mensageiro em procura de quem auxílios tão valiosos podia prestar.</p>	<p>Aquelas cidades tinham sido dadas à filha do duque Aymon pelo Imperador, que depositava n'ela uma grandíssima confiança, desde que a viu combater com inigualável esforço.</p>
<p>65-Indecisa, a nobre donzela hesita primeiro se deverá ou não volver sobre seus passos: a honra e o dever estimulam-n'a por um lado; por outro, o incêndio do amor que a devora. Por fim determina-se a prosseguir no empreendimento que encetara: livrar da torre encantada o seu Rogério, ou pelo menos, caso lhe não chegue o valor para tanto, ficar prisioneira com ele.</p>	<p>65- Indecisa, a nobre donzela hesita primeiro se deverá voltar ou não: volver sobre seus passos: a honra e o dever estimulam n'a por chamam-na para um lado; por outro, o incêndio do amor que a devora impele-a para outro. Por fim determina se a prosseguir no empreendimento que encetara: livrar da torre encantada o seu Rogério, ou pelo menos, caso lhe não chegue o valor para tanto, ficar prisioneira com ele. Mas vence o amor, e</p>	<p>Indecisa, a nobre donzela hesita se deverá voltar ou não: a honra e o dever chamam-na para um lado; o incêndio do amor impele-a para outro. Mas vence o amor, e</p>

<p>66-Apresentando uma desculpa com que o mensageiro pareceu ficar satisfeito a ponto de não insistir mais, Bradamante continua a caminhar em companhia de Pinabel.</p> <p>Este é que, por sua parte, não parecia contente, porque n'aquela momento acabava de saber que a dama era de uma família à quem, tanto em particular como em público, ele consagrava um grande ódio. E já lhe acodem ao espírito os perigos que o ameaçam quando ela acaso reconheça n'ele um moguntino.</p>	<p>66-aApresentando uma desculpa ao eom que o mensageiro pareceu ficar satisfeito a ponto de não insistir mais, Bradamante continua a caminhar em companhia de Pinabel.</p> <p>Este é que, por sua parte, não parecia contente, porque n'aquela momento acabava de saber que a dama era de uma família à qual os seus quem, tanto em particular como em público, ele consagravam um grande ódio. E já lhe acodem ao espírito os perigos que o ameaçam quando ela acaso reconheça n'ele um moguntino.</p>	<p>apresentando uma desculpa ao mensageiro, continua a caminhar em companhia de Pinabel.</p> <p>Este é que não parecia contente, porque acabava de saber que a dama era de uma família à qual os seus consagravam um grande ódio.</p>
<p>67-Entre a casa de Moguncia e a de Clermont havia ódios inveterados e violenta inimizade, à ponto de terem por vezes sustentado guerras entre si, guerras assinaladas por copioso derramamento de sangue. Não admira, pois que o pérfido conde estivesse já no íntimo d'alma cuidando em atraiçoar a incauta donzela, ou, no primeiro ensejo que se lhe oferecesse abandoná-la sozinha e seguir ele por outro caminho.</p>	<p>67- Entre a casa de Moguncia e a de Clermont havia ódios inveterados e violenta inimizade, à ponto de terem por vezes sustentado terríveis guerras entre si, guerras assinaladas por copioso derramamento de sangue. Não admira, pois, que o pérfido conde estivesse já no íntimo d'alma cuidando de em atraiçoar a incauta donzela, ou, no primeiro ensejo, que se lhe oferecesse abandoná-la sozinha . e seguir ele por outro caminho.</p>	<p>Entre a casa de Moguncia e a de Clermont havia violenta inimizade, a ponto de terem por vezes sustentado terríveis guerras entre si. Não admira, pois, que o pérfido conde estivesse já no íntimo cuidando de atraiçoar a incauta donzela, ou, no primeiro ensejo, abandoná-la sozinha .</p>
<p>68-O ódio, a hesitação, e o medo, absolviam –no por tal forma, que, sem dar por isso, veio a sair da estrada e acabou por se achar n'uma floresta, em meio da qual havia um monte e no árido cimo d'esse monte num duro penhasco.</p> <p>Atrás dele vai sempre seguindo, sem o deixar, a filha do duque de Dordona.</p>	<p>68-O ódio, a hesitação, e o medo, absolviam –no por tal forma, que, sem dar por isso, veio a sair da estrada e acabou por se achar n'uma floresta, onde em meio da qual havia um monte, e no com um árido cimo no cimo.</p> <p>Atrás dele vai sempre seguindo, sem o deixar, a filha do duque de Dordona.</p>	<p>O ódio, a hesitação, e o medo absolviavam –no por tal forma, que, sem dar por isso, veio a sair da estrada e acabou por se achar n'uma floresta, onde havia um monte, com um árido penhasco no cimo.</p>

<p>70-Pronunciadas que foram estas palavras, lá vai ele caminhando para o cimo do solitário monte, e tudo é observar se por algum lado descortina uma vereda qualquer que o ajude a fazer com que a dama não logre seguir-lhe os vestígios.</p> <p>De repente dá com os olhos n'uma caverna, que aprofunda pelo rochedo mais de trinta braças, talhada artificialmente a pique: lá no fundo uma porta.</p>	<p>70- Pronunciadas que foram estas palavras, lá vai ele caminhando para o cimo do solitário monte, e tudo é observar se por algum lado descortina uma vereda qualquer que o ajude a fazer com que a dama não logre seguir-lhe os vestígios.</p> <p>De—E vai; e de repente lá chegando, dá com os olhos n'uma caverna, que desce aprofunda pelo rochedo mais de trinta braças, talhada artificialmente a pique: lá No fundo há uma porta-, que dá</p>	<p>E vai; e de repente lá chegando, dá com uma caverna, que desce pelo rochedo mais de trinta braças, talhada artificialmente a pique. No fundo há uma porta, que dá</p>
<p>71-Por essa porta é o amplo acesso para uma sala enorme; e percebia-se um clarão como de facho que lá no âmago da gruta estivesse ardendo.</p> <p>E, enquanto o pérfido olhava perplexo, Bradamante (que, receosa de perder-lhe a companhia, caminhara sempre atrás d'ele) aproximou-se do cavaleiro.</p>	<p>71- Por essa porta é o amplo acesso para uma sala enorme; e onde se percebia-se um clarão intenso. como de facho que lá no âmago da gruta estivesse ardendo.</p> <p>E, Enquanto o traidor pérfido olhava perplexo, Bradamante (que, receosa de perder-lhe a companhia, caminhara sempre atrás d'ele) aproximou-se do cavaleiro.dele.</p>	<p>acesso para uma sala enorme onde se percebia um clarão intenso. Enquanto o traidor olhava perplexo, Bradamante aproximou-se dele.</p>
<p>72-Mas o traidor, vendo frustrados por então os seus desígnios de a abandonar ali ou de fazê-la morrer, trata logo de formular um novo plano: vai ao encontro d'ela, pede-lhe que suba ao sítio em que o monte se achava escavado, e acaba por lhe dizer que lá em baixo tinha ele avistado uma donzela de fisionomia agradabilíssima.</p>	<p>72-Mas o pérfido traidor, vendo frustrados por então os seus desígnios de a abandonar ali, ou de fazê-la morrer, trata logo de formular um novo plano: vai ao encontro d'ela, pede-lhe que suba ao sítio em que o monte se achava escavado, e acaba por lhe dizer que lá em baixo tinha ele avistado uma donzela de fisionomia agradabilíssima</p>	<p>Mas o pérfido, vendo frustrados os seus desígnios de a abandonar ali, fazê-la morrer, trata logo de formular um novo plano: vai ao encontro d'ela, pede-lhe que suba ao sítio em que o monte se achava escavado, e acaba por lhe dizer que lá em baixo tinha ele avistado uma donzela</p>
<p>73-Mas lhe diz que pela beleza das feições e pela riqueza do vestuário denunciava não ser de humilde estirpe; assim como também acrescenta que o seu ar perturbado e triste inspira suspeitas de não estar ali a donzela por sua livre vontade. Enfim lhe declara que, no intuito de averiguar sua condição, tinha já tentado penetrar n'aquele recinto; mas que do interior da gruta havia saído um desconhecido, o qual, com gestos de fúria, levava consigo para dentro a infeliz.</p>	<p>73. Mas lhe diz que pela beleza das feições e pela riqueza do vestuário denunciava não ser de humilde nobre estirpe; , assim e que parecia como também acrescenta que o seu ar perturbado e triste inspira suspeitas de não estar ali a donzela por sua livre vontade. Enfim lhe declara que, no intuito de averiguar sua condição, tinha já tentado penetrar n'aquele recinto; mas que do interior da gruta havia saído um desconhecido, o qual, com gestos de fúria, levava consigo para dentro a infeliz.</p>	<p>que pela beleza das feições e riqueza do vestuário denunciava ser de nobre estirpe, e que parecia não estar ali por sua livre vontade.</p>

<p>74-Bradamante, animosa como era, e não suspeitando que pudesse aquela ser uma narrativa falsa, antes desejando socorrer a donzela, de que Pinabel lhe falava, só trata de estudar a maneira de chegar lá abaixo. N'isto, volvendo os olhos em derredor, dá com a vista em longo esgalho de frondoso olmeiro: com a espada o decepa n'um só golpe, e o deixa pender pelo alcantil abaixo.</p>	<p>74. Bradamante, animosa como era, e não suspeitando que pudesse aquela ser uma narrativa falsa, antes desejando socorrer a donzela, de que Pinabel lhe falava, só trata de estudar a maneira de chegar lá abaixo. N'isto, volvendo os olhos em derredor, dá com a vista em longo um esgalho de frondoso olmeiro: com a espada o decepa n'um só golpe, e o deixa pender pelo alcantil abaixo.</p>	<p>Bradamante, animosa como era, e desejando socorrer a donzela, trata de estudar a maneira de chegar lá abaixo. N'isto, volvendo os olhos em derredor, dá com a vista em um galho de frondoso olmeiro: com a espada o decepa e o deixa pender pelo alcantil abaixo.</p>
<p>75-Feito isto, o dá a segurar a Pinabel pela extremidade mais grossa, - e, agarrando-se com os braços ao pendurado tronco, vai prestes deixando-se escorregar ao longo do abismo. Pinabel, que a vê n'esta situação, sorri traiçoeiramente. E, soltando o esgalho que sustinha com as mãos, exclama: - "Oxalá contigo estivessem aqui todos os teus, que assim se lhes exterminasse a raça!"</p>	<p>75. Feito isto, o dá a segurar a Pinabel pela extremidade mais grossa, - e, agarrando-se com os braços ao pendurado tronco, vai prestes deixando-se escorregar por ele ao longo do abismo. Pinabel, que a vê n'esta situação, sorri traiçoeiramente, e senão quando-E, soltando o esgalho que sustinha com as mãos, e, exclama: [- "Oxalá contigo estivessem aqui todos os teus, que assim se lhes e a toda raça a exterminasse a-raça!" eu!</p>	<p>Feito isto, o dá a segurar a Pinabel pela extremidade mais grossa e deixa-se escorregar por ele ao longo do abismo. Pinabel sorri traiçoeiramente, e senão quando, solta o galho e exclama: [- Oxalá contigo estivessem todos os teus, e a toda raça a exterminasse eu!</p>
<p>76-Mas a inocente dama escapou à sorte que Pinabel lhe desejava o esgalho, ao precipitar-se n'aquela rápida queda, foi primeiro bater no chão com a extremidade inferior, por forma que esta ao quebrar-se quebrou também a violência do choque, e assim logrou Bradamante não morrer ali despedaçada. Atordoada, sim, atordoada ficou por algum tempo, como se dirá no capítulo seguinte.</p>	<p>76. Mas a inocente dama escapou à sorte que Pinabel lhe desejava. O esgalho, ao precipitar-se no abismo, n'aquela rápida queda, foi primeiro bater no chão com a extremidade inferior, por de forma que esta ao quebrar-se quebrou também amorteceu a violência do choque; logrando e assim logrou Bradamante não morrer ali despedaçada. Atordoada, sim, atordoada ficou por algum tempo, como se dirá no capítulo seguinte.</p>	<p>Mas a inocente dama escapou à sorte que Pinabel lhe desejava. O galho, ao precipitar-se no abismo, foi primeiro bater no chão com a extremidade inferior, de forma que amorteceu a violência do choque, logrando assim Bradamante não morrer despedaçada.</p>

Capítulo III

A	B	C
<p>1-O assunto, em que vou entrar, é um d'aqueles que por sua alta nobreza reclama um elevadíssimo estilo. Oxalá tivesse eu asas com que pudesse remontar-me com a pena à encantada região dos meus desejos! Tudo quanto represente fogoso entusiasmo de coração, tudo aqui se me torna indispensável, visto que o presente capítulo vai dedicado ao excelso Príncipe, cujos avós ilustradíssimos ora pretendo enumerar.</p>	<p>1-O assunto, em que vou entrar, é um d'aqueles que por sua alta nobreza reclama um elevadíssimo estilo. Oxalá tivesse eu asas com que pudesse remontar-me com a pena à encantada região dos meus desejos! Tudo quanto represente fogoso entusiasmo de coração, tudo aqui se me torna indispensável, visto que o presente capítulo vai dedicado ao excelso Príncipe, cujos avós ilustradíssimos ora pretendo enumerar.</p>	<p>supressão</p>
<p>2. D'entre todos os famosos príncipes, a quem o Céu incumbe de governar a terra, nenhum há que pertença a uma família mais gloriosa, que na guerra, quer na paz; nenhum, cuja nobreza haja conservado mais lustre. E o lustre, que ora conserva essa ilustre raça, conservá-lo-á (estou certo de que me não iludem n'isto fantasias poéticas), observá-lo-á em quando o mundo for mundo.</p>	<p>2. D'entre todos os famosos príncipes, a quem o Céu incumbe de governar a terra, nenhum há que pertença a uma família mais gloriosa, que na guerra, quer na paz; nenhum, cuja nobreza haja conservado mais lustre. E o lustre, que ora conserva essa ilustre raça, conservá-lo-á (estou certo de que me não iludem n'isto fantasias poéticas), observá-lo-á em quando o mundo for mundo.</p>	<p>Supressão.</p>
<p>3. Para devidamente lhe entoar louvores, seria preciso empunhar não a lira de um mortal, mas aquela especialíssima lira com que o próprio Phebo celebrou os triunfos do soberano Júpiter quando este levou de vencida as fúrias dos Titãs. Assim eu pudesse ao menos talhar no mármore, com escopro assaz digno, os vultos que me proponho celebrar. Fraco é o cinzel de que disponho: buscarei entretanto apurar, quanto possível me seja, o lavor de que pretendo ocupar-me.</p>	<p>3. Para devidamente lhe entoar louvores, seria preciso empunhar não a lira de um mortal, mas aquela especialíssima lira com que o próprio Phebo celebrou os triunfos do soberano Júpiter quando este levou de vencida as fúrias dos Titãs. Assim eu pudesse ao menos talhar no mármore, com escopro assaz digno, os vultos que me proponho celebrar. Fraco é o cinzel de que disponho: buscarei entretanto apurar, quanto possível me seja, o lavor de que pretendo ocupar-me.</p>	<p>Supressão</p>

<p>4. Entremos, porém, na matéria do presente capítulo. Ocupemo-nos d'aqule pérfido, cujo peito não haverá escudo nem couraça que defender possam.</p> <p>Volvamos ao moguinino Pinabel, o qual em seus sinistros desígnios, tinha em vista nada menos que fazer morrer a valorosa Bradamante.</p>	<p>4. Entremos, porém, na matéria do presente capítulo. Ocupemo-nos d'aqule pérfido, cujo peito não haverá escudo nem couraça que defender possam.</p> <p>Volvamos ao moguinino Pinabel, o qual em seus sinistros designos, tinha em vista nada menos que fazer morrer a valorosa Bradamante.</p>	<p>Entremos, porém, na matéria do presente capítulo. Ocupemo-nos d'aqule pérfido, cujo peito não haverá escudo nem couraça que defender possam.</p>
<p>5. E que ela efetivamente morrera, quando despenhada no precipício, chegou o traidor a imaginar.</p> <p>Com a palidez estampada no rosto, afastou-se então d'aquela triste caverna, enodada agora por seu negro crime, e tratou de montar outra vez à cavalo.</p> <p>Por fim como se lhe não bastasse um delito apenas, ocorreu-lhe a depravada idéia de o secundar levando roubado o corcel de Bradamante.</p>	<p>5. E que ela efetivamente morrera, quando despenhada no precipício, chegou o traidor a imaginar.</p> <p>Com a palidez estampada no rosto, Assim aconteceu, mas assim não o previa Pinabel e certo de haver trucidado a valorosa Bradamante afastou-se então d'aquela da triste caverna, enodada agora por seu negro crime, e tratou de montar outra vez à cavalo. como se não</p> <p>Por fim como se lhe não bastasse um delito apenas, ocorreu-lhe a depravada idéia de o secundar levando roubado roubou ainda o seu corcel de Bradamante.</p>	<p>Assim aconteceu, mas assim não o previa Pinabel e certo de haver trucidado a valorosa Bradamante afastou-se da triste caverna, enodada agora por seu negro crime, e como se não bastasse um delito apenas roubou ainda o seu corcel .</p>
<p>6. Deixemos, porém esse vil que, enquanto anda urdindo enganos contra a vida alheia, esta inconscientemente preparando a sua morte. E voltemos a ver a donzela que, vítima d'aqule traiçoeiro delito, por um triz não encontrou a um tempo morte e sepultura.</p> <p>Bradamante, ao reerguer-se atordoadíssima da queda, que deu encaminhou-se para a porta que dava ingresso numa gruta interior, muitíssimo espaçosa.</p>	<p>6. Deixemos, porém esse vil que, enquanto anda urdindo enganos contra a vida alheia, esta inconscientemente preparando a sua morte. E voltemos a ver a donzela que, vítima d'aqule traiçoeiro delito, por um triz não encontrou a um tempo morte e sepultura.</p> <p>Bradamante, ao reerguer-se atordoadíssima da queda, que deu encaminhou-se para a porta que dava ingresso a numa espaçosa gruta. interior, muitíssimo espaçosa.</p>	<p>Bradamante, ao reerguer-se atordoadíssima da queda, encaminhou-se para a porta que dava ingresso a uma espaçosa gruta</p>

<p>7. Era uma sala quadrada, com todas as feições d'uma igreja, devota e venerável. Sustentavam-lhe o teto colunas de alabastro dispostas n'um bellissimo estilo de arquitetura. Ao meio erguia-se um altar e em frente d'ele uma lâmpada acesa, cuja brilhante chama derramava em derredor o mais o vivo clarão.</p>	<p>7. Era uma sala quadrada, com todas as feições d'uma igreja aspecto de templo, devota e venerável. Sustentavam-lhe o teto colunas de alabastro dispostas n'um bellissimo estilo de arquitetura. Sustentavam o teto e ao. Ao meio erguia-se um altar onde brilhava e em frente d'ele uma lâmpada acesa, euja brilhante chama derramava em derredor o mais o vivo clarão.</p>	<p>Era uma sala quadrada, com aspecto de templo, colunas de alabastro. Sustentavam o teto e ao meio erguia-se um altar onde brilhava uma lâmpada acesa,</p>
<p>8. Bradamante, ao ver-se a um lugar sagrado e piedoso ajoelhou com devota humildade – começando, em pensamento e palavras e rezar uma oração. N'isto, abre-se em frente uma porta pequenina, com estridente ranger de gonzos, dando passagem a uma criatura feminina, descalça, de cabelos soltos, e soltas as vestes na cintura.</p>	<p>8. Bradamante, ao ver-se a um lugar sagrado e piedoso ajoelhou-se com devota humildade – e começando, em pensamento e palavras e rezar uma oração. N'isto, abre-se em frente uma porta pequenina, com estridente ranger de gonzos, dando passagem a uma criatura feminina, descalça, de cabelos soltos, e soltas as vestes na cintura.</p>	<p>Bradamante, ajoelhou-se com devota humildade e começando, em pensamento e palavras e rezar uma oração. N'isto, abre-se em frente uma porta pequenina, passagem a uma criatura feminina, descalça, de cabelos soltos, e soltas as vestes na cintura.</p>
<p>9. – Generosa Bradamante, diz ela, saudando por seu nome a donzela ajoelhada é mister saberes que a tua entrada aqui se efetuou sem para isso concorrer a vontade divina. O espírito profético de Merlim tinha-me anunciado já, que virias tu por um caminho insólito visitar suas relíquias santas: e aqui tenho estado a tua espera , no fito de te revelar o que a teu respeito os Céus determinaram.</p>	<p>9. – Generosa Bradamante, diz ela, saudando por seu nome a donzela ajoelhada é mister que saibas saberes que a tua entrada aqui se não se efetuou sem que concorresse para isso concorrer a vontade divina. O espírito profético de Merlim tinha-me anunciado já, que virias tu por um caminho insólito visitar suas relíquias santas: e aqui tenho estado a tua espera , no fito a fim de te revelar o que a teu respeito os Céus determinaram.</p>	<p>– Generosa Bradamante, diz ela, é mister que saibas que a tua entrada aqui não se efetuou sem que concorresse a vontade divina. O espírito profético de Merlim tinha-me anunciado que virias tu por um caminho insólito visitar suas relíquias santas: e aqui tenho estado a tua espera , a fim de revelar o que a teu respeito os Céus determinam.</p>

<p>10. É esta a gruta memorável, e antiqüíssima edificada pelo sábio encantador Merlim, de quem (certamente algumas vezes terás ouvido falar). N' esta gruta o enganou a Dama do Lago. E aqui se conserva o sepulcro: onde jazem corruptos seus restos mortais, sepulcro em que ele, por condescender com a enganadora se deitou vivo e morto ficou.</p>	<p>10. É esta a E nesta gruta memorável, e antiqüíssima edificada pelo sábio encantador Merlim, de quem (certamente algumas vezes terás ouvido falar). que o enganou a Dama do Lago. E aqui se conserva o sepulcro: onde jazem corruptos seus restos mortais, sepulcro em que ele, por condescender com a enganadora se deitou vivo e morto ficou.</p>	<p>É nesta gruta memorável, edificada pelo sábio encantador Merlim, que o enganou a Dama do Lago. E aqui se conserva o sepulcro: onde jazem corruptos seus restos mortais, sepulcro em que ele, por condescender com a enganadora se deitou vivo e morto ficou.</p>
<p>11. De envolta como cadáver habita lhe porem vivíssima a sua alma imortal, e de envolta com o cadáver habitará até que retina a trombeta do anjo para lhe marcar a estância derradeira. Vivas se conservam não menos as falas de Merlim, tão vivas que poderás claramente ouvi-las sair de dentro do mármoreo, tumulo, revelando e quem consulta sobre cousas passadas ou futuras, nunca ele deixou de responder.</p>	<p>11. De envolta como Junto ao, cadáver porém habita Junto ao, cadáver porém habita porém habita lhe porem porém vivíssima a sua alma imortal, e vivas e e vivas e de envolta com o cadáver habitará até que retina a trombeta do anjo para lhe marcar a estância derradeira. Vivas se conservam se conservam não menos as falas de Merlim, tão vivas que poderás as falas de Merlim, tão vivas que poderás claramente ouvi las sair de dentro do mármoreo, tumulo, revelando e quem ouvi las sair de dentro do mármoreo, tumulo, revelando e quem consulta sobre cousas passadas ou futuras, cousas passadas ou futuras, nunca ele deixou de responder.</p>	<p>Junto ao, cadáver porém habita sua alma imortal, e vivas se conservam as falas de Merlim, tão vivas que poderás ouvi-las sair de dentro do, tumulo, revelando cousas passadas ou futuras,</p>
<p>12. De longe de muito longe vim eu buscar este sarcófago, para que Merlim me ajudasse a esclarecer um alto mistério. Mas, porque senti desejos de te ver, deixei-me aqui ficar; um mês a mais do que tencionava demorar-me, Merlim, que nunca me falou senão verdades, tinham-me profetizado ser hoje o dia da tua chegada.</p>	<p>12. de De De muito longe vim eu buscar este sarcófago, para que Merlim me ajudasse a esclarecer um alto mistério. Mas, porque senti desejos de te ver, deixei-me aqui ficar; um mês a mais do que tencionava demorar-me, Merlim, que nunca me falou senão verdades, tinham-me profetizado ser para hoje o dia da tua chegada.</p>	<p>De muito longe vim buscar este sarcófago, para que Merlim me ajudasse a esclarecer um alto mistério. Mas, porque senti desejos de te ver, deixei-me aqui ficar; Merlim, que nunca me falou senão verdades tinham-me profetizado ser para hoje o dia da tua chegada.</p>

<p>13. Escutando tais palavras, a filha de Aymon ficara atônita, silenciosa, imóvel. Perante o que em torno dela se passa, ignora se está sonhando ou acordada. Afinal, vergonhosa e modesta, com os olhos timidamente baixos, responde assim: - Que mérito há em mim para que profetas se dignem ocupar-se de profetizarem a minha chegada?</p>	<p>13. Escutando tais palavras, a filha de Aymon ficara atônita, silenciosa, imóvel. Perante o que em torno dela se passa, ignora se está sonhando ou acordada. Afinal, vergonhosa e modesta, com os olhos timidamente baixos, responde assim: [- Que mérito há em mim para que profetas se dignem ocupar-se de profetizarem a minha chegada?</p>	<p>13. Escutando tais palavras, a filha de Aymon ficara atônita, sonhando ou acordada.</p>
<p>14. E, então jubilosa por tão extraordinária aventura, foi seguindo traz da maga que prontamente a conduziu a junto dá sepultura onde se achava enclausurado o corpo e a alma de Merlin. Era um sepulcro de pedra dura polida, luzidia de cor vermelha semelhante a chamas: o clarão que espargia, bastava para completamente alumiar a sala, embora lá não penetrasse um raio sequer da luz solar.</p>	<p>14. E, então jubilosa por de tão extraordinária aventura, foi seguindo traz da maga que prontamente a conduziu a junto dá sepultura onde se achava enclausurado o corpo e a alma de Merlin. Era um sepulcro de pedra dura polida, luzidia de cor vermelha semelhante a chamas: o clarão que espargia, bastava para completamente alumiar a sala, embora lá não penetrasse um raio sequer da luz solar. onde outra luz não entra.</p>	<p>E, jubilosa de tão extraordinária aventura, foi seguindo maga que prontamente a conduziu a junto à sepultura de Merlin. Era um sepulcro de pedra polida, de cor vermelha semelhante a chamas: o clarão que espargia, bastava para completamente alumiar a sala, embora lá não penetrasse um raio sequer da luz solar. onde outra luz não entra.</p>
<p>15. Ou porque seja natural em certos mármore a condição de dissiparem as trevas como se fossem verdadeiros fachos. _ ou porque se houvesse aqui recorrido (o que mais verossímil se me afigura) a sufumigações, a encantamentos, a sinais em fim colhidos na observação dos astros, _ o que é certo é que o sobrevidito clarão deixava reconhecer os variadíssimos primores de escultura e pinturas, com que por todos os lados estava ornamentado um lugar tão venerável.</p>	<p>15. Ou porque seja natural em certos mármore a condição de dissiparem as trevas como se fossem verdadeiros fachos. _ ou porque se houvesse aqui recorrido (o que mais verossímil se me afigura) a sufumigações, a encantamentos, a sinais em fim colhidos na observação dos astros, _ o que é certo é que o sobrevidito elarão deixava reconhecer os variadíssimos primores de escultura e pinturas, com que por todos os lados estava ornamentado um lugar tão venerável.</p>	<p>supressão</p>

<p>16- Bradamante apenas penetrou naquele secreto santuário, sentiu dentre os despojos mortais falar-lhe em voz claríssima ao vivo espírito de Merlin. Queria a fortuna proteger, disse-lhe, todos os seus desejos, ó casta e nobilíssima. Terás por descendência uma ilustre raça, que honrará não só a Itália mas o mundo todo.</p>	<p>16- Bradamante apenas penetrou naquele secreto santuário, ouviu ressoar sentiu dentre os despojos mortais falar-lhe em voz claríssima ao vivo espírito de Merlin. Queria a fortuna proteger, disse-lhe, todos os seus desejos, ó casta e nobilíssima donzela! Terás por descendência uma ilustre raça, que honrará não só a Itália mas o mundo todo.</p>	<p>Bradamante ouviu ressoar sentiu dentre os despojos mortais falar-lhe em ao vivo espírito.</p>
<p>17- O antigo sangue-troiano, do qual em ti se reuniram as duas correntes mais puras há de vir um dia a ser o ornamento, a flor, o júbilo de quantas ilustres famílias alumia o sol desde as margens do indo até as do rio Tejo, desde as do Nilo te as do Danúbio, no espaço que se estende entre o pólo ártico e o antártico. Choverão sobre os teus descendentes as honras supremas: haverá neles marqueses, duques, imperadores.</p>	<p>17- O antigo sangue troiano, do qual em ti se reuniram as duas correntes mais puras há de vir um dia a ser o ornamento, a flor, o júbilo de quantas ilustres famílias alumia o sol desde as margens do indo até as do rio Tejo, desde as do Nilo te as do Danúbio, no espaço que se estende entre o pólo ártico e o antártico. Choverão sobre os teus descendentes as honras supremas: haverá neles marqueses, duques, imperadores.</p>	<p>Supressão.</p>
<p>18. Capitães e cavaleiros serão uns: e por sua espada e por seu conselho , restituirão eles a Itália o antigo esplendor da invencibilidade. Outros empenharão o soberano cetro de príncipes justos que é semelhança do sábio Augusto e do sábio numa farão reviver com seu governo suave e bondoso a felicidade dos séculos áureos.</p>	<p>18. Capitães e cavaleiros serão uns: e por sua espada e por seu conselho , restituirão eles a Itália o antigo esplendor da invencibilidade. Outros empenharão o soberano cetro de príncipes justos que é semelhança do sábio Augusto e do sábio numa farão reviver com seu governo suave e bondoso a felicidade dos séculos áureos.</p>	<p>supressão.</p>

<p>19- E para que em ti se execute a vontade do Céu que desde todo e sempre te há escolhido por esposa de Rogério, prossegue tu intrepidamente no caminho que encetaste, porque obstáculo nenhum será capaz de tolher-te no desempenho da tua missão nem impedir que ao primeiro impulso derrubes o salteador odioso, em cujo poder se acha retido todo o teu bem.</p>	<p>19- E para que em ti se execute a vontade do Céu que desde todo e sempre te há escolhido por para esposa de Rogério, prossegue tu intrepidamente no caminho que encetaste, porque obstáculo nenhum será capaz de tolher-te no desempenho da tua missão nem impedir que ao primeiro impulso derrubes o salteador odioso, em cujo poder se acha retido todo o teu bem.</p>	<p>E para que em ti se execute a vontade do Céu que te há escolhido para esposa de Rogério, prossegue tu intrepidamente no caminho que encetaste, porque obstáculo nenhum será capaz de tolher-te no desempenho da tua missão nem impedir que ao primeiro impulso derrubes o salteador odioso, em cujo poder se acha retido o teu bem.</p>
<p>20. Calou-se a voz de Merlin, depois de proferidas estas palavras, - ficando á maga o encargo de patentear a Bradamante a série ilustre de seus descendentes. Grande número de espíritos haviam sido nesse intuito escolhidos (se do inferno provenientes ou qualquer outro sítio, quem é que sabe dizê-lo?): diversos no aspecto, achavam-se todos reunidos agora no mesmo lugar.</p>	<p>20. Calou-se a voz de Merlin, depois de proferidas estas palavras, - ficando á maga o encargo de patentear revelar a Bradamante a série ilustre de dos seus descendentes. Grande número de espíritos haviam sido nesse intuito escolhidos (se do inferno provenientes ou qualquer outro sítio, quem é que sabe dizê-lo?): diversos no aspecto, achavam-se todos reunidos agora no mesmo lugar.</p>	<p>Calou-se a voz de Merlin, depois de proferidas estas palavras, - ficando á maga o encargo de revelar a Bradamante a série ilustre dos seus descendentes.</p>
<p>21. E lá vai a maga levando outra vez Bradamante para a igreja, onde previamente havia descrito um círculo, que pudesse conter-lhe o corpo todo entendido; com um palmo ainda de sobre excedente: como prevenção contra qualquer malefício dos espíritos, coloca-lhe por sobre a cabeça um pentáculo; depois recomenda-lhe que se conserve atenta e silenciosa, por fim abre o livro e entra em palestra com os demônios.</p>	<p>21. E lá vai a maga levando outra vez Bradamante para a igreja, onde previamente havia descrito traça no chão um círculo, que pudesse conter-lhe o corpo todo entendido; em um palmo ainda de sobre excedente: como prevenção contra qualquer malefício dos espíritos, coloca-lhe por sobre a cabeça um pentáculo; depois recomenda-lhe que se conserve atenta e silenciosa, e por fim abre o livro mágico e entra em palestra com os demônios surjam estes da</p>	<p>E lá vai a maga levando outra vez Bradamante para a igreja, traça no chão um círculo, que pudesse conter-lhe o corpo todo entendido coloca-lhe por sobre a cabeça um pentáculo; recomenda-lhe que se conserve silenciosa, e por fim abre o livro mágico e entra em palestra com os demônios surjam estes da</p>

<p>22. Lá vem, entretanto saindo a primeira caverna um grupo numeroso que mais e mais se cumula em torno do círculo sagrado penetrar nele é que não podem, porque lhes tolhe ingresso a linha circunferencial como se fora um forte num ou fosso profundo E, depois que em torno do círculo deram as três voltas convencionais, foram os espetos passados para o recinto em que existia o suntuoso tumulto do grande profeta.</p>	<p>22. Lá vem, entretanto saindo a primeira caverna um grupo numeroso que e mais e mais se acumulam em torno do círculo sagrado penetrar nele é que não podem, porque lhes tolhe ingresso a linha circunferencial como se fora um forte num ou fosso profundo E, depois que em torno do círculo deram as três voltas convencionais, foram os espetos passados para o recinto em que existia o suntuoso tumulto do grande profeta.</p>	<p>caverna e mais e mais se acumulam em torno do círculo sagrado</p>
<p>23. Disse então a maga a Bradamante: - Se eu fora a enumerar-te os nomes e proezas de todos aqueles que, por intermédio dos espíritos encantados, aqui te aparecem antes mesmo de entrados na vida, terrestre, confesso-te que não sei quando poderias, partir, porque, verdade, verdade, uma só noite não bastaria para tanto. O que farei, por consequência, é escolher d'entre eles, segundo a ordem cronológica, os que me parecer oportuno apontar-te.</p>	<p>23. Disse então a maga a Bradamante: [- Se eu fora a enumerar-te disse a maga os nomes e proezas de todos aqueles que, por intermédio dos espíritos encantados, aqui te aparecem antes mesmo de entrados na vida, terrestre, confesso-te que não sei quando poderias, partir, porque, verdade, verdade, uma só noite não bastaria para tanto. O que farei, por consequência, é escolher d'entre eles, segundo a ordem cronológica, os que me parecer oportuno apontar-te. mais lustre darão ao teu amor.</p>	<p>[- Se eu fora a enumerar-te disse a maga os nomes e proezas de todos aqueles que, por intermédio dos espíritos encantados, aqui te aparecem antes mesmo de entrados na vida, , confesso-te que uma só noite não bastaria para tanto. O que farei, por consequência, é escolher d'entre eles, os que mais lustre darão ao teu amor.</p>
<p>24. Repara naquele primeiro que ali vês, e que tantas semelhanças oferece contigo já na fisionomia, já no aprazível do porte. Representante do teu sangue e representante do sangue de Rogério, na Itália será ele da tua família o chefe. Por sua mãe ficará cor-de-sangue a terra de Poitiers, e por seu braço vingada a traição e a injúria de quem lhe houver morto o pai.</p>	<p>24. Repara naquele primeiro que ali vês, e que tantas semelhanças oferece contigo já na fisionomia, já no aprazível do porte. Representante do teu sangue e representante do sangue de Rogério, na Itália será ele da tua família o chefe. Por sua mãe ficará cor-de-sangue a terra de Poitiers, e por seu braço vingada a traição e a injúria de quem lhe houver morto o pai.</p>	<p>supressão.</p>
<p>25. Por seu valor deixará ele arruinado Desiderio, rei dos Lombardos; e em recompensa o Imperador lhe dará os senhorios d'Este e Calaon. Logo adiante aquele que estás observando é teu sobrinho Humberto, um valoroso guerreiro que será a gloria da Hesperia e que mais de uma vez defenderá contra os Bárbaros a santa Igreja.</p>	<p>25. Por seu valor deixará ele arruinado Desiderio, rei dos Lombardos; e em recompensa o Imperador lhe dará os senhorios d'Este e Calaon. Logo adiante aquele que estás observando é teu sobrinho Humberto, um valoroso guerreiro que será a gloria da Hesperia e que mais de uma vez defenderá contra os Bárbaros a santa Igreja.</p>	<p>supressão</p>

<p>26. Lá está em seguida o invicto capitão Alberto, que lhe há de ornar com troféu um grande numero de templos. – A par dele vem Hugo, seu filho, que alcançara o domínio de Milão e por timbre usará uma serpente.- Aquele outro é Azzo, que por morte do irmão, herdará o reino dos Insubrios.-Albertazzo nos aparece depois; aos sábios conselhos d'est deverá a Itália ver-se livre de Berengario e de seu filho: seus méritos lhe darão em recompensa a mão de Alda, filha do imperador Othon.</p>	<p>26. Lá está em seguida o invicto capitão Alberto, que lhe há de ornar com troféu um grande numero de templos. – A par dele vem Hugo, seu filho, que alcançara o domínio de Milão e por timbre usará uma serpente. Aquele outro é Azzo, que por morte do irmão, herdará o reino dos Insubrios. Albertazzo nos aparece depois; aos sábios conselhos d'est deverá a Itália ver-se livre de Berengario e de seu filho: seus méritos lhe darão em recompensa a mão de Alda, filha do imperador Othon.</p>	<p>supressão.</p>
<p>27. Cá temos um segundo Hugo, famoso não menos: gloriosa descendência que não degenera do valor paterno! Defensor de uma causa justa, competir-lhes- há reprimir o orgulho dos soberbos Romanos, libertar das mãos deles o imperador Othon III e o Pontífice, finalmente pôr termo a um assedio calamitoso-</p>	<p>27. Cá temos um segundo Hugo, famoso não menos: gloriosa descendência que não degenera do valor paterno! Defensor de uma causa justa, competir lhes há reprimir o orgulho dos soberbos Romanos, libertar das mãos deles o imperador Othon III e o Pontífice, finalmente pôr termo a um assedio calamitoso-</p>	<p>supressão.</p>
<p>28. Segue-se Folco: cedendo ao irmão todos os seus domínios no território italiano, irá possuir em meio dos Alemães, um grão-ducado; levantará a casa de Saxônia quando prestes a extenguir-se por um dos ramos, e conserva-la-a por seus descendentes herdeiros da linha materna.</p>	<p>28. Segue-se Folco: cedendo ao irmão todos os seus domínios no território italiano, irá possuir em meio dos Alemães, um grão ducado; levantará a casa de Saxônia quando prestes a extenguir-se por um dos ramos, e conserva-la-a por seus descendentes herdeiros da linha materna.</p>	<p>supressão</p>
<p>29. Surge-nos a figura do segundo Azzo, mais inclinado a galanteios do que a empresas guerreiras. Ladeiam-n'os seus dois filhos, Bertoldo e Albertazzo. Por um d'esses será vencido o imperador. Henrique II, e Parma terão ocasião de ver seus campos horrivelmente inundados de sangue alemão. O outro dos dois terá por consorte a gloriosa e prudente, e casta, condessa Matilde</p>	<p>29. Surge nos a figura do segundo Azzo, mais inclinado a galanteios do que a empresas guerreiras. Ladeiam-n'os seus dois filhos, Bertoldo e Albertazzo. Por um d'esses será vencido o imperador. È desfiou uma série numeríssima de heróis que por intermédio de Bradamante viriam ao mundo – reis, príncipes, guerreiros, uma descendência tão ilustre como de poucas alguém poderá se orgulhar. Henrique II, e Parma terão ocasião de ver seus campos horrivelmente inundados de sangue alemão. O outro dos dois terá por consorte a gloriosa e prudente, e casta, condessa Matilde.</p>	<p>È desfiou uma série numeríssima de heróis que por intermédio de Bradamante viriam ao mundo – reis, príncipes, guerreiros, uma descendência tão ilustre como de poucas alguém poderá se orgulhar.</p>

<p>30. Altíssimos merecimentos de Bertoldo o farão digno de tal consorcio, que não é honra pouco estimável o receber por dote, com a mão da sobrinha de Henrique I, metade quase da Itália.- A Reinaldo, filho querido de Bertoldo, caberá a glória de pôr a salvo das mãos do ímpio Frederico Barba roxa a santa Igreja de Roma.</p>	<p>30. — Altíssimos — merecimentos — de Bertoldo — o farão digno de tal consorcio, que não é honra pouco estimável o receber por dote, com a mão da sobrinha de Henrique I, metade quase da Itália. A Reinaldo, filho querido de Bertoldo, caberá a glória de pôr a salvo das mãos do ímpio Frederico Barba roxa a santa Igreja de Roma.</p>	<p>supressão.</p>
<p>31. Terceiro Azzo nos aparece agora: caber-lhe-á por partilha o belo território de Verona: o imperador Oton IV e o papa Honório II constituir-lhe-ão no território anconeuz um arquezado. — Ah! mas que longo seria se te eu quisesse apontar quantos do teu sangue hão de ilustrar-se empunhando o pendão do Consistório e ganhando vitórias em prol da Igreja Romana.</p>	<p>31. Terceiro Azzo nos aparece agora: eaber-lhe-á por partilha o belo território de Verona: o imperador Oton IV e o papa Honório II constituir-lhe-ão no território anconeuz um arquezado. — Ah! mas que longo seria se te eu quisesse apontar quantos do teu sangue hão de ilustrar-se empunhando o pendão do Consistório e ganhando vitórias em prol da Igreja Romana.</p>	<p>supressão.</p>
<p>32. Ai tens Obizzo e Folco: ai tens outros Azzoz e outros Hugos: ai tens os dois Henrique, filho e pai ambos filiados no partido guelfo; subjulgara um deles a Úmbria; nos ombros do outro desdobrar-se-á o manto ducal de Spoleto.- Queres saber quem é que há de estancar o sangue e cicatrizar as chagas da Itália aflita? É Azzo V, por quem Ezzelino será vencido, e aprisionado, e morto.</p>	<p>32. Ai tens Obizzo e Foleo: ai tens outros Azzoz e outros Hugos: ai tens os dois Henrique, filho e pai ambos filiados no partido guelfo; subjulgara um deles a Úmbria; nos ombros do outro desdobrar-se-á o manto ducal de Spoleto. — Queres saber quem é que há de estancar o sangue e cicatrizar as chagas da Itália aflita? É Azzo V, por quem Ezzelino será vencido, e aprisionado, e morto.</p>	<p>supressão.</p>
<p>33. Se há tirano feroz, que por suas atrocidades inculque ser filho de Demônio, Ezzelino esta perfeitamente n'esse caso: imolando seus súbitos e devastando o belo território da Ausonia, tais atos praticará, que, postos em confronto com ele, Mario e Sylla, Marco Antonio, Nero e Caio Calígula, mereceriam o epíteto de clementes.</p>	<p>33. Se há tirano feroz, que por suas atrocidades inculque ser filho de Demônio, Ezzelino esta perfeitamente n'esse caso: imolando seus súbitos e devastando o belo território da Ausonia, tais atos praticará, que, postos em confronto com ele, Mario e Sylla, Marco Antonio, Nero e Caio Calígula, mereceriam o epíteto de elementos.</p>	<p>Supressão</p>

<p>34. Azzo V logrará o ensejo também de vencer e completamente derrotar o imperador Frederico II. Ditosos dias correrão sob o cetro do vencedor para aquele belo país situado a beira do rio onde Phebo pranteou a morte de Phaetonte, e onde a Fabula conta que foram transformadas em âmbar as lagrimas das Heliades, onde finalmente Cycno acabou por se revestir de plumagem alvissima. Com o governo d'esse país lhe premiará seus relevantes serviços a Sé apostólica.</p>	<p>34. Azzo V logrará o ensejo também de vencer e completamente derrotar o imperador Frederico II. Ditosos dias correrão sob o cetro do vencedor para aquele belo país situado a beira do rio onde Phebo pranteou a morte de Phaetonte, e onde a Fabula conta que foram transformadas em âmbar as lagrimas das Heliades, onde finalmente Cycno acabou por se revestir de plumagem alvissima. Com o governo d'esse país lhe premiará seus relevantes serviços a Sé apostólica.</p>	
<p>35. Já me ia esquecendo mencionar-te Aldobrandino, o irmão de Azzo V. Em seu tempo avançará te junto do Capitólio o imperador Othon IV e o exercício gibellino, cujas armas deixarão subjugados os habitantes da Úmbria. Aldobrandino, querendo auxiliar n'esta conjuntura o soberano Pontífice, não poderá faze-lo sem grossas quantias de dinheiro, e para obtê-las recorrerá aos Florentinos.</p>	<p>35. Já me ia esquecendo mencionar-te Aldobrandino, o irmão de Azzo V. Em seu tempo avançará te junto do Capitólio o imperador Othon IV e o exercício gibellino, cujas armas deixarão subjugados os habitantes da Úmbria. Aldobrandino, querendo auxiliar n'esta conjuntura o soberano Pontífice, não poderá faze-lo sem grossas quantias de dinheiro, e para obtê-las recorrerá aos Florentinos.</p>	<p>Supressão.</p>
<p>36. Mas, sem jóias nem penhores mais valiosos que depositar como caução do empréstimo, deixar-lhes-á entregue por fiador seu próprio irmão: depois, erguendo vitorioso o estandarte, levará de vencida o exercito germânico, restabelecerá o governo da Santa Sé, mandará supliciar os condes de Celano, e, sempre em serviço do Sumo Pontífice, morrerá na flor dos anos.</p>	<p>36. Mas, sem jóias nem penhores mais valiosos que depositar como caução do empréstimo, deixar-lhes-á entregue por fiador seu próprio irmão: depois, erguendo vitorioso o estandarte, levará de vencida o exercito germânico, restabelecerá o governo da Santa Sé, mandará supliciar os condes de Celano, e, sempre em serviço do Sumo Pontífice, morrerá na flor dos anos.</p>	

<p>37. Do território que decorre entre o mar e os Apenninos, desde Troento até o Isauro, deixará ele a sucessão na pessoa de seu irmão Azzo, que simultaneamente lhe herdará dotes altíssimos de magnanimidade, fidelidade, e virtude, - qualidades estas superiores sem duvida ao ouro e ás pedras preciosas, visto que as riquezas materiais pode a fortuna dá-las ou tirá-las conforme lhe apraza, mas... sobre a virtude é que ela não tem poder algum.</p>	<p>37. Do território que decorre entre o mar e os Apenninos, desde Troento até o Isauro, deixará ele a sucessão na pessoa de seu irmão Azzo, que simultaneamente lhe herdará dotes altíssimos de magnanimidade, fidelidade, e virtude, - qualidades estas superiores sem duvida ao ouro e ás pedras preciosas, visto que as riquezas materiais pode a fortuna dá-las ou tirá-las conforme lhe apraza, mas... sobre a virtude é que ela não tem poder algum.</p>	<p>supressão.</p>
<p>38. E ali verás agora Reinaldo, cujo valor não será por certo menos brilhante, uma vez que a morte ou a invejosa fortuna se não oponham a que ele concorra para a gloriosa exaltação da sua ilustre família. D'aqui lhe estou escutando já os lamentos, por ele soltos em Nápoles, onde ficará por fiador de seu pai-</p>	<p>38. E ali verás agora Reinaldo, cujo valor não será por certo menos brilhante, uma vez que a morte ou a invejosa fortuna se não oponham a que ele concorra para a gloriosa exaltação da sua ilustre família. D'aqui lhe estou escutando já os lamentos, por ele soltos em Nápoles, onde ficará por fiador de seu pai-</p>	<p>supressão.</p>
<p>39. Obizzo, que em seguida vemos, sucedera a sua avô, sendo eleito príncipe em anos mui verdes; em seus belos domínios incorporar-se-á a risonha cidade de Rogério e a altiva Modena: pelas valorosas quanlidades de Obizzo, os povos unanimemente o escolherão para governa-los. Azzo VI, um dos filhos de Obizzo, um dos ganfaloneiros da Santa Cruzada, presidirá ao ducado de Andria juntamente com a filha de Carlos II rei da Sicília.</p>	<p>39. Obizzo, que em seguida vemos, sucedera a sua avô, sendo eleito príncipe em anos mui verdes; em seus belos domínios incorporar-se-á a risonha cidade de Rogério e a altiva Modena: pelas valorosas quanlidades de Obizzo, os povos unanimemente o escolherão para governa-los. Azzo VI, um dos filhos de Obizzo, um dos ganfaloneiros da Santa Cruzada, presidirá ao ducado de Andria juntamente com a filha de Carlos II rei da Sicília.</p>	<p>supressão.</p>

<p>40. Naquele grupo formoso e amável, que ali vês, está o escol dos príncipes ilustres: Obizzo, Aldobrandino, Nicolau por cognome o coxo, e o clementissimo Alberto. Para não me alongar excessivamente é que te não digo a forma por que eles conseguirão incorporar na sua bela soberania Faenza e Adria, sobretudo Adria, que mereceu as honras de dar seu nome ás águas salgadas do mar vizinho.</p>	<p>40. Naquele grupo formoso e amável, que ali vês, está o escol dos príncipes ilustres: Obizzo, Aldobrandino, Nicolau por cognome o coxo, e o elementissimo Alberto. Para não me alongar excessivamente é que te não digo a forma por que eles conseguirão incorporar na sua bela soberania Faenza e Adria, sobretudo Adria, que mereceu as honras de dar seu nome ás águas salgadas do mar vizinho.</p>	<p>supressão.</p>
<p>41. Lograrão eles também possuir: a povoação que pela abundancia de suas rosas obteve na língua dos gregos o nome encantador de Rhodigio; a cidade que em meio de piscosas lagoas esta de continuo ameaçada pela inundação das bocas do Pó, e onde habita gente sempre desejosa de ver agitado o mar pela fúria dos ventos; finalmente Argenta e Lugo, e mil outras fortalezas, e mil outras cidades populosíssimas</p>	<p>41. Lograrão eles também possuir: a povoação que pela abundancia de suas rosas obteve na língua dos gregos o nome encantador de Rhodigio; a cidade que em meio de piscosas lagoas esta de continuo ameaçada pela inundação das bocas do Pó, e onde habita gente sempre desejosa de ver agitado o mar pela fúria dos ventos; finalmente Argenta e Lugo, e mil outras fortalezas, e mil outras cidades populosíssimas.</p>	<p>supressão.</p>
<p>42. Ai nos surge agora Nicolau: ainda criança, caber-lhe-á ser aclamado soberano; de encontro a ele quebrar-se-ão írritos e nulos os desígnios de Thadeu, na guerra civil que este lhe promover. De pequenino se acostumará aos fadigosos labores do combate, e se irá dispondo para se tornar notável entre os mais notáveis guerreiros.</p>	<p>42. Ai nos surge agora Nicolau: ainda eriança, caber lhe á ser aclamado soberano; de encontro a ele quebrar-se-ão írritos e nulos os desígnios de Thadeu, na guerra civil que este lhe promover. De pequenino se acostumará aos fadigosos labores do eombate, e se irá dispondo para se tornar notável entre os mais notáveis guerreiros.</p>	<p>supressão.</p>
<p>43. Conjurações de seus súbditos rebeldes, saberá ele sufoca-las, com grande perda para os vencidos. Iludir-lhe o espírito sagaz será porventura difficilimo: disto se convencerá, mas quando já for tarde bastante, o cruel tirano de Règio e de Parma, Othon III, a quem Nicolau tirará simultaneamente os domínios e a própria vida.</p>	<p>43. Conjurações de seus súbditos rebeldes, saberá ele sufoca-las, com grande perda para os vencidos. Iludir-lhe o espírito sagaz será porventura difficilimo: disto se convencerá, mas quando já for tarde bastante, o cruel tirano de Règio e de Parma, Othon III, a quem Nicolau tirará simultaneamente os domínios e a própria vida</p>	<p>supressão.</p>

<p>44. Ira sempre esta ilustre família crescendo em poderio, e sempre caminhando na estrada da retidão, - sem nunca a ninguém fazer mal, salvo a hipótese de provocantes injurias com que a hostilizem. Por isso o Criador do Mundo permitirá que ela vá durando e prosperando cada vez mais, enquanto durar a máquina do Universo.</p>	<p>44. Ira sempre esta ilustre família erecendo em poderio, e sempre eaminhando na estrada da retidão, sem nunca a ninguém fazer mal, salvo a hipótese de provocantes injurias eom que a hostilizem. Por isso o Criador do Mundo permitirá que ela vá durando e prosperando cada vez mais, enquanto durar a máquina do Universo.</p>	<p>supressão.</p>
<p>45. Vira depois Leonel, - E vira o primeiro duque, o inepto Borso, que será dos seus tempos honra e gloria. Governando em paz, alcançara triunfo maior que todos quantos por conquista logrem assenhorear-se de territórios estranhos. Manietando as fúrias de Marte, empenhará todos os cuidados em que viva feliz o seu povo.</p>	<p>45. Vira depois Leonel, - E vira o primeiro duque, o inepto Borso, que será dos seus tempos honra e gloria. Governando em paz, alcançara triunfo maior que todos quantos por conquista logrem assenhorear se de territórios estranhos. Manietando as fúrias de Marte, empenhará todos os cuidados em que viva feliz o seu povo.</p>	<p>supressão.</p>
<p>46. Vira Hercules em seguida, com justos motivos queixoso de seus vizinhos. O auxilio que lhes prestou valorosamente em Budrio merecia acaso que, em recompensa, o viessem hostilizar?! Confesso que não sei decidir onde é que este príncipe ganhará mais gloria, se na paz, se na guerra.</p>	<p>46. Vira Hercules em seguida, com justos motivos queixoso de seus vizinhos. O auxilio que lhes prestou valorosamente em Budrio merecia acaso que, em recompensa, o viessem hostilizar?! Confesso que não sei decidir onde é que este príncipe ganhará mais gloria, se na paz, se na guerra.</p>	<p>supressão.</p>
<p>47. Os povos da Apulia, da Calábria e da Lucania, conservarão por longo tempo lembrança de suas façanhas naqueles campos em que o rei dos Catalães há de conceder-lhe pela primeira vez a honra gloriosa do combate singular. Por mais de uma Victoria logrará ficar seu nome inscrito entre os dos capitães invictos; seu mérito lhe proporcionará entrar no gozo efetivo de uma soberania, que mais de trinta anos antes lhe pertencerá por direito.</p>	<p>47. Os povos da Apulia, da Calábria e da Lucania, conservarão por longo tempo lembrança de suas façanhas naqueles campos em que o rei dos Catalães há de conceder lhe pela primeira vez a honra gloriosa do eombate singular. Por mais de uma Viotoria logrará ficar seu nome inscrito entre os dos capitães invictos; seu mérito lhe proporcionará entrar no gozo efetivo de uma soberania, que mais de trinta anos antes lhe pertencerá por direito.</p>	<p>supressão.</p>

<p>48. Grandíssimos favores lhe deverá seu povo. E não me refiro nisto a conversão dos pântanos em campos fertilíssimos; nem aos melhoramentos de Ferrara, defendida por ele com obras de fortificação, adornada com templos, com palácios, com teatros.</p>	<p>48. Grandíssimos favores lhe deverá seu povo. E não me refiro nisto a conversão dos pântanos em campos fertilíssimos; nem aos melhoramentos de Ferrara, defendida por ele com obras de fortificação, adornada com templos, com palácios, com teatros.</p>	<p>supressão.</p>
<p>49. Também me não refiro á valentia com que saberá defendel-a contra as garras potentes do Leão de S. Marcos, - nem á prudência com que logrará conserva-la no doce remanso da paz, sem temores, sem angustias, sem contribuições de guerra, no tempo em que todo o resto da bela Itália andar a ferro e a fogo por causa da França.</p>	<p>49. Também me não refiro á valentia com que saberá defendel-a contra as garras potentes do Leão de S. Marcos, - nem á prudência com que logrará conserva-la no doce remanso da paz, sem temores, sem angustias, sem contribuições de guerra, no tempo em que todo o resto da bela Itália andar a ferro e a fogo por causa da França.</p>	<p>supressão.</p>
<p>50. Tudo isso é de pouca monta perante o que país lhe ficará tão somente devendo na inclita prole de tão illustre príncipe. O justo Affonso e o benévolo Hipólito merecerão comparar-se aos dois lendários filhos do Cysne de Tyndaro, cada um dos quais alternadamente se privava da luz celestial para temporariamente furtar o outro ás trevas mortais. Hipógrifo e Affonso estarão sempre prompts, um pelo outro, a corajosamente afrontarem a morte.</p>	<p>50. Tudo isso é de pouca monta perante o que país lhe ficará tão somente devendo na inclita prole de tão illustre príncipe. O justo Affonso e o benévolo Hipólito merecerão comparar-se aos dois lendários filhos do Cysne de Tyndaro, cada um dos quais alternadamente se privava da luz celestial para temporariamente furtar o outro ás trevas mortais. Hipógrifo e Affonso estarão sempre prompts, um pelo outro, a corajosamente afrontarem a morte.</p>	<p>supressão.</p>
<p>51. A intima afeição dos dois dará em resultado para seu povo uma segurança maior do que se lhe coubesse ter guarnecido pela mão de Vulcano com uma dupla cinta de ferro as muralhas da cidade. Bondade e sabedoria aliar-se-ão por tal forma em Affonso, que no século seguinte há de haver quem suponha ter sido ali o segundo reinado de Astréa:</p>	<p>51. A intima afeição dos dois dará em resultado para seu povo uma segurança maior do que se lhe coubesse ter guarnecido pela mão de Vulcano com uma dupla cinta de ferro as muralhas da cidade. Bondade e sabedoria aliar-se-ão por tal forma em Affonso, que no século seguinte há de haver quem suponha ter sido ali o segundo reinado de Astréa.</p>	<p>supressão.</p>

<p>52. Prudência e valor, tais quais tinha seu pai, precisará de ter este príncipe, - que por um lado se encontrará a braços com os Venezianos, e por outro com uma potencia, á qual não sei se ele mais deva chamar madrasta do que a mãe (se é mãe, confessemos que faz lembrar para com Affonso o procedimento de Medéa ou de Progne para com os filhos).</p>	<p>52. Prudência e valor, tais quais tinha seu pai, precisará de ter este príncipe, — que por um lado se encontrará a braços com os Venezianos, e por outro com uma potencia, á qual não sei se ele mais deva chamar madrasta do que a mãe (se é mãe, confessemos que faz lembrar para com Affonso o procedimento de Medéa ou de Progne para com os filhos).</p>	<p>supressão.</p>
<p>53. Sempre que ele de Ferrara sair, á testa de seus súbditos fieis, triunfará brilhantemente de seus inimigos, quer seja de dia ou de noite, quer seja por terra ou por mar. Nisto não de por fim atentar os povos da Romanha, imprudentemente induzidos a hostilizarem a um país vizinho que primeiro havia sido aliado seu; o território que medeia entre o Pó, o Santerno, e o Zanniolo, ficará banhado com o sangue deles.</p>	<p>53. Sempre que ele de Ferrara sair, á testa de seus súbditos fieis, triunfará brilhantemente de seus inimigos, quer seja de dia ou de noite, quer seja por terra ou por mar. Nisto não de por fim atentar os povos da Romanha, imprudentemente induzidos a hostilizarem a um país vizinho que primeiro havia sido aliado seu; o território que medeia entre o Pó, o Santerno, e o Zanniolo, ficará banhado com o sangue deles.</p>	<p>Supressão.</p>
<p>54. Por semelhante provação não de passar os Hespanhoes assoldados pelo Sumo Pontífice quando Affonso lhes retomar Bastia, por eles anteriormente raptada com a aleivosa morte do respectivo castelão. Em castigo desse ato infamíssimo, não dará a ninguém, começando no comandante e acabando no infimo dos soldados, para que de todos nem um sobreviva que possa levar a Roma noticia de sua desforra.</p>	<p>54. Por semelhante provação não de passar os Hespanhoes assoldados pelo Sumo Pontífice quando Affonso lhes retomar Bastia, por eles anteriormente raptada com a aleivosa morte do respectivo castelão. Em castigo desse ato infamíssimo, não dará a ninguém, começando no comandante e acabando no infimo dos soldados, para que de todos nem um sobreviva que possa levar a Roma noticia de sua desforra.</p>	<p>Supressão.</p>

<p>55. Á sua prudência e ao valor de seu braço caberá nos campos da Romanha a honra de fazer com que o exercito francês fique vitorioso contra o Pontífice e contra a Hespanha. Sangue humano correrá em abundancia tal, que inundará toda a planície, nadando nele os cavalos sobreviventes: chegarão mesmo a ficar cadáveres insepultos, por faltar quem os enterre, de Alemães, de Gregos, de Hespanhoes, de Italianos, de Franceses.</p>	<p>55. Á sua prudência e ao valor de seu braço caberá nos campos da Romanha a honra de fazer com que o exercito francês fique vitorioso contra o Pontífice e contra a Hespanha. Sangue humano correrá em abundancia tal, que inundará toda a planície, nadando nele os cavalos sobreviventes: chegarão mesmo a ficar cadáveres insepultos, por faltar quem os enterre, de Alemães, de Gregos, de Hespanhoes, de Italianos, de Franceses.</p>	<p>Supressão</p>
<p>56. Aquele que, em vestes pontificais, traz na cabeça o chapéu de púrpura, e o liberal, magnânimo e sublime Hipólito, cardeal da Igreja Romana, e merecedor de quem em todas as línguas eternamente o elogiem tanta em prosa como um verso. O justo Céu quer que no seu tempo floresça um Virgilio, como aquele que floresceu em tempo do imperador Augusto.</p>	<p>56. Aquele que, em vestes pontificais, traz na cabeça o chapéu de púrpura, e o liberal, magnânimo e sublime Hipólito, cardeal da Igreja Romana, e merecedor de quem em todas as línguas eternamente o elogiem tanta em prosa como um verso. O justo Céu quer que no seu tempo floresça um Virgilio, como aquele que floresceu em tempo do imperador Augusto.</p>	<p>Supressão.</p>
<p>57. Hipólito, abrilhantando pelos feitos próprios a sua ilustre família, será comparável ao Sol que, iluminando a maquina do mundo, resplende com fulgor incomparável entre os mais astros. Com pequeníssima comitiva de peões, e mais pequena ainda de cavaleiros, irá triste quando sair de Ferrara, mas volvera radiante por trazer como presa de guerra um espantoso numero de embarcações, entre elas quinze galés.</p>	<p>57. Hipólito, abrilhantando pelos feitos próprios a sua ilustre família, será comparável ao Sol que, iluminando a maquina do mundo, resplende com fulgor incomparável entre os mais astros. Com pequeníssima comitiva de peões, e mais pequena ainda de cavaleiros, irá triste quando sair de Ferrara, mas volvera radiante por trazer como presa de guerra um espantoso numero de embarcações, entre elas quinze galés.</p>	<p>Supressão.</p>
<p>58. Lá temos depois os dois Sigismundo. – Lá temos os cinco filhos queridos de Affonso, cuja fama nem montes nem mares impedirão de chegar a todos os pontos do mundo; um d’esses, Hercules II, será genro do rei da França: outro, por nome Hipólito, igualara seu tio no primor de suas ações.</p>	<p>58. Lá temos depois os dois Sigismundo. – Lá temos os cinco filhos queridos de Affonso, cuja fama nem montes nem mares impedirão de chegar a todos os pontos do mundo; um d’esses, Hercules II, será genro do rei da França: outro, por nome Hipólito, igualara seu tio no primor de suas ações.</p>	<p>supressão.</p>

<p>59. Francisco se chama o terceiro; Affonso é o nome dos dois restantes.- Mas... conforme te disse já, se eu fora a mostrar-te da tua descendência os ramos todos que tanto lustre acrescentarão pelo seu valor, crê que por muitos dias e muitas noites me ficarias aqui escutando. Não julgas acertado que encerremos n'este ponto a exposição, e que deixemos os espectros retirar-se?</p>	<p>59. Francisco se chama o terceiro; Affonso é o nome dos dois restantes.- Mas... conforme te disse já, se eu fora a mostrar-te da tua descendência os ramos todos que tanto lustre acrescentarão pelo seu valor, crê que por muitos dias e muitas noites me ficarias aqui escutando. Não julgas acertado que encerremos n'este ponto a exposição, e que deixemos os espectros retirar-se?</p>	<p>supressão.</p>
<p>60. Com o assentimento de Bradamante, a maga fechou o livro. E logo as sombras dos espectros volveram precipitadamente ao recinto em que se achava o sepulcro de Merlin. Bradamante, apenas lhe foi concedido falar, perguntou: - “ Quem eram aquele dois tão tristes que notei entre Hipólito e Affonso?”</p>	<p>60. Com o assentimento de Bradamante, a maga fechou o livro. E logo as sombras dos espectros volveram precipitadamente ao recinto em que se achava o sepulcro de Merlin. Bradamante, apenas lhe foi concedido falar, perguntou: - “ Quem eram aquele dois tão tristes que notei entre Hipólito e Affonso?”</p>	<p>supressão.</p>
<p>61. “ Suspirando, e com fronte inclinada para o chão, dir-se-ia que lhes faltava a coragem. Afigurou-se-me ate, que seus irmãos desviavam deles o olhar, como esquivando-se-lhes. Transtornaram-se as feições da maga, ao escutar tal pergunta. E, lavada em lagrima, exclamou: São infelizes, cujo infortúnio vem a filiar-se na pernicioso instigação de homens perversos!</p>	<p>61. “ Suspirando, e com fronte inclinada para o chão, dir-se-ia que lhes faltava a coragem. Afigurou-se-me ate, que seus irmãos desviavam deles o olhar, como esquivando-se-lhes. Transtornaram-se as feições da maga, ao escutar tal pergunta. E, lavada em lagrima, exclamou: São infelizes, cujo infortúnio vem a filiar-se na pernicioso instigação de homens perversos!</p>	<p>supressão.</p>

<p>62. Oxalá que o seu delito não consiga estorvar a clemência por que tanto se distingue a generosa prole do benévolo Hercules! Para com aqueles dois desgraçados, que pertencem a essa mesma família, Oxalá que o rigor da justiça fique substituído pela compaixão!</p> <p>E a maga acrescentou em voz mais baixa: Não queiras saber o resto; deixa-te ficar com a doce impressão das glórias que apontei, nem te pese que eu me esquive a amargurar-ta.</p>	<p>62. Oxalá que o seu delito não consiga estorvar a clemência por que tanto se distingue a generosa prole do benévolo Hercules! Para com aqueles dois desgraçados, que pertencem a essa mesma família, Oxalá que o rigor da justiça fique substituído pela compaixão!</p> <p>E a maga acrescentou em voz mais baixa: Finda a revelação, a maga disse: [- Não queiras saber o resto; deixa-te ficar com a doce impressão das glórias que apontei, nem te pese que eu me esquive a amargurar-ta.</p>	<p>Finda a revelação, a maga disse: - Não queiras saber o resto; deixa-te ficar com a doce impressão das glórias que apontei,</p>
<p>63. Logo que no céu despontem os primeiros alvares, hás de ir comigo pelas mais curta vereda que d'aqui nos conduza ao luzente castelo em que Rogério está encarcerado. Servir-te-ei de companheira e de guia até que fiques livre da emaranhada floresta. E, quando chegarmos á beira-mar, ensinar-te-ei o caminho por forma que dele não possas extraviar-te.</p>	<p>63. Logo que no céu despontem os primeiros alvares, hás de ir comigo pelas mais curta vereda que d'aqui nos conduza ao luzente castelo em que Rogério está encarcerado. Servir-te-ei de companheira e de guia até que fiques livre da emaranhada floresta. E, quando chegarmos á beira-mar, ensinar-te-ei o caminho por de forma que dele neste não possas extraviar-tes errar.</p>	<p>Logo que no céu despontem os primeiros alvares, hás de ir comigo ao luzente castelo em que Rogério está encarcerado. Servir-te-ei de companheira e guia até que fiques livre da emaranhada floresta. E, quando chegarmos á beira-mar, ensinar-te-ei o caminho de forma que neste não possas.</p>
<p>64. Assim passou a noite a intrépida Bradamante, empregando parte dela em escutar os conselhos de Merlim, que a persuadiu a quanto antes ir em busca do meu amável Rogério.</p> <p>E quando no céu raiaram os primeiros rubores da aurora, saiu ela então da caverna, subterrânea por um caminho escuro e secreto, em companhia da maga.</p>	<p>64. Assim passou a noite a intrépida Bradamante, empregando parte dela em escutar os conselhos de Merlim, que a persuadiu a quanto antes ir em busca do meu amável Rogério.</p> <p>E Quando no céu raiaram os primeiros rubores da aurora, saiu-ela então Bradamante da caverna, subterrânea por um caminho escuro e secreto, em companhia da maga.</p>	<p>Quando no céu raiaram os primeiros rubores da aurora, saiu Bradamante da caverna, por um caminho secreto, em companhia da maga.</p>

<p>65. Assim chegaram ambas a um precipício oculto entre montanhas, que para o comum dos mortais eram realmente inacessíveis. E um dia todo, sem descansar, andaram trepando fragas e atravessando torrentes. Para disfarçar o enfado inerente a semelhante jornada, e para em certo modo suavizar a aspereza dos caminhos, entretinham-se discorrendo agradavelmente sobre o que mais interessa lhes poderia despertar</p>	<p>65. Assim chegaram ambas a um precipício oculto entre montanhas, que para o comum dos mortais eram realmente inacessíveis. E um dia todo, sem descansar, andaram trepando fragas e atravessando torrentes. Para disfarçar o enfado inerente a semelhante jornada, e para em certo modo suavizar a aspereza dos caminhos, entretinham-se discorrendo agradavelmente sobre o que mais interessa lhes poderia despertar em discorrer sobre a façanhas do nigromante.</p>	<p>Assim chegaram ambas a um precipício oculto entre montanhas, que para o comum dos mortais eram realmente inacessível. E o dia todo, sem descansar, andaram trepando fragas e atravessando torrentes. Para disfarçar o enfado da jornada, entretinham-se em discorrer sobre a façanhas do nigromante.</p>
<p>66. E a conversação teve especialmente por assunto o modo por que Bradamante devia por em pratica suas astúcias. - Pallas ou Marte que tu fosse, lhe dizia a maga, e quando mesmo trouxesse comitiva maior de guerreiros que o próprio rei Carlos Magno, ou o rei Agramante fica certa de que não lograrías resistir pela força a um nigromante daqueles.</p>	<p>66. E a conversação teve especialmente por assunto o modo por que Bradamante devia por em pratica suas astúcias. - Pallas ou Marte que tu fosse, lhe dizia a maga, e quando mesmo e ainda sua trouxesse comitiva maior de guerreiros maior que a do que o próprio rei Carlos Magno, ou o rei Agramante fica certa de que não lograrías resistir pela força a um nigromante daqueles. Seu</p>	<p>- Pallas ou Marte que tu fosse, lhe dizia a maga, e ainda sua trouxesse comitiva de guerreiros maior que a do rei Carlos Magno, fica certa de que não lograrías resistir pela força a um nigromante daqueles. Seu</p>
<p>67. Se o não sabes dir-te-ei: o seu inexpugnável castelo assenta n'um rochedo altíssimo, circundado por muralhas de aço. O corcel em que ele monta, salta e galopa nos ares. Junta-se a isto o celebre / escudo, mortais cujo fulgor possui o condão de ofuscar estontear e fazer perder os sentidos aquém nele fita os olhos, (ao acaso o dono o põe a descoberto).</p>	<p>67. Se o não sabes dir-te-ei: o seu inexpugnável castelo assenta n'um rochedo altíssimo, circundado por muralhas de aço. O corcel em que ele monta, salta e galopa nos ares. Junta-se a isto o celebre / escudo, mortais cujo fulgor possui o condão de ofuscar estontear e fazer perder os sentidos aquém nele fita os olhos, (ao acaso o dono o põe a descoberto).</p>	<p>inexpugnável castelo assenta n'um rochedo altíssimo, circundado de muralhas de aço. O corcel que ele monta, salta e galopa nos ares. Junta-se a isto o celebre / escudo, cujo fulgor possui o condão de ofuscar e fazer perder os sentidos aquém nele fita os olhos,</p>

<p>68. Replicar-me-ás talvez que, para escapar a esse perigo, conservarás fechados os olhos, em enquanto combateres. Mas ... como poderias então calcular as tuas paradas e as tuas respostas. Para evitares o efeito mortal daquele escudo deslumbrante e bem assim para neutralizares todos os mais encantamentos de semelhante mágica, há um talismã que vou indicar-te, único infalível em todo o mundo.</p>	<p>68. Replicar-me-ás talvez que, para escapar fugir a esse perigo, conservarás fechados os olhos, em enquanto combateres. Mas ... como poderias então calcular as tuas paradas e as tuas respostas. os teus golpes? Para evitares o efeito mortal daquele do escudo deslumbrante e bem assim para neutralizares todos os mais encantamentos de semelhante mágica, há um talismã que vou indicar-te, único infalível em todo o mundo.</p>	<p>Replicar-me-ás que, para fugir a esse perigo, conservarás fechados os olhos, Mas ... como poderias então calcular os teus golpes? Para evitares o efeito mortal do escudo há um talismã que vou indicar-te, único infalível em todo o mundo.</p>
<p>69. Esse talismã é um anel, roubado em tempos na Índia a uma rainha indiana, e dado por Agramante, rei da África, a um de seus barões, chamado Brunello, o qual poucas milhas se acha distante de nós. Quem possui no dedo esse anel, está completamente a coberto contra o malefício dos encantamentos.</p>	<p>69. Esse talismã é um anel, roubado em tempos na Índia a uma rainha indiana, e dado por Agramante, rei da África, a um de seus barões, chamado Brunello, o qual poucas milhas se acha distante de nós. Quem traz possui no dedo esse anel, está completamente a coberto contra o de malefício dos encantamentos.</p>	<p>Esse talismã é um anel, roubado em tempos a uma rainha indiana, e dado por Agramante, a um de seus barões, chamado Brunello, Quem traz no dedo esse anel, está a coberto de malefício dos encantamentos.</p>
<p>70. Brunello, que é possuidor de tão maravilhoso talismã, pode considerar-se em aptidões para enganar a furtos perfeitamente comparável no nigromante do escudo no que respeita a malefícios de magia. Pelas praticas de sua astúcia Brunello recebeu de Agramante o encargo de ir, com o auxilio do anel, restituir a liberdade a Rogério: assim o prometeu ele a seu amo, para quem a pessoa de Rogério representa objeto da mais partícula estima.</p>	<p>70. Brunello, que é possuidor de tão maravilhoso talismã, pode considerar-se em aptidões para enganar a furtos perfeitamente comparável no nigromante do escudo no que respeita a malefícios de magia. Pelas praticas de sua astúcia Brunello recebeu de Agramante o encargo de ir, com o auxilio do anel, restituir a liberdade a Rogério: assim o prometeu ele a seu amo, para quem a pessoa de Rogério representa objeto da mais de partícula estima.</p>	<p>Brunello recebeu de Agramante o encargo de ir, com o auxilio do anel, restituir a liberdade a Rogério: assim o prometeu ele a seu amo, para quem a pessoa de Rogério representa objeto de partícula estima.</p>
<p>71. Porém, para que o teu Rogério fique devendo a ti somente, o não ao rei Agramante o, favor de sua libertação, ensinar-te-ei os meios de que te cumpre lançar mão. Escuta-me: hás de ir durante três dias costeando as areias litorais que em breve descobriremos; ao terceiro dia encontra-te hás numa pousada com o possuidor do anel.</p>	<p>71. Porém, para que o teu Rogério fique devendo a ti somente, o não ao rei Agramante o, favor de sua libertação, ensinar-te-ei os meios de que te cumpre lançar mão. Escuta-me: hás de ir durante três dias costeando as areias litorais da praia que em breve descobriremos; ao terceiro dia encontra-te hás numa pousada um pouso com o possuidor dono do anel.</p>	<p>Porém, para que o teu Rogério fique devendo a ti somente, o favor de sua libertação, ensinar-te-ei os meios de que te cumpre lançar mão. Escuta-me: hás de ir durante três dias costeando as areias da praia que breve descobriremos; ao terceiro dia encontra-te hás um pouso com o dono do anel.</p>

<p>72. Para que os reconheças, te vou dar dele os sinais: Brunello tem a estatura inferior a seis palmos; cabelos, preto e sobremaneira crespo; crespas as sobrancelhas também; face pálida, e fusca, muito barbada; olhos opacos e um tanto envesgado; nariz deprimido: e... (para que nada falte dizer-te) vestuário estreito e curto, fazendo lembrar o de um correio.</p>	<p>72. Para que os reconheças, te vou dar dele os sinais: Brunello tem a estatura inferior a seis palmos; cabelos, preto e sobremaneira crespo; crespas as sobrancelhas também; face pálida, e fusca, muito barbada; olhos opacos e um tanto envesgado; nariz deprimido: e... (para que nada falte dizer-te) vestuário estreito e curto, fazendo lembrar o de um correio.</p>	<p>Brunello tem a estatura inferior a seis palmos; cabelos, preto e crespo; crespas as sobrancelhas também; face pálida, muito barbada; olhos um tanto envesgado; nariz deprimido:</p>
<p>73. Não faltará o ensejo de conversares com ele em assunto de encantamentos: podes dizer-lhe que tens (como é verdade) grandíssimo desejo de brigar com o mágico do castelo; mas livra-te de lhe dares a entender que sabes da existência do anel. Há de ele então oferecer-se para te a ensinar o caminho te junto a rocha em que mora o nigromante.</p>	<p>73. Não faltará o ensejo de conversares com ele em assunto de sobre encantamentos: podes dizer-lhe que tens (como é verdade) grandíssimo desejo de brigar com o mágico do castelo; mas livra-te de lhe dares a entender que sabes da existência do anel. Há de ele então oferecer-se para te a ensinar o caminho te junto a da rocha em que mora o nigromante.</p>	<p>Não faltará o ensejo de conversares com ele sobre encantamentos: podes dizer-lhe que tens grandíssimo desejo de brigar com o mágico do castelo; mas livra-te de lhe dares a entender que sabes do anel. Há de ele então oferecer-se para te ensinar o caminho da rocha em que mora o nigromante.</p>
<p>74. Aceitando-lhe a companhia, caminharás atrás dele. E, quando avistares a rocha, trata de o matar: para isso, é mister que ponhas de parte os sentimentos compassivos, e que o teu companheiro e não adivinhe os intentos, - porque, se lhe desses tempo de recorrer ao talismã, vê-lo ias imediatamente desaparecer-te da vista, apenas o tal anel mágico lhe tocasse na boca.</p>	<p>74. Aceitando-lhe a companhia, caminharás atrás dele. E, quando avistares a rocha, trata de o matar: para isso, é mister que ponhas de parte os sentimentos compassivos, e que o teu companheiro e não adivinhe teus os intentos, - porque, se lhe desses tempo de recorrer ao talismã, vê-lo ias imediatamente desaparecer-te da vista, apenas o tal anel mágico lhe tocasse na boca.</p>	<p>Aceitando-lhe a companhia, caminharás atrás dele. E, quando avistares a rocha, trata de o matar: para isso, é mister que ponhas de parte os sentimentos compassivos, e que o teu companheiro não adivinhe teus intentos, - porque, se lhe desses tempo de recorrer ao talismã, vê-lo ias imediatamente desaparecer-te da vista, apenas o anel mágico lhe tocasse boca.</p>

<p>75. Assim conferenciando , chegaram as duas ao sitio em que desemboca, a pouca distancia de Bordeus, o Garonna. Ai, consagrando ambas á sua mutua despedida algumas lagrimas separaram-se, finalmente.</p> <p>Sem descançar de noite, nem de dia, lá vai seguindo seu caminho a filha de Aymon, unicamente preocupada com a idéia de libertar o amante: ao fim de três dias em constante jornada, foi ter a uma estalagem, onde já Brunello estava albergado.</p>	<p>75. Assim conferenciando concertando, chegaram as duas ao sitio em que desemboca, a pouca distancia de Bordeus, o Garonna. Ai, consagrando ambas á sua mutua a despedida algumas lagrimas e separaram-se, finalmente.</p> <p>Sem descançar de noite, nem de dia, lá vai seguindo seu caminho a filha de Aymon, unicamente preocupada com a idéia de libertar o amante: ao fim de três dias em constante jornada, foi ter a uma estalagem, onde já Brunello estava albergado. assustado.</p>	<p>75. Assim concertando, chegaram as duas ao sitio em que desemboca, a pouca distancia de Bordeus, o Garonna. Ai, consagraram a despedida algumas lágrimas e separaram-se, finalmente.</p> <p>Sem descançar de noite, nem de dia, lá vai seguindo seu caminho a filha de Aymon, unicamente preocupada com a idéia de libertar o amante: ao fim de três dias em constante jornada, foi ter a uma estalagem, onde já Brunello estava assustado.</p>
<p>76. Pela descrição que lhe tinham feito do homem logo ela o reconhece: pergunta-lhe de onde vem e para onde vai; Brunello responde-lhe mentindo em tudo quanto diz; Bradamante, por seu lado, prevenida como estava, não faz também senão dissimular e mentir, e trata de completamente o iludir com respeito a pátria, família, religião, nome e sexo de sua pessoa.</p>	<p>76. Pela descrição que lhe feita tinham feito do homem logo ela o reconhece: pergunta-lhe de onde vem e para onde vai; Brunello responde-lhe mentindo em tudo quanto diz; Bradamante, por seu lado, prevenida como estava, não faz também senão dissimular e mentir, e trata de completamente o iludir com respeito a pátria, família, religião, nome e sexo de sua pessoa.</p>	<p>Pela descrição feita logo o reconhece: pergunta-lhe de onde vem e para onde vai; Brunello responde-lhe mentindo em tudo quanto diz; Bradamante, por seu lado, prevenida como estava, não faz também senão dissimular e mentir, e trata de o iludir com respeito a pátria, família, religião, nome e sexo de sua pessoa.</p>
<p>77. Entretanto vai lhe amiudadas vezes fixando nas mãos um olhar perscrutador, sempre com o receio de ser por ele roubada: informada como esta de seus procedentes nem mesmo consente que ele vá colocar-se-lhe ao lado.</p> <p>Estavam Brunello e Bradamante em frente um do outro, quando súbito chegou aos ouvidos de ambos um inesperado rumor...</p>	<p>77. Entretanto vai lhe amiudadas vezes fixando nas mãos um olhar perscrutador, sempre com o receio de ser por ele roubada: informada como esta de seus procedentes nem mesmo consente que ele vá colocar-se-lhe ao lado.</p> <p>Estavam Brunello e Bradamante em frente um do outro, quando súbito chegou aos ouvidos de ambos um inesperado rumor...</p>	<p>supressão.</p>

Capítulo IV

A	B	C
<p>1-Censurável embora, e quase sempre indicativa de um espírito malévolo a dissimulação certo e que muitas vezes presta evidentes benefícios; muitas vezes nos evita situações danosas ou vergonhosas; e em certos casos até nos livras da morte: amigos nem sempre se encontram nesta vida terrena, em que a escuridão da inveja é mais comum do que a serenidade leal.</p>	<p>1-Censurável embora, e quase sempre indicativa de um espírito malévolo a dissimulação certo e que muitas vezes presta evidentes benefícios; muitas vezes nos evita situações danosas ou vergonhosas; e em certos casos até nos livras da morte: amigos nem sempre se encontram nesta vida terrena, em que a escuridão da inveja é mais comum do que a serenidade leal.</p>	<p>Embora censurável, e indicativa de não caráter, muitas vezes a dissimulação se torna necessária para o consentimento de um fim honesto</p>

<p>2. A um verdadeiro amigo, que por ventura se nos depare em longas provações, poderemos sem desconfiança patentear o nosso íntimo pensamento. Mas Era esse o caso da formosa amante de Rogério ante aquele Brunello? Tinha-lho a maga pintado, não como sincero e franco, mas como fingido e mentiroso.</p>	<p>2. A um verdadeiro amigo, que por ventura se nos depare em longas provações, poderemos sem desconfiança patentear o nosso íntimo pensamento. Mas Era esse o caso da formosa amante de Rogério ante aquele Brunello? Tinha-lho a maga pintado, não como sincero e franco, mas como fingido e mentiroso.</p>	<p>supressão</p>
<p>3. Por isso Bradamante se vê obrigada também a dissimular perante aquele refinadíssimo impostor, adestrado em quanto gênero possa imaginar-se de fingimento, e conforme dito ficou, muitas e muitas vezes fita a jovem os olhos nas mãos de Brunello. Mas, de repente... chega-lhe aos ouvidos um estrepitoso rumor. -Virgem Santíssima! Exclama Bradamante. Que será isto, Deus do Céu?! E ei-la a correr para o sitio donde parecia vir o estrépito.</p>	<p>3. Por isso Bradamante se vê obrigada também a dissimular perante aquele refinadíssimo impostor, adestrado em quanto gênero possa imaginar-se de mestre em toda a sorte de fingimento, e conforme dito ficou, muitas e muitas vezes fita a jovem os olhos nas mãos de Brunello. E dissimulava, e disfarçava sempre de olho no anel, quando lhe chega aos ouvidos um estranho clamor Mas, de repente... chega-lhe aos ouvidos um estrepitoso rumor. - Virgem Santíssima! Exclama Bradamante a donzela. Que será isto, Deus do Céu?! E ei-la a correr para o sitio donde parecia vir o estrépito.</p>	<p>Por isso Bradamante se vê obrigada a dissimular perante aquele refinadíssimo impostor, mestre em toda a sorte de fingimento, E dissimulava, e disfarçava sempre de olho no anel, quando lhe chega aos ouvidos um estranho clamor - Virgem Santíssima! Exclama a donzela. Que será isto, Deus do Céu?! E ei-la a correr para o sitio donde vinha o estrépito.</p>
<p>4. Que há de ela ver? O estalajadeiro com a família toda uns a janela, outros fora da porta, olhando pasmado para cima, como se no firmamento houvesse que ver um eclipse ou um cometa!... O prodígio que Bradamante descontinua... toca os limites do incrível! Imagine-se Um grande corcel com azas, que vai fedendendo os ares, e sobre o cavalo um cavaleiro, armado.</p>	<p>4. Que há de ela ver? O estalajadeiro com toda a família toda uns a janela, outros fora da porta, olhandovam pasmado para cima, como se no firmamento houvesse que ver um eclipse ou um se tivesse aparecido um cometa!... O prodígio que Bradamante descontinua... toca os limites do incrível! Imagine-se Mas o prodígio era outro. Um grande corcel em de azas, que vai fedendendo os ares, montado por e sobre o cavalo um cavaleiro, armado.</p>	<p>O estalajadeiro toda a família olhavam pasmado para cima, como se tivesse aparecido um cometa!... Mas o prodígio era outro. Um grande corcel de azas, vai fedendendo os ares, montado por um cavaleiro,</p>

<p>5. Grandes e diversamente coloridas eram as azas do corcel; brilhante e luminosa a armadura, do cavaleiro que o montava. Caminhavam na direção do poente, Por fim embaixando o vôo, acabaram por desapareceram atrás das montanhas.</p> <p>Dizia o estalajadeiro (n'isso não se enganava) que era um nigromante, aquela prodigiosa digressão apresentava-se amiudadas vezes dali ora em maior distância, ora mais ao perto.</p>	<p>5. Grandes e diversamente coloridas eram as azas do corcel; de brilhante e luminosa a armadura, do cavaleiro que o montava. Caminhavam Voava na direção do poente, Por fim e por fim embaixando o vôo, acabaram por desapareceram atrás das montanhas.</p> <p>Dizia o estalajadeiro que já o vivia voar muitas vezes, cavalgando pelo nigromante o qual se ergue até as estrelas ou voa-riz-vez da terra, raptando as (n'isso não se enganava) que era um nigromante, aquela prodigiosa digressão apresentava se amiudadas vezes dali ora em maior distância, ora mais ao perto.</p>	<p>de brilhante e luminosa a armadura Voava na direção do poente, e por fim desapareceu das montanhas.</p> <p>Dizia o estalajadeiro que já o vivia voar muitas vezes, cavalgando pelo nigromante o qual se ergue até as estrelas ou voa-riz-vez da terra, raptando as</p>
<p>6. Já erguendo até as estrelas o vôo já quase rez-vez-da terra, o cavaleiro vai sempre raptando e levando consigo as mulheres bonitas que se encontra nestas regiões. D'aqui resulta que as míseras donzelas, quando sejam formosas em cuidar sê-lo tratam de conservar-se muito escondidinhas em casa enquanto faz sol.</p>	<p>6. Já erguendo até as estrelas o vôo já quase rez-vez-da terra, o cavaleiro vai sempre raptando e levando consigo as mulheres bonitas que se encontra nestas regiões. D'aqui resulta que as míseras donzelas, quando sejam são formosas em cuidar sê-lo tratam de conservar-se muito escondidinhas em casa enquanto faz sol.</p>	<p>mulheres bonitas que se encontra nestas regiões. D'aqui resulta que as míseras donzelas, quando são formosas tratam de conservar-se muito escondidinhas em casa enquanto faz sol.</p>
<p>7. Mais dizia o estalajeiro que a residência do nigromante era, nos Pyreneos, um castelo encantado, todo feito de aço, mui luzente e belo, como não havia outro no mundo. E acrescentava ele: - Já muitos cavaleiros lá tem ido, mas nenhum ainda se gabou de haver podido voltar: quer-me portanto parecer que lá ficaram prisioneiros, se o que o nigromante os não matou.</p>	<p>7. Mais dizia o estalajeiro que a residência do nigromante era, nos Pyreneos, um castelo encantado, todo feito de aço, mui luzente e belo, como não havia outro no mundo. E acrescentava ele: [- Já muitos cavaleiros lá ao seu castelo, mas nenhum ainda se gabou de haver podido voltar: quer-me portanto parecer que lá ficaram prisioneiros, se o que ou o nigromante os não matou.</p>	<p>E acrescentava ele: [- Já muitos cavaleiros tem ido, ao seu castelo, mas nenhum ainda se gabou de haver podido voltar: quer-me portanto parecer que lá ficaram prisioneiros, ou o nigromante os matou.</p>
<p>8. Bradamante, vai escutando esta narrativa toda Animavam-na esperanças, de que o anel maravilhoso lhes servirá para triunfar do castelo e do castelão. Voltando para o estalajadeiro, diz lhe: - Desencanta-me tu alguém que melhor do que eu, conheça o caminho para lá, porque não descanso enquanto não medir minhas forças com semelhante mágico.</p>	<p>8. Bradamante, vai escutando esta narrativa toda Animavam-na esperanças, de que o anel maravilhoso lhes servirá para triunfar do castelo e do castelão. Animava de esperanças, diz o estalajeiro: Voltando para o estalajadeiro, diz lhe: [- Desencanta-me tu arranja-me alguém que me guie ao castelo, melhor do que eu, conheça o caminho para lá,</p>	<p>Bradamante, Animava de esperanças, diz o estalajeiro: [- arranja-me alguém que me guie ao castelo, porque não descanso enquanto não medir forças com semelhante mágico.</p>

	<p>porque não descanso enquanto não medir minhas forças com semelhante mágico.</p>	
<p>9. Pois se careceis de um guia, observou Brunello irei eu convosco. Trago marcado por escrito o itinerário E de outros elementos sou também possuidor, que vos tomarão agradável a minha companhia. Referia-se n'isto Brunello á posse do anel, mas por cautela... exprimia-se d'est'arte misteriosamente. Agradável, por certo, respondeu-lhe Bradamante, me será a companhia, vossa. Referia-se ela ao anel, do qual contava apoderar-se</p>	<p>9. Pois se careceis de um guia, observou Brunello irei eu convosco. Trago marcado por escrito o itinerário E e de outros elementos sou também possuidor, que vos tomarão agradável a minha companhia. Referia-se n'isto Brunello á posse do anel, mas por cautela... exprimia-se d'est'arte misteriosamente. Agradável Agradabilíssima, por certo, respondeu-lhe Bradamante, me será a vossa companhia, respondeu Bradamante pensando no anel vossa. Referia-se ela ao anel, do qual contava apoderar-se</p>	<p>Pois se careceis de um guia, observou Brunello irei convosco. Trago escrito o itinerário e de outros elementos sou possuidor, que vos tomarão agradável a minha companhia. Agradabilíssima, por certo, me será a vossa companhia, respondeu Bradamante pensando no anel</p>
<p>10. E o que lhe convinha dizer, disse-o, mas o que lhe pareceu inconveniente sabe-lo o sarraceno, deixou-o Bradamante em silencio. Tinha o estalajeiro um cavalo, próprio tanto para combate como para jornada. Bradamante comprou-lho. E no dia seguinte, ao romper d'alva, partiu, fazendo caminho por um vale estreito. Brunello ia marchando também, umas vezes na dianteira, outras vezes atrás</p>	<p>10. E o que lhe convinha dizer, disse-o, mas o que lhe pareceu inconveniente sabe-lo o sarraceno, deixou o Bradamante em silencio. Tinha o estalajeiro um cavalo, próprio tanto para combate como para jornada. Bradamante comprou-lho. E No dia seguinte, ao romper d'alva, partiu, fazendo caminho partiram, tomando por um vale estreito. Brunello ia marchando também, umas vezes na dianteira, outras vezes atrás</p>	<p>No dia seguinte, ao romper d'alva, partiram, tomando por</p>

<p>11. De montanha em montanha, e de bosque em bosque, lograram chegar ambos a um dos píncaros Pyraneas, d'onde se podes quando límpido o horizonte, avistar ao mesmo tempo a França e a Espanha, e o arenoso litoral de dois mares, tal qual sucede a quem dos Apeninos avista simultaneamente o Mar Adriático e o Mar Toscano, se escolhe por ponto de observação o píncaro próximo ao celebre convento dos Frades Beneditinos.</p>	<p>11. De montanha em montanha, e de bosque em bosque, lograram chegar ambos a um dos píncaros Pyraneas, d'onde se podes quando límpido o horizonte, avistar ao mesmo tempo a França e a Espanha, e o arenoso litoral de dois mares, tal qual sucede a quem dos Apeninos avista simultaneamente o Mar Adriático e o Mar Toscano, se escolhe por ponto de observação o píncaro próximo ao celebre convento dos Frades Beneditinos.</p> <p>11. De montanha em montanha, e de bosque em bosque, chegaram ambos a um dos píncaros Pyraneas, dos Pirineus d'onde se podes quando límpido o horizonte, avistar ao mesmo tempo a França e a Espanha, e o arenoso litoral de dois mares, tal qual sucede a quem dos Apeninos avista simultaneamente o Mar Adriático e o Mar Toscano, se escolhe por ponto de observação o píncaro próximo ao celebre convento dos Frades Beneditinos.</p>	<p>11. De montanha em montanha, e de bosque em bosque, chegaram ambos a um dos píncaros dos Pirineus d'onde se, avista-o mesmo tempo a França e a Espanha,</p>
<p>12. Seguindo um desfiladeiro escabroso, podia-se dali descer a um profundo Vale . Em meio desse vale havia um penhasco, cingido no cume por uma bela muralha de aço. e tão elevado, que sobrepuja tudo quanto o circunda. Quem não tiver azas não pense em querer lá penetrar, que é trabalho perdido. [- É ali, disse Ali disse Brunello, é onde que o mágico retém seus cativos, damas e cavaleiros.</p>	<p>12. Seguindo um desfiladeiro escabroso, podia-se dali descer a um profundo Vale . Em meio desse vale havia um penhasco, cingido no cume por uma bela muralha de aço. e tão elevado, que sobrepuja tudo quanto o circunda. Quem não tiver azas não pense em querer lá penetrar, que é trabalho perdido.</p> <p>12. Seguindo um desfiladeiro escabroso, podia-se dali descer a um profundo Vale . Em meio do qual desse vale havia um penhasco, cingido no cume por uma bela muralha de aço. e tão elevado, que sobrepuja tudo quanto o circunda. Quem não tiver azas não pense em querer lá penetrar, que é trabalho perdido.</p> <p>[- É ali, disse Ali disse Brunello, é onde que o mágico retém seus cativos, damas e cavaleiros.</p>	<p>Seguindo um desfiladeiro escabroso, descia-se a um profundo Vale em meio do qual havia um penhasco, cingido de bela muralha de aço. [- É ali, disse Brunello, que o mágico retém seus cativos, damas e cavaleiros.</p>
<p>13. Talhada a pique em suas quatro faces, a rocha elevava-se perfeitamente vertical, sem vereda nem escadaria que lhe facultasse o acesso. Percebia-se pois, que só um animal com azas poderia fazer daquele castelo a sua habitação.</p>	<p>13. Talhada a pique em suas quatro faces, a rocha elevava-se perfeitamente vertical, sem vereda nem escadaria que lhe facultasse o acesso. Percebia-se pois, que só um animal com azas poderia fazer daquele castelo a sua habitação.</p>	<p>Supressão</p>
<p>14. Bradamante calculou que era chegado o momento de se apoderar do anel. Mas ... pensou também que matar Brunello representaria um ato menos decoroso, por a macular-se com o sangue de um homem desarmado ocorreu-lhe que poderia assenhorar-se do anel sem matar o possuidor tanto mais, que Brunello não cuidava então em acautelá-lo. Que fez Bradamante? Agarrou-o, prendeu-o ao tronco de um abeto , e em seguida tirou-lhe do dedo o anel.</p>	<p>14. Bradamante calculou que era chegado o momento de se apoderar do anel. Mas ... mas pensou também que matar Brunello representaria um ato menos decoroso, por equivalia a macular-se com o sangue de um homem desarmado; e resolveu ocorreu-lhe que poderia assenhorar-se do tomar o anel sem matar o possuidor. tanto mais, que Brunello não cuidava então em acautelá-lo.</p> <p>14. Bradamante calculou que era chegado o momento de se apoderar do anel. Mas ... mas pensou também que matar Brunello representaria um ato menos decoroso, por equivalia a macular-se com o sangue de um homem desarmado; e resolveu ocorreu-lhe que poderia assenhorar-se do tomar o anel sem matar o possuidor. tanto mais, que Brunello não cuidava então em acautelá-lo.</p> <p>Que fez Bradamante? Agarrou-o, prendeu-o amarrou-o ao tronco de um abeto uma arvore, e em</p>	<p>Bradamante calculou que era chegado o momento de se apoderar do anel mas pensou também que matar Brunello equivalia a macular-se com o sangue de um homem desarmado, tomar o anel sem matar o possuidor. Que fez Bradamante? Agarrou-o, amarrou-o ao tronco de uma arvore, e em seguida tirou-lhe do dedo o anel.</p>

	seguida tirou-lhe do dedo o anel.	
15. Brunello chorou, gemeu, lamentou-se lamentava-se... Mas Bradamante foi o deixando ficar atado ao tronco da árvore, e serenamente desceu a montanha, até chegar a planície em que assentava a torre. Depois, para que o mágico aparecesse, levou a buzina á boca, e, tendo-a feito ressoar, e chamou com gritos de ameaça o adversário, desafiando-o para combate.	15. E enquanto Brunello chorou, gemeu se, lamentou-se lamentava-se... Mas Bradamante foi o deixando ficar atado ao tronco da árvore, e serenamente desceu a montanha, até chegar a planície onde em que assentava se erguia a torre. Depois, para que o mágico aparecesse, Aí levou a buzina á boca, e, tendo-a feito ressoar, e chamou com gritos de ameaça o adversário, desafiando-o para combate.	E enquanto Brunello se, lamentava-se... Bradamante e serenamente desceu a montanha, até chegar a planície onde se erguia a torre. Aí levou a buzina á boca, e chamou com gritos de ameaça o adversário, desafiando-o para combate.
16. O nigromante, ouvindo a buzina, e sentindo os gritos, prestes se apresentou lá vem ele montado no corcel das asas, fendendo os ares, ao encontro daquele que aparentemente figura um guerreiro feroz. Bradamante sente-se tranqüilizada, calculando que pouco mal lhe fará o antagonista, porquanto lhe não vê lança, espada, nem maça d'armas.	16. O nigromante, ouvindo a buzina, e sentindo os gritos, prestes logo se apresentou lá vem ele montado no corcel das asas, fendendo os ares, ao encontro daquele que aparentemente figura um guerreiro feroz. Bradamante sente-se tranqüilizada, calculando que pouco mal lhe fará o antagonista, porquanto lhe não vê lança, espada, nem maça d'armas.	O nigromante, ouvindo a buzina, logo se apresentou montado no corcel das asas, — Bradamante sente-se tranqüilizada, calculando que pouco mal lhe fará o antagonista, porquanto lhe não vê lança, espada, nem maça d'armas.
17. O que lhe vê é no braço esquerdo um escudo envolvido em seda vermelha e na direita um livro, por cuja leitura auxiliado conseguia praticar grandes maravilhas maravilhas. Assim uma vez figurava investir ás lançadas, o que tinha obrigado já vários guerreiros a cerrarem os olhos; outras vezes – dir-se-ia que manjava espada ou maça: e, todavia achava-se a uma grande distância, completamente desarmado!	17. O que Só lhe vê é no braço esquerdo um escudo envolvido em seda vermelha e na direita um livro, por cuja leitura auxiliado conseguia praticar grandes maravilhas mágico, com auxílio do qual consegue suas grandes maravilhas. Assim uma vez é que ás vezes figurava investir ás lançadas, o que tinha obrigado já vários os guerreiros a cerrarem os olhos; outras vezes – dir-se-ia que manjava espada ou maça: e, todavia se achava-se a uma grande distância, completamente desarmado!	Só lhe vê no braço esquerdo um escudo envolvido em seda vermelha e na direita um livro, maravilhas mágico, com auxílio do qual consegue suas grandes maravilhas. Assim é que ás vezes figurava investir às lançadas, o que obrigado os guerreiros a cerrarem os olhos; outras vezes – dir-se-ia que manjava espada ou maça: e, todavia se acha a uma grande distância, completamente desarmado!

<p>18. O corcel é que não era imaginário, mas real e muito real. Filho de uma égua e de um grifo, assemelhava-se ao pai nas penas e nas asas, nas patas dianteiras, na cabeça, nas garras; no resto assemelhava-se á mãe. Chamava-lhe hipogrifo, animais d'estes não são vulgares; mas encontravam-se nos montes Ripheus, muito para lá dos mares glaciais.</p>	<p>18. O corcel é que não era imaginário, mas real e muito real. Filho de uma égua e de um grifo, assemelhava-se ao pai nas penas e nas asas, nas patas dianteiras, na cabeça, e nas garras; no resto assemelhava-se á mãe. Chamava-lhe Era o Hipogrifo, animais d'estes não são vulgares; mas animal raro, que se encontravam-se nos montes Ripheus, muito para lá dos mares glaciais.</p>	<p>O corcel é que não era imaginário, mas real e muito real. Filho de uma égua e de um grifo, assemelhava-se ao pai nas asas, nas patas dianteiras, na cabeça, e nas garras; no resto assemelhava-se á mãe. Era o Hipogrifo, animal raro, que se encontravam-se nos montes Ripheus, para lá dos mares glaciais.</p>
<p>19. Daquelas regiões e que nigromante havia feito vir o seu estranho corcel, por virtude de seus encantamentos. E, apenas lhes chegou, tratou de adestrar por forma, que dentro num mês a poder, de cuidados e fadigas, lograva já bridá-lo selá-lo, montá-lo, cavalgando e - o sem dificuldades por terra ou pelo ar, para onde quer que lhe aprouvesse . Nisso e que não havia ficção alguma de encantamentos: era um fato, incontestável, que todos presenciavam como testemunhas oculares. Enquanto ao resto, sim, enquanto ao resto, pode dizer-se que os fingimentos do nigromante é que figuravam em tudo: assim, por exemplo, o amarelo fazia o ele parecer, vermelho; etc;etc;</p>	<p>19. Daquelas regiões e que nigromante havia tinha feito vir o seu estranho corcel, que amansava de modo a, por virtude de seus encantamentos. E, apenas lhes chegou, tratou de adestrar por forma, que dentro num mês a poder, de cuidados e fadigas, lograva já brida-lo sela-lo, monta-lo, cavalgando e - o sem dificuldades por terra ou pelo ar, para onde quer que lhe aprouvesse . Nisso e que não havia ficção alguma de encantamentos: era um fato, incontestável, que todos presenciavam como testemunhas oculares. Não havendo nisso encantamento nenhum Enquanto ao resto, sim, enquanto ao resto, pode dizer se que os fingimentos do nigromante é que figuravam em tudo: assim, por exemplo, o amarelo fazia o ele parecer, vermelho; etc;etc;</p>	<p>Daquelas regiões e que nigromante tinha feito vir o seu estranho corcel, que amansava de modo a, cavalga e - o sem dificuldades por terra ou pelo ar, o havendo nisso encantamento nenhum</p>
<p>20. Mas o, porém que Bradamante levava consigo, garantia-lhe imunidade contra as ilusões ópticas providas pelo adversário. E ora entra ela se a esgrimir no vácuo, ora entra ela a encaminhar o cavalo neste ou naquele sentido, manobrando conforme as instruções que recebera.</p>	<p>20. Mas o anel, porém que Bradamante levava consigo, garantia-lhe imunidade contra as illusões ópticas providas pelo do adversário. E ora entra ela se a esgrimir no vácuo, ora entra ela a encaminhar o cavalo neste ou naquele sentido, manobrando conforme as instruções que recebera.</p>	<p>Mas o anel, porém que Bradamante levava consigo, garantia-lhe contra as ilusões ópticas do adversário. E ora entra ela a esgrime no vácuo, ora encaminha o cavalo neste ou naquele sentido, manobrando conforme as instruções que recebera.</p>

<p>21.Exercitados que foram alguns d'estes manejos deliberava-se Bradamante a apear-se, no intuito de melhor desempenhar o que providente maga lhe tinha aconselhado... quando nigromante se resolveu lançar mão do seu recurso derradeiro, crente como estava no irresistível poder do seu escudo mágico, . Descobrimdo o escudo, conta ele que imediatamente por terra, deslumbrado por tão ofuscante fulgor, quem se atrever a resistir-lhe.</p>	<p>21.Exercitados que foram alguns d'estes manejos deliberava-se Bradamante a apear-se, no intuito de melhor desempenhar o que providente maga lhe tinha aconselhado... quando Por fim o nigromante se resolveu lançar mão do seu recurso derradeiro, crente como estava no irresistível poder do seu escudo mágico, - Descobrimdo o escudo, conta ele que imediatamente por terra, deslumbrado por tão ofuscante fulgor, quem se atrever a resistir-lhe.</p>	<p>Por fim o nigromante resolve lançar mão do seu recurso derradeiro, crente como estava no irresistível poder do seu escudo mágico,</p>
<p>22. Ora o nigromante podia muito bem, logo desde principio, descobrir o escudo, sem estar com tais delongas a enganar os adversários. Mas comprazia-se naquela espécie de brinquedo: agradava-lhe vê-los brandir a lança ou manejar a espada; fazia nisto lembrar um gato que se diverte primeiro a brincar com o rato, - e que só quando se enfada do divertimento, se resolve enfim a cravar-lhe os dentes e mata-lo.</p>	<p>22. Ora o nigromante podia muito bem, logo desde principio, descobrir o escudo, sem estar com tais delongas a enganar os adversários. Mas comprazia-se naquela espécie de brinquedo: agradava-lhe vê-los brandir a lança ou manejar a espada; fazia nisto lembrar um gato que se diverte primeiro a brincar com o rato, - e que só quando se enfada do divertimento, se resolve enfim a cravar-lhe os dentes e mata-lo.</p>	<p>supressão</p>
<p>23. Esta comparação do gato e do rato (fique bem assentado) entende-se apenas para o caso dos combates que o mágico tinha antecedentemente sustentado.) Para o caso presente, em que Bradamante possuía o anel talismã, mudavam sobremaneira as circunstancia. Toda atenta aos movimentos, do nigromante, para não só deixar levar de vencida, quando vai que ele ia descobrir o escudo, fecha fechou os olhos e deixa deixou-se cair por terra.</p>	<p>23. Esta comparação da gato e do rato (fique bem assentado) entende-se apenas para o caso dos combates que o mágico tinha antecedentemente sustentado.) Para o caso presente, em que Bradamante possuía o anel talismã, mudavam sobremaneira as circunstancia. Toda atenta Mas a donzela, atenta aos seus movimentos, do nigromante, para não só deixar levar de vencida, quando vai vê que ele ia descobrir o escudo, fecha fechou os olhos e deixa deixou-se cair por terra. Procedendo</p>	<p>Mas a donzela, atenta aos seus movimentos, vê que ele ia descobrir o escudo, fechou os olhos e deixou-se cair por terra. Procedendo</p>
<p>24-Não se imagine que a ofusca o fulgor do reluzente metal, como sucedia a todos os outros adversários do mágico: Bradamante, procedendo assim, teve mira que o terrível nigromante por aquela forma iludido, se apeasse apear-se do Hipogrifo e se aproximasse dela e acertadamente andou, por que</p>	<p>24-Não se imagine que a ofusca o fulgor do reluzente metal, como sucedia a todos os outros adversários do mágico: Bradamante, procedendo assim, teve mira fazer o que o terrível nigromante por aquela forma iludido, se apeasse apear-se do Hipogrifo e se aproximasse aproximar-se dela e</p>	<p>assim, teve mira fazer o nigromante iludido, apear-se do Hipogrifo e aproximar-se dela E foi o que sucedeu.</p>

<p>logo o animal, acelerando o movimento das azas e descrevendo largos circuitos, veio pousar no chão.</p>	<p>acertadamente andou, por que logo o animal, acelerando o movimento das azas e descrevendo largos circuitos, veio pousar no chão. E foi o que sucedeu.</p>	
<p>25. O cavaleiro, deixando no arção o escudo, que já novamente envolvera no véu, apeia-se e aproxima-se de Bradamante, que o espreita a semelhança de um cabritinho a espreitar o lobo escondido, no manto. Quanto o pilha ao alcance das mãos, Bradamante ergue-se n'um prompto, e vigorosamente o agarra. O misero tinha deixado cair no chão o livro nigromântico, em que residia toda a origem do seu poderio!</p>	<p>25. O cavaleiro, deixando no arção o escudo, que já novamente envolvera no véu, apeia-se e aproxima-se de Bradamante, que o espreita a semelhança de um cabritinho a espreitar o lobo escondido, no manto. Quanto o pilha ao alcance das mãos, Bradamante ergue-se n'um prompto, e vigorosamente o agarra. O misero tinha deixado cair no chão o livro nigromântico, em que residia toda a origem do seu poderio!</p>	<p>O cavaleiro, deixando no arção o escudo, apeia-se e aproxima-se de Bradamante, que o espreita a semelhança de um cabritinho a espreitar o lobo escondido, no manto. Quanto o pulha ao alcance das mãos, Bradamante ergue-se n'um prompto, e vigorosamente o agarra. O misero tinha deixado cair no chão o livro nigromântico, em que residia toda a origem do seu poderio!</p>
<p>26. Trazia na cinta um grilhão, com que se propunha acorrentar Bradamante pela mesma forma que estava habituada a acorrentar aos outros adversários, seus Mas d'estas vez... a donzela tinha prestes derrubado o mágico. E, se ele não buscava defender-se, desculpem-no: que havia de fazer um débil velho contra quem dispunha de tão excepcional vigor?!</p>	<p>26. Trazia na cinta um grilhão, com que se propunha acorrentar Bradamante pela mesma forma que estava habituada a como acorrentara aos outros adversários, seus Mas d'estas vez... a donzela tinha prestes derrubado o mágico. E, se ele não buscava defender-se, desculpem-no: que havia de fazer um débil velho contra quem dispunha de tão excepcional vigor?!</p>	<p>Trazia na cinta um grilhão, com que se propunha acorrentar Bradamante pela mesma forma que estava habituada a como acorrentara aos outros adversários, seus Mas d'estas vez... a donzela tinha prestes derrubado o mágico. E, se ele não buscava defender-se, desculpem-no: que havia de fazer um débil velho contra quem dispunha de tão excepcional vigor?!</p>
<p>27. Bradamante, dispondo para lhe cortar a cabeça, vai para levantar a mão vitoriosa. Mas ao fitar o rosto do nigromante, - suspende o golpe como desdenhando uma vingança tão baixa . Na pessoa do vencido vê dia um velho de aspecto venerando e fisionomia merencória, rugas nas faces e cabelos brancos, indicando tudo ser um homem de setenta anos ou pouco menos.</p>	<p>27. Bradamante, dispondo para para levantar a mão vitoriosa. mas fitando os olhos no. Mas ao fitar o rosto do nigromante, - suspende-se o golpe como desdenhando desdenhosa de uma vingança tão baixa vulgar. Na pessoa do vencido vê dia um velho de aspecto venerando e fisionomia merencória, rugas nas faces e cabelos brancos, indicando tudo ser um homem de setenta anos ou pouco menos.</p>	<p>Bradamante, dispunha-se a lhe cortar a cabeça, mas fitando os olhos no rosto do nigromante, - suspende-se como desdenhosa de uma vingança tão vulgar.</p>

<p>28. E o velho exclamava, entre irado e despeitado:... Tirai-me a vida, por Deus! Bradamante, porém mostrou desejos de saber quem era o nigromante, com que fim tinha ele edificado naquele sítio selvático o encantado castelo, e por que motivo andava assim perseguindo a humanidade.</p>	<p>28. Mas E o velho exclamava, entre irado e despeitado:... Tirai-me a vida, por Deus! Bradamante, porém mostrou desejos de saber quem era o nigromante ele, com que fim tinha ele edificado naquele sítio selvático o encantado castelo, e por que motivo andava assim perseguindo a humanidade.</p>	<p>Mas E o velho exclamava, entre irado e despeitado:... Tirai-me a vida, por Deus! Bradamante, porém mostrou desejos de saber quem era ele, com que fim tinha ele edificado castelo, e por que motivo andava assim perseguindo a humanidade.</p>
<p>29. Resposta do velho, todo lacrimoso: Na construção deste castelo, não houve da minha parte maligno intento; nem as minhas ações representam a avidez de um ladrão. Em mim acentuou apenas o empenho afetuoso de proteger contra o um perigo extremo que lhe esta iminente, um gentil cavaleiro, de quem o céu me revelou que em breve tempo morreria, depois de convertido ao cristianismo, por traição.</p>	<p>29. Resposta do velho, todo lacrimoso: Na construção deste castelo, respondeu ele. não houve da minha parte intento maligno intento; nem as minhas ações representam a avidez de um ladrão. Em mim Quer acentuou apenas o empenho afetuoso de proteger contra o um perigo extremo que lhe esta iminente, um gentil cavaleiro, de quem o céu me revelou que em breve tempo morreria, depois de convertido ao cristianismo, por traição.</p>	<p>Na construção deste castelo, respondeu ele. não houve da minha parte intento maligno ; nem minhas ações representam a avidez de um ladrão. Queria apenas proteger contra o um perigo iminente, um gentil cavaleiro, de quem o céu me revelou que em breve tempo morreria, depois de convertido ao cristianismo, por traição.</p>
<p>30. Tão belo, tão prestimoso, não há outro a quem o sol possa alumiar. Chama-se Rogério. Criei-o pequenino. Atlante é o meu nome. Devorado pela sede da glória, e impelido por seu cruel destino, o meu pupilo entrou em França na comitiva do rei Agramante. E eu, que sempre lhe tive mais amor do que se fora seu próprio pai, procuro, desviando-o de França, desvia-lo do perigo.</p>	<p>30. Tão belo, tão prestimoso, não há outro a quem o sol possa alumiar. Chama-se Rogério. Criei-o desde pequenino. Atlante é o meu nome. Devorado pela sede da glória, e impelido por seu cruel destino, o meu pupilo entrou em França na comitiva do rei Agramante. E eu, que sempre lhe tive mais amor de que se fora seu próprio pai, procuro, desviando-o de França, desvia-lo do perigo.</p>	<p>Chama-se Rogério. Criei desde pequenino.–Devorado pela sede da glória, e impelido por seu cruel destino, o meu pupilo entrou em França na comitiva do rei Agramante. E eu, que sempre lhe tive mais amor que seu próprio pai, procuro, desvia-lo do perigo.</p>
<p>31. Esta bela fortaleza, se a edifiquei, foi para guardar nela seguro o meu Rogério, de quem me apoderei pela mesma forma que esperava apoderar-me hoje de vós. Depois, tratei de lhe trazer damas e cavaleiros, pessoas todas de nobilíssima estirpe (como teréis ocasião de ver) afim de que tão brilhante companhia o destruísse de sua clausura</p>	<p>31. Esta bela fortaleza, se a edifiquei, foi para guardar nela seguro o meu Rogério, de quem me apoderei pela mesma forma que esperava apoderar-me hoje de vós. Depois, tratei de lhe trazer damas e cavaleiros, pessoas todas de nobilíssima estirpe (como teréis ocasião de ver) afim de que tão brilhante companhia o destruísse de sua clausura da prisão</p>	<p>Esta bela fortaleza, a edifiquei, para guardar o meu Rogério, de quem me apoderei pela mesma forma que esperava apoderar-me hoje de vós. Depois, tratei de lhe trazer damas e cavaleiros, de nobilíssima estirpe afim de que tão brilhante companhia o destruísse da prisão</p>

<p>32. Só o que lhe não permitia era sair do castelo. enquanto a proporcionar-lhe toda a casta de prazeres, ficava isso completamente a meu cuidado. Musica, rico vestuários, jogos divertidíssimas iguarias das mais finas, tudo quanto pode imaginar-se de melhor e de mais agradável, tudo quanto pode o coração desejar ou a boca pedir, tudo ali se encontrava naquela residência. Da boa semente, que eu lançara na terra, estava colhendo o fruto, mas tudo vieste vós inutilizar num simples momento...</p>	<p>32. Só o que lhe não lhe permitia era sair do castelo. enquanto a proporcionar lhe toda a casta de prazeres, ficava isso completamente a meu cuidado. Musica, rico vestuários, jogos divertidíssimas iguarias das mais finas, tudo quanto pode imaginar-se de melhor e de mais agradável, tudo quanto pode o coração desejar ou a boca pedir, tudo ali se encontrava naquela residência. Da boa semente, que eu lançara na terra, estava colhendo o fruto, mas Mas tudo vieste vós inutilizar num simples momento...</p>	<p>Só não lhe permitia sair do castelo. Mas tudo vieste inutilizar num momento...</p>
<p>33. Se a beleza do vosso rosto corresponde a beleza da vossa alma, espero que não ponhais o obstáculo ao meu louvável desígnio. Aqui tendes o meu escudo, eu vo-lo ofereço que, como vos ofereço este corcel que tão rapidamente voa pelos ares mas não vos ocupeis do que vai por aquele castelo, eu, quando muito, levai convosco um ou dois de vossos amigos, mas deixai os restantes. Quereis mesmo libertalos a todos, pois libertai-os, mas concedei-me um favor: deixar-me ficar o meu Rogério.</p>	<p>33. Se a beleza do vosso rosto corresponde a beleza da vossa alma, espero que não ponhais o obstáculo ao embarceis o meu louvável desígnio. Aqui tendes vos ofereço o meu escudo, eu vo-lo ofereço que, como vos ofereço este corcel que tão rapidamente voa pelos ares. e o meu corcel que voa. Mas não vos ocupeis do que vai por aquele castelo, eu, quando muito, levai convosco um ou dois de vossos amigos, mas deixai os restantes. Quereis mesmo libertalos a todos, pois libertai os, mas concedei-me um favor: deixar-me ficar o meu Rogério.</p>	<p>Se a beleza do vosso rosto corresponde a beleza da vossa alma, espero que não embarceis o meu louvável desígnio. Aqui vos ofereço o meu escudo, e o meu corcel que voa. Mas não vos ocupeis do que vai por aquele castelo</p>
<p>34. “Porerá, se apesar de tudo, temais em tirar-mo, então... antes de o levardes para a França... acabe por uma vez comigo, libertando minha alma aflita deste invólucro mortal que prestes está já a desfazer-se!” Respondeu-lhe Bradamante. Rogério, é precisamente a pessoa que me proponho restituir a liberdade. Podes tu improvisar aí quantas histórias te venham a imaginativa... mas é escusado e pretenderes captar-me com a oferta do corcel e do escudo, que são já propriedade minha e não tua.</p>	<p>34. “Porerá, se apesar de tudo, temais em tirar mo, então... antes de o levardes para a França... acabe por uma vez comigo, libertando minha alma aflita deste invólucro mortal que prestes está já a desfazer-se!” Respondeu-lhe Bradamante. Rogério, respondeu-lhe Bradamante é precisamente a pessoa que me proponho restituir a liberdade. Podes tu improvisar aí quantas histórias quiseres te venham a imaginativa... mas é escusado e pretenderes captar-me com a oferta do corcel e do escudo, que são já propriedade minha e não tua.</p>	<p>Rogério, respondeu-lhe Bradamante é precisamente a pessoa que me proponho restituir a liberdade. Podes improvisar aí quantas histórias quiseres ... mas é escusado e pretenderes captar-me com a oferta do corcel e do escudo, que são já propriedade minha e não tua.</p>

<p>35. Sempre, todavia te direi que, muito embora estivesse o teu arbítrio dispor do escudo e do corcel, nem mesmo assim eu aceitaria a proposta. Dizes me que se, reténs enclausuradas a pessoa de Rogério, e porque pretendes salvaguarda-lo contra a maligna influência dos astros. Mas, de duas umas: ou ignoras o que o Céu realmente determinou acerca de Rogério, ou se o sabes não podes evita-lo. Quando não pudeste prever a atua própria desgraça iminente, como te julgas habilitado a prevenir os infortúnios futuros de ontem?</p>	<p>35. Sempre, todavia te direi que, muito embora estivesse o teu arbítrio dispor do escudo e do corcel, nem mesmo assim eu aceitaria a proposta. Dizes me que se, reténs enclausuradas a pessoa de Rogério, e porque pretendes salvaguarda-lo contra a maligna influência dos astros. Mas, de duas umas: ou ignoras o que o Céu realmente determinou acerca de Rogério, ou se o sabes não podes evita-lo. Quando não pudeste prever a atua própria desgraça iminente, como te julgas habilitado a prevenir os infortúnios futuros de ontem?</p>	<p>Dizes me que , reténs a pessoa de Rogério, porque pretendes salvaguarda-lo contra a maligna influência dos astros. Mas, ou ignoras o que o Céu realmente determinou acerca de Rogério, ou não podes evita-lo. Quando não pudeste prever a atua própria desgraça iminente, como te julgas habilitado a prevenir os infortúnios futuros de ontem?</p>
<p>36. Não me peças que te mate, porque seriam baldadas as tuas rogativas. Se estas deveras com desejos de morrer, - inda que todos neste mundo se apostem a contrariar-te, sabes perfeitamente que um espírito vigoroso tem sempre ao teu alcance maneira de acabar com a vida. Antes, porém que dê esse passo, exijo que restituas a liberdade aos teus prisioneiros todos. Assim falou a donzela, e preso conduz ela o nigromante em direção ao penhasco.</p>	<p>36. Não me peças que te mate, porque seriam baldadas as tuas rogativas. Se estas deveras com desejos de morrer, inda que todos neste mundo se apostem a contrariar-te, sabes perfeitamente que um espírito vigoroso tem sempre ao teu alcance maneira de acabar com a vida. Antes, porém que dê esse passo, exijo que restituas a liberdade aos teus prisioneiros todos. Assim falou a donzela, e preso conduzindo ela o nigromante acorrentado em direção ao penhasco.</p>	<p>Assim falou a donzela, conduzindo o nigromante acorrentado em direção ao penhasco.</p>
<p>37. Atlante ia ligado com seu próprio grilhão: á ilharga do velho caminhava Bradamante, - desconfiada sempre, apesar do aspecto humilde que apresentava o dono do castelo. Poucos passos tinham dados, e ei-lo ambos no sopé da rocha em que assentava a fortaleza.</p>	<p>37. Atlante ia ligado com seu próprio grilhão: á ilharga do velho caminhava Bradamante, desconfiada sempre, apesar do aspecto humilde que apresentava o dono do castelo. Poucos passos tinham dados, e ei-lo ambos no sopé chegam ao sopé da rocha em que assentava a fortaleza. Atlante (que assim se chamava ele) em dado momento se agachava,</p>	<p>Poucos passos tinham dados, e chegam ao sopé da rocha em que assentava a fortaleza. Atlante (que assim se chamava ele) em dado momento se agachava,</p>

<p>38. Atlante agachando-se rapidamente arranca do solo uma pedra em que se achavam gravados certos caracteres e signos de estranhos estranha feição.</p> <p>Arrancada a pedra, aparecem por debaixo uns vasos fumegantes que a encerram dentro em si fogos ocultos.</p> <p>Quebra-os o nigromante... E logo de sobre o penhasco se esvanece por encantamento a perspectiva do castelo...</p>	<p>38. Atlante agachando-se rapidamente arranca do solo uma pedra em que se achavam gravados certos caracteres e signos de estranhos e quebra esses estranha feição.</p> <p>Arrancada a pedra, aparecem por debaixo uns vasos fumegantes que a pedra encobria encerram dentro em si fogos ocultos.</p> <p>Quebra os o nigromante... E logo de sobre o penhasco se desvanece por encantamento a perspectiva do castelo...</p>	<p>arranca do solo uma pedra em que se achavam gravados certos caracteres e signos estranhos e quebra esses vasos fumegantes que a pedra encobria</p> <p>E logo de sobre o penhasco se desvanece por encantamento a perspectiva do castelo...</p>
<p>39. Desaparece da vista o nigromante, e com ele instantaneamente a encantada fábrica das muralhas de aço.</p> <p>Ficam porém desfrutando (em) liberdade quantas (todas) damas e quantos (todos) cavaleiros existiam nos magníficos aposentos do castelo, dispersos agora naquele selvático ermo, lamentam muitos deles a perda clausura: porque a liberdade obtida os priva dos grandes prazeres que tinham (ali) gozavam.</p>	<p>39. Desaparece da vista o nigromante, e com ele instantaneamente a encantada fábrica das muralhas de aço.</p> <p>Ficam porém desfrutando (em) liberdade quantas (todas) damas e quantos (todos) cavaleiros existiam nos magníficos aposentos do castelo, dispersos agora naquele selvático ermo, lamentam muitos deles a perda clausura: porque a liberdade obtida os priva dos grandes prazeres que tinham (ali) gozavam.</p>	<p>Supressão</p>
<p>40. Entre os libertados figura Gradasso, figura Sacripante, figura Prosildo (nobre cavaleiro que do Levante veio com Reinaldo) e figura também Iroldo (amigo íntimo de Prosildo). Por fim, aos olhos da bela Bradamante, depara o desejo Rogério, o qual apenas a reconheceu, lhe fez o mais grato e amável acolhimento.</p>	<p>40. Entre os libertados figura Gradasso, figura Sacripante, figura Prosildo (nobre cavaleiro que do Levante veio com Reinaldo) e figura também Iroldo (amigo íntimo de Prosildo). Por fim, aos olhos da bela Bradamante, depara o desejo Rogério, o qual apenas a reconheceu, lhe fez o mais grato e amável acolhimento.</p> <p>Mas aparecem, em liberdade, todos os prisioneiros, entre os quais Gradasso Sacripante, o cavaleiro Prosildo e por fim Rogério, o qual fez a Bradamante o mais amoroso acolhimento.</p>	<p>Mas aparecem, em liberdade, todos os prisioneiros, entre os quais Gradasso Sacripante, o cavaleiro Prosildo e por fim Rogério, o qual fez a Bradamante o mais amoroso acolhimento.</p>

<p>41. E que Bradamante representava para Rogério um ente a quem ele mais amava do que a luz de seus próprios olhos, mais até de que o próprio coração e á própria vida, desde o dia em que, a pedido seu, ela tirou da cabeça o elmo, resultando-lhe dai o ficar ferida. Contar com isso foi, quem a feriu, etc. etc, seria longo, longuíssimo, - e longuíssimo também descrever o tempo que andaram ambos á procura um do outro em floresta emaranhadas, noite e dia, sem terem nunca, senão agora, tornado a encontrar-se.</p>	<p>41. E que Bradamante representava para Rogério um ente a quem ele mais amava do que a luz de seus próprios olhos, mais até de que o próprio coração e á própria vida, desde o dia em que, a pedido seu, ela tirou da cabeça o elmo, resultando-lhe dai o ficar ferida. Contar com isso foi, quem a feriu, etc. etc, seria longo, longuíssimo, - e longuíssimo também descrever o tempo que andaram ambos á procura um do outro em floresta emaranhadas, noite e dia, sem terem nunca, senão agora, tornado a encontrar-se.</p>	<p>supressão</p>
<p>42. Agora que ele finalmente volve a encontra-la e reconhece ter sido ela a sua única libertadora, transborda-lhe do coração a alegria e considera-se o mais venturoso dos homens. Descendo o rochedo, acharam-se então no vale em que Bradamante vencera o mágico: e aí se lhe deparou o Hipogrifo, conservando ainda sobre si o escudo envolvido no veio escarlate.</p>	<p>42. Agora que ele finalmente volve a encontra-la e De muito que este a procurava e agora que a encontra e reconhece ter sido ela a sua única libertadora, transborda-lhe do coração a alegria e considera-se o mais venturoso dos homens. Descendo juntos o rochedo, acharam-se então todo no vale em que Bradamante vencera o mágico: e aí se lhe deparou o Hipogrifo, conservando ainda sobre si o escudo envolvido no veio escarlate.</p>	<p>De muito que este a procurava e agora que a encontra e reconhece ter sido ela a sua única libertadora, transborda-lhe do coração a alegria e considera-se o mais venturoso dos homens. Descendo juntos o rochedo, acharam-se todo no vale em que Bradamante vencera o mágico: e aí se lhe deparou o Hipogrifo, conservando ainda sobre si o escudo envolvido no veio escarlate.</p>
<p>43. Bradamante dispõe-se a lançar-lhe as mãos á rédea; mas ele, erguendo o vôo, foge-lhe e vai distância. A donzela busca novamente apanha-lo; e novamente ele se lhe esquiva, pela mesma forma, fazendo lembrar uma gralha quando perseguida por um cão, em árido areal.</p>	<p>43. Bradamante dispõe-se a lançar-lhe as mãos á rédea; mas ele, erguendo o vôo, foge-lhe e vai pousar a pouca distância. A donzela busca novamente apanha-lo; e novamente ele se lhe esquiva, pela mesma forma, fazendo lembrar uma gralha quando perseguida por um cão, em árido areal.</p>	<p>Bradamante dispõe-se a lançar-lhe as mãos á rédea; mas ele, erguendo o vôo, foge-lhe e vai pousar a pouca distância. A donzela busca novamente apanha-lo; e novamente ele se esquiva, fazendo lembrar uma gralha perseguida por um cão,</p>

<p>44. Rogério, Sacripante, Gradasso e todos os cavaleiros enfim que da clausura tinham saído, acham se agora empenha em correr de um para outro lado, ora trepando ao píncaro dos morros, ora descendo aos úmidos Algarves profundamente situados entre as fragas, tudo no intuito de verem se acertam com o sítio em que porventura venha a poupar o Hipogrifo. acaba por fixar-se no lugar em que estava Rogério.</p>	<p>44. Rogério, Sacripante, Gradasso e todos os eavaleiros mais enfim que da clausura tinham saído, acham se agora empenham-se em correr de um para outro lado, ora trepando ao píncaro dos morros, ora descendo as grotas a verem-se aos úmidos Algarves profundamente situados entre as fragas, tudo no intuito de verem-se acertam com o sítio em que porventura onde venha a poupar o Hipogrifo. Este, porem depois de os ter inutilmente fatigado, fatigado os ter inutilmente acaba por fixar-se no lugar em que estava Rogério.</p>	<p>Rogério, Sacripante, Gradasso e todos os mais empenham-se em correr de um para outro lado, ora trepando ao píncaro dos morros, ora descendo as grotas a verem-se acertam com o sítio onde venha a poupar o Hipogrifo. Este, porem depois de fatigado os ter inutilmente acaba por fixar-se no lugar em que estava Rogério.</p>
<p>45. Tudo isto eram ainda manobras inspiradas velho Atlante, que no seu piedoso afeto persiste em querer livrar o querido Rogério do grande perigo iminente. Só isso o preocupa e o aflige: e ahi esta porque ele ora exerce a influencia de que ainda dispõe, fazendo com que o Hyppogrypho, vá de propósito colocar-se ao alcance de Rogério, para que assim com artificio logre desviá-la Europa. Rogério, lançando-lhe as mãos, procura levá-lo pela rédea; mas o Hipogrypho recusa obedecer-lhe.</p>	<p>45. Tudo isto eram ainda manobras inspiradas do velho Atlante, que no seu piedoso afeto persiste em querer livrar o querido Rogério do grande perigo iminente. Só isso o preocupa e o aflige: e ahi esta porque ele ora exerce a influencia de que ainda dispõe, fazendo com que o Hyppogrypho, vá de propósito colocar-se ao alcance de Rogério, para que assim com artificio logre desviá-lo da Europa. Rogério, lançando-lhe as mãos, procura levá-lo pela rédea; mas o Hipogrypho recusa obedecer-lhe. E conseguiu-o, pois</p>	<p>Tudo isto eram ainda manobras do velho Atlante, que no seu piedoso afeto persiste em querer livrar Rogério do grande perigo iminente. E conseguiu-o, pois</p>
<p>46. Rogério, então com toda a coragem, decida-se a apear-se do Frontino (assim se chamava o corcel em que montava / e saltar para cima do Hyppogripho, cravando-lhe impetuosamente as esporas. O Hippogrypho corre ainda uns instantes pelos chão, mas depois, o abrindo as azas, ergue ligeiro o vôo pelo espaço aéreo, mais rápido que um falcão solto pelo caçador em frente da caça.</p>	<p>46. Rogério, então com toda a coragem, decida-se a apear-se do Frontino (assim se chamava o corcel em que montava / e saltar para cima do Hyppogripho, cravando-lhe impetuosamente as esporas. O Hippogrypho corre ainda uns instantes pelos chão, mas depois, o abrindo as azas, ergue ligeiro o vôo pelo espaço aéreo, mais rápido que um falcão solto pelo caçador em frente da caça.</p>	<p>.Rogério, com toda a coragem, decida-se a apear-se do corcel em que montava / e saltar para cima do Hyppogripho, cravando-lhe impetuosamente as esporas. O Hippogrypho corre uns instantes pelos chão, depois, o abrindo as azas, ergue ligeiro o vôo pelo espaço aéreo, mais rápido que um falcão solto pelo caçador em frente da caça.</p>

<p>47. A bela dama, vendo erguido a uma altura d'aquelas e em tanto perigo o seu Rogério, fica atônita por um grande espaço mal podendo realmente dar acordo de si. O que em tempos ouvira contar de Ganymedes (rapto para as regiões do Olimpo) afigura-se-lhe possível repetir-se, na presente aventura, com respeito a Rogério, não menos belo, não menos belo, não menos formosos do que o mitológico-Ganymedes.</p>	<p>47. A bela dama, vendo erguido a uma altura d'aquelas e em tanto perigo o seu Rogério, fica atônita, por um grande espaço mal podendo realmente dar acordo de si. O que em tempos ouvira contar de Ganymedes (rapto para as regiões do Olimpo) afigura-se-lhe possível repetir-se, na presente aventura, com respeito a Rogério, não menos belo, não menos belo, não menos formosos do que o mitológico Ganymedes.</p>	<p>A bela dama, vendo erguido a uma altura d'aquelas e em tanto perigo o seu Rogério, fica atônita, mal dando acordo de si.</p>
<p>48. Com os olhos fitos no firmamento, Bradamante vai seguindo com sua vista o seu amado, enquanto lhe é licito distinguir-lhe a figura no alto espaço; depois, quando o olhar não pode já avistá-o, continua ainda a segui-lo com o pensamento, se dar tréguas aos suspiros, aos gemidos,nem ás lagrimas. E, quando por fim Rogério se lhe torna completamente invisível, deita os olhos então para corcel Frontino.</p>	<p>48. Com os olhos fitos no firmamento, Bradamante vai seguindo com sua vista o seu amado, enquanto lhe é licito distinguir-lhe a figura no alto espaço; depois, quando o olhar não pode já avistá-lo, continua ainda a segui-lo com o pensamento, se dar tréguas aos suspiros, aos gemidos,nem ás lagrimas. E, quando por fim Rogério se lhe torna completamente invisível, deita os olhos então para no seu corcel Frontino, e resolve toma-lo por si como lembrança do seu amado.</p>	<p>Com os olhos fitos no firmamento, Bradamante vai seguindo com sua vista o seu amado,; depois, quando o olhar não pode já avistá-lo, continua ainda a segui-lo com o pensamento, se dar tréguas aos suspiros, nem ás lagrimas. E, quando por fim Rogério se lhe torna completamente invisível, deita os olhos no seu corcel Frontino, e resolve toma-lo por si como lembrança do seu amado.</p>
<p>49. Para que ninguém se atreva a chamar-lhe seu, e para que ela possa um dia restituí-lo a seu legítimo dono, resolve Bradamante não abandonar o cavalo. E entretanto vai o Hippogrypho subindo, subindo sem que Rogério logre-se-lhe senhor dos rédeas.Tão alto vai e tão baixa se lhe afiguram as montanhas que o cavaleiro consegue diferenciar dos montes os vales. E vejamos o que faz Rinaldo.</p>	<p>49. Para que ninguém se atreva a chamar-lhe seu, e para que ela possa um dia restituí-lo a seu legítimo dono, resolve Bradamante não abandonar o avale. E entretanto vai o Hippogrypho subindo, subindo sem que Rogério logre-se-lhe senhor dos rédeas sem que Rogério consiga sofre-lo .Tão alto vai e tão baixa se lhe afiguram as montanhas que o cavaleiro consegue diferenciar dos montes os vales. E vejamos o que faz Rinaldo.</p>	<p>E entretanto vai o Hippogrypho subindo, sem que Rogério sem que Rogério consiga sofre-lo .Tão alto vai que o cavaleiro consegue diferenciar dos montes os vales. E vejamos o que faz Rinaldo.</p>

<p>50. Chegado que foi um a uma enormíssima altura (tão enorme, que se alguém cá de baixo olhasse para lá, cuidaria distinguir apenas um simples ponto no espaço), o Hippogrypho dirige seu vô para a região em que o Sol costuma esconder-se quando entra no signo de câncer. A maneira por que ele funde os ares faz lembrar o rápido andamento de um navio quando lhe sopra vento propicio. Deixemo-lo ir seu caminho, e voltemos ao paladino Reinaldo.</p>	<p>50. Chegado que foi um a uma enormíssima altura (tão enorme, que se alguém cá de baixo olhasse para lá, cuidaria distinguir apenas um simples ponto no espaço), o Hippogrypho dirige seu vô para a região em que o Sol costuma esconder-se quando entra no signo de câncer. A maneira por que ele funde os ares faz lembrar o rápido andamento de um navio quando lhe sopra vento propicio. Deixemo-lo ir seu caminho, e voltemos ao paladino Reinaldo.</p>	<p>Chegado que foi um a uma enormíssima altura (tão enorme, que se alguém cá de baixo olhasse para lá, cuidaria distinguir apenas um simples ponto no espaço), o Hippogrypho dirige seu vô para a região em que o Sol costuma esconder-se quando entra no signo de câncer. A maneira por que ele funde os ares faz lembrar o rápido andamento de um navio quando lhe sopra vento propicio. Deixemo-lo ir seu caminho, e voltemos ao paladino Reinaldo.</p>
<p>51. Sacudido pela procela, Reinaldo percorreu durante dois dias um grande espão de mar, já na direção do poente, já na direção do norte. E os ventos sempre e sempre assobiando furiosos!...Afinal consegui aproar á Escócia, desembarcando em praia convizinha da celebre floresta Caledonia, onde amiúde, por entre os folhados de antiqüíssimo carvalhos, se ouve ressoar o estridor das armas.</p>	<p>51. Sacudido pela procela, Reinaldo percorreu durante dois dias um grande espão de mar, já na direção do poente, já na direção do norte. E os ventos sempre e sempre assobiando furiosos!...Afinal consegui aproar á Escócia, desembarcando em praia convizinha da celebre floresta Caledonia, onde amiúde, por entre os folhados de antiqüíssimo carvalhos, se ouve ressoar o estridor das armas.</p>	<p>Sacudido pela procela, Reinaldo percorreu durante dois dias um grande espão de mar, já na direção do poente, já na direção do norte. E os ventos sempre e sempre assobiando furiosos!...Afinal consegui aproar á Escócia, desembarcando em praia convizinha da celebre floresta Caledonia, onde amiúde, por entre os folhados de antiqüíssimos carvalhos, se ouve ressoar o estridor das armas.</p>
<p>52. Vagueiam n'aquella selva cavaleiros-andantes, afamadíssimos, não só de toda a Bretanha e dos países circunvizinhos, mas inclusivamente dos que mais afastados ficam, tais como França, Noruega e Alemanha. Quem não possuir grande valor, escusa de lá ir, - porque, em vez da glória, arrisca-se a encontrar a morte. Lançarote e Arthur, e Tristão, e vários outros cavaleiros da celebre Távola Redonda, ali se distinguiram por suas inclitas proezas.</p>	<p>52. Vagueiam n'aquella selva cavaleiros-andantes, afamadíssimos, não só de toda a Bretanha e dos países circunvizinhos, mas inclusivamente dos que mais afastados ficam, tais como França, Noruega e Alemanha. Quem não possuir grande valor, escusa de lá ir, - porque, em vez da glória, arrisca-se a encontrar a morte. Lançarote e Arthur, e Tristão, e vários outros cavaleiros da celebre Távola Redonda, ali se distinguiram por suas inclitas proezas.</p>	<p>52. Vagueiam n'aquella selva cavaleiros-andantes, afamadíssimos, não só de toda a Bretanha e dos países circunvizinhos, mas inclusivamente dos que mais afastados ficam, tais como França, Noruega e Alemanha. Quem não possuir grande valor, escusa de lá ir, - porque, em vez da glória, arrisca-se a encontrar a morte. Lançarote e Arthur, e Tristão, e vários outros cavaleiros da celebre Távola Redonda, ali se distinguiram por suas inclitas proezas.</p>

<p>53. Restam d'esse tempo ainda em comemoração monumentos e troféus pomposos. Reinaldo, saltando em terra com seu cavalo e suas armas, despede os marinheiros e dá ordem para que vão esperá-lo no porto de Berwick.</p>	<p>53. Restam d'esse tempo ainda em comemoração monumentos e troféus pomposos. Reinaldo, saltando em terra com seu cavalo e suas armas, despede os marinheiros e dá ordem para que vão esperá-lo no porto de Berwick.</p>	<p>Restam d'esse tempo ainda em comemoração monumentos e troféus pomposos. Reinaldo, saltando em terra com seu cavalo e suas armas, despede os marinheiros e dá ordem para que vão esperá-lo no porto de Berwick.</p>
<p>54. Sem escudeiro e sem guia, o cavaleiro embrenha-se por aquella selva imensa, aqui seguindo uma vereda, tomando acolá por outra, e contando sempre com as mais extraordinárias aventuras. No primeiro dia chegou ele a um mosteiro, onde partes dos rendimentos costumam os frades consumir na bela hospedagem com que recebem quantas damas e quantos cavaleiros ali acodem das cercanias.</p>	<p>54. Sem escudeiro e sem guia, o cavaleiro embrenha-se por aquella selva imensa, aqui seguindo uma vereda, tomando acolá por outra, e contando sempre com as mais extraordinárias aventuras. No primeiro dia chegou ele a um mosteiro, onde partes dos rendimentos costumam os frades consumir na bela hospedagem com que recebem quantas damas e quantos cavaleiros ali acodem das cercanias.</p>	<p>Sem escudeiro e sem guia, o cavaleiro embrenha-se por aquella selva imensa, aqui seguindo uma vereda, tomando acolá por outra, e contando sempre com as mais extraordinárias aventuras. No primeiro dia chegou ele a um mosteiro, onde partes dos rendimentos costumam os frades consumir na bela hospedagem com que recebem quantas damas e quantos cavaleiros ali acodem das cercanias.</p>
<p>55. Tanto o abade como os outros monges dispensaram a Reinaldo o mais grato acolhimento. Depois de restaurar o estomago com as excelentes iguarias que lhe ofereceram em refeições, perguntou-lhes Reinaldo como era que n'aquelles territórios haviam podido proporcionar-se aventuras, e qual o sitio em que seria mais fácil demonstrar, por algum feito notável, o alto valor da cavalaria.</p>	<p>55. Tanto o abade como os outros monges dispensaram a Reinaldo o mais grato acolhimento. Depois de restaurar o estomago com as excelentes iguarias que lhe ofereceram em refeições, perguntou-lhes Reinaldo como era que n'aquelles territórios haviam podido proporcionar-se aventuras, e qual o sitio em que seria mais fácil demonstrar, por algum feito notável, o alto valor da cavalaria.</p>	<p>Tanto o abade como os outros monges dispensaram a Reinaldo o mais grato acolhimento. Depois de restaurar o estomago com as excelentes iguarias que lhe ofereceram em refeições, perguntou-lhes Reinaldo como era que n'aquelles territórios haviam podido proporcionar-se aventuras, e qual o sitio em que seria mais fácil demonstrar, por algum feito notável, o alto valor da cavalaria.</p>
<p>56. responderam-lhe por que entre aqueles bosques poderiam deparar-se-lhe estranhas aventuras; que os feitos gloriosos ficam ás vezes obscuros, como as localidades, unicamente por não ter d'elles transpirado noticia. E disseram-lhe: - Procurai vós os sítios em que tiverdes a certeza de que não ficam ignorados os atos que praticardes; passadas os perigos e as fadigas, a Fama celebrara condignamente as vossas proezas.</p>	<p>56. responderam-lhe por que entre aqueles bosques poderiam deparar-se-lhe estranhas aventuras; que os feitos gloriosos ficam ás vezes obscuros, como as localidades, unicamente por não ter d'elles transpirado noticia. E disseram-lhe: - Procurai vós os sítios em que tiverdes a certeza de que não ficam ignorados os atos que praticardes; passadas os perigos e as fadigas, a Fama celebrara condignamente as vossas proezas.</p>	<p>responderam-lhe por que entre aqueles bosques poderiam deparar-se-lhe estranhas aventuras; que os feitos gloriosos ficam ás vezes obscuros, como as localidades, unicamente por não ter d'elles transpirado noticia. E disseram-lhe: - Procurai vós os sítios em que tiverdes a certeza de que não ficam ignorados os atos que praticardes; passadas os perigos e as fadigas, a Fama celebrara condignamente as vossas proezas.</p>

<p>57. Quereis dar provas de vossa valentia? Agora se vos oferece a mais gloriosa empresa que já em tempo algum se deparou a cavaleiro. É o caso que a filha do nosso rei esta precisamente n'esta ocasião carecendo de quem a socorra e defenda contra o barão Lurcanio: vai n'isso a vida e a honra da princesa.</p>	<p>57. Quereis dar provas de vossa valentia? Agora se vos oferece a mais gloriosa empresa que já em tempo algum se deparou a cavaleiro. É o caso que a filha do nosso rei esta precisamente n'esta ocasião carecendo de quem a socorra e defenda contra o barão Lurcanio: vai n'isso a vida e a honra da princesa.</p>	<p>57. Quereis dar provas de vossa valentia? Agora se vos oferece a mais gloriosa empresa que já em tempo algum se deparou a cavaleiro. É o caso que a filha do nosso rei esta precisamente n'esta ocasião carecendo de quem a socorra e defenda contra o barão Lurcanio: vai n'isso a vida e a honra da princesa.</p>
<p>58. Este Lurcanio (por ódio talvez mais do que por verdade) foi declarar a El-Rei, que tinha surpreendido uma noite a princesa no ato criminoso de fazer entrar pela janela um amante. As leis do reino sentenciam-n'a a morrer na fogueira, se no intervalo de um mês (e o prazo esta quase a expirar!) não tiver ela encontrado um campeão que se preste a desmentir o injusto acusador.</p>	<p>58. Este Lurcanio (por ódio talvez mais do que por verdade) foi declarar a El-Rei, que tinha surpreendido uma noite a princesa no ato criminoso de fazer entrar pela janela um amante. As leis do reino sentenciam-n'a a morrer na fogueira, se no intervalo de um mês (e o prazo esta quase a expirar!) não tiver ela encontrado um campeão que se preste a desmentir o injusto acusador.</p>	<p>Este Lurcanio (por ódio talvez mais do que por verdade) foi declarar a El-Rei, que tinha surpreendido uma noite a princesa no ato criminoso de fazer entrar pela janela um amante. As leis do reino sentenciam-n'a a morrer na fogueira, se no intervalo de um mês (e o prazo esta quase a expirar!) não tiver ela encontrado um campeão que se preste a desmentir o injusto acusador.</p>
<p>59. Na Escócia a severidade das leis assim o determina: toda a mulher, de qualquer condição a quem acusem de ter tido amores comum homem, sem com ele estar casada, é irrevogalmente condenada a morte. E nada a pode salvar, exceto se algum valoroso guerreiro quizer, por defendel-a, sustentar que tal mulher esta inocente de semelhante calúnia e por conseguinte não merece castigo.</p>	<p>59. Na Escócia a severidade das leis assim o determina: toda a mulher, de qualquer condição a quem acusem de ter tido amores comum homem, sem com ele estar casada, é irrevogalmente condenada a morte. E nada a pode salvar, exceto se algum valoroso guerreiro quizer, por defendel-a, sustentar que tal mulher esta inocente de semelhante calúnia e por conseguinte não merece castigo.</p>	<p>Na Escócia a severidade das leis assim o determina: toda a mulher, de qualquer condição a quem acusem de ter tido amores comum homem, sem com ele estar casada, é irrevogalmente condenada a morte. E nada a pode salvar, exceto se algum valoroso guerreiro quizer, por defendel-a, sustentar que tal mulher esta inocente de semelhante calúnia e por conseguinte não merece castigo.</p>

<p>60. El-Rei, verdadeiramente consternado pelo caso que se dá com a bela Genebra (Genebra se chama a princesa) mandou deitar pregão por cidades e vilas, convidando quem se preste a pugnar em prol da infeliz, e prometendo a quem logre triunfar d'aquella odiosa calúnia (uma vez que seja guerreiro de família nobre) não só a mão da própria princesa, mas inclusivamente as honrarias todas condignas de um dote adequado a semelhante consórcio.</p>	<p>60- El-Rei, verdadeiramente consternado pelo caso que se dá com a bela Genebra (Genebra se chama à princesa) mandou deitar pregão por cidades e vilas, convidando quem se preste a pugnar em prol da infeliz, e prometendo a quem logre triunfar d'aquella odiosa calúnia (uma vez que seja guerreiro de família nobre) não só a mão da própria princesa, mas inclusivamente as honrarias todas condignas de um dote adequado a semelhante consórcio.</p>	<p>El-Rei, verdadeiramente consternado pelo caso que se dá com a bela Genebra (Genebra se chama a princesa) mandou deitar pregão por cidades e vilas, convidando quem se preste a pugnar em prol da infeliz, e prometendo a quem logre triunfar d'aquella odiosa calúnia (uma vez que seja guerreiro de família nobre) não só a mão da própria princesa, mas inclusivamente as honrarias todas condignas de um dote adequado a semelhante consórcio.</p>
<p>61. Se no intervalo do mês ninguém aparecer a sustentar a inocência da bela genebra, ou quando por infelicidade o seu defensor não logre triunfar de quem a acusa, a desditosa perecerá infalivelmente. Ora não vos parece mais própria uma empresa d'estas, que andar errante pelos bosques em busca de aventuras? Alem da honra e da glória, que eternamente ficarão engrinaldando o vosso nome, tereis por premio a flor de quantas beldades há por esse mundo a contar na Índia e a terminar nos confins ocidentes da Europa.</p>	<p>61- Se no intervalo do mês ninguém aparecer a sustentar a inocência da bela genebra, ou quando por infelicidade o seu defensor não logre triunfar de quem a acusa, a desditosa perecerá infalivelmente. Ora não vos parece mais própria uma empresa d'estas, que andar errante pelos bosques em busca de aventuras? Alem da honra e da glória, que eternamente ficarão engrinaldando o vosso nome, tereis por premio a flor de quantas beldades há por esse mundo a contar na Índia e a terminar nos confins ocidentes da Europa.</p>	<p>Se no intervalo do mês ninguém aparecer a sustentar a inocência da bela genebra, ou quando por infelicidade o seu defensor não logre triunfar de quem a acusa, a desditosa perecerá infalivelmente. Ora não vos parece mais própria uma empresa d'estas, que andar errante pelos bosques em busca de aventuras? Alem da honra e da glória, que eternamente ficarão engrinaldando o vosso nome, tereis por premio a flor de quantas beldades há por esse mundo a contar na Índia e a terminar nos confins ocidentes da Europa.</p>
<p>62. E a riqueza do dote! E a grandeza da posição? E a gratidão d'El-Rei pelo fato de lhe reabilitardes sua honra (que hoje perdida esta quase) Não constituirá isso tudo elementos para ficardes feliz. As próprias leis da cavalaria vos estão impondo a obrigação de vingar contra semelhante perfídia uma donzela que, na opinião publica, passa por um modelo de verdadeira castidade.</p>	<p>62- E a riqueza do dote! E a grandeza da posição? E a gratidão d'El-Rei pelo fato de lhe reabilitardes sua honra (que hoje perdida esta quase) Não constituirá isso tudo elementos para ficardes feliz. As próprias leis da cavalaria vos estão impondo a obrigação de vingar contra semelhante perfídia uma donzela que, na opinião publica, passa por um modelo de verdadeira castidade.</p>	<p>E a riqueza do dote! E a grandeza da posição? E a gratidão d'El-Rei pelo fato de lhe reabilitardes sua honra (que hoje perdida esta quase) Não constituirá isso tudo elementos para ficardes feliz. As próprias leis da cavalaria vos estão impondo a obrigação de vingar contra semelhante perfídia uma donzela que, na opinião publica, passa por um modelo de verdadeira castidade.</p>

<p>63. Reinaldo esteve uns instantes refletindo, e afinal respondeu: - Há de uma donzela ser condenada á morte, unicamente por ter correspondido aos fogosos desejos do mancebo que a adora. Maldito seja quem semelhante lei decretou! E maldito quem não resolve derogá-lo! Morrer... merecerá a mulher cruel que se não compadece do amante! Nunca a mulher sensível que se presta a fazê-lo viver em gozos!</p>	<p>63. Reinaldo esteve uns instantes refletindo, e afinal respondeu: - Há de uma donzela ser condenada á morte, unicamente por ter correspondido aos fogosos desejos do mancebo que a adora. Maldito seja quem semelhante lei decretou! E maldito quem não resolve derogá-lo! Morrer... merecerá a mulher cruel que se não compadece do amante! Nunca a mulher sensível que se presta a fazê-lo viver em gozos!</p>	<p>Reinaldo esteve uns instantes refletindo, e afinal respondeu: - Há de uma donzela ser condenada á morte, unicamente por ter correspondido aos fogosos desejos do mancebo que a adora. Maldito seja quem semelhante lei decretou! E maldito quem não resolve derogá-lo! Morrer... merecerá a mulher cruel que se não compadece do amante! Nunca a mulher sensível que se presta a fazê-lo viver em gozos!</p>
<p>64. Verdadeiro ou falso que seja o que dizem de Ginebra... poucos me importa! Não serei eu quem lhe irrogue censura pelo fato de que a incriminam. Eu aqui... só tardo de me constituir seu campeão. Prestai-me vós um guia que me leve á presença de quem a acusa: e espero em Deus que hei de salvar a princesa.</p>	<p>64. Verdadeiro ou falso que seja o que dizem de Ginebra... poucos me importa! Não serei eu quem lhe irrogue censura pelo fato de que a incriminam. Eu aqui... só tardo de me constituir seu campeão. Prestai-me vós um guia que me leve á presença de quem a acusa: e espero em Deus que hei de salvar a princesa.</p>	<p>Verdadeiro ou falso que seja o que dizem de Ginebra... poucos me importa! Não serei eu quem lhe irrogue censura pelo fato de que a incriminam. Eu aqui... só tardo de me constituir seu campeão. Prestai-me vós um guia que me leve á presença de quem a acusa: e espero em Deus que hei de salvar a princesa.</p>
<p>65. Não irei de negar o fato de que se trata, - porque, não tendo provas decisivas, arrisca-me a ir afirmar uma falsidade. Mas sustentarei que só de um espírito injusto ou desvairado e que poderia partir a idéia de uma lei tão iníqua, - lei que deve suprimir-se, substituindo-a por outra mais sensata.</p>	<p>65. Não irei de negar o fato de que se trata, - porque, não tendo provas decisivas, arrisca-me a ir afirmar uma falsidade. Mas sustentarei que só de um espírito injusto ou desvairado e que poderia partir a idéia de uma lei tão iníqua, - lei que deve suprimir-se, substituindo-a por outra mais sensata.</p>	<p>Não irei de negar o fato de que se trata, - porque, não tendo provas decisivas, arrisca-me a ir afirmar uma falsidade. Mas sustentarei que só de um espírito injusto ou desvairado e que poderia partir a idéia de uma lei tão iníqua, - lei que deve suprimir-se, substituindo-a por outra mais sensata.</p>

<p>66. Se no coração feminino existe inato o mesmo sentimento de amor que existe no do homem, e se ambos identicamente propendem para aquella intimidade de afetos que o vulgo ignaro taxa de grave delito que direito há para exigir da mulher umas responsabilidades a que o</p>	<p>66. Se no coração feminino existe inato o mesmo sentimento de amor que existe no do homem, e se ambos identicamente propendem para aquella intimidade de afetos que o vulgo ignaro taxa de grave delito,- que direito há para exigir da mulher umas responsabilidades a que o homem se forta? Acaso o que para este fica impune, e ate chega a constituir motivo de vangloria, deve acaso</p>	<p>Se no coração feminino existe inato o mesmo sentimento de amor que existe no do homem, e se ambos identicamente propendem para aquella intimidade de afetos que o vulgo ignaro taxa de grave delito, que direito há para exigir da mulher umas responsabilidades a que o homem se forta? Acaso o que para este fica impune, e ate chega a constituir</p>
--	---	---

<p>homem se forta? Acaso o que para este fica impune, e ate chega a constituir motivo de vangloria, deve acaso considera-se n'aquella um crime?</p>	<p>considera-se n'aquella um crime?</p>	<p>motivo de vangloria, deve acaso considera-se n'aquella um crime?</p>
<p>67- É uma desigualdade injustíssima com que a vossa lei agrava a condição feminil! Com o favor de deus, espero demonstrar o amor que houve em tal-a conservado a vigorar por tão largo espaço de tempo. Concordaram todos, com Reinaldo, em que os antigos haviam sido realmente injustos e desarrazoados por consentirem como lei uma iniquidade semelhante: e chegaram não menos á conclusão de que mal procederia ao rei, se, podendo, lhe não pusesse o remédio.</p>	<p>67. É uma desigualdade injustíssima com que a vossa lei agrava a condição feminil! Com o favor de deus, espero demonstrar o amor que houve em tal-a conservado a vigorar por tão largo espaço de tempo. Concordaram todos, com Reinaldo, em que os antigos haviam sido realmente injustos e desarrazoados por consentirem como lei uma iniquidade semelhante: e chegaram não menos á conclusão de que mal procederia ao rei, se, podendo, lhe não pusesse o remédio.</p>	<p>É uma desigualdade injustíssima com que a vossa lei agrava a condição feminil! Com o favor de deus, espero demonstrar o amor que houve em tal-a conservado a vigorar por tão largo espaço de tempo. Concordaram todos, com Reinaldo, em que os antigos haviam sido realmente injustos e desarrazoados por consentirem como lei uma iniquidade semelhante: e chegaram não menos á conclusão de que mal procederia ao rei, se, podendo, lhe não pusesse o remédio.</p>
<p>68. No dia seguinte, quando sobre o hemisfério se desdobraram rutilantes os clarões da aurora, Reinaldo saiu armado e montado no seu Baiardo, levando por guia um escudeiro que andou com ele pela floresta léguas e léguas, em direção ao lugar onde tinha de se decidir pelas armas à culpabilidade ou a inocência da donzela.</p>	<p>68. No dia seguinte, quando sobre o hemisfério se desdobraram rutilantes os clarões da aurora, Reinaldo saiu armado e montado no seu Baiardo, levando por guia um escudeiro que andou com ele pela floresta léguas e léguas, em direção ao lugar onde tinha de se decidir pelas armas a culpabilidade ou a inocência da donzela.</p>	<p>68. No dia seguinte, quando sobre o hemisfério se desdobraram rutilantes os clarões da aurora, Reinaldo saiu armado e montado no seu Baiardo, levando por guia um escudeiro que andou com ele pela floresta léguas e léguas, em direção ao lugar onde tinha de se decidir pelas armas a culpabilidade ou a inocência da donzela.</p>
<p>69. Para encurtar caminho, tinham os dois viajantes largados a estrada ordinária e seguido por um atalho... n'isto, sentiram elles a pequena distancia gemidos que repercutiam pela floresta em redor. Picam ambos de esporas na direção do Valle em que lhes parecia serem os gemidos... E eis se lhes depara entre dois malfeitores uma donzela, que de longe parecia ser mui formosa.</p>	<p>69. Para encurtar caminho, tinham os dois viajantes largados a estrada ordinária e seguido por um atalho... n'isto, sentiram elles a pequena distancia gemidos que repercutiam pela floresta em redor. Picam ambos de esporas na direção do Valle em que lhes parecia serem os gemidos... E eis se lhes depara entre dois malfeitores uma donzela, que de longe parecia ser mui formosa.</p>	<p>Para encurtar caminho, tinham os dois viajantes largados a estrada ordinária e seguido por um atalho... n'isto, sentiram elles a pequena distancia gemidos que repercutiam pela floresta em redor. Picam ambos de esporas na direção do Valle em que lhes parecia serem os gemidos... E eis se lhes depara entre dois malfeitores uma donzela, que de longe parecia ser mui formosa.</p>

<p>70. Formosas realmente, mas lavada em lagrimas e aflitíssima! Os dois malfeitores, com o ferro erguido, dispunham-se para derramar o sangue da infeliz. Entretanto com suas reiteradas súplicas diligenciava a triste retardar o momento fatal, esperançada em que afinal se compadecem d'ela...</p> <p>Foi n'este ponto que Reinaldo chegou. Mal percebeu de que se tratava, correu altos gritos e terríveis ameaças.</p>	<p>70. Formosas realmente, mas lavada em lagrimas e aflitíssima! Os dois malfeitores, com o ferro erguido, dispunham-se para derramar o sangue da infeliz. Entretanto com suas reiteradas súplicas diligenciava a triste retardar o momento fatal, esperançada em que afinal se compadecem d'ela...</p> <p>Foi n'este ponto que Reinaldo chegou. Mal percebeu de que se tratava, correu altos gritos e terríveis ameaças.</p>	<p>70. Formosas realmente, mas lavada em lagrimas e aflitíssima! Os dois malfeitores, com o ferro erguido, dispunham-se para derramar o sangue da infeliz. Entretanto com suas reiteradas súplicas diligenciava a triste retardar o momento fatal, esperançada em que afinal se compadecem d'ela...</p> <p>Foi n'este ponto que Reinaldo chegou. Mal percebeu de que se tratava, correu altos gritos e terríveis ameaças.</p>
<p>71. Por seu lado os malfeitores, tão depressa deram com os olhos na inesperada aparição, desataram a fugir e foram esconder-se no mias profundo recesso do Valle.</p> <p>O paladino nem sequer pensa em correr traz d'elles: dirige-se á dama, desejoso de indagar que delito é o d'ela para lhe quererem dar um castigo assim. Para abreviar tempo ordena ao escudeiro que ponha a dama na garupa: e volve a seguir seu caminho.</p>	<p>71. Por seu lado os malfeitores, tão depressa deram com os olhos na inesperada aparição, desataram a fugir e foram esconder-se no mias profundo recesso do Valle.</p> <p>O paladino nem sequer pensa em correr traz d'elles: dirige-se á dama, desejoso de indagar que delito é o d'ela para lhe quererem dar um castigo assim. Para abreviar tempo ordena ao escudeiro que ponha a dama na garupa: e volve a seguir seu caminho.</p>	<p>Por seu lado os malfeitores, tão depressa deram com os olhos na inesperada aparição, desataram a fugir e foram esconder-se no mias profundo recesso do Valle.</p> <p>O paladino nem sequer pensa em correr traz d'elles: dirige-se á dama, desejoso de indagar que delito é o d'ela para lhe quererem dar um castigo assim. Para abreviar tempo ordena ao escudeiro que ponha a dama na garupa: e volve a seguir seu caminho.</p>
<p>72. Depois... quanto mais a contempla, mais bela lhe vai parecendo; e mui discreta se lhe afigura, posto que ainda influenciada um pouco pelo terror do transe a que estivera exposta.</p> <p>Quando Reinaldo lhe manifestou o desejo de saber os motivos d'aquella infeliz ocorrência, a donzela começou com voz suave e meiga a narrativa de suas aventuras.</p>	<p>72. Depois... quanto mais a contempla, mais bela lhe vai parecendo; e mui discreta se lhe afigura, posto que ainda influenciada um pouco pelo terror do transe a que estivera exposta.</p> <p>Quando Reinaldo lhe manifestou o desejo de saber os motivos d'aquella infeliz ocorrência, a donzela começou com voz suave e meiga a narrativa de suas aventuras.</p>	<p>Depois... quanto mais a contempla, mais bela lhe vai parecendo; e mui discreta se lhe afigura, posto que ainda influenciada um pouco pelo terror do transe a que estivera exposta.</p> <p>Quando Reinaldo lhe manifestou o desejo de saber os motivos d'aquella infeliz ocorrência, a donzela começou com voz suave e meiga a narrativa de suas aventuras.</p>